

VNIVERSIDAD
D SALAMANCA

CAMPUS DE EXCELENCIA INTERNACIONAL



Estudo da Importância da Animação
Sociocultural em Contexto Educativo

INSTITUTO UNIVERSITARIO DE CIENCIAS DE LA EDUCACIÓN
PROGRAMA DE DOCTORADO: FORMACIÓN EN LA SOCIEDAD DEL
CONOCIMIENTO
(RD 99/2011)

Línea de Investigación: Evaluación Educativa y Orientación
Área de Métodos de Investigación y Diagnóstico en Educación (MIDE)

TESIS DOCTORAL

Estudo da Importância da Animação Sociocultural em Contexto Educativo

BRUNO MIGUEL MARTINS CALHEIROS TRINDADE

Directores:

MARÍA-JOSÉ RODRÍGUEZ-CONDE

RICARDO FILIPE DA SILVA POCINHO



VNIVERSIDAD
D SALAMANCA

CAMPUS DE EXCELENCIA INTERNACIONAL



SALAMANCA, 2019





ESTUDO DA IMPORTÂNCIA DA ANIMAÇÃO SOCIOCULTURAL EM CONTEXTO EDUCATIVO

BRUNO MIGUEL MARTINS CALHEIROS TRINDADE

Directores:

MARÍA-JOSÉ RODRÍGUEZ-CONDE
RICARDO FILIPE DA SILVA POCINHO

SALAMANCA, 2019

ESTUDO DA IMPORTÂNCIA DA ANIMAÇÃO SOCIOCULTURAL EM CONTEXTO EDUCATIVO

Com este Estudo procuramos promover a investigação sobre o impacto da Animação Sociocultural no contexto escolar, especialmente o papel dos técnicos de Animação Sociocultural na promoção e motivação das potencialidades sociais e criativas na promoção do sucesso educativo.

A presente investigação pretende responder, portanto, às seguintes questões:

- (1) qual é a importância da animação sociocultural na melhoria da aprendizagem?;
- (2) de que forma a animação sociocultural contribui para a melhoria das aprendizagens?;
- (3) de que forma a animação sociocultural ajuda a combater a exclusão social, a violência, a indisciplina e o abandono escolar?;
- (4) a animação sociocultural deve fazer parte da estrutura curricular como oferta educativa?;

Foram analisadas as perceções dos professores do Agrupamento de Escolas Nuno Álvares de Castelo Branco, bem como as opiniões dos alunos do ensino primário.

O Estudo revelou que quer os alunos quer os professores demonstram uma satisfação elevada com a animação sociocultural na oferta educativa, sendo esta atividade promotora de sucesso escolar, maior motivação escolar e redução dos comportamentos desviantes, tais como violência na escola, exclusão social e abandono escolar.

Palavra-Chave Animação Sociocultural; contexto escolar; comunidade educativa.



VNIVERSIDAD
D SALAMANCA

CAMPUS DE EXCELENCIA INTERNACIONAL



ESTUDO DA IMPORTÂNCIA DA
ANIMAÇÃO SOCIOCULTURAL EM
CONTEXTO EDUCATIVO

BRUNO MIGUEL MARTINS CALHEIROS TRINDADE

Directores:

MARÍA-JOSÉ RODRÍGUEZ-CONDE
RICARDO FILIPE DA SILVA POCINHO

PROGRAMA DE
DOCTORADO
FORMACIÓN EN LA
SOCIEDAD DEL
CONOCIMIENTO



VNIVERSIDAD
DSALAMANCA
CAMPUS DE EXCELENCIA INTERNACIONAL

iuce

INSTITUTO UNIVERSITARIO DE CIENCIAS DE LA EDUCACIÓN
PROGRAMA DE DOCTORADO: FORMACIÓN EN LA SOCIEDAD DEL CONOCIMIENTO
(RD 99/2011)

Línea de Investigación: Evaluación Educativa y Orientación
Área de Métodos de Investigación y Diagnóstico en Educación (MIDE)

TESIS DOCTORAL

Estudo da Importância da Animação Sociocultural em Contexto Educativo

Bruno Trindade

Directores:

MARÍA-JOSÉ RODRÍGUEZ-CONDE
RICARDO FILIPE DA SILVA POCINHO

Salamanca, 2019



TESE DE DOUTORAMENTO
Estudo da Importância da Animação
Sociocultural em Contexto Educativo

BRUNO TRINDADE

Directores:

Ricardo Pocinho

María-José Rodríguez-Conde

Salamanca, 2019

O júri

Presidente

Prof. Doutor

Professor de

Prof. Doutor

Professor de

Prof. Doutor

Professor de

Prof. Doutor

Professor de

Prof. Doutor

Professor de

Agradecimentos

Ao longo deste projeto de investigação como técnico Superior de Animação Sociocultural muitos foram os que me apoiaram e me ajudaram permitindo o meu crescimento, não só como profissional, mas também como pessoa, a quem gostaria de agradecer de forma simples e reconhecida.

Agradeço à Professora Doutora Maria José Rodríguez Conde e ao Professor Doutor Ricardo Filipe da Silva Pocinho, orientadores do projeto de investigação, pela disponibilidade, acompanhamento e atenção. Foram, sem dúvida, elementos essenciais e indispensáveis.

Ao Agrupamento de Escolas Nuno Álvares, à direção do agrupamento, em especial ao Prof. António Carvalho, diretor da instituição, pela sua disponibilidade, ajuda, partilha de experiências e simpatia, tornando o projeto de investigação na instituição muito enriquecedor.

Não posso deixar de agradecer também aos professores e técnicos do Agrupamento de Escolas Nuno Álvares, por se terem mostrando sempre disponíveis e pela compreensão e apoio durante todos estes anos.

Um especial agradecimento aos meus pais, esposa Sandra Serrano, família e amigos, pelo esforço, paciência, apoio e motivação durante todos estes anos, sem eles seria muito difícil chegar até aqui.

Aos meus amigos, especialmente ao Prof. Doutor Domingos Santos, Armanda Bernardo, Eunice Gomes e Maria José Semedo, por me terem apoiado e por me terem ensinado o verdadeiro sentido do espírito de entreajuda. A eles, que partilharam comigo os momentos bons e menos bons desta caminhada, muito obrigado.

Por fim, agradeço a todos aqueles que ao longo destes anos contribuíram para tornar possível este meu objetivo.

Os meus sinceros agradecimentos.

Resumo

Na nossa sociedade verificam-se situações preocupantes que se têm agravado cada vez mais: os pais têm menos tempo para os seus filhos, as crianças mais isoladas umas das outras, o aumento das situações de violência nas escolas, a crescente desmotivação das crianças face à escola. Todas estas circunstâncias são preocupantes e urge minorar.

Assim sendo, a Animação Sociocultural possui um conjunto de fundamentos teóricos, metodológicos e práticos que permitem uma maior intervenção na vertente preventiva, educativa e social dos alunos. Os técnicos de animação sociocultural têm um papel importante na promoção e motivação das potencialidades sociais e criativas, podendo auxiliar na promoção do sucesso educativo.

Com este estudo procuramos promover a investigação sobre o impacto da Animação Sociocultural nos factos acima referidos, especialmente no que respeita o contexto escolar e, por consequência, o bem-estar da comunidade educativa.

A presente investigação pretende responder, portanto, às seguintes questões: (1) qual é a importância da animação sociocultural na melhoria das aprendizagens?; (2) de que forma a animação sociocultural contribui para a melhoria das aprendizagens?; (3) de que forma a animação sociocultural ajuda a combater a exclusão social, a violência, a indisciplina e o abandono escolar?; (4) a animação sociocultural deve fazer parte da estrutura curricular como oferta educativa?

Foram analisadas as perceções dos professores do Agrupamento de Escolas Nuno Álvares de Castelo Branco, bem como as opiniões dos alunos do ensino primário. Participaram um total de 439 alunos e 36 professores. Foi administrado o questionário Adaptação da Escala de Avaliação de Implementação de Programas (Jardim & Pereira, 2006) que nos revelou que quer os alunos quer os professores demonstram uma satisfação elevada com a animação sociocultural na oferta educativa, sendo esta atividade promotora de

sucesso escolar, maior motivação escolar e redução dos comportamentos desviantes, tais como violência na escola, exclusão social e abandono escolar.

Palavra-Chave

Animação Sociocultural; contexto escolar; comunidade educativa.

Abstract

In our society there are worrying situations that have been increasing: parents have less and less time for their children, children are keeping apart from each other, the rising of violent situations at school, the growing children's demotivation towards school. All these circumstances are worrying and in need of going down.

Therefore, Socio-Cultural Animation has got a set of theoretical, methodological and practical fundamentals that allow a greater intervention in the preventive, educational and social aspect of children. The Socio-Cultural Animation technicians have got an important role in the promotion and motivation of the social and creative capabilities, helping in the promotion of the educational success.

With this study, we aim to investigate the impact of Socio-Cultural Animation in the circumstances abovementioned, especially in the school context and, consequently, in the educational community wellbeing.

Therefore, this research aims to answer the following questions: (1) what is the importance of sociocultural animation in improving learning ?; (2) How does sociocultural animation contribute to the improvement of learning? (3) How does sociocultural animation help combat social exclusion, violence, indiscipline and school leaving? (4) Should socio-cultural animation be part of the curriculum structure as an educational offer?

The perceptions of the teachers of the Nuno Álvares de Castelo Branco School Group, as well as the opinions of the primary school students, were analyzed. A total of 439 students and 36 teachers participated. The Adaptation of the Program Implementation Rating Scale (Jardim & Pereira, 2006) was administered, which revealed that both students and teachers show high satisfaction with the socio-cultural animation in the educational offer. greater school motivation and reduction of deviant behaviors such as school violence, social exclusion and school dropout.

Keywords

Socio-Cultural Animation; the school context; educational community wellbeing.

Resumen

En nuestra sociedad se observan situaciones preocupantes que se han agravado cada vez más: los padres tienen menos tiempo para sus hijos, los niños más aislados entre sí, el aumento de las situaciones de violencia en las escuelas, la creciente desmotivación de los niños ante la escuela. Todas estas circunstancias son preocupantes y urge investigar sobre ellas para aportar apoyos desde la evidencia científica.

Así, la Animación Sociocultural posee un conjunto de fundamentos teóricos, metodológicos y prácticos que permiten una mayor intervención en la vertiente preventiva, educativa y social de los alumnos. Los técnicos de animación sociocultural tienen un papel importante en la promoción y motivación de las potencialidades sociales y creativas, pudiendo auxiliar en la promoción del éxito educativo.

Con este estudio buscamos promover la investigación sobre el impacto de la Animación Sociocultural en los hechos antes mencionados, especialmente en

lo que se refiere al contexto escolar y, por consiguiente, el bienestar de la comunidad educativa.

Por lo tanto, esta investigación tiene como objetivo responder las siguientes preguntas: (1) ¿cuál es la importancia de la animación sociocultural para mejorar el aprendizaje? (2) ¿Cómo contribuye la animación sociocultural a la mejora del aprendizaje? (3) ¿Cómo ayuda la animación sociocultural a combatir la exclusión social, la violencia, la indisciplina y el abandono escolar? (4) ¿Debería la animación sociocultural ser parte de la estructura curricular como una oferta educativa?

Se analizaron las percepciones de los docentes del Grupo Escolar Nuno Álvares de Castelo Branco, así como las opiniones de los alumnos de primaria. Participaron un total de 439 estudiantes y 36 docentes. Se administró la Escala de Calificación de Implementación del Programa (Jardim y Pereira, 2006), que reveló que tanto los estudiantes como los maestros muestran una gran satisfacción con la animación sociocultural en la oferta educativa. mayor motivación escolar y reducción de comportamientos desviados como la violencia escolar, la exclusión social y el abandono escolar.

Palabra clave

Animación Sociocultural; contexto escolar; comunidad educativa.

RESUMEN EXTENDIDO EN ESPAÑOL

Problemática de estudio

La Animación Sociocultural permitió a las Ciencias de la Educación un nuevo encuadramiento del proceso educativo no centrado en la educación formal, sino proporcionando la introducción de la vertiente educativa en un contexto no formal. La Animación Sociocultural permitió a las Ciencias de la Educación un nuevo encuadramiento del proceso educativo no centrado en la educación formal, sino proporcionando la introducción de la vertiente educativa en un contexto no formal. La relación entre la educación formal y no formal es potencializadora del saber y facilitadora del aprendizaje en la adquisición y comprensión de nuevos conocimientos, siendo la Animación Sociocultural el elemento de conexión entre ambas.

Este proyecto de investigación nos pareció pertinente, ya que tiene como tema central el área de la Animación Sociocultural en la vertiente educativa, en los primeros niveles de enseñanza en el Agrupamiento de Escolas Nuno Álvares, donde se realiza nuestro estudio de caso.

El objetivo de este estudio es reflexionar sobre la importancia de la Animación Sociocultural en las escuelas, sus conceptos y sus metodologías, para que en el futuro se puedan implementar estrategias continuas y fomentadas que permitan crear, adquirir y desarrollar competencias, dando respuesta a las necesidades educativas, sociales y culturales de las comunidades educativas en el área de la Animación Sociocultural.

Objetivos de estudio

El objetivo de esta investigación es comprender la importancia de la Animación Sociocultural en el contexto escolar y comprender su importancia futura en la implementación en las comunidades educativas y la sociedad. Teniendo en cuenta que hay poca investigación sobre Animación Sociocultural en Portugal, es esencial considerar otros elementos de apoyo al estudio,

señalando las necesidades de las escuelas en el nivel de Animación Sociocultural, y tratar de cumplir los Objetivos del Programa 3 del Territorio de Intervención Prioritaria (TEIP) del Ministerio de Educación. El programa tiene como objetivo prevenir y reducir el abandono escolar prematuro y el absentismo, reducir la indisciplina y promover el éxito educativo de todos los estudiantes.

Son estos objetivos los que nos permitirán responder a las siguientes preguntas, que son el foco del presente trabajo:

(a) ¿Cuál es la importancia de la animación sociocultural para mejorar el aprendizaje, según los profesores y los estudiantes?

(b) ¿Comprende cómo la animación sociocultural contribuye a la promoción del éxito educativo?

(c) ¿Cómo ayuda la Animación Sociocultural a combatir la exclusión social, la violencia, la indisciplina y el abandono?

(d) ¿Debería la animación sociocultural ser parte de la estructura curricular como una oferta educativa?

Muestra

El presente trabajo de investigación fue elaborado a partir de una muestra de población de dos grupos distintos: (1) estudiantes; (2) profesores. La muestra estuvo conformada por la comunidad educativa del 1er Ciclo del Grupo de Escuelas Nuno Álvares, siendo los alumnos de 1º, 2º, 3º y 4º grado, en un universo total de 439 alumnos. La muestra de docentes está compuesta por profesionales de la misma Agrupación escolar, que constituyen un universo total de 36 docentes. En el total de las muestras, el presente estudio de investigación tuvo un universo de población total de 473 participantes.

Instrumento de recogida de datos

La recopilación de información que se utilizará para el análisis del objeto de estudio se realizó mediante la administración de un cuestionario -

Adaptación de la Escala de Evaluación de Implementación del Programa (Jardim y Pereira, 2006). Este cuestionario (cf. Apéndice) se aplicó a dos grupos de estudio: estudiantes del Grupo Escolar Nuno Álvares (1er ciclo) y los maestros de este grupo.

El cuestionario consta de 5 bloques de preguntas: (1) la apreciación general de la animación sociocultural; (2) los objetivos que tiene la animación sociocultural en el entorno escolar; (3) el desarrollo de sus propias actividades de animación sociocultural en la escuela; (4) las actividades socioculturales desarrolladas; (5) la evaluación final de los participantes del programa de animación sociocultural implementado en el Grupo Escolar Nuno Álvares. Cada bloque con preguntas inherentes al tema. Los participantes deben responder de acuerdo con una escala Likert, con una calificación de 1 (Malo) a 5 (Muy Bueno). Los participantes deben seleccionar la respuesta que sea más apropiada para ellos para cada ítem (pregunta) en cada uno de los 5 bloques.

Resultados

Los datos obtenidos se analizaron utilizando el Paquete Estadístico para Ciencias Sociales (SPSS) versión 22.0 para Windows (licencia del campus de la Universidad de Salamanca).

Resultados de la muestra

En el presente estudio colaboran un total de 439 estudiantes. Tenga en cuenta que la muestra fue de género equilibrado. La mayoría eran mujeres (54.0%, $n = 237$), con la población masculina 46% de la muestra total ($N = 202$). Se puede observar que la mayor participación fue de estudiantes de 2do grado, con 33.3% de la muestra de estudiantes ($N = 146$). Los estudiantes del primer año representan el 18.2% de la muestra total ($N = 80$), los estudiantes del tercer año representan el 24.1% ($N = 106$) y los estudiantes del cuarto año representan el 24.4% de la muestra de estudiantes ($N = 107$).

En el presente estudio colaboran un total de 36 docentes. La mayoría eran mujeres (69.4%, n = 25), con la población masculina 30.6% de la muestra total (N = 11).

Resultados de lo cuestionario

En el primer bloque de preguntas, con respecto a la apreciación general de la animación sociocultural, podemos observar los siguientes análisis: (1) estudiantes y maestros revelan tener una apreciación muy positiva de la animación sociocultural en la escuela; (2) los estudiantes consideran que la animación sociocultural contribuye al aprendizaje, con el acuerdo de los maestros; (3) los estudiantes y los maestros consideran que las actividades de animación sociocultural contribuyen a mejorar el comportamiento de los estudiantes; (4) la animación sociocultural contribuye a reducir la violencia en la escuela; (5) maestros y estudiantes informan que las actividades tienen un impacto positivo en la motivación escolar; (6) los estudiantes y los maestros afirman que la animación sociocultural debe ser parte del currículo escolar. (c.f. Tabla 1).

Tabla 1. Frecuencias y porcentajes de preguntas sobre la apreciación general de la animación sociocultural

			Mal	Pobre	Razonable	Bueno	Muy bueno
1. ¿Le parecen importantes las actividades de animación sociocultural en la escuela?	Alumnos	N	5	4	15	115	300
		%	1.1	0.9	3.4	26.2	68.3
	Profesores	N	0	0	1	14	21
		%	0.0	0.0	2.8	38.9	58.3
2. ¿Crees que las actividades de animación sociocultural contribuyen a tu aprendizaje?	Alumnos	N	11	9	30	116	273
		%	2.5	2.1	6.8	26.4	62.2
	Profesores	N	0	0	1	13	22
		%	0.0	0.0	2.8	36.1	61.1
3. ¿Crees que las actividades de animación contribuyen a mejorar tu comportamiento en	Alumnos	N	16	11	28	114	270
		%	3.6	2.5	6.4	26.0	61.5

la escuela?	Profesores	N	0	0	2	16	18
		%	0.0	0.0	5.6	44.4	50.0
4. ¿Crees que las actividades de animación sociocultural ayudan a combatir la violencia y la indisciplina?	Alumnos	N	24	20	47	90	258
		%	5.5	4.6	10.7	20.5	58.8
	Profesores	N	0	0	0	7	29
		%	0.0	0.0	0.0	19.4	80.6
5. ¿Crees que las actividades de animación sociocultural han contribuido al disfrute de tu escuela?	Alumnos	N	17	17	32	83	290
		%	3.9	3.9	7.3	18.9	66.1
	Profesores	N	0	0	0	11	25
		%	0.0	0.0	0.0	30.6	69.4
6. ¿Te gustaría que la Animación sociocultural formara parte del currículo escolar?	Alumnos	N	18	6	37	80	298
		%	4.1	1.4	8.4	18.2	67.9
	Profesores	N	0	0	3	6	27
		%	0.0	0.0	8.3	16.7	75.0

En el segundo bloque, con respecto a los objetivos de la animación sociocultural, se pueden verificar los siguientes datos sobre las percepciones de estudiantes y docentes: (1) se debe promover la educación no formal en el éxito educativo; (2) se debe promover la metodología pedagógica lúdica en el aprendizaje; (3) la animación sociocultural debe incluirse en la estructura curricular; (4) se deben proporcionar más actividades a intervalos de tiempo escolar; (5) la animación sociocultural reduce la violencia durante los recesos escolares; (6) La animación sociocultural debe promoverse como una oferta educativa (c.f. Tabla 2).

Tabla 2. Frecuencias y porcentajes de respuestas relacionadas con objetivos de animación sociocultural.

			Mal	Pobre	Razonable	Bueno	Muy bueno
7. Promover la educación no formal en el éxito educativo.	Alumnos	N	16	29	49	143	202
		%	3.6	6.6	11.2	32.6	46.0
	Profesores	N	0	1	2	11	22
		%	0.0	2.8	5.6	30.6	61.1
8. Promover la metodología	Alumnos	N	9	12	28	127	263

pedagógica lúdica en el aprendizaje.	Profesores	%	2.1	2.7	6.4	28.9	59.9
		N	0	1	1	11	23
	Alumnos	%	0.0	2.8	2.8	30.6	63.9
		N	21	22	51	136	209
9. Incluir animación sociocultural en el curriculum.	Profesores	%	4.8	5.0	11.6	31.0	47.6
		N	0	1	2	8	25
	Alumnos	%	0.0	2.8	5.6	22.2	69.4
		N	14	11	27	80	307
10. Proporcionar más actividades a intervalos de tiempo escolar.	Profesores	%	3.2	2.5	6.2	18.2	69.9
		N	0	1	0	8	27
	Alumnos	%	0.0	2.8	0.0	22.2	75.0
		N	19	10	18	74	318
11. Disminuir el nivel de violencia en las vacaciones escolares.	Profesores	%	4.3	2.3	4.1	16.9	72.4
		N	0	0	1	9	26
	Alumnos	%	0.0	0.0	2.8	25.0	72.2
		N	12	12	37	88	290
12. Promoción de la animación sociocultural como oferta educativa.	Profesores	%	2.7	2.7	8.4	20.0	66.1
		N	0	1	3	4	28
		%	0.0	2.8	8.3	11.1	77.8

El tercer bloque de preguntas se relaciona con el desarrollo de sus propias actividades de animación sociocultural en la escuela. La apreciación de estudiantes y maestros fue muy positiva (c.f. Tabla 3).

Tabla 3. Frecuencias y porcentajes de respuestas relacionadas con el desarrollo de actividades de animación sociocultural en la escuela.

			Mal	Pobre	Razonable	Bueno	Muy bueno
13. La forma en que se abordaron los contenidos fue	Alumnos	N	20	13	42	109	255
		%	4.6	3.0	9.6	24.8	58.1
	Profesores	N	0	2	0	8	26
		%	0.0	5.6	0.0	22.2	72.2
14. La cantidad de contenido cubierto fue	Alumnos	N	15	16	94	96	218
		%	3.4	3.6	21.4	21.9	49.7

	Profesores	N	0	2	0	16	18
		%	0.0	5.6	0.0	44.4	50.0
15. La comprensión de los contenidos fue	Alumnos	N	19	19	37	129	235
		%	4.3	4.3	8.4	29.4	53.5
	Profesores	N	0	1	1	16	18
		%	0.0	2.8	2.8	44.4	50.0
16. Al comienzo de las actividades, el grado de desarrollo de mis habilidades era	Alumnos	N	22	25	71	181	140
		%	5.0	5.7	16.2	41.2	31.9
	Profesores	N	0	0	2	14	20
		%	0.0	0.0	5.6	38.9	55.6
17. Al final de las actividades, el grado de desarrollo de mis habilidades es	Alumnos	N	18	10	38	106	267
		%	4.1	2.3	8.7	24.1	60.8
	Profesores	N	0	0	1	10	25
		%	0.0	0.0	2.8	27.8	69.4
18. Los estímulos dados para profundizar aún más las habilidades desarrolladas fueron	Alumnos	N	14	9	64	94	258
		%	3.2	2.1	14.6	21.4	58.8
	Profesores	N	0	1	2	5	28
		%	0.0	2.8	5.6	13.9	77.8

El cuarto bloque de preguntas se relaciona con las actividades socioculturales desarrolladas. Estudiantes y docentes informan que las actividades socioculturales desarrolladas fueron importantes (c.f. Tabla 4).

Tabla 4. Frecuencias y porcentajes de respuestas de los estudiantes relacionadas con actividades de animación sociocultural.

			Mal	Pobre	Razonable	Bueno	Muy bueno
19. Expresión física motora (juegos, etc.)	Alumnos	N	10	3	17	102	307
		%	2.3	0.7	3.9	23.2	69.9
	Profesores	N	0	0	1	10	25
		%	0.0	0.0	2.8	27.8	69.4
20. Expresión dramática	Alumnos	N	37	34	46	120	202
		%	8.4	7.7	10.5	27.3	46.0

21. Expresión musical	Profesores	N	0	1	2	18	15
		%	0.0	2.8	5.6	50.0	41.7
	Alumnos	N	30	32	66	131	180
		%	6.8	7.3	15.0	29.8	41.0
22. Espacio educativo (apoyo en las obras)	Profesores	N	0	2	0	16	18
		%	0.0	5.6	0.0	44.4	50.0
	Alumnos	N	31	44	49	138	177
		%	7.1	10.0	11.2	31.4	40.3
23. ATL – Vacaciones	Profesores	N	0	0	1	15	20
		%	0.0	0.0	2.8	41.7	55.6
	Alumnos	N	37	23	33	81	265
		%	8.4	5.2	7.5	18.5	60.4
24. Componente de estudio de seguimiento	Profesores	N	0	0	0	8	28
		%	0.0	0.0	0.0	22.2	77.8
	Alumnos	N	30	53	50	99	207
		%	6.8	12.1	11.4	22.6	47.2
Profesores	N	0	1	4	7	24	
	%	0.0	2.8	11.1	19.4	66.7	

Finalmente, el último y quinto bloque se enfoca en la evaluación final de los participantes del programa de animación sociocultural implementado en el Grupo Escolar Nuno Álvares. Tanto los maestros como los estudiantes reportan excelentes resultados finales. (c.f. Tabla 5).

Tabla 5. Frecuencias y porcentajes de estudiantes con respecto a la evaluación de la animación sociocultural en la escuela.

			Mal	Pobre	Razonable	Bueno	Muy bueno
25. ¿Las actividades de animación estuvieron a la altura de sus expectativas?	Alumnos	N	11	8	33	114	273
		%	2.5	1.8	7.5	26.0	62.2
	Profesores	N	0	1	1	12	22
		%	0.0	2.8	2.8	33.3	61.1
26. ¿Cómo califica el trabajo de los animadores socioculturales?	Alumnos	N	5	5	20	95	314
		%	1.1	1.1	4.6	21.6	71.5
	Profesores	N	0	0	1	9	26
		%					

		%	0.0	0.0	2.8	25.0	72.2
27. ¿Cómo te sientes cuando haces actividades de animación sociocultural?	Alumnos	N	7	8	25	80	319
		%	1.6	1.8	5.7	18.2	72.7
	Profesores	N	0	1	0	11	24
		%	0.0	2.8	0.0	30.6	66.7
28. ¿Cómo calificaría globalmente la animación sociocultural en la escuela?	Alumnos	N	7	10	18	115	289
		%	1.6	2.3	4.1	26.2	65.8
	Profesores	N	0	0	1	7	28
		%	0.0	0.0	2.8	19.4	77.8

Los resultados (c.f. Tabla 6) muestran que todas las dimensiones evaluadas tienen buenos índices de consistencia interna, lo que significa que los elementos de cada dimensión evaluada permiten, de hecho, analizar lo que se pretende.

Tabla 61. Consistencia interna de dimensiones.

		<i>Alfa</i>
Apreciación general	Alumnos	.790
	Profesores	.815
Objetivos	Alumnos	.843
	Profesores	.890
Desarrollo	Alumnos	.873
	Profesores	.896
Atividades	Alumnos	.811
	Profesores	.830
Evaluación	Alumnos	.870
	Profesores	.847

Resultados y Discusión

Los estudiantes revelan tener una apreciación muy positiva de la animación sociocultural en la escuela. De todas las preguntas generales en esta dimensión, la pregunta "¿considera importantes las actividades de animación sociocultural en la escuela" fue la que obtuvo la mayor frecuencia en la clasificación máxima (muy buena) con un porcentaje del 68.3% de todos los estudiantes (N = 300). Sin embargo, podemos ver en la tabla (en color) que todas las preguntas abordadas fueron bien calificadas. Costa y Campos (2014) verificaron, en su estudio sobre animación sociocultural en los recesos escolares, la promoción de la integración escolar, la motivación y la consecuente mejora de los resultados escolares, así como la reducción del abandono escolar. Podemos observar que los estudiantes informan que en la dimensión "objetiva" de la animación sociocultural en la escuela son bastante positivos. De todos los temas generales en esta dimensión, el tema de "reducir el nivel de violencia en las vacaciones escolares" con la frecuencia más alta en la calificación más alta (muy bueno) con el 72.4% de todos los estudiantes (N = 318). Sin embargo, podemos ver en la tabla (en color) que todas las preguntas abordadas fueron bien calificadas. Silva (2014) realizó una investigación para comprender cómo el animador sociocultural contribuye a la participación e identificación de los estudiantes en la escuela. Los resultados mostraron que los estudiantes y profesores de la escuela donde trabaja un animador sociocultural tienen una percepción más cercana de las prácticas laborales de estos profesionales. Los resultados también sugieren que los estudiantes escolares con un animador sociocultural son más motivados y proactivos, incluso cuando tienen retenciones en su carrera escolar. Monteiro (2012) también analizó la reducción de la violencia y el abandono escolar en las escuelas con animadores socioculturales, verificando la importancia que las actividades de animación sociocultural tienen en los estudiantes, permitiendo la reducción de comportamientos negativos. Podemos observar que los maestros revelan tener una apreciación muy positiva de la animación sociocultural en la escuela. De todos los temas generales en esta dimensión, la pregunta "¿crees que las actividades de animación sociocultural ayudan a combatir la violencia y la indisciplina" fue calificada como la más alta (muy buena) con el 80.6% de todos los profesores (N = 29). Sin embargo, podemos ver en la tabla (en color) que todas las preguntas abordadas fueron bien calificadas. Según Vilardoiro

(2013), en su estudio con docentes, también hubo una percepción positiva sobre el impacto positivo de la animación sociocultural en el sistema educativo. En general, podemos observar que en todas las dimensiones evaluadas los maestros tienen valores más altos en comparación con los estudiantes. Esto sugiere que los maestros tienen una percepción superior del impacto de la animación sociocultural en la educación como un impacto importante.

Conclusión

Las escuelas tienen que adaptarse y reconocer la importancia de la animación sociocultural en el papel de la educación no formal, en la valorización del proceso socialización en la vertiente conductual, ayudando así a la promoción del ser humano más capaz en términos de las competencias sociales y educativas. Siendo la Animación Sociocultural un área de vertiente social y educativa constituye un recurso importante en el trabajo de desarrollo de las relaciones sociales y comportamentales, utilizando sus métodos de terapia específica y de prevención a nivel de los conflictos en el contexto educativo. Los objetivos de estudio, saber si la animación sociocultural mejora la calidad del aprendizaje; percibir de qué forma la Animación Sociocultural contribuye a la promoción del éxito Educativo; entender de qué forma la Animación Sociocultural ayuda a combatir la exclusión social, la violencia, la indisciplina y el abandono escolar; reconocer que la Animación Sociocultural debería formar parte de la estructura curricular como una oferta educativa.

En el primer objetivo, se constató a través del estudio empírico que la animación sociocultural mejora la calidad de aprendizaje. En el caso del segundo objetivo, "de qué forma la animación sociocultural contribuye a la promoción del éxito" incluye las variables de control de la indisciplina, combate de la violencia y confianza en los demás.

En el caso concreto tercer objetivo, "entender de qué forma la Animación Sociocultural ayuda a combatir la exclusión social, la violencia, la indisciplina y el abandono escolar", se observó que es a través del desarrollo de competencias específicas. Y como consecuencia, la animación sociocultural debe formar parte de la estructura curricular como una oferta educativa.

Es importante profundizar el estudio de esta temática para contribuir a una mejor formación de los educadores / docentes, contribuyendo a una mejor calidad de vida y una intervención más adecuada a través del desarrollo de aprendizajes significativos, de la valorización de las experiencias de cada individuo y la creación de situaciones inclusivas en la comunidad, donde sea dada la oportunidad de la persona, interactuar con los demás.

ÍNDICE GENERAL

Resumo	6
Abstract	7
Resumen	8
Resumen Extendido en Espanol	10
LISTA DE ANEXOS	24
LISTA DE FIGURAS	24
LISTA DE QUADROS	24
LISTA DE GRÁFICOS.....	24
LISTA DE TABELAS.....	25
INTRODUÇÃO	28
Questões de Estudo	33
Problemática e estudo	33
INTRODUCCIÓN.....	36
Problemática de estudio	41
1 – ENQUADRAMENTO TEÓRICO	43
1.1 A importância da socialização na aprendizagem	44
1.1.1 O processo de socialização da criança e aprendizagem	46
1.2 O papel da escola na formação do ser social	55
1.3 Animação Sociocultural e a Educação	61
1.4 O perfil do animador sociocultural	65
1.4.1 A importância do Animador Sociocultural na Educação	70
1.4.2 Modalidades e Âmbitos da Animação Sociocultural.....	81
1.5 Código Ético e Deontológico do Animador Sociocultural.....	86
1.6 A Animação sociocultural como integração	91
1.6.1 A educação e animação sociocultural na sociedade portuguesa	95
1.7 Animação Sociocultural e o seu papel nas Escola	102
1.8 A Escola e o Papel da Animação Sociocultural	107
2 – CONTEXTOS DE ESTUDO	114
2.1 Agrupamento de Escolas Nuno Álvares (Portugal)	115
2.2. Estabelecimentos de Ensino que compõem o Agrupamento	117
2.3. Caracterização do Projeto Educativo no Agrupamento	118
2.4. Caracterização do Gabinete de Apoio ao Aluno e à Família	119

2.5. Caracterização do Projeto TEIP no Agrupamento	120
3 - METODOLOGIA DE ESTUDO	123
3.1 Introdução e finalidades	124
3.2 Objetivos de estudo	125
3.3 Design do estudo	127
3.4 Métodos quantitativos e qualitativos da investigação	127
3.5 Participantes.....	129
3.6 Informação e instrumento de recolha de dados dos alunos e professores 129	
3.7 Procedimento de recolha de informação.....	131
3.8 Análise estatística	133
4 - ANÁLISE DE RESULTADOS.....	134
4.2 A perceção dos alunos sobre a animação sociocultural.....	135
4.2.1 Caracterização da amostra dos alunos	135
4.2.2 Resultados das questões	136
4.2.2.1. Resultados das questões em função do ano letivo.....	146
4.2.3 Resultados das dimensões	166
4.2.4 Fiabilidade do questionário: Consistência interna.....	167
4.2.5 Estudo correlacional das dimensões estudadas.....	168
4.3 Comparação por género (alunos).....	168
4.4 Comparação por ano (alunos)	170
4.5 Opinião dos Professores sobre a importância da animação sociocultural 173	
4.5.1 Caracterização da amostra de professores	174
4.5.2 Resultados das questões	174
4.5.3 Estudo das dimensões	184
4.5.4. Consistência interna do questionário aos professores	185
4.5.5. Estudo correlacional das dimensões estudadas.....	186
4.5.6 Comparação por género (professores)	186
4.5.7 Comparação: alunos vs professores	188
6. DISCUSSÃO DE RESULTADOS	191
7. CONCLUSÃO.....	201
CONCLUSIÓN.....	205
8. BIBLIOGRAFIA	208
Difusão e publicação de resultados	222

LISTA DE ANEXOS

Anexo 1. Difusão e publicação de resultados.....	202
Anexo 2. Inquérito aos alunos.....	211
Anexo 3. Inquérito aos professores.....	222
Anexo 4. Projeto Educativo do Agrupamento Escolas Nuno Álvares.....	217

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Mapa do Agrupamento de Escolas Nuno Álvares	115
---	-----

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Estabelecimento de ensino do agrupamento e níveis de ensino lecionados	135
Gráfico 2 – N.º de alunos por estabelecimento de ensino e n.º de grupos/turma ..	136

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1. Género	135
Gráfico 2. Distribuição da amostra dos alunos por curso (N=439)	136
Gráfico 3. Género	174

LISTA DE TABELAS

Tabela 1. Frequência e percentagem da amostra dos alunos por género.....	135
Tabela 2. Frequência e percentagem da amostra dos alunos por ano de escolaridade	136
Tabela 3. Frequências e percentagens às questões relativas à apreciação global da animação sociocultural.....	138
Tabela 4. Frequências e percentagens das respostas relativas aos objetivos da animação sociocultural.	140
Tabela 5. Frequências e percentagens das respostas relativas ao desenvolvimento das atividades de animação sociocultural na escola	142
Tabela 6. Frequências e percentagens das respostas dos alunos relacionadas com as atividades de animação sociocultural.....	144
Tabela 7. Frequências e percentagens dos alunos relativamente à avaliação da animação sociocultural na escola	145
Tabela 8. Frequências e percentagens por ano letivo na questão “Achas importante as atividades de Animação Sociocultural na Escola?”	147
Tabela 9. Frequências e percentagens por ano letivo na questão achas que as atividades de animação sociocultural contribuem para a tua aprendizagem?”	147
Tabela 10. Frequências e percentagens por ano lectivo na questão “pensas que as atividades de animação contribuem para melhorar o teu comportamento na escola?”.....	148
Tabela 11. Frequências e percentagens por ano letivo na questão “Pensas que as atividades de animação sociocultural na escola ajudam a combater a violência, a indisciplina e o abandono escolar?”	149
Tabela 12. Frequências e percentagens por ano letivo na questão “Achas que as atividades de animação sociocultural têm contribuído para gostares mais da tua escola?”	150
Tabela 13. Frequências e percentagens por ano letivo na questão “Gostarias que a animação sociocultural fizesse parte do currículo escolar?”	150
Tabela 14. Frequências e percentagens por ano letivo no objetivo “Promover a educação não formal no sucesso educativo”	151

Tabela 15. Frequências e percentagens por ano letivo no objetivo “Promover a metodologia lúdico pedagógica na aprendizagem”	152
Tabela 16. Frequências e percentagens por ano letivo no objetivo “Incluir a animação sociocultural na estrutura curricular”	152
Tabela 17. Frequências e percentagens por ano letivo no objetivo “Proporcionar mais atividades nos intervalos do período escolar”	153
Tabela 18. Frequências e percentagens por ano letivo no objetivo “Diminuir o nível de violência nos intervalos escolares”	154
Tabela 19. Frequências e percentagens por ano letivo no objetivo “Promover a animação sociocultural como oferta educativa”	154
Tabela 20. Frequências e percentagens por ano letivo na questão “Modo como os conteúdos foram abordados”	155
Tabela 21. Frequências e percentagens por ano letivo na questão “A quantidade de conteúdos abordados foi”	156
Tabela 22. Frequências e percentagens por ano letivo na questão “A compreensão dos conteúdos foi”	157
Tabela 23. Frequências e percentagens por ano letivo na questão “No início das atividades, o grau de desenvolvimento das minhas competências era”	157
Tabela 24. Frequências e percentagens por ano letivo na questão “No fim das atividades, o grau de desenvolvimento das minhas competências é”	158
Tabela 25. Frequências e percentagens por ano letivo na questão “Os estímulos dados para continuar a aprofundar as competências desenvolvidas foram”	159
Tabela 26. Frequências e percentagens por ano letivo na questão “Expressão Físico Motora”	159
Tabela 27. Frequências e percentagens por ano letivo na questão “Expressão Dramática”	160
Tabela 28. Frequências e percentagens por ano letivo na questão “Expressão Musical”	161
Tabela 29. Frequências e percentagens por ano letivo na questão “Espaço lúdico pedagógico”	161
Tabela 30. Frequências e percentagens por ano letivo na questão “ATL – Férias”	162
Tabela 31. Frequências e percentagens por ano letivo na questão “Componente do estudo acompanhado”	163

Tabela 32. Frequências e percentagens por ano letivo na questão “As atividades de animação sociocultural corresponderam às tuas expetativas?”	164
Tabela 33. Frequências e percentagens por ano letivo na questão “Como classificas o trabalho dos animadores socioculturais?”	164
Tabela 34. Frequências e percentagens por ano letivo na questão “Como te sentes quanto realizas atividades de animação sociocultural?”	165
Tabela 35. Frequências e percentagens por ano letivo na questão “Como classificarias globalmente a animação sociocultural na escola?”	165
Tabela 36. Médias e desvios-padrões das 5 dimensões analisadas.....	166
Tabela 37. Consistência interna das dimensões.....	167
Tabela 38. Correlações entre as dimensões estudadas.....	168
Tabela 39. Comparação por género.....	168
Tabela 40. Comparação por ano	170
Tabela 41. Apreciação global	171
Tabela 42. Objetivos	171
Tabela 43. Desenvolvimento	172
Tabela 44. Atividades	173
Tabela 45. Avaliação	173
Tabela 46. Frequência e percentagem da amostra dos professores por género	174
Tabela 47. Frequências e percentagens às questões relativas à apreciação global da animação sociocultural	176
Tabela 48. Frequências e percentagens das respostas relativas aos objetivos da animação sociocultural..	178
Tabela 49. Frequências e percentagens das respostas relativas ao desenvolvimento das atividades de animação sociocultural na escola	180
Tabela 50. Frequências e percentagens das respostas dos professores relacionadas com as atividades de animação sociocultural	182
Tabela 51. Frequências e percentagens das questões relacionadas com a avaliação da animação sociocultural na escola.....	184
Tabela 52. Médias e desvios-padrões das 5 dimensões analisadas.....	184
Tabela 53. Consistência interna das dimensões.....	185
Tabela 54. Correlação entre as dimensões	186
Tabela 55. Comparação por género.....	187
Tabela 56. Alunos vs professores.....	188

INTRODUÇÃO

A Ciências da Educação tiveram uma maior dinâmica em Portugal nos meados do Séc. XX. “Em meados do séc. XX, a atomização da antiga *Pedagogia* foi-se desenvolvendo até hoje. Efetivamente, o saber pedagógico encontra-se nas mãos das chamadas *Ciências da Educação (...)*” (Martins, 2010, p.144).

A escola teve ao longo dos anos a missão de cumprir uma função social, de ensinar/aprender, de integrar e transformar-se como organização vital para a sociedade contemporânea (Falcão, 2000).

Como consequência da complexidade da sociedade, do conhecimento e das mudanças exponenciais que caracterizam esta época, o papel das escolas tem necessariamente que ser diferente (Kızılloluk, 2013).

Todas as teorias sociais são esforços para compreender e explicar o funcionamento social, os assuntos e a realidade. O objetivo principal destas teorias sociais é compreender as perturbações no funcionamento e a direção dos assuntos sociais.

A escola é, assim, uma organização social fundada pela sociedade para atender às necessidades educativas. Ou seja, representa uma organização, através da qual as atividades são conduzidas regularmente e continuamente (Hunt,1972). Como uma organização educacional, a escola disponibiliza aos alunos o conhecimento, habilidades e atitudes de acordo com os objetivos e princípios do sistema educacional (Berner, 2013).

A escola é destacada dentro do contexto de organizações sociais por se tratar de uma instituição com funções sociais de aprendizagem, de formação. Com o intuito de formar um sujeito apto para assumir o seu espaço na sociedade (Abramovay, 2005).

A escola exerce a influência na formação da subjetividade dos seus membros e, por essa razão, assume um papel fundamental de mediadora entre a vida

quotidiana. Procura manter ativos os controlos sociais formados através de regras aplicadas no dia-a-dia escolar.

De salientar que, segundo Costa (1998, p. 8), a escola é a “concretização e materialização da educação organizada num espaço próprio, um estabelecimento”. Ou seja, o funcionamento da escola representa o compromisso entre a estrutura formal e as interações dos alunos com interesses distintos (Nóvoa, 1991).

Segundo Lima (1997), o processo de formalização escolar é comum a todas as escolas e, por isso, destaca-se por ser “um objeto de estudo complexo e multifacetado, construído sob variadas influências teóricas e tradições disciplinares” (p.82)

Analisar a escola como organização é um processo necessário para a mudança organizacional. Atualmente, mais do que antes, a escola exige habilidades organizacionais e de gestão para além das habilidades pedagógicas (Dei, 2007).

É pertinente pensar a escola como uma organização prestadora de serviços e com grande valor profissional. Não existem soluções “excelentes” definidas com antecedência, mas sim, a realidade organizacional, os seus pontos fortes e fracos, com o intuito de refletir sobre as intervenções a realizar. Neste contexto, o processo de autoavaliação pode ser o começo de um caminho de melhoria. É identificando os seus aspetos positivos (habilidades) e as suas áreas críticas (limites de disponibilidade do pessoal e espaço, resistência à mudança) que se podem tornar áreas a alterar e melhorar.

Sendo a escola um espaço público designado pela sociedade para a aprendizagem, tendo como método primordial a educação formal, quando complementada com a educação não formal, a aprendizagem é realizada de forma recreativa, conseguindo-se consolidar as temáticas e gerar motivação e interesse contínuo pelo processo de aprendizagem.

Contudo, a cultura educacional que presenciamos apresenta-se com um cenário desanimador, com pessimismo e pressão para o sucesso. O recente aumento de competitividade e um sentido de individualismo, associado a

fatores de ordem social, como o desemprego, abuso de substâncias e violência, trouxeram como consequência, implicações na forma como se educa. A isto tudo acrescenta-se uma grande alteração nas estruturas familiares, evidenciando-se as famílias monoparentais e reconstruídas (Marujo et al., 2007).

Para Relvas e Alarcão (2002, p.10), o século que se iniciou conduziu-nos a diferentes considerações nos modelos de família, todos eles firmados no conhecimento ponderado das suas regularidades e singularidades. Embora para Yazbeck (1999, p.14), as próprias condições da sociedade influem na família, dificultando muitas vezes que ela consiga concretizar os seus deveres junto dos seus filhos.

Sistematiza-se estas diferenças principais e aponta-se como padrões familiares característicos das famílias, os seguintes: (a) A relação emocional conflitual de longa data entre o casal que se reflete no ambiente familiar; (b) Um progenitor ineficaz ou distante e que está frequentemente ausente na família, e mesmo quando está, envolve-se muito pouco, exceto através de elementos negativos; (c) A existência de uma família com uma tonalidade emocional perturbada e perturbadora que é equilibrada somente pelo elemento que consome as substâncias; (d) Elos intergeracionais e a presença de alianças patológicas entre pais e filhos.

É nesta perspetiva que a Animação Sociocultural se apresenta como estratégia de desenvolvimento pessoal e social, com base em três vertentes principais: a) cultural, b) social, c) Animação Educativa. Pois segundo o autor Cunha e José (2000, p. 45), a Animação Educativa é

“Um meio excecional para a alteração do comportamento e de mentalidades que persistem, designadamente quando promove valores de solidariedade, de entreajuda e autoestima entre as pessoas, quando estimula a capacidade dos participantes para transformar ideias em projetos”. Contribuindo desta forma para o aumento da autoestima, no sentido de preparar a criança para as diferentes adversidades e frustrações.

A animação sociocultural inclui um grande conjunto de áreas de nível educativo, social e cultural de forma transversal. Acompanhada de uma série de multiplicidade de funções de adaptação, integração, educativa, corretora e

crítica. É, por essa razão, essencial para os aspetos individuais e sociais do ser humano, para uma melhor promoção de uma educação social (Serrano, 2007).

A Animação Sociocultural é um instrumento adequado para motivar, promover a socialização, a participação, o lazer e o bem-estar físico e mental. Compete ao Animador Sociocultural pensar no desenvolvimento do ser humano como um todo a nível cultural, desportivo, educativo e social.

Segundo Capul e Lemay (2003), “(...) privilegiar-se-ão, cada vez mais, objetivos de prevenção, de integração e de inserção. É assim que os educadores intervêm, hoje em dia, (...)” (p.8).

A Animação tem como pressuposto a dinamização, a envolvimento e a inovação no contexto comunitário/grupo, para um maior desenvolvimento das funções educativas, culturais e sociais dos cidadãos e da comunidade.

Hoje em dia, numa sociedade moderna, as famílias enfrentam as mais diversas dificuldades, as quais acabam sempre por se refletir nas crianças. Um obstáculo crescente é a falta de tempo que os pais têm para dedicar aos seus filhos, o que dificulta a transmissão e assimilação de regras fundamentais para as crianças, pois é no seio da família que são adquiridas as bases para um futuro estável. Quando falha a aquisição de regras básicas, os valores essenciais para uma convivência social saudável também não são adquiridos. As crianças têm dificuldade em estabelecer relações sociais, isolando-se.

Para este isolamento contribui também as apelativas ofertas tecnológicas que as crianças têm acesso. A escola tradicional, assente numa educação formal, não consegue competir com as ofertas tecnológicas da sociedade moderna. Estes problemas e outros, direta ou indiretamente relacionados, contribuem para as atitudes incorretas que as crianças evidenciam em relação à escola, desde a desmotivação até comportamentos agressivos.

Torna-se premente prevenir comportamentos de risco nas nossas crianças, uma vez que, mais tarde ou mais cedo, têm consequências na nossa sociedade. Assim, é fundamental intervir nas escolas, política e socialmente, para mudar a mentalidade da comunidade escolar em relação à escola. A

escola tem de acompanhar a mudança de uma sociedade em constante transformação.

Esta temática para projeto de investigação pareceu-nos pertinente, uma vez que tem como tema central a área da Animação Sociocultural em Contexto Escolar no 1º ciclo, primeiro nível de ensino no Agrupamento de Escolas Nuno Alvares, onde é realizado o nosso estudo de caso.

O problema de partida para investigação prende-se com Animação Sociocultural e a sua importância no contexto escolar e perceber a sua relevância futura através dos seus conceitos e suas metodologias para sua futura implementação nas comunidades educativas e na sociedade.

Sendo um contributo para se poderem implementar estratégias contínuas que permitam criar, adquirir e desenvolver competências, dando resposta às necessidades educativas, sociais e culturais das comunidades educativas com a área da Animação Sociocultural.

O objetivo desta investigação: é compreender a importância da Animação Sociocultural no contexto escolar e perceber a sua importância futura na implementação nas comunidades educativas e na sociedade.

Salientando que existe pouca investigação sobre Animação Sociocultural na vertente escolar, sendo essencial considerar outros elementos de auxílio ao estudo, sinalização das necessidades das escolas ao nível da Animação Sociocultural, e procurar responder aos Objetivos do Programa 3 do TEIP - Território de Intervenção Prioritária do Ministério da Educação.

O Programa TEIP é um projeto governamental, implementado em 137 agrupamentos de escolas/escolas não agrupadas que se localizam em territórios económica e socialmente desfavorecidos, marcados pela pobreza e exclusão social, onde a violência, a indisciplina, o abandono e o insucesso escolar mais se manifestam.

Os objetivos do programa são a prevenção e redução do abandono escolar precoce e do absentismo, a redução da indisciplina e a promoção do sucesso educativo de todos os alunos.

- Saber se Animação Sociocultural melhora a qualidade da aprendizagem;

- Perceber que de forma a Animação Sociocultural contribui para a promoção do sucesso Educativo;
- Entender que de forma a Animação Sociocultural ajuda a combater a exclusão social, a violência, a indisciplina e abandono escolar;
- Reconhecer que a Animação Sociocultural deveria fazer parte da estrutura curricular como uma oferta educativa.

Questões de Estudo

Tendo o objetivo de estudo exposto, e na tentativa de compreender as potencialidades da Animação Sociocultural na vertente educativa, apresentamos as questões de estudo desta investigação e para as quais procuramos responder:

- Qual é a importância da Animação Sociocultural na melhoria das aprendizagens?
- Perceber de que forma Animação Sociocultural contribui para a promoção do sucesso Educativo?
- De que forma a Animação Sociocultural ajuda a combater a exclusão social, a violência, a indisciplina e abandono escolar?
- Animação Sociocultural deveria fazer parte da estrutura curricular como uma oferta educativa?

Problemática e estudo

A Animação Sociocultural permitiu às Ciências da Educação um novo enquadramento do processo educativo não sendo centrado na educação formal, mas proporcionando a introdução da vertente educativa em contexto não formal.

Possibilita uma nova visão de que o processo educativo não se efetua só na escola, mas também nas vivências do ser humano, devendo o processo

educativo ser desenvolvido na promoção da educação em contexto não formal, com carácter global, permanente, lúdico, criativo e participativo.

Para Ander Egg (2000) “Sob o conceito de animação sociocultural realiza-se uma grande variedade de atividades, que podem classificar-se em cinco grandes categorias, cada uma das quais compreende, por sua vez, uma amplíssima diversidade de ações sócio-educativas-culturais” (p. 338).

Assim sendo, a Animação Sociocultural (ASC) ganha importância porque se centra essencialmente no processo de aprendizagem desenvolvido no âmbito da educação não formal.

Segundo Ventosa (2002), “la ASC porta una metodología activa, participativa, grupal, creativa y lúdica a los procesos de aprendizaje, así como nuevos ámbitos y contenidos educativos vinculados a entornos no formales y extraescolares” (p.24).

A relação entre a educação formal e não formal é potencializadora do saber e facilitadora da aprendizagem, na aquisição e compreensão de novos conhecimentos, sendo a Animação Sociocultural o elemento de ligação entre ambas.

Segundo Osório (2004) “a Animação Sociocultural (ASC), esteve sempre relacionada com os âmbitos da educação permanente, a educação de adultos, a educação não formal, a educação popular, a educação para o ócio e para os tempos livres, a difusão cultural, a gestão cultural, a promoção social e o desenvolvimento comunitário” (p.238).

Este projeto de investigação pareceu-nos pertinente, uma vez que tem como tema central a área da Animação Sociocultural na vertente educativa, nos primeiros níveis de ensino no Agrupamento de Escolas Nuno Álvares, onde é realizado o nosso estudo de caso.

O objetivo deste estudo é refletir sobre a importância da Animação Sociocultural nas escolas, os seus conceitos e as suas metodologias, para, futuramente, se poderem implementar estratégias contínuas e fomentadas que permitam criar, adquirir e desenvolver competências, dando resposta às

necessidades educativas, sociais e culturais das comunidades educativas na área da Animação Sociocultural.

A primeira parte do projeto de investigação tem como finalidade uma maior integração conceptual. Ao longo deste capítulo procuramos, através de fontes científicas teóricas, explicar conceitos e realizar breves reflexões relativas à noção de Animação Sociocultural, qual a importância do Animador Sociocultural, potencialidades da Animação em contexto escolar e caracterização da educação em Portugal.

INTRODUCCIÓN

Las Ciencias de la Educación como disciplina científica, se desarrolla en Portugal a mediados del siglo XX. "A mediados del s. XX, la atomización de la antigua Pedagogía se ha ido desarrollando hasta hoy. En efecto, el saber pedagógico se encuentra en las manos de las llamadas Ciencias de la Educación (...)" (Martins, 2010, p.144).

A la institución escolar se le ha atribuido, a lo largo de los años, una función social: la función de enseñar/aprender, de integrar y transformarse, como organización vital, para la sociedad contemporánea (Falcão, 2000). Sin embargo, como consecuencia de la complejidad de la sociedad, del conocimiento y de los cambios exponenciales que caracterizan esta época, el papel de las escuelas tiene necesariamente que ser diferente (Kızılluk, 2013).

Todas las teorías sociales son esfuerzos para comprender y explicar el funcionamiento social. El objetivo principal de estas teorías sociales es comprender las perturbaciones en el funcionamiento y la dirección de los asuntos sociales.

La escuela es una organización social fundada por la sociedad para atender las necesidades educativas. Es decir, representa una organización, a través de la cual, las actividades se organizan con regularidad, a través de unidades temporales denominados cursos (Hunt,1972). Como una organización educativa, la escuela proporciona a los alumnos el conocimiento, habilidades y actitudes de acuerdo con los objetivos y principios del sistema educativo (Berner, 2013).

La escuela es destacada, dentro del contexto de organizaciones sociales, por tratarse de una institución con funciones sociales de aprendizaje, de formación. Con el fin de formar un sujeto preparado para asumir su espacio en la sociedad (Abramovay, 2005).

La escuela ejerce la influencia en la formación de la subjetividad de sus miembros y, por esa razón, asume un papel fundamental de mediadora entre la vida cotidiana. Se busca mantener activos los controles sociales formados a través de reglas aplicadas en el día a día escolar.

Según Costa destaca (1998, p.8), la escuela es la "concretización y materialización de la educación organizada en un espacio propio, un establecimiento". Es decir, el funcionamiento de la escuela representa el compromiso entre la estructura formal y las interacciones de los alumnos con intereses distintos (Nóvoa, 1991).

Según Lima (2008) el proceso de formalización escolar es común a todas las escuelas, y por eso, se enfatiza constituir "un objeto de estudio complejo y multifacético, construido bajo variadas influencias teóricas y tradiciones disciplinarias" (p.82).

El análisis de la escuela como organización es un proceso necesario para el cambio organizacional. Actualmente, más que antes, la escuela exige habilidades organizativas y de gestión más allá de las habilidades pedagógicas (Dei, 2007).

Es pertinente pensar la escuela como una organización prestadora de servicios y con gran valor profesional. No existen soluciones "excelentes" definidas con antelación, sino la realidad organizacional, con sus puntos fuertes y débiles, con el propósito de reflexionar sobre las intervenciones a realizar. En este contexto, el proceso de autoevaluación puede ser el comienzo de un camino de mejora. Una escuela con conciencia crítica puede identificar sus aspectos positivos (habilidades) y sus áreas críticas (límites de disponibilidad del personal y espacio, resistencia al cambio) que se convierten en áreas a cambiar y mejorar.

Siendo la escuela un espacio público designado por la sociedad para el aprendizaje, teniendo como método primordial la *educación formal*, cuando se complementa con la *educación no formal*, el aprendizaje se realiza de forma recreativa, lográndose consolidar las temáticas y generar motivación e interés continuo por el aprendizaje proceso de aprendizaje. Sin embargo, la cultura educativa que presenciamos se presenta con un escenario desalentador, con

pesimismo y presión para el éxito. El reciente aumento de competitividad y un sentido del individualismo, asociado a factores de orden social, como el desempleo, el abuso de sustancias y la violencia, trajeron como consecuencia, implicaciones en la forma en que se educa. A esto todo se nota un gran cambio en las estructuras familiares, evidenciándose en las familias monoparentales y reconstruídas (Marujo *et al.*, 2007).

Según Relvas e Alarcão (2002, p.10), el siglo que se inició nos condujo a diferentes consideraciones en los modelos de familia, todos ellos firmados en el conocimiento ponderado de sus regularidades y singularidades. Aunque para Yazbeck (1999, p.14), las propias condiciones de la sociedad influyen en la familia, dificultando muchas veces que ella pueda concretar sus deberes junto a sus hijos.

Se sistematiza estas diferencias principales y se apunta como patrones familiares característicos de las familias, los siguientes: (a) La relación emocional conflictual de larga data entre la pareja que se refleja en el ambiente familiar; (b) Un progenitor ineficaz o distante y que a menudo ausente en la familia, e incluso cuando está, se involucra muy poco, excepto a través de elementos negativos; (c) la existencia de una familia con una tonalidad emocional perturbada y perturbadora que es equilibrada sólo por el elemento que consume las sustancias; (d) Ello intergeneracional y la presencia de alianzas patológicas entre padres e hijos.

Es en esta perspectiva que la Animación Sociocultural se presenta como estrategia de desarrollo personal y social, con base en tres vertientes principales: a) cultural, b) social, c) Animación Educativa. Pues según el autor Cunha (2000; 45), la animación educativa es

"Un medio excepcional para la alteración del comportamiento y de las mentalidades que persisten, especialmente cuando promueve valores de solidaridad, de ayuda mutua y autoestima entre las personas, cuando estimula la capacidad de los participantes para transformar ideas en proyectos". Contribuyendo de esta forma al aumento de la autoestima, en el sentido de preparar al niño para las diferentes adversidades y frustraciones".

La animación sociocultural incluye un gran conjunto de áreas de nivel educativo, social y cultural de forma transversal. Acompañada de una serie de multiplicidad de funciones de adaptación, integración, educativa, correeduría y crítica. Es, por esa razón, esencial para los aspectos individuales y sociales del ser humano, para una mejor promoción de una educación social (Serrano, 2007).

La animación sociocultural es un instrumento adecuado para motivar, promover la socialización, la participación, el ocio y el bienestar físico y mental, corresponde al Animador Sociocultural pensar en el desarrollo del ser humano como un todo a nivel cultural, deportivo, educativo y social.

Según Maurice Capul y Michel Lemay (2003), "(...) se privilegiarán, cada vez más, objetivos de prevención, de integración y de inserción. Es así como los educadores intervienen, hoy en día, (...)" (p.8).

La animación tiene como presupuesto la dinamización, la implicación y la innovación en el contexto comunitario / grupo, para un mayor desarrollo de las funciones educativas, culturales y sociales de los ciudadanos y de la comunidad.

Hoy en día, en una sociedad moderna, las familias se enfrentan a las más diversas dificultades, las cuales acaban siempre por reflejarse en los niños. Un obstáculo creciente es la falta de tiempo que los padres tienen para dedicar a sus hijos, lo que dificulta la transmisión y asimilación de reglas fundamentales para los niños, pues es en el seno de la familia que se adquiere las bases para un futuro estable. Cuando falla la adquisición de reglas básicas, tampoco son adquiridos los valores esenciales para una convivencia social sana. Los niños tienen dificultades para establecer relaciones sociales, aislándose (Costa & Paiva, 2015; Santos, 2015; Leocádio, 2013).

Las atractivas ofertas tecnológicas, a las que los niños tienen acceso, contribuye actualmente a este aislamiento (Costa & Paiva, 2015; Santos, 2015; Leocádio, 2013). La escuela tradicional, basada en una educación formal, no puede competir con las ofertas tecnológicas de la sociedad moderna. Estos problemas y otros, directa o indirectamente relacionados, contribuyen a las

actitudes incorrectas que los niños evidencian en relación con la escuela, desde la desmotivación hasta comportamientos agresivos.

Se hace urgente prevenir comportamientos de riesgo en nuestros niños, ya que, tarde o temprano, tienen consecuencias en nuestra sociedad. Así, es fundamental intervenir en las escuelas, política y socialmente, para cambiar la mentalidad de la comunidad escolar en relación con la escuela. La escuela tiene que acompañar el cambio de una sociedad en constante transformación.

Esta problemática se consideró pertinente para establecer el proyecto de investigación como Tesis Doctoral, ya que tiene como tema central el área de la Animación Sociocultural en Contexto Escolar en el primer ciclo, primer nivel de enseñanza en el Agrupamiento Nuno Alvares, contexto empírico en donde se realiza nuestro estudio de caso.

El problema de partida para la investigación se relaciona con la animación sociocultural y su importancia en el contexto escolar, así como detectar la percepción de su relevancia futura a través de sus conceptos y del estudio de nuevas metodologías para su futura implementación en las comunidades educativas y en la sociedad.

Los resultados de esta investigación pueden suponer una contribución científica, que justifique la implementación de estrategias continuas que permitan crear, adquirir y desarrollar competencias, respondiendo a las necesidades educativas, sociales y culturales de las comunidades educativas con el área de la Animación Sociocultural.

El objetivo de esta investigación es *comprender la importancia de la Animación Sociocultural en el contexto escolar y detectar la percepción de su nivel de importancia futura de su implementación en las comunidades educativas y en la sociedad.*

Destacando que existe poca investigación sobre Animación Sociocultural en la vertiente escolar en Portugal, en particular, siendo esencial considerar otros elementos de ayuda al estudio, señalización de las necesidades de las escuelas al nivel de la Animación Sociocultural, y procurar responder a los

Objetivos del Programa 3 do TEIP - Território de Intervenção Prioritária do Ministério da Educação (Portugal).

El Programa TEIP es un proyecto gubernamental, implementado en 137 agrupaciones de escuelas / escuelas no agrupadas que se ubican en territorios económicos y socialmente desfavorecidos, marcados por la pobreza y la exclusión social, donde la violencia, la indisciplina, el abandono y el fracaso escolar más se manifiestan.

Los objetivos del programa son la prevención y reducción del abandono escolar precoz y del absentismo, la reducción de la indisciplina y la promoción del éxito educativo de todos los alumnos.

- Detectar si Animación Sociocultural mejora la calidad del aprendizaje;
- Percibir de qué forma la Animación Sociocultural contribuye a la promoción del éxito Educativo;
- Comprender de qué forma la Animación Sociocultural ayuda a combatir la exclusión social, la violencia, la indisciplina y el abandono escolar;
- Reconocer que la Animación Sociocultural debería formar parte de la estructura curricular como una oferta educativa.

Problemática de estudio

La Animación Sociocultural permitió a las Ciencias de la Educación un nuevo encuadramiento del proceso educativo no centrado en la educación formal, sino proporcionando la introducción de la vertiente educativa en un contexto no formal.

Para Ander-Egg (2000) "Bajo el concepto de animación sociocultural se realiza una gran variedad de actividades, que pueden clasificarse en cinco grandes categorías, cada una de las cuales comprende, a su vez, una amplísima diversidad de acciones socio-educativas-culturales" (p. 338).

Así la Animación Sociocultural (ASC) gana importancia porque se centra esencialmente en el proceso de aprendizaje desarrollado en el ámbito de la educación formal y no formal.

Según Ventosa (2002), "la ASC comporta una metodología activa, participativa, grupal, creativa y lúdica a los procesos de aprendizaje, así como nuevos ámbitos y contenidos educativos vinculados a entornos no formales y extraescolares" (p. 24).

La relación entre la educación formal y no formal es potencializadora del saber y facilitadora del aprendizaje en la adquisición y comprensión de nuevos conocimientos, siendo la Animación Sociocultural el elemento de conexión entre ambas.

Según Osório (2004), "La animación sociocultural (ASC), estuvo siempre relacionada con los ámbitos de la educación permanente, la educación de adultos, la educación no formal, la educación popular, la educación para el ocio y para el tiempo libre, la difusión cultural, la gestión cultural, la promoción social y el desarrollo comunitario"(p. 238).

Este proyecto de investigación nos pareció pertinente, ya que tiene como tema central el área de la Animación Sociocultural en la vertiente educativa, en los primeros niveles de enseñanza en el Agrupamiento de Escolas Nuno Álvares, donde se realiza nuestro estudio de caso.

El objetivo de este estudio es reflexionar sobre la importancia de la Animación Sociocultural en las escuelas, sus conceptos y sus metodologías, para que en el futuro se puedan implementar estrategias continuas y fomentadas que permitan crear, adquirir y desarrollar competencias, dando respuesta a las necesidades educativas, sociales y culturales de las comunidades educativas en el área de la Animación Sociocultural.

En la primera parte del proyecto de investigación tiene como finalidad una mayor integración conceptual. A lo largo de este capítulo buscamos explicar, basado en una revisión científica, conceptos y realizar breves reflexiones relativas a la noción de Animación Sociocultural, cuál es la importancia de la figura del animador sociocultural, cuáles son las

potencialidades de la animación en contexto escolar y su caracterización de la educación en Portugal.

1 – ENQUADRAMENTO TEÓRICO

1.1 A importância da socialização na aprendizagem

A escola e a família partilham, entre si, funções sociais, políticas e educacionais na medida em que contribuem e influenciam, num *continuum*, a formação do cidadão (Rego, 2003). Ambas são responsáveis pela transmissão e construção do conhecimento que é culturalmente organizado. A família e a escola emergem, assim, como duas instituições fundamentais e basilares que permitem desencadear os processos evolutivos das pessoas. Atuam como propulsoras ou inibidoras do crescimento físico, intelectual, emocional e social dos indivíduos. Em contexto familiar, os objetivos, os conteúdos e os métodos diferenciam-se, fomentando-se o processo de socialização, a proteção, as condições básicas de sobrevivência e o desenvolvimento dos membros no plano social, cognitivo e afetivo. No contexto escolar, os conteúdos curriculares permitem assegurar a instrução e a apreensão dos conhecimentos, notando-se uma preocupação focada no processo de ensino-aprendizagem.

Esta integração entre escola e família tem sido alvo de investigação mais recente (Davies, Marques & Silva, 1997; Marques, 2002; Oliveira & cols., 2002). Mais especificamente, as investigações têm-se focado nas implicações e impactos deste envolvimento família-escola no desenvolvimento social, cognitivo e, particularmente, no sucesso escolar do aluno. A família, que é uma instituição presente em todas as sociedades, é um dos primeiros ambientes de socialização do indivíduo e atua como mediadora principal dos padrões, modelos e influências culturais (Amazonas, Damasceno, Caride, 2015; 2018; Cavaleiro, 2012; Galapito, 2017; Terto & Silva, 2003; Kreppner, 1992; 2000). É a primeira instituição social que permite, juntamente com outras, assegurar a continuidade e o bem-estar dos membros e da coletividade. É vista como um

sistema social responsável pela transmissão de valores, crenças, ideias e significados que existem nas sociedades (Kreppner, 2000). Portanto, detém um impacto significativo e uma influência gigante no comportamento dos indivíduos. Na família, a criança aprende a administrar e resolver os conflitos, a controlar as emoções, a expressar os diferentes sentimentos que constituem as relações interpessoais, a lidar com as diversidades e adversidades da vida (Palacios, 2018; Wagner, Ribeiro, Arteche & Bomholdt, 1999). São estas habilidades sociais e as suas expressões que terão repercussões noutros ambientes com os quais a criança, o adolescente ou o adulto interagem (Del Prette & Del Prette, 2001).

A escola, por sua vez, constitui um contexto diversificado de desenvolvimento e aprendizagem. É um local que reúne diversidade de conhecimentos, atividades, regras e valores e que é permeado por conflitos, problemas e diferenças (Mahoney, 2002). Neste espaço físico, psicológico, social e cultural os indivíduos processam o seu desenvolvimento global, mediante as atividades programadas e realizadas quer em sala de aula, quer fora dela (Rego, 2003). O sistema escola, além de envolver uma gama de pessoas, inclui um número significativo de interações contínuas e complexas, em função dos estágios de desenvolvimento do aluno (Caride, 2015; 2018; Palacios, 2018). O contexto escolar é, assim, um ambiente multicultural que abrange também a construção de laços afetivos e preparação para inserção na sociedade (Oliveira, 2000).

Atualmente a cultura educacional que presenciamos apresenta-se com um cenário desanimador, com pessimismo e pressão para o sucesso. O recente aumento de competitividade e um sentido de individualismo, associado a fatores de ordem social, como o desemprego, abuso de substâncias e violência, trouxeram como consequência, implicações na forma como se educa. A isto tudo se nota uma grande alteração nas estruturas familiares, evidenciando-se as famílias monoparentais e reconstruídas. (Marujo *et al.*, 2007)¹

¹ 2007 - Marujo, H. & Neto, L. M., Caetano, A., & Rivero, C. Revolução Positiva: Psicologia Positiva e Práticas Apreciativas em contextos organizacionais. *Comportamento Organizacional e Gestão*, 13 (1), 115-136.

Já para Relvas e Alarcão (2002, p.10), o século que se iniciou conduziu-nos a diferentes considerações nos modelos de família, todos eles firmados no conhecimento ponderado das suas regularidades e singularidades. Embora para Yazbeck (1999, p.14), as próprias condições da sociedade influem na família, dificultando muitas vezes que ela consiga concretizar os seus deveres junto dos seus filhos. Sistematiza-se estas diferenças principais e aponta-se como padrões familiares característicos das famílias, os seguintes: (a) A relação emocional conflitual de longa data entre o casal que se reflete no ambiente familiar; (b) Um progenitor ineficaz ou distante e que está frequentemente ausente na família, e mesmo quando está, envolve-se muito pouco, exceto através de elementos negativos; (c) A existência de uma família com uma tonalidade emocional perturbada e perturbadora que é equilibrada somente pelo elemento que consome as substâncias; (d) Elos intergeracionais e a presença de alianças patológicas entre pais e filhos.

É nesta perspetiva que a Animação Sociocultural se apresenta como estratégia de desenvolvimento pessoal e social, com base em três vertentes principais: a) cultural, b) social, c) Animação Educativa. Pois segundo o autor Cunha (2000, p. 45), a Animação Educativa é

“Um meio excecional para a alteração do comportamento e de mentalidades que persistem, designadamente quando promove valores de solidariedade, de entreajuda e autoestima entre as pessoas, quando estimula a capacidade dos participantes para transformar ideias em projetos”. Contribuindo desta forma para o aumento da autoestima, no sentido de preparar a criança para as diferentes adversidades e frustrações.

1.1.1 O processo de socialização da criança e aprendizagem

A socialização é um processo interativo, necessário para o desenvolvimento, através do qual a criança satisfaz as suas necessidades e assimila a cultura ao mesmo tempo que, de forma recíproca, a sociedade se perpetua e se desenvolve. O processo de socialização inicia-se com o nascimento e permanece ao longo de todo o ciclo vital. O processo de socialização segue por toda a vida, pois não há possibilidade de um indivíduo

constituir-se individualmente sem contato com o outro, o que possibilita a inserção em um meio já constituído ou não. Não é possível que uma criança se socialize sozinha, ela vai ser “guiada” pela sociedade ao longo da sua trajetória de vida. A socialização de um indivíduo ocorre através das instituições sociais, como: família, igreja, escola, grupos sociais, entre outros; porém, o primeiro contato social da criança ocorre na família, que é responsável pela inserção dessa criança nos outros meios sociais (Ferreiro, 2016; Galapito, 2017).

Outro processo importante de socialização do indivíduo acontece na escola, sendo que, quando a criança chega à escola, possibilita a rigor a continuação do processo de socialização, fazendo com que esse indivíduo se torne membro da sociedade de forma a cumprir com o papel de cidadão, apto, portanto, para o convívio com todos os membros da nossa sociedade.

A escola exerce um papel importante na consolidação do processo de socialização, sendo que o processo já se iniciou anteriormente, com a família. É na escola que se constrói parte da identidade de ser e pertencer ao mundo. É na escola que se adquirem os modelos de aprendizagem, a aquisição dos princípios éticos e morais que permeiam a sociedade. É na escola que se depositam expectativas, bem como dúvidas, inseguranças e perspectivas em relação ao futuro e às suas próprias potencialidades.

Uma das principais preocupações da Educação está patente na própria formação pessoal e social da criança, devido às grandes mudanças deste século. São muitos os fatores, onde se evidencia a família, conseqüentes de um mundo globalizado que acompanhou as mudanças educativas atuais. Atualmente a cultura educacional que presenciamos apresenta-se geralmente com um cenário desanimador, com pessimismo e pressão para o sucesso. O recente aumento de competitividade e um sentido de individualismo, associado a fatores de ordem social, como o desemprego, abuso de substâncias e violência, trouxeram como consequência, implicações na forma como se educa (Galapito, 2017; Ferreiro, 2016; Marujo & Neto, 2000; Palacios, 2018).

Quando a criança nasce, nasce já pertencente a um grupo social. Este grupo social necessita também de incorporação para manter-se e sobreviver: a transmissão cultural que envolve valores, normas, costumes, atribuição de papéis, entre outros. Esta transmissão é possível devido aos agentes sociais: pais, meios de comunicação, professores, escola.

Ferrari (2000, p.12) afirmou:

É a família que propicia os aportes afetivos e sobre todos materiais necessários ao desenvolvimento e bem-estar dos seus componentes. Ela desempenha um papel decisivo na educação formal e informal, é em seu espaço que são absorvidos os valores éticos e humanitários onde se aprofundam os laços de solidariedade. É também em seu interior que constroem as marcas entre as gerações e são observados valores culturais...

Nesta visão, o autor afirma que a família não pode ser vista de forma isolada, pois desempenha um papel muito marcante na vida dos seus membros integrantes, visto que a estrutura psicológica e social do ser humano é na sua maioria, formada na família.

Embora para Yazbeck (1999, p.14), as próprias condições da sociedade influem na família, dificultando muitas vezes que ela consiga concretizar os seus deveres junto dos adolescentes. Segundo este autor, é na família que o adolescente entra em luta consigo próprio, pois necessita de descobrir a sua existência, enfrentando dúvidas e agressões.

O processo de socialização é uma interação entre a criança e a forma de agir dos agentes sociais (Coll, 1999; Palacios, 1995; 2018). Segundo Palacios (1995; 2018), a socialização ocorre através de três processos: (a) os processos mentais de socialização; (b) os processos afetivos de socialização; (c) os processos de condutas de socialização. Os processos mentais de socialização correspondem ao conhecimento de valores, normas, costumes, pessoas, instituições, bem como aprendizagem da linguagem e a aquisição de conhecimentos transmitidos através da escola. Os processos afetivos de socialização são uma das bases mais sólidas do desenvolvimento social da criança sendo a empatia, o apego e a amizade também mediadores de todo o desenvolvimento social. Os processos de condutas de socialização envolvem a aquisição de condutas consideradas socialmente desejáveis, evitando aquelas que são julgadas como antissociais. Segundo Coll (1999), um dos objetivos mais importantes do processo de socialização consiste em que as crianças aprendam o que é considerado correto no seu meio e o que julga estar correto ou incorreto, isto é, que possam conseguir um nível elevado de conhecimento

dos valores morais que regem uma sociedade e se comportem de acordo com eles.

Durante o processo de desenvolvimento social da criança são formadas ações motoras e mentais que proporcionam progressivamente o domínio do uso de objetos e a aprendizagem de comportamentos em situações complexas. No decorrer do desenvolvimento, o indivíduo estabelece a sua capacidade para agir, questionar, descobrir o mundo vivencial, pensar de forma crítica, de construir valores morais através de relações interpessoais, estabelecidas com o ambiente físico e social. Mesmo sofrendo todas as influências do meio físico e social, a criança não é um agente passivo, mas sim interpretativo, pois ela constrói significados para as suas experiências e ações vividas ao longo desse processo. Segundo Piaget (1994), a adaptação da criança ao seu meio ambiente é feita por assimilação de esquemas e por acomodação desses esquemas em novas estruturas mentais. É aqui que se faz o processo de aprendizagem, isto é, a criança só poderá assimilar se existir uma base de conhecimentos suficientes (Cavaleiro, 2012; Galapito, 2017; Silva, 2013, 2014b; Palacios, 2018). A partir do momento em que nasce, a criança é inserida num contexto familiar que se torna responsável pelos cuidados físicos, pelo desenvolvimento psicológico, emocional, moral e cultural desta criança na sociedade. Através do contacto humano, a criança supre as suas necessidades e inicia a construção dos seus esquemas perceptuais, motores, cognitivos, linguísticos e afetivos. É também a partir da família e a criança estabelece ligações emocionais próximas, intensas e duradouras. O ambiente familiar é o ponto primário da relação direta com os seus membros, onde cresce, atua, desenvolve e expõe os seus sentimentos, experimenta as primeiras recompensas e punições, a primeira imagem de si mesma e dos seus primeiros modelos de comportamentos.

Para Berger e Luckmann (1985), o processo de socialização do indivíduo ocorre através da inserção do indivíduo no mundo objetivo da sociedade ou de um setor da mesma. Para eles, o indivíduo nasce predisposto à socialização, não nasce membro da sociedade, mas torna-se membro dela. Esse processo de socialização ocorre de duas maneiras, socialização primária e socialização secundária. Entendemos por socialização primária, a primeira socialização que a criança tem contato em sua infância, ou seja, a socialização

mais importante de sua vida, pois é essa primeira socialização que estruturará o indivíduo para a socialização secundária.

Na socialização primária ocorre o contato da criança com outros significativos (sistema de valores), no qual desperta uma ligação emocional, ligação esta que faz com que o indivíduo interiorize sendo que esse processo leva a criança a identificar a si mesma, tornando-a capaz de adquirir sua própria identidade. Durante esse processo primário de socialização, a criança não escolhe seus significativos, é a sociedade quem impõe esses ao indivíduo sem possibilidade de fazer tal opção. A criança não atua como ser passivo, porém todas as regras são estabelecidas pelos adultos. Sendo assim a criança não interioriza o mundo de seus significativos como possibilidades para seu mundo, simplesmente ela interioriza como sendo seu mundo. O mundo da criança é aquele que é imposto por seus significativos.

A socialização primária constitui o primeiro mundo da criança, em que seus significativos que são de grande importância para a criança também despertam a confiança, o mundo apresentado pelos significativos é um mundo no qual tudo está bem incontestavelmente, somente mais tarde é que a criança começa a fazer questionamentos.

Nessa fase o aprendizado é transmitido através de uma sequência social já definida, cada fase da vida da criança determina o que deve ser aprendido, ou seja, o aprendizado da criança é estabelecido conforme sua idade. No entanto, essa definição sequencial estabelecida pela idade da criança pode variar de uma sociedade para outra, cada sociedade possui regras próprias conforme seus costumes e leis ou ainda conforme a classe social na qual o indivíduo está inserido. A sociedade ainda impõe por meio dos fatos biológicos as diferenças entre meninos e meninas. O término da socialização primária ocorre quando o indivíduo assimilou em sua consciência todos os conceitos estabelecidos por seus significativos, considera-se que nesse momento o indivíduo é um membro da sociedade, que possui personalidade, identidade e um mundo, porém, a socialização do indivíduo não está finalizada, pois a socialização é inacabada e jamais total.

Conforme Berger e Luckmann (1985) é com o término da socialização primária que o indivíduo entra na segunda fase de socialização, ou seja, a socialização secundária. “A socialização secundária é qualquer processo

subsequente que introduz um indivíduo já socializado em novos setores do mundo objetivo de sua sociedade”. (p.175). A socialização secundária torna-se necessária, pois por mais simples que seja o conhecimento de uma sociedade, todas as que conhecemos possui alguma divisão.

Na socialização secundária, o indivíduo não mais estabelece a relação emocional de identificação como na socialização primária, ocorrem relações a partir da comunicação entre os seres humanos, relações essas que não precisam de afetividade para ocorrer. “Dito às claras, a criança deve amar a mãe, mas não o professor” (Berger & Luckman, 1985, p.188).

É na socialização secundária que a criança começa a perceber o contexto social que está a sua volta, até então para a criança existia somente o mundo de seus pais, o qual ela internalizou sendo única e não como pertencente a contextos institucionais. Nesse momento, a criança compreende que o mundo de seus pais não é único, e que o professor é um funcionário institucional e que atua como uma função diferenciada da função que é exercida pelos seus pais em sua socialização primária. Além disso, a criança adquire capacidade de estabelecer as diferenças que existem na sociedade, diferenças entre classes sociais, regionais, entre muitas outras. Na socialização primária a realidade do conhecimento adquirido pela criança se dá automaticamente, já na socialização secundária são necessárias técnicas pedagógicas específicas. Já existe na criança uma realidade interiorizada, comprometendo assim as novas interiorizações, por isso a necessidade de técnicas específicas, em que o professor procura construir conhecimentos assimilando-os ao mundo doméstico da criança. Que técnicas o professor utilizará para a aquisição de novos conhecimentos do indivíduo, dependerá de sua motivação.

Para Palacios (1995; 2018), a escola é, juntamente com a família, a instituição social que maiores repercussões tem para a criança. A escola não só intervém na transmissão do saber científico como inclui em todos os aspetos relativos aos processos de socialização e individualização da criança, como o desenvolvimento das relações afetivas, habilidade em participar em situações sociais, a aquisição de destrezas relacionadas com a competência comunicativa, o desenvolvimento da identidade sexual, das condutas pró-sociais e da própria identidade pessoal.

É nesta perspectiva que a Animação Sociocultural se apresenta como estratégia de desenvolvimento pessoal e social, com base em três vertentes principais: a) cultural, b) Social, c) Animação Educativa. Pois segundo o autor Cunha (2000; p. 45), a Animação Educativa é

“Um meio excepcional para a alteração do comportamento e de mentalidades que persistem, designadamente quando promove valores de solidariedade, de entreajuda e autoestima entre as pessoas, quando estimula a capacidade dos participantes para transformar ideias em projetos”

Contribuindo desta forma para o aumento da autoestima, no sentido de preparar a criança para as diferentes adversidades e frustrações.

Nas últimas décadas, são muitos os relatórios existentes a nível internacional, que exercem grande influência nas políticas educativas. As frequentes transformações da sociedade em geral, fizeram de certa forma, tornar visível a problemática da educação, e a adaptação aos tempos atuais. Daí a necessidade de repensar a escola e os modelos a seguir, respondendo às necessidades de uma forma diferente de ensinar e de aprender.

É a partir do conceito de educação ao longo da vida, constituído de quatro vertentes: aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver juntos e aprender a ser, que a UNESCO (1994), através da Comissão Internacional sobre a Educação para o século XXI, coloca nos educadores o desafio de mudar a forma de aprendizagem dos seus alunos.

Uma das principais preocupações destas instituições internacionais é precisamente a formação pessoal e social de crianças e jovens, promovendo o seu desenvolvimento global e desenvolver a expressão e a comunicação, (Barbosa, 2001).

No final do século XX, assiste-se à perda de relevância do papel da família na educação das suas crianças. Tendo em conta os presentes planos curriculares podemos facilmente, observar o esforço dos educadores e professores, na promoção de meios apropriados, no sentido de criar ambientes e situações que sejam mais favoráveis à aprendizagem, à inter-relação e autonomia. É neste contexto que a educação sociocultural surge como estratégia de desenvolvimento pessoal e social.

Ao explorar o ambiente, a criança descobre os outros à sua volta, fomentando as suas relações sociais. Cabe ao educador organizar os ambientes de aprendizagem promotores de atividades estimulantes e que englobem as atividades lúdicas. A escola tem um papel fundamental na formação da criança, tanto a nível educativo como pessoal e social, sendo a inclusão um meio de reconhecimento e aceitação pela diferença. Podemos verificar com esta investigação que é atribuído ao Animador Sociocultural um papel importante na inclusão das crianças com Necessidades Educativas Especiais (Freitas & Ribeiro, 2019; Galapito, 2017; Silva, 2010; Souza & Gomes, 2015; Terrón-Caro et al., 2017).

Neste caso, o ambiente educativo deve ser igualmente um ambiente promotor de envolvimento entre a criança e o educador de forma a transmitir confiança e segurança para se aventurar nas primeiras tentativas de leitura, e entender a leitura com prazer.

E igualmente, o educador deve:

- Articular a interação com a família envolvendo as práticas da leitura e escrita, fomentando a premissa de que a leitura em conjunto é das melhores formas de uma criança aprender
- Organizar as oportunidades de interação com o texto explorando as diversas formas de interpretação, de modo integrado e funcional como por exemplo através da mímica e de jogos interativos.
- Estar atenta às diversas fases de desenvolvimento da criança, encorajando os mais tímidos e apoiar os mais autónomos

Na animação sociocultural é notório afirmar que o educador de animação sociocultural valoriza o quarto pilar da educação, que representa “aprender a viver juntos”, através de atividades lúdicas, impõe uma grande contrariedade ao que se vive atualmente, pela resistência à vida em grupo. Neste contexto, importa evocar que o modelo formativo pode assentar em dois principais eixos: a animação e os animadores.

As abordagens científicas e educativas da “*Discipline Based Art Education*”, dos EUA e na Ásia, contribuíram de forma marcante para a

importância da Educação Artística como contribuição moral das crianças e jovens, e principalmente como impulsionador da diversidade cultural, consciência ambiental e em projetos de aprendizagem que integrem várias áreas, e a forma como esta consegue desenvolver capacidades e competências cognitivas e metacognitivas, promover educação, tendo em conta as suas linguagens específicas, elaborando projetos de aprendizagem que sejam relevantes para os alunos e comunidade em geral (Giraldez, 2009).

Tendo em conta a sociedade atual, do século XXI, rumamos para uma educação cujas finalidades sejam principalmente a formação integral da cidadania, educando indivíduos para a participação criativa e socialmente ativa, numa atitude de proteção dos direitos Humanos. Deste modo, para Perez Serrano (1998), nesta perspetiva incide o facto de se identificar na educação Artística do século XXI, “um conjunto de qualidades unificadoras da comunidade facilitadoras da convivência social entre os indivíduos”, para contribuir de forma positiva para o aumento da autoestima individual e coletiva, o bem-estar social e o desenvolvimento de capacidades cognitivas e sociais. Para Leontiev (2000, p. 143), “a arte enquanto atividade recreativa encontra-se associada às necessidades psicológicas básicas, sendo a recreação necessária a todos os seres humanos”.

Na animação sociocultural existem duas linhas centrais de pensamento, a animação como movimento social e a animação como ferramenta de manutenção da sociedade. A primeira linha baseia-se no pensamento humanista e, desta forma, a animação deve criar atividades com as quais se possa partilhar conhecimentos e experiências.

As práticas sociais e educativas, como a negociação e a meditação, tornam mais forte o pensamento crítico e a abertura dos modos de interação, cuja lógica está associada a uma base de reconhecimento de diferenças e identidades. São estas práticas que contribuem para a valorização da diferença, da autonomia e da interdependência.

Neste sentido, é importante trabalhar desde as primeiras idades nas habilidades comunicativas e na perspetiva da mediação social e educacional. Estas habilidades podem ser desenvolvidas em contextos de educação formal e não-formal, que sejam apropriados para a promoção e desenvolvimento da criança. As instituições educacionais tradicionais são confrontadas com

situações cada vez mais difíceis de controlar, conflitos que criam problemas associados à identidade social, à igualdade de direitos, à realização pessoal e à qualidade de vida. É por isso, necessária a criação de programas e projetos específicos de capacitação e interação social (Silva, 2014).

A maior parte das teorias ecológicas e socioculturais da aprendizagem dominaram as explicações do desenvolvimento e aprendizagem na infância nos últimos anos. O modelo de (Bronfenbrenner, 1979) e o modelo bio ecológico de (Bronfenbrenner & Morris, 1998) influenciaram bastante os esforços para compreender a aprendizagem e o desenvolvimento humano em crianças em associação com o ambiente envolvente.

Nas duas últimas décadas, as perspectivas socioculturais, que são perspectivas que destacam a dimensão social e cultural na aprendizagem, são cada vez mais utilizadas para explicar as formas de aprendizagem na Infância (Anning, Cullen & Flear, 2004). As teorias socioculturais da aprendizagem sugerem que o processo de aprendizagem é tanto uma construção social quanto individual. Rogoff (1998, pág. 691) descreve o desenvolvimento como transformação da participação. A transformação ocorre em vários níveis: por exemplo, o aluno muda ao nível do seu envolvimento, no papel que desempenha na situação de aprendizagem, na habilidade que demonstra ao mover-se com flexibilidade num contexto de aprendizagem para outro, e a responsabilidade assumida na situação. A teoria das atividades também se concentra nos aspetos sociais da aprendizagem.

1.2 O papel da escola na formação do ser social

Segundo Piletti (1985), a escola é o principal meio de educação na sociedade atual, e tem como principal finalidade, atuar mediante atividades sistematizadas e programadas, assim como disponibilizar aos alunos, o património cultural da humanidade. Património esse que se perpetua por meio do currículo escolar, embora muitas vezes isso não ocorra, pois nem sempre são levadas em consideração as experiências humanas mais significativas, e sim as experiências dos grupos dominantes.

A escola emerge como uma instituição fundamental para o indivíduo e a sua constituição, assim como para a evolução da sociedade e da humanidade (Caribe, 2007, 2009; 2015; 2018; Cavaleiro, 2012; Davies & cols., 1997; Ferreiro, 2016; Rego, 2003; Silva, 2013; 2014; Palacios, 2018). Como um microsistema da sociedade, a escola não reflete apenas as transformações atuais como também tem que lidar com as diferentes demandas do mundo globalizado. Uma das tarefas mais difíceis e importantes é a de preparar tanto os alunos como os professores e pais para viverem e superarem as dificuldades em que o mundo existe num *continuum* de mudanças rápidas e de conflitos interpessoais, ao mesmo tempo que contribui para o processo de desenvolvimento do indivíduo.

A entrada da criança na escola traz inúmeros benefícios para o indivíduo, pois além do conhecimento que ela vai proporcionar, o ambiente escolar é um novo espaço de socialização para a criança. É importante salientar que a escola deve dar continuidade à educação que se iniciou em casa, pois é na família que começa o processo de socialização. A escola não deve ser a única responsável pelas aprendizagens sociais, nem ser vista como salvação quando a família deixa de educar os filhos, delegando tais tarefas aos professores.

Torna-se, também, necessário fazer o processo de adaptação das crianças no momento em que ingressam no mundo escolar. As experiências vivenciadas no seu convívio com a família, amigos dos familiares e vizinhos. Nesta nova etapa da vida, as crianças precisam ter oportunidades de se desenvolver, participando das atividades que compõem o seu dia-a-dia dentro e fora da escola, para que possam tomar decisões, fazer escolhas, avaliar as situações do seu quotidiano, tendo consciência de que têm direitos e deveres, mesmo enquanto crianças. O processo de adaptação da criança na escola precisa da colaboração da família, que deve ser uma mediadora entre os filhos e a instituição escolar, explicando a importância da escola na vida deles, transmitindo segurança e confiança para que a criança inicie tranquilamente uma boa relação com professores e colegas.

A escola tem competências específicas, que se resumem no propiciar recursos psicológicos para a evolução intelectual, social e cultural do homem (Craft, 2004; Creche, 2004; Hedegard, 2002; Rego, 2003). Permite a

apropriação da experiência acumulada e as formas de pensar, agir e interagir com o mundo. A escola é, segundo Oliveira (2000), uma instituição social com objetivos e metas determinadas, empregando e reelaborando os conhecimentos socialmente produzidos. Objetiva promover a aprendizagem mas também efetivar o desenvolvimento das funções psicológicas superiores (e.g. memória seletiva, criatividade, associação de ideias, organização mental, entre outras). A escola é um espaço em que o indivíduo tende a funcionar de maneira preditiva: na sala de aula existem momentos e atividades que são estruturados com objetivos programados e outros mais informais que se estabelecem na interação da pessoa com o seu meio ambiente. O currículo escolar estabelece objetivos e atividades, facilitando o acompanhamento do processo de ensino-aprendizagem nas diferentes faixas etárias. Desde o maternal até à educação de adultos, a escola tem peculiaridades em relação à sua estrutura física, à organização dos conteúdos e metodologias de ensino, respeitando e considerando a evolução do aprendiz.

Marques (2001) destaca que a função da escola no século XXI tem o objetivo precípuo de estimular o potencial do aluno, levando em consideração as diferenças socioculturais em prol da aquisição do seu conhecimento e desenvolvimento global. Assim, aponta três objetivos que são comuns: (a) estimular e fomentar o desenvolvimento em níveis físico, afetivo, moral, cognitivo e de personalidade; (b) desenvolver a consciência cidadã e a capacidade de intervenção no âmbito social; (c) promover uma aprendizagem de forma contínua, propiciando ao aluno formas diversificadas de aprender e condições de inserção no mercado de trabalho. Observando estes objetivos, percebe-se que isto implica, necessariamente, a promoção de atividades ligadas aos domínios afetivo, motor, social e cognitivo, de forma integrada à trajetória de vida da pessoa. O autor enfatiza também a importância das tarefas desempenhadas em sala de aula que favorecem as formas superiores de pensar e aprender (e.g. memória seletiva, criatividade, pensamento lógico, entre outros), tendo o professor uma função preponderante nesta mediação. Segundo Almeida (2000), a ideia de mediação do conhecimento realizada pelo professor permitem que, em contexto de sala de aula, se incorpore uma ação coletiva que se estrutura e funciona graças ao uso de estratégias específicas,

como o trabalho em grupo e aos pares e a realização de atividades recreativas, competitivas e jogos lúdicos.

O uso de estratégias deve ser adaptado às realidades distintas quer dos alunos quer dos professores, adaptados também às demandas da comunidade e dos recursos disponíveis, uma vez que as condições e peculiaridades de cada época ou momento histórico influenciam de forma preponderante. A escola, independentemente das adequações, será sempre uma instituição em que se priorizam as atividades educativas formais, sendo um espaço de desenvolvimento e aprendizagem. O seu currículo deve envolver todas as experiências realizadas nesse contexto. Isto é, considerar padrões relacionais, aspetos culturais, aspetos cognitivos, afetivos, sociais e históricos que estão presentes nas interações e relações entre os diferentes segmentos. Assim, os conhecimentos oriundos da vivência familiar podem ser empregados como mediadores para a construção dos conhecimentos científicos trabalhados na escola.

Mas, para compreendermos os processos de desenvolvimento e os seus impactos nos indivíduos, é necessário focalizarmos tanto o contexto familiar quanto o contexto escolar e as suas inter-relações. Observando casos específicos como a repetência escolar, sabe-se que a estrutura familiar tem um forte impacto na permanência do aluno na escola, podendo evitar ou intensificar a evasão e a repetência escolar. Segundo Fitzpatrick e Yoles (1992) são alguns aspetos que contribuem para a repetência escolar: características individuais, ausência de hábitos de estudo, faltar às aulas, problemas de comportamento. Em todos estes fatores referidos, a família exerce uma poderosa influência, apesar de que o sistema escolar transformador possa reverter esses aspetos negativos, mas é essencial que a escola consiga contar com a colaboração de outros contextos que influenciam significativamente a aprendizagem formal do aluno, como é o caso do contexto familiar (Fantuzzo, Tighe & Childs, 2000).

A escola e a família são ambientes de desenvolvimento e de aprendizagem humana e podem funcionar como seus propulsores ou inibidores. A literatura refere que as pesquisas têm demonstrado que os pais estão constantemente preocupados e envolvidos com as atividades dos filhos e que dirigem a sua atenção à avaliação do aproveitamento escolar (Polonia &

Dessen, 2005). Estes pais, não só supervisionam e acompanham a realização das atividades escolares como também adotam, nas suas residências, estratégias direcionadas para a disciplina. Os laços afetivos, estruturados e consolidados, tanto na escola como na família, permitem que os indivíduos lidem com conflitos, aproximações e situações oriundas destes vínculos, aprendendo a resolver os problemas de maneira conjunta ou separada. Nesse processo, os estágios diferenciadores de desenvolvimento, característicos dos membros da família e também dos segmentos distintos da escola, constituem fatores essenciais na direção de provocar mudanças nos papéis da pessoa em desenvolvimento, com repercussões diretas na sua experiência académica e psicológica.

Apesar dos esforços nesta relação família-escola em promoverem ações de continuidade, existem ainda barreiras que criam descontinuidade e conflitos na integração entre estes dois contextos. Uma dessas barreiras consiste no facto de que a integração família-escola não comporta, ainda, diferentes segmentos da comunidade e não possibilita, portanto, uma distribuição equitativa das competências e das responsabilidades. Adicionalmente, as formas de avaliação que são adotadas, assim como as estratégias para superar as dificuldades presentes no processo ensino-aprendizagem, de maneira a incluir a família, exigem que as escolas insiram essa discussão no projeto pedagógico. Outra dificuldade centra-se no facto de que o conhecimento dos valores e práticas educativas que são adotadas em casa, e que se refletem no âmbito escolar e vice-versa, são imprescindíveis para manter a continuidade das ações entre a família e a escola (Keller-Laine, 1998).

A família não é o único contexto em que a criança tem oportunidade de experienciar e ampliar o seu repertório como sujeito de aprendizagem e desenvolvimento. A escola, por sua vez, também tem a sua parcela de contribuição no desenvolvimento do indivíduo. A ação educativa da escola e da família apresenta nuances distintas quanto aos objetivos, conteúdos, métodos e questões interligadas à afetividade, bem como quanto às interações e contextos diversificados. A escola como complemento da família necessita de estar em sintonia, dependendo uma da outra sempre com o intuito de alcançar o objetivo para o futuro dos educandos. A sua evolução como escola de

massas enfrenta vários problemas que estão de certa forma relacionados com a grande diversidade cultural e social dos alunos. Segundo Adler (1989, p. 51), “a melhor escola para os mais aptos é a melhor escola para todos”, isto porque tendo em conta as diferenças de origem social e cultural dos alunos, todos merecem uma escola de qualidade. Merece atenção redobrada, todos aqueles que carecem de estruturas familiares adequadas, fazendo com que permaneçam mais tempo na escola, oferecendo-lhes uma escola integrada e pluridimensional.

O movimento da escola cultural existente atualmente, tem apostado na integração curricular de todo o ensino básico, aspeto considerado por muitos autores como inovador da reforma educativa, permitindo deste modo a otimização dos recursos humanos e materiais, quebrando o isolamento dos professores (Alarcão, 2002; Relvas & Alarcão, 2002). É bastante notório a grande heterogeneidade dos alunos, associada a um decréscimo na qualidade dos ambientes comunitários e das redes de apoio. Isto deve-se essencialmente, às interações entre os pais e filhos, pela grande mudança na conjuntura económica que alterou por completo a vida pessoal de cada criança, notando-se pela ausência dos pais em casa, e a fragmentação das suas relações. A nível nacional existe uma grande percentagem de mulheres portuguesas que trabalham mais horas fora de casa (Pereira *et al.*, 2007)².

Apesar da complexidade e dos desafios que a escola enfrenta, não se pode deixar de reconhecer que os seus recursos são indispensáveis para a formação integral e global do indivíduo. Devem-se acionar fontes promotoras de saúde tais como as redes sociais, com a comunidade escolar, os profissionais da escola e orientadores educacionais. É nesse espaço que as reflexões sobre os processos de ensino-aprendizagem e as dificuldades que surgem em sala ou em casa são realizadas (Rocha, Marcelo & Pereira, 2002).

A família e a escola constituem os dois principais ambientes de desenvolvimento humano nas sociedades ocidentais contemporâneas. Por isso, é fundamental que sejam implementadas políticas que assegurem a aproximação entre os dois contextos, de maneira a reconhecer as suas

² Pereira, J. D. L., Vieites, M. F. & Lopes, M. S. (2007). A animação, artes e terapias. Amarante: Edição Intervenção Associação para a Promoção e Divulgação Cultural.

peculiaridades e também similaridades, sobretudo no que diz respeito aos processos de desenvolvimento e aprendizagem, não só em relação ao aluno, mas também a todas as pessoas envolvidas.

1.3 Animação Sociocultural e a Educação

A animação sociocultural consiste numa forma de intervenção social relativamente recente. Não obstante, não se consegue precisar a sua cronologia com exatidão, uma vez que, ao longo da história da humanidade, as suas difusas manifestações se perdem no tempo (Ander-Egg, 1991; Bento, 2006; Cunha, 2009; Diaz, 2004; Lopes, 2006; Olmos, 1992; Pose, 2007). Segundo Lopes (2008), sabe-se que sempre existiu um tempo para o trabalho e para o lazer, sendo neste último dedicado à animação. Segundo Ventosa (1993), a questão da origem da Animação é igualmente indeterminada. O autor refere que "é difícil determinar em que data concreta se constituiu a animação" uma vez que "sempre se verificou ao longo da história da humanidade a existência de fenómenos de animação" (p.35). Cunha (2009) afirma que a Animação Sociocultural é uma prática social que sempre existiu. Não obstante, refere que é no início da segunda metade do século XX que a Animação Sociocultural é considerada como metodologia própria de atuação socioeducativa.

Se observarmos, na literatura, a animação sociocultural como metodologia ligada à intervenção nas áreas do social, político, educativo e cultural, então pode-se situá-la nos anos 60, tendo sido na altura fundamentada como resposta a problemas derivados da identidade cultural, integração, participação, comunicação, socialização e educação. Nesta época, procurava-se na educação a solução para os problemas humanos e sociais (e.g. pobreza, exclusão económica e cultural, delinquência) (Ander-Egg, 1991; 2006). A literatura mostra-nos que é nesta premissa que se vai configurando o conceito de Animação Sociocultural (Cunha, 2009; Lopes, Galinha & Loureiro, 2010).

Neste sentido, a expressão "Animação Sociocultural" surge em França e na Bélgica, nos anos 60, para designar um conjunto de ações destinadas a

gerar processos de dinamização da vida social. Surge com o objetivo de promover atividades que preenchessem de forma criativa o tempo de lazer, facilitar a comunicação interpessoal dos membros da sociedade, promover formas de educação permanente e, também, criar condições para a expressão, criatividade pessoais e dos grupos. Assim, aparece ligada ao aumento do tempo livre e à necessidade de participação, educação, convivência, justiça, vivência social, bem-estar, inserção social, consciencialização, democratização, qualidade de vida e transformação (Cunha, 2009). Assenta, assim, num conjunto de direitos individuais e também coletivos, com intuito de potenciar uma cultura construtivista empenhada no desenvolvimento e autonomia dos membros da sociedade (Cunha, 2009; Lopes, 2006).

Em Portugal, a sua maior expressão sentiu-se aquando do 25 de Abril de 1974, na reposição da liberdade de expressão e liberdade de associação. Foi nesta altura que se verificou a fase revolucionária da Animação Sociocultural em Portugal que englobou campanhas de alfabetização através de uma animação generalista e a constituição da divisão de formação técnica e centros de animação do FAOJ (Fundo de Apoio aos Organismos Juvenis), que levaram ao aparecimento do perfil do animador e a cursos de formação para animadores. Portugal assistiu, nessa época, à criação de vários centros de Animação a nível regional que detinham o objetivo de prestarem serviço à comunidade, particularmente a nível da animação de tempos livres e animação socioeducativa (e.g. atividades desportivas, exibição de filmes temáticos, grupos de teatros, entre outros) (Lopes, 2006). A Animação Sociocultural era vista, como tendo uma preocupação constante com os interesses e aspirações dos indivíduos e verificou-se um conjunto de ações que potenciasses o desenvolvimento e a autonomia dos indivíduos a vários níveis: psicológico, afetivo, religioso, político, cultural.

Historicamente, referia-se à Animação Sociocultural como o preenchimento do tempo livre de forma criativa. Posteriormente, e com a revolução do 25 de Abril, pretendeu-se que esta colaborasse na tarefa da promoção do desenvolvimento integral da pessoa, enquadrando-se numa perspetiva educativo-formativa (Jardim, 2003). Tentar encontrar um consenso conceptual relativamente à designação de Animação Sociocultural é difícil. A literatura indica que existe uma imprecisão, uma polissemia e até uma

ambiguidade da expressão. Segundo Gomez (2005), a Animação Sociocultural aspira melhorar a qualidade de vida das pessoas, valoriza a verdadeira democracia cultural, tendo em vista a promoção e emancipação social. De acordo com Van Enkevort (1980, pp. 257-258), a animação sociocultural tem como necessidade básica “ser entendida como instância crítica que possibilita resolver problemas e não a transmissão cultural”.

Jardim (2003, p. 43) usa a palavra “animação” no seu sentido etimológico, que significa ato ou efeito de animar, dar vida, infundir ânimo, valor e energia. Ander-Egg (2000) defende que, se tivermos em conta as origens gregas e latinas da origem das palavras “animar e animação”, temos referências simbólicas a “anima” (alma), “sopro ou alento vital” e “ânimo”. Existe uma dupla raiz latina: a animação como *anima* significa dar vida, vitalização, dar sentido, dar espírito ou alento. Por outro lado, temos animação como *animus* que indica dinamismo, movimento e motivação (Bannon & Sanderson, 2000; Cunha, 2009; Dámasio, 1999; Gomez, 2005; Lopes, Galinha & Loureiro, 2010; Olmos, 1992; Pérez, 2006).

Lipovetsky (1983) refere que é uma tarefa impossível definir animação sociocultural. Neste sentido, também Ander-Egg (2000) refere que explicar o seu significado é uma tarefa incompleta, uma vez que se torna difícil definir algo que está associada ao movimento da vida, da história dos comportamentos sociais. Outros autores referem que a dificuldade de definição se deve à ênfase colocada na tríade composta pelos termos “animação”, “social”, e “cultural”, associados a noções e aos sentidos de animar, de sociedade e de cultura (Bento, 2006; Bernet, 2004; Cunha, 2009; Lopes, 2006). Segundo Gaspar (1976), a animação não são atividades lúdicas e isoladas que se vão promovendo. O autor defende que existe um trabalhar constante de comunidades e populações no sentido de resolver os seus próprios problemas ou carências. O autor refere, ainda, que de uma maneira global, a animação sociocultural se prende com o desenvolvimento e autodesenvolvimento, participação ativa, transformação, noção de grupo, vida comunitária e noção daquilo que é comum a todos os membros da sociedade.

Lopes, Galinha e Loureiro (2010) defendem que como metodologia de intervenção a animação sociocultural sofre de ausência de corpo teórico próprio, necessitando, por isso, de beber nas ciências sociais e humanas

(Psicologia, Sociologia, Economia). Pérez (2006) concorda com esta afirmação, referindo que a animação sociocultural não constitui uma ciência autónoma, uma vez que recebe a fundamentação teórica da contribuição de outras ciências.

Lopes (2006) ressalva quem em Portugal e nos países de língua oficial portuguesa, a denominação “lazer” é geralmente mais utilizada que “ócio”, mas são encarados como sinónimos de uma existência de tempo livre. O conceito de “ócio” remete-nos para um tempo que releva aspetos positivos provenientes de alões resultantes de diversão, descanso e desenvolvimento. Segundo Bernet (2004) existe outra dificuldade associada à definição de animação sociocultural: a existência de diversos conceitos que se contrariam uns aos outros: pluralidade de termos e significados que permitem a existência de várias definições, cada autor dá ênfase ao que considera mais importante. O autor distingue dois elementos essenciais que surgem em todas estas definições: finalidades e caracterização das definições. A animação sociocultural é vista ora como uma ação, intervenção, sendo analisado o que o individuo faz, ora é vista como atividade ou prática social em que se analisa não o que o individuo faz (como na definição anterior) mas sim para o que esta ação promove. A animação sociocultural é, também, vista como método, técnica, meio e instrumentos, enfim, uma metodologia ou tecnologia em que se evidencia o seu método de intervenção (Lopez, 2006).

De acordo com a UNESCO (1994) a animação sociocultural representa um conjunto de práticas sociais que objetivam a estimulação da iniciativa humana, a participação na comunidade e a fomentação do desenvolvimento pessoal e da sociedade. Neste sentido, é analisada como um conjunto de processos que se dirigem à organização de pessoas para que realizem projetos e desenvolvam iniciativas que promovam a cultura e o desenvolvimento social. Desta forma, salientam-se outras dimensões que não apenas a educativa; cultural e social.

A animação sociocultural representa, de acordo com Besnard (1991), o conjunto de práticas desenvolvidas a partir do conhecimento de uma realidade específica, que tem como finalidade estimular os sujeitos para a sua participação. Por seu turno, Trilla (1998, p. 25) ressalva que a animação sociocultural deve ser compreendida como “*uma ação, intervenção, atuação*

como atividade ou prática social, e como um processo, como programa ou projeto”. A animação sociocultural inclui uma série de atividades, intervenções e programas. De acordo com Lopes (2006, p. 315) a identificação dos diversos âmbitos da animação sociocultural tem em conta algumas dimensões relativas às suas estratégias de intervenção, como a dimensão etária, e o espaço de intervenção, se meio urbano ou meio rural. Yarte (2007) refere que a animação sociocultural detém as seguintes características: desenvolver o contacto com os destinatários; estimular a participação ativa no meio em que os membros estão inseridos; fomentar a expressão criativa e a diversidade cultural dos indivíduos; favorecer a comunicação e as relações entre as pessoas.

Neste prisma, e com a apresentação destas definições vastas, podemos verificar que cada autor define a animação sociocultural segundo as finalidades e características que considera mais importantes. No entanto, pode-se avançar com a ideia de que o animador sociocultural desenvolve uma estratégia de animação sociocultural para uma participação autónoma, voluntária, criativa e responsável. A educação em relação com a animação sociocultural representa uma base dos domínios e áreas de desenvolvimento de todo o trabalho de animação. Deste modo, não poderá existir animação sem a sua componente educativa e educacional. A animação sociocultural no âmbito da educação visa o desenvolvimento da sua atuação, em diferentes áreas que, na sua heterogeneidade possui aspetos comuns, ou seja, surge para dar respostas a necessidades educativas especiais, e para as quais, o sistema de ensino não tem capacidade de resposta e, por essa razão, o seu contexto de intervenção ocorre no âmbito da educação não formal (Gardner *et al.*, 1996; Lopes, 2010)³

1.4 O perfil do animador sociocultural

De acordo com Gillet (2008), a animação sociocultural, depois de 30 anos de existência, tornou-se um sistema complexo de equipamentos e atores.

³ Lopes, M. S., Galinha, S. A. & Loureiro, M. J. (2010). Animação e bem-estar psicológico metodologias de intervenção sociocultural e educativa. Chaves: Editora Intervenção Associação para a Promoção e Divulgação Cultural.

Atua com as suas próprias metodologias de ação e desenvolvimento, com vista ao desenvolvimento de um processo permanente de registo, promoção e melhoria de situações da criança.

A animação sociocultural representa, assim, uma metodologia que fornece uma série de linhas orientadoras com vista à produção de uma mudança social. Não existe uma metodologia e uma prática universal, embora existam algumas orientações gerais abordadas por diferentes autores como, Quintana (1993), Ander-Egg (1997; 2003), Merino (1997), e Gunturiz (1992), Larrazábal (1997), Melo (2006) entre outros.

É um projeto de intervenção que pretende motivar e estimular o coletivo a partir da ação particular, para que se inicie um processo de desenvolvimento social e cultural. Procura promover as relações interpessoais e levar as pessoas à ação, tem como intervenção educativa e política. Política enquanto aspira a um determinado modelo de sociedade e apresenta os meios para caminhar em direção à transformação estrutural. É educativa porque pretende o aperfeiçoamento das pessoas e a mudança das suas mentalidades, valores e atitudes (Ander-Egg, 2000).

Segundo Ander-Egg (2000), a literatura refere-nos que o animador era aquele que, até há pouco tempo, trabalhava em atividades de animação sociocultural sendo considerado como tal pela sociedade, levando a que os animadores não apresentem uma homogeneidade nem formação prévia. Foi nos anos 60 que surgiram os primeiros animadores, juntamente com os movimentos ligados à cultura popular. Nessa época, a animação era essencialmente uma ocupação com predomínio masculino. A figura feminina relacionada à animação surge apenas por volta do ano 2000. Até aqui, o animador sociocultural atuava de forma gratuita ou semi-gratuita e habitualmente em movimentos associativos. Posteriormente, algumas entidades das administrações autónomas ou locais começaram a contratar animadores, provocando a distinção entre animação sociocultural e outras modalidades de animação. Neste caso específico, os animadores provinham essencialmente do campo artístico, da educação e das ciências sociais. É apenas em 1999, segundo Lopes (2008) que o Ministério da Qualificação, Emprego e Formação Profissional (IEFP) colocou a profissão de animador no

roteiro das profissões, definindo a sua função e a sua evolução e áreas de atuação.

Durante anos foram várias as tentativas para traçar o perfil do animador sociocultural. Em França realizaram-se vários estudos sociológicos com o intuito de se conseguir esclarecer a situação profissional dos animadores. Segundo Trilla (1998), o animador é um educador, uma vez que tem o intuito de estimular a ação. Para tal, pressupõe-se uma educação para a mudança de atitudes. Para o autor, qualquer que seja a modalidade na animação, pressupõe-se uma ação educativa. Surge, assim, o termo “educador social” associado ao animador, expressão ainda utilizada em Espanha e França.

Não obstante a variedade de definições, para Trilla (1998) existem características inerentes ao animador que são transversais a todas as modalidades: (a) o animador é um educador, uma vez que pretende provocar nos indivíduos uma mudança de atitude; (b) o animador é um agente social, pois exerce funções para coletividades e não para pessoas individuais; (c) o animador é um relacionador, pois é capaz de estabelecer comunicação positiva entre as pessoas, grupos e comunidades e de todos eles com as instituições sociais e com organismos públicos. O animador precisa de adquirir uma série de conhecimentos que o tornem capaz de realizar a sua atividade com eficácia e eficiência. Deve, primeiro de tudo, adquirir conhecimentos sobre a sua área de ação, isto é, na animação sociocultural. É necessário, posteriormente, a aquisição de conhecimentos na área da sociologia (para entender os dinamos sociais), antropologia (distinguir e respeitar culturas e subculturas), história (conhecer os antecedentes que pesam sobre a sociedade em que vive ou em que trabalha), psicologia (que o ajude a perceber e a melhorar os fenómenos que se verificam nas relações interpessoais e grupais), e pedagogia (que constitui a base dos métodos próprios da animação). Não obstante, deve ter conhecimentos também na área do direito aplicado, políticas sociais, organização e gestão de instituições socioculturais e noções de deontologia profissional.

Ander-Egg (2000) refere outras características ou competências pessoais do animador: deve ser uma pessoa animada, capaz de suscitar animação; não pode ser animador quem considere que os outros não podem ser pessoas felizes; tem de ser capaz de estabelecer relações interpessoais, produtivas e

gratificantes, entre outras. Segundo o autor, as características inerentes à profissão de animador sociocultural são as seguintes: (a) capacidade de infundir vida (o animador deve ser dinâmico e entusiasta, acredita naquilo que faz. Deve ser capaz de motivar e dinamizar a vida pessoal, grupal e social); (b) capacidade de relacionar-se e comunicar com as pessoas (deve promover a unidade entre as pessoas criando laços de amizade entre os membros, suscitar a participação destes); (c) convicção e confiança nas pessoas e nas suas potencialidades (o animador deve trabalhar com as pessoas e não com as suas debilidades, deve comprometer-se com a vida e as pessoas e confiar nelas e no trabalho que faz com elas); (d) maturidade humana (é necessário que o animador tenha um equilíbrio pessoal firme, que lhe permita assumir a responsabilidade de ter nas suas mãos seres humanos que o vêem como referência e esperam alguma coisa construtiva da sua parte); (e) força e persistência para enfrentar as dificuldades (saber como solucionar problemas relacionais, armas para combater o desânimo); (f) vocação e serviço (deve ser capaz de assumir compromisso com as atividades e com as pessoas).

De acordo com Alonzo-Díaz (2014, p.24) o animador sociocultural é “o profissional que realiza uma intervenção social e educacional com os alunos e os seus contextos, com a finalidade de alcançar o seu desenvolvimento pessoal e social, a integração e a participação na comunidade”. Assim, a sua figura está inserida em várias situações educativas, grupos etários, e no paradigma da Aprendizagem ao longo da vida. As suas áreas de atuação incluem a pedagogia do lazer, a educação continuada de adultos, a intervenção educativa em situações marginais, e educação e entretenimento para idosos, a educação ambiental, sociocultural. Treina o desenvolvimento profissional do conhecimento científico para a compreensão, interpretação, análise e explicação de fundamentos teóricos e práticos da educação social (Amador *et al.*, 2014).

Para Ander-Egg (2000) o papel de animador sociocultural deve compreender quatro aspetos fundamentais, independentemente do campo de ação e atuação: (a) catalisador, dinamizador e facilitador (que motiva para a participação ativa dos membros); (b) assistente técnico (proporciona aos elementos os conhecimentos e a assistência técnica para que se seja possível

aprender); (c) mediador social (ajude a sistematizar e a implementar práticas sociais mediando os conflitos que possam surgir); (d) transmissor (proporcionar certas informações, conhecimentos e técnicas sociais).

Segundo Trilla (1998), salientam-se estas características já referidas e outras essenciais: (a) deve ser capaz para dirigir uma reunião, distinguindo os momentos de debate e os momentos de tomada de decisão; (b) deve conseguir que um agregado de pessoas se transforme num grupo coeso relacionando-o com outros tipos de grupo; (c) deve saber elaborar um projeto com as partes constituintes devidamente esquematizadas e pensadas; (d) deve saber avaliar esse mesmo projeto e as diferentes fases intermédias detetando possíveis falhas ou aspetos a melhorar); (e) ser alvo de formação contínua e de experiência prática.

Poder-se-á considerar que no nosso país, a profissão de Animador Sociocultural, embora seja recente, tem vindo a fazer um caminho crescente. Assim, Serra (2008) baseou-se em autores como Nóvoa (1991), Sarmiento (1994), Roldão (2000) e Alves (2003) para definir os vetores de profissionalidade dos animadores socioculturais, como (1) o exercício da profissão a tempo inteiro; (2) a fixação institucional das condições legais de acesso e exercício profissional; (3) a formação graduada, de nível superior; (4) associativismo profissional (2008,p. 303). De igual modo, o animador sociocultural define-se ainda com base em competências necessárias para o desenvolvimento da prática profissional, como a capacidade de conceber, implementar e avaliar projetos de intervenção em diversos contextos e para diferentes públicos, incluindo as crianças em idade escolar.

Para desempenhar de forma eficaz as suas funções, o animador sociocultural deve ter em conta o “ser”, o “saber” e o “saber-fazer” (Jardim, 2003). O “ser” referindo-se à maturidade humana, pelo modo de estar com os outros e pela sua filosofia de vida; o “saber” pelo conhecimento que deve deter para desempenhar de forma eficaz a sua tarefa formativa e o “saber fazer” reportando-se à metodologia que o animador usa para dar vida ao grupo que anima, a qual é reflexo do seu ser e do seu saber. Assim, o animador deve ser um especialista em humanidade, aquele que gera vida à sua volta e qualifica a vida daqueles que com ele caminham. Para além de estar atento às pessoas de forma individual, o animador deve procurar o desenvolvimento de todo o

grupo ou comunidade. Pressupõe-se, assim, a necessidade de estar dentro do grupo mas sem deixar de controlar os objetivos propostos.

São quatro as tarefas essenciais na tarefa da animação: (a) relacionar-se (o animador deve promover a unidade do grupo); (b) estimular (o animador não faz as coisas, mas faz com que os outros queiram fazer); (c) moderar (provocador de diálogo entre todos); (d) ser testemunho (ser coerente). Para que o grupo funcione de forma positiva é necessário que o animador dê atenção focada em três aspetos: (a) ao relacionamento entre todos; (b) ao método de trabalho; e (c) garantir a eficácia do grupo.

1.4.1 A importância do Animador Sociocultural na Educação

Segundo Lopes (2007; 2019), a animação sociocultural em Portugal encontra-se em diferentes contextos, e está atualmente em evolução na nossa sociedade. A animação sociocultural pode ter um papel importante na promoção da cidadania ativa, podendo auxiliar na solução de muitos problemas existentes na sociedade portuguesa: desintegração social, debilidade dos movimentos sociais, desigualdades sociais, ausência de cultura de vivência e convivência, predominando uma cultura virtual alienante, consumismo irracional, apologia do passatempo do “passar tempo”, entre outros. O futuro da Animação Sociocultural exige responder aos inúmeros desafios da desertificação rural, grande densidade urbana, focos de marginalidade, grupos com necessidades educativas especiais, animação do tempo livre e do tempo de ócio de crianças, jovens, adultos, terceira idade; uma animação que responda, ainda, à articulação dos espaços educativos formais, não formais e informais.

Ao reflectir-se sobre o futuro da Animação Sociocultural, em Portugal, estranha e preocupadamente temos a noção do paralelismo entre o que existe na atualidade e o que esteve na origem da Animação Sociocultural e, então, lembramo-nos das marcas trazidas pela história e que são, entre outras: o problema do êxodo rural e os respetivos problemas de integração, os problemas associados à comunicação interpessoal e a necessidade de

promover programas que valorizem a inter relação humana, o problema do défice de participação e a necessidade de promover programas de Animação Sociocultural, tendo em vista o fomento de uma participação comprometida com o desenvolvimento e a autonomia das pessoas (Lopes, 2007; 2019).

A animação sociocultural está implícita no processo de formação educacional da pessoa e pela sua amplitude abrange, também, a educação. Ao abordarmos a educação, temos de compreender que é um campo específico, mas também imprescindível ao indivíduo. De facto, a animação sociocultural pode ter, de acordo com Ander-Egg (2008), um papel de cooperação com a educação, quer no trabalho social como na prática educativa. Como já referido ao longo dos tópicos anteriores, vimos que o objetivo da animação sociocultural é o de gerar processos de participação em prol das pessoas e com as pessoas. A educação não é exceção, e a animação está presente nas várias formas de educar: a formal, a informal e a não formal. Todas são importantes e relevantes e todas elas se relacionam e interagem entre si. Segundo Lopes, Galinha e Loureiro (2010), quando se fala de educação não se fala obrigatoriamente de escola, a educação é anterior a esta. Adicionalmente, as interações educativas ao longo da vida das crianças e dos jovens não se esgotam no fim de cada dia de escola. A escola é entendida como educação formal, porém é necessário o contributo do espaço não formal e do espaço informal (Pilleti, 1985).

A educação formal assenta no princípio da educação organizada institucionalmente. É a educação que se aprende nas escolas, concebendo-as como instituições onde se certificam as habilitações. Segundo Cunha (2009), a animação sociocultural na educação representa uma forma de proceder de modo a motivar, completar, relacionar saberes e potenciar outras aprendizagens. No âmbito da educação formal, os alunos submetem-se às regras, horários, programas educativos para aquisição de competências académicas e sociais.

A educação não formal associa-se a todas as atividades que contribuem para a educação embora não estejam diretamente relacionadas com a escola. Segundo Lopes, Galinha e Loureiro (2010), a educação não formal é intencional, estruturada, sistemática e com objetivos prévios. São as atividades locais dos indivíduos, os cursos que realizam fora das escolas, a participação ativa nas associações, seminários e outros eventos. Com a aspiração de dar

resposta às necessidades da sociedade atual, surge como complemento à educação formal. Emprega vários organismos e estratégias destinadas aos indivíduos através de cursos, conferências, programas de televisão, associativismo e o teatro (Cunha, 2009; Lopes, 2006). Lopes (2006) refere que a educação não formal é um procedimento da animação sociocultural, sendo esta vista como um conjunto de prática que se realizam fora da escola, associada à percepção de educação ao longo da vida e que engloba as várias etapas da vida de cada indivíduo.

No que diz respeito à educação informal, Lopes (2006) defende que esta consiste no resultado da atividade da família e dos meios de comunicação. Não existe uma origem metódica nem uma estrutura orgânica. A intervenção educativa realiza-se sem mediação pedagógica institucionalmente autorizada, resultando, assim, das relações voluntárias do indivíduo com o meio onde se encontra inserido. Segundo o autor, é a prática educativa mais antiga, pois está inerente à vivência humana. A educação informal considera como agentes educativos a família e a comunidade. De acordo com Cunha (2009) a animação sociocultural na educação informal tem como objetivo a fomentação das relações e práticas comunitárias, o convívio e reforço dos laços comunitários e familiares.

É importante e necessário criar novos espaços, tempos e formas de intervenção. Por isso, o animador sociocultural pode responder eficazmente a estes desafios (Hernandez, 2012)⁴.

De acordo com Babo (2010) a educação associada à animação sociocultural contribui para maiores valores relativos à socialização, liberdade, partilha de saberes e o aprender fazendo. Ao adaptar as atividades e os jogos a criança sente-se mais incluída e, potencia ainda a motivação, a ampliação das suas potencialidades, como a criatividade, a memória e a socialização. A aprendizagem torna-se mais apelativa e positiva quando a componente lúdica está presente. Tendo em consideração estes aspetos, é pertinente referir que o animador sociocultural é visto como um agente social, isto porque põe em prática a animação sociocultural em grupos, com base numa atuação unida. É

⁴ Hernández, S.M. (2013). El Educador Social y la escuela. Justificación de la necesidad de la Educación Social en la escuela. Revista de Educación Social, no. 16. Available at: http://www.eduso.net/res/pdf/16/eduesc_res_16.pdf

sim um mediador, que tem a capacidade de implementar principalmente uma comunicação positiva entre as crianças, instituições sociais e comunidade (Ander-Egg, 2006; Polônia & Dessen, 2005; Santos, 2007); Silva & Moinhos, 2010; Ytarte, 2007).

De acordo com Barbosa (2006: 122), a finalidade da animação é, pois, “proporcionar uma modificação nos indivíduos, ou seja, modificar algumas atitudes, desenvolver aptidões que contribuem para as modificações sociais”

O animador sociocultural tem uma função bastante relevante no desenvolvimento sociocultural do grupo ou comunidade em que desenvolve a sua intervenção, pois estimula a participação de cada criança do grupo e fomenta a interação e união. O mesmo significa que o animador sociocultural atua em conjunto com o grupo como um todo.

Ao nível nacional são os estudos de Salgado, que na década de 1990 foram importantes para a atribuição da animação sociocultural para o combate à violência nas escolas, contribuindo para o desenvolvimento de capacidades e formação de atitudes nos alunos, bem como no processo de socialização.

Poder-se-á pensar que a importância da educação não formal pode ser realçada pela sua potencialidade educativa, tal como Canário (2007) considera a premissa de aprender sem ser ensinado. Salgado (1990, p. 115) referiu-se “*ao outro lado da educação não formal constituída por espaços de formação bastante significativos numa sociedade...*”

De uma forma geral, em Portugal os estudos científicos realizados nos anos 1990, sobre a violência nas escolas, evidencia pouco consenso sobre as definições utilizadas. A violência escolar abrange um conjunto de comportamentos como a agressão, assédio, intimidação, ameaças, danos à integridade, confronto, roubo e vandalismo. Estas ações ocorrem, geralmente, dentro e fora da escola, entre aluno-aluno, aluno-professor, professor-aluno.

De acordo com alguns estudos, a violência entre alunos tem maior incidência nos primeiros anos do 1º ciclo, ocorrendo, usualmente, em contexto de recreio, decrescendo nos anos escolares posteriores (Olweus, 1993; Pereira, 1997). Neste sentido, os alunos mais novos são as principais vítimas, sendo que a frequência de sofrerem de *violência* diminui à medida que a idade aumenta (Sullivan, 2000). Contudo, Nishina, Juvonen, e Witkow (2005) salientam que a agressão física tende a declinar enquanto a agressão verbal

tende a aumentar com a idade, dado que as crianças ao desenvolver a sua compreensão social, tornam-se mais aptas para formas indiretas de violência. Quanto ao género, normalmente, as vítimas são do género feminino, sendo alvo de agressão verbal e sobretudo física, de forma direta e assumida, por parte dos rapazes. Enquanto agressoras, as meninas adotam formas de agressão mais indireta (e.g. excluir a vítima do grupo, espalhar boatos humilhantes) (Pereira, 2008; Jankauskiene *et al*, 2008; Nansel *et al*, 2001).

Fante (2005, p. 50, cit. in Barros, Carvalho & Pereira, 2009) distingue a violência de forma direta da violência exercida de forma indireta:

“A direta inclui agressões físicas (bater, chutar, tomar pertences) e verbais (apelidar de maneira pejorativa e discriminatória, insultar, constranger); a indireta talvez seja a que mais prejuízo provoque, uma vez que pode criar traumas irreversíveis. Esta última acontece através de disseminação de rumores desagradáveis e desqualificantes, visando à discriminação e exclusão da vítima do seu grupo social”

A escola em geral, e os professores em particular devem promover o gosto e o prazer de aprender, tentar sensibilizar e motivar os seus alunos, bem como aprender a cultivar a curiosidade intelectual. Como animadora sociocultural, a autora do estudo procura despertar em cada aluno com o qual trabalha, o desejo de aprender e a vontade de estudar aliada a um sentimento de identificação em relação à escola. Mais do que um local de aprendizagens, a escola deverá ser um local de socialização, daí a necessidade de reconhecer a escola como o espaço de convívio e aprendizagem (Silva, 2014).

Assim, com este propósito, vale a pena salientar que a valorização dos mediadores ou animadores socioculturais no contexto educativo, isto porque devem ter a capacidade de promover as relações entre a escola e as famílias das crianças e, entre a escola e as instituições da comunidade, para que se possa concretizar o ideal de sociabilidade.

Ora, para que estes fatores possam ser desenvolvidos, é importante desenvolver uma educação para o reconhecimento de diferenças e gestão diária de conflitos, com o fim de constituir uma cultura de direitos e cidadania. Assim, a presença do animador sociocultural está sempre associada ao

princípio da paz e da justiça, onde o diálogo representa a força central para a resolução de conflitos.

Segundo Vichy (2010, p.7) “A Educação Sociocultural é uma representação da Educação Integral de indivíduos e comunidades, uma educação permanente que garante, nas diferentes etapas do devir humano, os processos individuais de integração social e comunitária, convivência intergeracional e intercultural, solidariedade intercomunitária e desenvolvimento sustentável. É um conceito integral na medida em que se refere ao futuro da vida cotidiana de indivíduos e comunidades sociais e integrador na medida em que integra indivíduos, culturas e comunidades no mesmo futuro histórico”.

De acordo com Lopes (2019), a animação sociocultural pode, a partir de diagnósticos, intervir a partir das muitas técnicas sociais, culturais e educativas, mobilizar as pessoas para encontrar respostas para os problemas coletivos. É a partir deste desiderato que se podem projetar programas em áreas diversificadas, como: saúde (segundo Oliveira (2015), a partir da ação terapêutica da Animação Sociocultural é possível reduzir nos custos com fármacos, através do bem-estar, felicidade, harmonia, criatividade e auto estima conferidos pela ação da animação); educação (através da articulação dos espaços educativos formais, não formais e informais e, ainda, pela partilha e cruzamento de saberes, levando os alunos a uma melhor capacidade de aprenderem e tornando o tempo livre num tempo educativo); prevenção do risco (os programas de animação sociocultural constituem um meio de precaução, eliminando focos de violência, marginalidade, dependência, agressividade e criminalidade); animação do ócio diurno e noturno dos jovens (conferir um sentido criativo, divertido e educativo através de programas que envolvam a participação juvenil); animação do ócio diurno e noturno dos jovens (conferir um sentido criativo, divertido e educativo através de programas que envolvam a participação juvenil); ambiente (ligar o ambiente ao homem numa perspectiva de eco-território partilhado e assumindo-o como património humano); justiça (nada é mais justo e igualitário do que um programa de Animação Sociocultural. As pessoas são seres iguais que cooperam entre si, retirando à vivência diferenças sociais, poderes e diferenças etárias); prevenção rodoviária (dado Portugal ser um país com uma taxa elevada de sinistralidade é possível,

a partir de programas de animação sociocultural, intervir através de uma educação rodoviária que anule a mera informação mecânica, promovendo a envolvimento direta das pessoas numa formação centrada em questões ligadas à humanização relacional).

O progresso crescente que caracteriza a nossa sociedade influencia o desencadear de problemas de relacionamento do homem com a natureza, com os outros e consigo próprio. São conceitos como a violência, vulnerabilidade de direitos do homem e a degradação e assimetrias das relações humanas que formam um panorama conflituoso, principalmente nas escolas (Jares, 2002).

Os conflitos existentes, incluem dois lados opostos, de um lado a desobediência, indisciplina, a violência e a incompreensão e do outro a cooperação, colaboração e a conciliação.

Segundo Ander-Egg (2000), a animação sociocultural no âmbito escolar pode abranger os seguintes sectores: (a) animação formativa; (b) animação de difusão cultural; (c) animação artística (não profissional); (d) animação lúdica; e (e) animação social. Para autores como Carvalho, Barros e Pereira (2009), Fachada (2008) e Vilhena e Silva (2002), a dimensão social do lúdico é fundamental em actividades de animação sociocultural na escola, aumentando o grau de participação e colaboração dos alunos, através da afectividade e da valorização pessoal. Permite a exploração da curiosidade, da partilha e o envolvimento no “jogo simbólico”, desenvolvendo a capacidade de interação das crianças com os seus pares, num ambiente socializante.

A animação formativa engloba actividades que favorecem a aquisição de conhecimentos e o uso crítico da razão. Pode realizar-se através de actividades como seminários, debates, círculos de cultura, mesas redondas, cursos, educação para adultos, entre outros. De acordo com Ander-Egg (2000), o objetivo principal da animação formativa consiste na aquisição de conhecimentos e no desenrolar o uso crítico, para que os indivíduos possam consciencializar-se da realidade vivencial.

Vivemos num mundo atual em que somos bombardeados diariamente com informações novas, contraditórias que nos dificulta distinguir o que é realmente essencial do acessório. É o sistema educativo que nos permite ter esse discernimento, garantindo formação e consciencialização. Mas não nos ensina a compreender a realidade e as mudanças rápidas da sociedade. A

animação, por sua vez, estrutura-se numa pedagogia de perguntas, sendo os educandos estimulados a encontrarem as respostas aos seus problemas. A aceleração da sociedade exige aos indivíduos estarem informadas e sobretudo a entrarem num processo de educação permanente.

Relativamente às atividades de formação dentro dos programas de animação formativa, há que ter atenção as modalidades, os temas ou questões e o tipo de pedagogia a utilizar. Os temas devem ir ao encontro às questões levantadas pelos indivíduos, pelos grupos ou pelas instituições e que afetam alguns aspetos da vida dos mesmos. Isto é, devem ser do interesse de todos e devem ser temas que sirvam para uma compreensão mais lúdica da realidade em que vivem, pois é essa realidade que é questionada. Dentro da pedagogia, podemos observar que a pedagogia tradicional é excluída desta modalidade. Por sua vez, é a pedagogia participa que aqui importa, a que permite o desenvolver do sentido crítico, da reflexão e do diálogo entre os indivíduos. A animação formativa pretende, no fundo, que os indivíduos aprendam a modificar as condições da existência, a colaborar na formação da consciência social e a estimular a ação solidária e participação ativa na sociedade. Pegando num exemplo prático, na problemática do Bullying. A escola aborda o tema em sala de aula, mas o aluno terá apenas a perspetiva do professor e a resposta que a sua disciplina pode atribuir sobre este assunto. Se a escola dinamizar no seu interior um clube relacionado com este tema, o professor e o aluno poderão questionar o que não se entende, poderão partilhar conhecimentos com o grupo, poderão ser propostas e pesquisadas respostas, promover ações para esclarecimentos para si e para os colegas da escola. Podem-se criar e estabelecer ações anti-bullying na escola de forma a prevenir o aparecimento de novos casos. Permite-se a consciencialização da comunidade educativa para a problemática (e.g. com folhetos, marchas, debates, entre outros). O aluno vai-se informando e formando sobre o tema, vai tomando consciência da problemática e vai tendo respostas às questões surgidas.

A Animação de Difusão Cultural engloba atividades que favoreçam o acesso a determinados bens culturais, e pode ser de dois tipos: (a) património herdado (e.g. monumentos históricos, museus de arte, museus de ciência, entre outros) e (b) cultura viva (e.g. galerias, bibliotecas, videotecas, entre

outros). Consiste no direito ao acesso e à participação na herança cultural da humanidade, direito esse que é universal. A animação neste âmbito foca-se na oferta às pessoas da possibilidade em conhecerem, poderem apreciar e compreenderem o património histórico-cultural. São exemplos de difusão cultural as dinamizações dos museus, que vão permitindo investigações, pesquisas, conhecimento. A animação pode ser, por exemplo, ensinar a pessoa a ver uma obra (e.g. visitas guiadas, exposições temáticas), realizar atividades lúdicas e artísticas para os visitantes sobre o que puderam observar, entre outras. Para além do património cultural, também a cultura viva e atual necessita de ser difundida. Aqui, referimo-nos também à cultura popular, à cultura das massas, podendo ensinar as pessoas a apreciar e a conhecer outro tipo de culturas: cultura humanista; científica; transnacional, entre outros.

A escola transmite história e cultura e pode ligar-se ao campo exterior neste aspeto. Na verdade, os alunos beneficiam com a presença de um animador que explore este domínio e alargue os horizontes culturais, através de visitas a museus, a monumentos, a galerias, bibliotecas. Também é certo que na escola, nas várias disciplinas já existem visitas de estudo a estes espaços, mas ser um animador de difusão cultural a promover a visita tem um outro impacto e outro tipo de aprendizagem que não o resultado de um relatório para entregar ao professor: desenvolver uma visita guiada e explicada, realizar atividades lúdico-pedagógicas no espaço, promover atividades posteriores à visita que continuasse aquilo que foi visto e assimilado.

A Animação Artística (não profissional) engloba atividades que favoreçam a expressão e constitui uma forma de iniciativa, de inovação e diversificação de formas de expressão. Abrange, portanto, campos como a pintura, escultura, bricolagem, teatro, mímica, marionetas, danças, teatro, música, fotografia, entre tantas outras. A arte é considerada uma forma de expressão de ideias e sentimentos e é capaz de fazer com que as pessoas adquiram sensibilidade e harmonia e descubram capacidades expressivas que pensavam não ter.

Nesta animação, não se pretende propriamente conhecer e difundir obras culturais. O objetivo da animação artística não profissional é a criação de espaços que estimulem e proporcionem a oportunidade nos indivíduos de desenvolverem a autoexpressão e a criatividade (Ander-Egg, 2000). Segundo o

autor, são formas de educação pela arte que visam a promoção de certas qualidades humanas, tais como a sensibilidade, a expressão, a investigação, e a capacidade para transformar. Como é que a animação artística não profissional pode ser adaptada numa escola? Criando, por exemplo, um clube artístico, com o objetivo de preencher os tempos não letivos dos alunos com atividades lúdico-pedagógicas: trabalhar com barro, madeira, vidro, tecidos, entre outros materiais. Neste sentido, é permitido aos alunos que adquiram valores como o valor do trabalho em equipa, a entreaajuda, a perseverança, o respeito e a solidariedade. Um animador neste âmbito, em contexto escolar, teria oportunidade de criar, por exemplo, (a) programas de educação artística; (b) criar espaços para a participação em atividades expressivas e criativas; (c) realizar concursos de pintura, cerâmica, bricolagem, poesia; (d) organizar coros, conjuntos musicais; (e) organizar semanas e jornadas culturais; (f) criar grupos de teatro; entre tantas e outras atividades criativas. Estas atividades permitem o ganho na qualidade do tempo não letivo dos alunos, promovem as qualidades e desenvolvem potencialidades nos alunos, evita problemas como o bullying, o risco de abandono da escola por desmotivação, promove a união e a interajuda entre os alunos da escola, entre outros. Para autores como Carvalho, Barros e Pereira (2009), Fachada (2008) e Vilhena e Silva (2002), a dimensão social do lúdico é fundamental em actividades de animação sociocultural na escola, aumentando o grau de participação e colaboração dos alunos, através da afectividade e da valorização pessoal. Permite a exploração da curiosidade, da partilha e o envolvimento no “jogo simbólico”, desenvolvendo a capacidade de interação das crianças com os seus pares, num ambiente socializante.

A Animação Lúdica engloba atividades ao ar livre, atividades que favorecem a atividade física e desportiva. Pode ser, por exemplo, marchas, acampamentos, passeios, excursões, jogos, ginástica, artes marciais, entre outras atividades (Ander-Egg, 2000). Neste tipo de animação, dá-se importância ao “jogo”. De facto, o jogo pode ser encontrado em quase todas as atividades humanas e pode ser até analisado numa perspetiva cultural. Apresentam expressões e características próprias. O jogo desenvolve um espírito construtivo entre as pessoas e desperta a sua imaginação.

Assim, deve ser aplicado na escola com objetivos pedagógicos, auxiliando no processo educacional das crianças. Permite um desenvolvimento integral dos alunos. É certo que as escolas já detêm professores de educação física. No entanto, e não desvalorizando nem menosprezando o seu papel, um profissional da educação física não realiza atividades de cariz lúdico. Tem de seguir e respeitar um programa que é estipulado pelo Ministério da Educação. Em segundo ponto, tem horários restritos e controlados. Vejamos o tempo gasto de um animador neste âmbito numa atividade apenas: o animador tem de escolher um jogo, elaborar um plano, determinar as características do jogo e do grupo que irá concretizar o jogo. Realizar os registos contendo o nome do jogo, origem histórica do jogo, materiais necessários para o desenvolvimento da atividade, número de participantes, local disponível e necessário para o sucesso da atividade, descrição da regra tradicional, interpretação da regra pelo grupo, variações necessárias ao jogo, objetivos e observações específicas. Depois, surge a atividade em si com todos os processos inerentes, e posteriormente a análise e avaliação da atividade. Um animador pode ir muito mais além: promover caminhadas, acampamentos, passeios, contacto com a natureza (e.g. caça ao tesouro). Pode promover novas formas de aprendizagem, estabelecer um clima propício às trocas de opinião com o animador, permitindo tentativas e respostas divergentes ou alternativas, tolerância perante os erros.

A Animação Social engloba atividades que favorecem a vida associativa, a atenção às necessidades grupais e a solução de problemas coletivos. São exemplos de animação social a organização de festas, criação de associações, dinamização de ações conjuntas, reuniões temáticas, encontros populares, entre outros. A escola tem, recentemente, vindo a aproximar-se da sociedade envolvente. E são várias as atividades que se podem desenvolver neste campo: campanhas de solidariedade, saraus de Natal, concursos de Presépios, feiras temáticas, entre outros, envolvendo-se as crianças a participar conjuntamente com a sociedade em que estão inseridas. Permite-se levar para fora, levar para o meio social, o que sabemos e o que podemos fazer. São parcerias benéficas, o campo social é um campo fértil e um animador neste âmbito pode desenvolver um trabalho bastante frutífero entre a escola e a sociedade.

1.4.2 Modalidades e Âmbitos da Animação Sociocultural

A literatura diz-nos que é difícil sintetizar ou tipificar a animação sociocultural e alguns autores apresentam-na numa tríplice dimensão, atendendo às suas estratégias de intervenção. Primeiramente, é necessário ter em conta a dimensão etária (população infantil, juvenil, idade adulta ou terceira idade); em segundo, é necessário ter em conta o espaço de intervenção (intervenção urbana ou intervenção rural?); em terceiro e último, deve-se atender à pluralidade de âmbitos relacionados às áreas temáticas (ação cultural, função educativa ou intervenção social?) (Lopes, 2008; Tracana, 2006; Voronina, 2012).

Relativamente à dimensão etária, é preciso ter em conta qual a faixa etária da população alvo. A animação sociocultural na infância, segundo Lopes (2006) surge como necessidade sentida com a instituição da democracia em Portugal e ganha forma com a animação socioeducativa. Esta animação nesta faixa etária tem como principal objetivo completar as funções da escola e as atividades de educação não formal. Para isso, recorre a programas lúdicos e formativos, desenvolvimentos em colónias de férias, passeios e visitas de estudo, entre outros, que permitam às crianças e jovens conhecerem lugares e saberes diferentes (Silva, 1982). As atividades têm por base a aprendizagem dinâmica, a partilha e a interação dos alunos entre si e dos alunos com os monitores. De acordo com Sastre (2004), as atividades e os meios utilizados pela Animação Sociocultural no âmbito infantil coincidem com a educação não formal, recorrendo-se a atividades extra escolares, atividades de carácter lúdico (atividades de animação infantil em museus, bibliotecas, entre outros), atividades de meios recreativos (parques temáticos, espaços de recreação ao ar livre), e instituições educativas especializadas (clubes desportivos, grupos de teatro infantil, oficinas de expressão, entre outros). De acordo com Lopes (2010), estas atividades têm um carácter lúdico e são dirigidos a crianças dos 8 aos 13 anos de idade. O autor defende ainda que estas atividades podem-se associar em conjunto com educação formal. Desta forma, torna-se possível apoiar os conteúdos programáticos. De acordo com Lopes (2010), toda a ação

no domínio da Animação Sociocultura na infância deve atender aos seguintes princípios: a criatividade fomentada, principalmente, através do envolvimento em áreas expressivas, que apreciem formas inovadoras e métodos de aprendizagem, o improviso e a espontaneidade; a parte lúdica que permita aliar a ação ao prazer e se exteriorize na alegria de participar; a atividade produtora de uma dinâmica, resultado da interação proveniente da ação; a socialização descoberta a partir daquilo que está em torno dos outros programas que se desenvolvem dentro de procedimentos criativos; a liberdade proveniente de ações sem constrangimento e repressões; a participação interveniente onde todos são participantes, não se observando papéis principais nem secundários.

A animação sociocultural juvenil pretende proporcionar aos jovens alternativas de atividades que ocupam os tempos livres e tempos de ócio numa perspetiva educativa que permite levá-los a assumir esse tempo livre como meio de valorização pessoal e social. Habitualmente, esta animação tem como objetivo central complementar as funções tradicionais da escola pela via da educação informal. Pretende proporcionar aprendizagem de diversas áreas que permita aos jovens tornarem-se adultos mais conscientes da prática de valores morais e cívicos. Permite também que os jovens possam afirmar a sua identidade. Por sua vez, a animação sociocultural de adultos considera os três tempos livres dos jovens (isto é, tempo da escola, tempo livre e tempo de família) mas também o tempo do trabalho, a ocupação profissional que constitui a atividade central e que condiciona a maior parte do tempo do adulto. O tempo livre dos adultos pode ser analisado segundo três dimensões: (a) momentâneo (fins de semana, festividades, tardes livres); (b) temporal (férias); (c) e permanente (desemprego, desocupação, reforma). Também aqui, qualquer tipo de atividade deve ser uma oportunidade de educação que permita que esse tempo seja utilizado como meio de reflexão e consciencialização sobre a importância da vivência.

Artiaga (2004) indica que o conjunto dos adolescentes e dos jovens possuem uma série de características que regulam o estilo, a constituição das políticas e das atuações que os influenciam. Certos problemas da sociedade atingem os adolescentes de forma particular. Os adolescentes são afetados pela diversidade territorial, estão submetidos a influências muito fortes por dinâmicas de tempos livres com fluxos e refluxos exteriores dos espaços, pela

saída do bairro para a escolarização e o para o trabalho. Lopes (2010) refere que, com o progresso da idade, a escola e a família deixam de ter a centralidade que subsistia na infância. Segundo Sprinthall & Sprinthall (1993), existem características específicas que surgem nesta faixa etária, como a afirmação da identidade, as tentativas de libertação da proteção e do controlo da família, o sentimento de pertença a um determinado grupo, a cultura da imagem, entre outros. A Animação Sociocultural na juventude deve fazer com que o jovem se sinta um protagonista e não um elemento passivo. É necessário que as atividades passem pela envolvimento direta dos jovens, fomentar-se o voluntariado como procedimento de compromisso solidário, propiciar tempo livre e de ócio numa ótica educativa mas que assuma uma valorização pessoal e social; proporcionar diferentes aprendizagens que os torne conscientes da prática dos valores da democracia, estabelecendo o associativismo juvenil numa potencial escola de formação cívica.

Artiaga (2004) expõe os animadores socioculturais como úteis na vida dos jovens, pois permitem a estimulação, auxiliam o processamento de transição para a vida pós-escolar, socializam, dão possibilidades para alcançar a identidade própria, possibilitando a autonomia e a independência. O autor defende que as funções do animador sociocultural relativamente à intervenção com os jovens são as seguintes: (a) realizar uma ligação com a escola, com articulação com o ensino secundário de forma a prevenir conflitos e exclusão; (b) o animador sociocultural é alguém que observa, estimula dinâmicas para os jovens; (c) o animador sociocultural é um orientador, assessor e tutor de espaços informativos.

A animação sociocultural nas pessoas adultas não tem apenas o objetivo de promover atividades no tempo livre, mas tem intuito de se estender ao tempo de trabalho, isto é, educação para o trabalho, educação para os valores, educação para a saúde, educação para prevenção de acidentes laborais, entre outros. Por fim, e não menos importante, a animação sociocultural na terceira idade tem como objetivo a gerontologia educativa, com intervenções na prevenção e compensação de declínio físico, cognitivo e psicológico. O contributo da animação sociocultural deve ser encarado como promotora de situações otimizadas e operativas com vista a auxiliar as pessoas idosas a programas a evolução natural do seu próprio envelhecimento, a promover

novos interesses, novos hábitos e ambições, níveis de atividade que conduzam à manutenção da sua vitalidade física, cognitiva e mental. Sabe-se que as pessoas idosas têm demasiado tempo livre, o que leva com que animação sociocultural tenha um papel ainda mais preponderante e fundamental nesta faixa etária (Lopes, 2008). A animação sociocultural na terceira idade pode ser realizada em quatro dimensões diferentes, mas todas elas cruciais: (a) animação estimulativa, para que as pessoas idosas possam preservar a sua capacidade de interação, as capacidades cognitivas e psicológicas, com intuito de prevenção das demências e declínios cognitivos associados; (b) animação ao domicílio, para que se possa conferir às pessoas idosas sinais de afeto e de solidariedade através do diálogo e do reforço dos laços sociais com o meio que os rodeia; (c) animação na instituição, como lares e centros de dia (conjunto de atividades e de ações de cariz cultural, recreativo, social e educativo); e, por fim, (d) animação turística (e.g. excursões, interações com crianças e jovens num clima de partilha de saberes, entre outros).

Relativamente aos âmbitos espaciais, a animação sociocultural tem de ser adaptada ao contexto, isto é, se o contexto é urbano ou rural, pois permanece a exigência de adequações distintas. De acordo com Lopes (2008), a sociedade urbana é caracterizada pela instabilidade relacional. A família é reduzida e instável. Pouco humanizada e apresenta grande diversidade social, cultural e religiosa. Nos contextos urbanos verificam-se, também, mais comportamentos disfuncionais. Portanto, os projetos de animação sociocultural devem promover iniciativas que valorizem a dimensão humana como compensação do isolamento a que as pessoas estão diariamente sujeitas. Deve fazer parte dos objetivos a promoção de uma cidadania, promoção de interações mais relacionais. No meio urbano, a animação sociocultural surge como consequência do mal-estar social causado pelo subdesenvolvimento e desertificação. Portanto, o seu objetivo deve assentar em programas e atividades que promovam a autoestima dos indivíduos, a valorização cultural, o desenvolvimento comunitário, potenciar o associativismo e corporativismo e favorecer a convivência. Promover ações que combatam o isolamento geográfico e o sentimento de abandono social.

Na vasta gama de atividades, é possível distinguir as diferentes modalidades e âmbitos de atuação da animação sociocultural. Ander-Egg

(1991) e Pérez (2004; 2007) reconhecem três modalidades de intervenção relativamente ao contexto: (a) cultural; (b) educativa; (c) metodológica.

A perspetiva cultural surge nos anos 70 quando os estados manifestaram uma preocupação com a promoção da cultura. A animação sociocultural baseava-se, portanto, em atividades de promoção cultural, de gestão cultural e de animação sociocultural. Era, de acordo com Ander-Egg (1991) para promover atividades culturais e artísticas. Os objetivos focavam-se para o desenvolvimento da criatividade, expressão e criação cultural e artística, social na vertente comunitária (promoção do associativismo, aperfeiçoamento das relações humanas, desenvolvimento local) quer assistencial (caracter paliativo, animação com coletivos de problemática social e NEE – Necessidades Educativas Especiais).

A animação como metodologia de intervenção social serve-se de instrumentos que indicam como realizar determinadas ações para se atingirem metas e objetivos específicos ao nível da transformação social. Baseiam-se numa pedagogia participativa.

Por sua vez, a perspetiva educativa procura promover, encorajar, motivar para a ação, promover potencialidades nos indivíduos, nos grupos e sociedades. Esta é a vertente que visa a educação permanente. A animação educativa centra a sua intervenção na pessoa como tal, com as suas especificidades e os seus espaços de atuação costumam ser os centros de educação permanente de adultos, universidades seniores, centros de ensino, centros de férias, ludotecas, casas da juventude, colónias infantis, entre outros.

De acordo com Lopes (2006), os diferentes âmbitos da animação sociocultural têm como consequência a existência de vários termos para classificar as suas formas de atuação: animação socioeducativa, animação cultural, animação teatral, animação de tempos livres, animação sócio laboral, animação comunitária, animação rural, animação turística, animação terapêutica, animação infantil, animação juvenil, animação na terceira idade, animação de adultos, animação de grupos em situações de risco, animação em hospitais, entre tantos outros. Lopes (2006) refere que estes âmbitos de intervenção são o reflexo da ação humana e não podem ser considerados estáticos, nem autónomos em relação aos outros. Poderão surgir, no futuro, novas necessidades sociais. Segundo o autor, a animação sociocultural pode

não dar resposta a todas as problemáticas da sociedade, mas permite uma consciencialização e a estimulação da criação de novas iniciativas. A animação socioeducativa pode contribuir para despertar a curiosidade e o conhecimento, estimular a ação, desenvolver a relação dialógica entre os indivíduos, promover processos críticos e criativos em vista à autonomia, liberdade e felicidade (Santos, 1999).

De acordo com Sarrate, Llamas e Serrano (2013, pp.75-80) “a animação caracteriza, organiza e mobiliza as pessoas e as comunidades para as transformar em agentes ativos na sua própria promoção e, na medida do possível, fazê-los ser protagonistas dos seus acontecimentos”.

1.5 Código Ético e Deontológico do Animador Sociocultural

Após alguns anos da carreira de Animador sociocultural, o estatuto da carreira e o código ético e deontológico em Portugal foi conquistando uma etapa importantíssima (Costa, 2010; Campos, 2011).

De salientar que, no Preâmbulo do Estatuto de Animador Sociocultural, validado pela Assembleia Geral da APDASC - Associação Portuguesa para o Desenvolvimento da Animação Sociocultural, em novembro de 2010, descreve que a “animação sociocultural é o conjunto de práticas desenvolvidas a partir do conhecimento de uma determinada realidade, que visa estimular os indivíduos, para a sua participação com vista a tornarem-se agentes do seu próprio processo de desenvolvimento e das comunidades em que se inserem”. A Animação representa assim, um instrumento decisivo para o desenvolvimento integrado das crianças.

No âmbito da legislação, o exercício da atividade como Técnico superior em Animação Sociocultural (artigo 5º) definem-se as funções de (1) Responsabilidade de “conceção e coordenação de processos de diagnóstico sociocultural”; (2) Responsabilidade do “planeamento, execução, gestão, acompanhamento e avaliação de projetos, programas e planos de Animação

Sociocultural”; (3) Coordenação de “equipas de Assistentes Técnicos em Animação Sociocultural ou outros, definindo, implementando e avaliando estratégias para a sua intervenção através dos recursos possíveis” (Estatuto do/a Animador/a Sociocultural, 2010).

A missão da Animação Sociocultural está enraizada num conjunto de valores, que levados a cabo pelos animadores socioculturais ao longo da história da profissão, são a base do único propósito, da perspetiva e das finalidades humanas da Animação Sociocultural: autonomia pessoal e melhoria da convivência humana, numa base cultural.

Estes valores espelham o que é peculiar na profissão da Animação Sociocultural. Os valores básicos e os princípios que deles decorrem têm que ser equilibrados dentro do contexto e complexidade da experiência humana.

A prática da Animação Sociocultural é norteadada pela ética profissional e pelas competências técnico-científicas que lhe são inerentes. O animador sociocultural tem o dever de associar os princípios éticos e as normas morais básicas à sua competência profissional.

É o Código Deontológico do Animador sociocultural que determina a relação entre estes valores, princípios e padrões, de forma a orientar a conduta profissional dos animadores socioculturais. Este Código é indispensável à prática da profissão mas também indispensável aos estudantes de Animação Sociocultural, independentemente das hierarquias profissionais, áreas de trabalho e contextos onde desenvolvem os seus programas de intervenção.

A Animação Sociocultural baseia-se nos seguintes princípios básicos, regidos pelo Código Deontológico:

- a) Confiança na pessoa: o animador sociocultural tem de confiar na pessoa. Tem de acreditar que qualquer individuo pode ser protagonista no seu próprio processo de desenvolvimento e, também, do desenvolvimento do grupo onde está inserido. Este princípio permite contribuir para que o grupo tenha um autoconceito positivo. A animação sociocultural tem de partir da premissa de que todos podem iniciar um processo de mudança. O animador sociocultural,

ao promover e mobilizar os recursos humanos, está a estimular as potencialidades implícitas nos indivíduos.

- b) Confiança no grupo: o animador sociocultural tem de ter confiança no grupo com quem está a trabalhar. Tem de acreditar na riqueza do grupo, na relação do diálogo que enriquece e potencia cada pessoa do grupo. É em grupo que os indivíduos são estimulados a participar nas tomadas de decisão do grupo. A animação sociocultural promove e mobiliza recursos humanos mediante processos participativos, canaliza as potencialidades dos indivíduos para grupos e comunidades.
- c) Confiança na ação social e política: a animação sociocultural encontra-se em todo o tipo de associações, nas quais os indivíduos podem realizar iniciativas, defender os seus direitos, expressar as suas opiniões e confrontar ideias e pensamentos. As associações atuam como força configuradora e dinamizadora da vida social.

A partir destes três princípios, compreendemos que a Animação Sociocultural incorpora três processos de:

- a) Desenvolvimento: a animação sociocultural pretende criar os meios e as condições necessárias para que qualquer indivíduo ou qualquer grupo social consiga e tenha oportunidade e capacidade de resolver os seus problemas. Tem como objetivo a interrogação constante na vida, bem como a consciencialização da sua própria situação.
- b) Relacionamento do ser humano consigo mesmo, com as obras e os seus criadores: a animação sociocultural objetiva dinamizar o ser humano através da prática do diálogo.
- c) Criatividade: a animação sociocultural objetiva fomentar a criatividade e o desenvolvimento de iniciativas, quer individuais quer coletivas.

Os princípios deontológicos gerais são baseados no conjunto de valores centrais da Animação Sociocultural. São estes princípios que estabelecem ideias pelos quais todos os profissionais da área da animação sociocultural deverão ambicionar.

- a) Princípio da profissionalidade: a profissionalidade do animador sociocultural é um princípio ético primordial dentro da profissão. Supõe que os profissionais deste âmbito de trabalho realizam um serviço à comunidade com responsabilidade e seriedade, baseado no respeito pela pessoa e na proteção dos seus direitos humanos.
- b) Princípio da ação sociocultural: o animador sociocultural é um profissional das áreas cultural, social e educativa, que tem como função básica a criação de uma relação que possibilite que o sujeito seja o protagonista do seu próprio desenvolvimento. O animador sociocultural parte do pressuposto e responsabilidade de que a sua tarefa profissional é a de acompanhar o indivíduo e o grupo para que resolvam as suas necessidades ou problemas. Devem procurar sempre uma aproximação direta às pessoas com quem trabalham, favorecendo nelas processos que permitam um crescimento pessoal positivo e uma integração crítica na comunidade à qual pertencem.
- c) Princípio da justiça social: o animador sociocultural deve basear-se no direito de acesso que todos os cidadãos têm no uso e desfrute dos serviços sociais, culturais e educativos. Isto é, o animador sociocultural deve sempre agir em benefício e nunca em prejuízo do pleno e integral desenvolvimento e bem-estar das pessoas, grupos e comunidades. Deve, por isso, atuar sempre em consideração com os direitos fundamentais, e em virtude dos Direitos Humanos, enunciados na Declaração Universal dos Direitos Humanos.
- d) Princípio da informação responsável e da confidencialidade: o animador sociocultural está obrigado a guardar sigilo profissional em relação a todas as informações obtidas direta ou indiretamente sobre os sujeitos.

No caso de ser uma necessidade profissional a partilha da informação, essa informação deve ser somente partilhada sempre em benefício da pessoa, grupo ou comunidade, com o conhecimento do interessado.

- e) Princípio da formação permanente: o animador sociocultural tem o dever e o direito de investigar e se formar de forma permanente e contínua. Um processo contínuo de aprendizagem que lhe permita um desenvolvimento de recursos pessoais que favoreçam a sua atividade profissional.
- f) Princípio da solidariedade profissional: o animador sociocultural deve ter uma postura ativa, construtiva e solidária no que refere à prática da sua profissão e à auto-organização dos profissionais da Animação Sociocultural em estruturas organizativas de referência.
- g) Princípio do respeito pelos sujeitos da ação sociocultural: o animador sociocultural deve respeitar a autonomia e liberdade dos sujeitos com quem trabalha, fundamentando-se este princípio no respeito pela dignidade da pessoa e no princípio da profissionalidade descrito no Código.
- h) Princípio da coerência institucional: o animador sociocultural deve conhecer e respeitar o projeto sociocultural e educativo, bem como o regulamento interno da instituição onde trabalha.
- i) Princípio da participação comunitária: o animador sociocultural deve promover a participação das pessoas e da comunidade no seu próprio projeto sociocultural.
- j) Princípio da complementaridade de funções e coordenação: o animador sociocultural trabalha sempre inserido em equipas e em redes, de forma coordenada com o objetivo de enriquecer o seu trabalho. Tem o dever de estar consciente da sua função dentro da equipa, assim como da posição que ocupa dentro da rede. Deve ser considerada uma ação interdisciplinar tendo em conta os critérios e as competências de todos.

1.6 A Animação sociocultural como integração

A interculturalidade é um conceito que merece consideração quando existem encontros entre pessoas que provêm de culturas e lugares diferentes. A escola, como é o caso, também sente a interculturalidade, pois ela existe dentro do contexto escolar. Segundo Aguilar (2008), a educação intercultural permite-nos questionar conteúdos e ajuda-nos a compreender o mundo. É na escola e nos espaços educativos que adquirimos as nossas referências. E a interculturalidade permite o encontro de diferentes indivíduos, de diferentes culturas, grupos étnicos, conservando a especificidade de cada um (Lopes, 2008).

A interculturalidade é um conceito recentemente desenvolvido, distinguindo-se do multiculturalismo e do pluralismo pela sua intenção direta para fomentar o diálogo e a relação entre as várias culturas. Esta noção depende de diversos fatores, como é o caso das várias concepções de cultura, dos obstáculos comunicativos, da falta de políticas governamentais, das hierarquias sociais e das diferenças económicas. Estes fatores são todos importantes e cruciais para a aceitação e compreensão por parte da sociedade do que é a interculturalidade.

De acordo com Aguilar (2008), a educação intercultural surge como um recurso que contribui para melhorar a comunicação, a relação e a integração entre as várias culturas. O objetivo não é que as pessoas percam a sua identidade e que assumam características da cultura onde se inserem. O objetivo é que elas sejam aceites tal como são, e que acedam às mesmas oportunidades, respeitando também o modo de vida da sociedade onde se encontram.

Segundo Lopes, Galinha e Loureiro (2010) a interculturalidade assenta essencialmente em três etapas: (a) a negociação (a simbiose produzida para alcançar a compreensão e evitar os confrontos); (b) a penetração (sair do próprio lugar para tomar o ponto de vista do outro); (c) descentralização (uma perspetiva de reflexão). A interculturalidade consegue-se através de três atitudes que são básicas: a visão dinâmica das culturas; o facto de acreditar

que as relações quotidianas têm lugar através da comunicação e a construção de uma ampla cidadania com igualdade de direitos.

A animação sociocultural volta a ter um papel preponderante na educação intercultural. Como visto anteriormente, a animação sociocultural comporta instrumentos que são de grande utilidade para a promoção e para o desenvolvimento da educação intercultural. De acordo com Lopes, Galinha e Loureiro (2010, p. 94):

“A animação sociocultural deve promover valores de tolerância, de convivência e de respeito pelo diferente. (...) deve promover transformações sociais necessárias para a inclusão (...), a sociedade deve assumir mudanças nas suas estruturas sociais, políticas, económicas, culturais e garantir um espaço de inclusão, em condições de igualdade...ao mesmo tempo que deve sensibilizar os imigrantes, no sentido de respeitar as normas que regem a cultura de acolhimento (...). A animação sociocultural deve incentivar a ação social e mobilizar as pessoas, as coletividades e as instituições (...). Deve promover a organização social e a integração em redes associativas. Deve promover o protagonismo do grupo, da comunidade de imigrantes e dos coletivos locais, que devem ser os atores da transformação social e os protagonistas de um modelo de sociedade.”

A educação intercultural deve e está presente nos espaços educativos. A animação sociocultural visa auxiliar as escolas neste processo que é complexo, proporcionando a inclusão de todos, na premissa de que as diferenças são promotoras da troca de ideias e de saberes, sendo esta troca importante pois auxilia na procura do conhecimento. Entende-se por inclusão a necessidade que existe em dar resposta a uma dificuldade na sociedade, integrando as minorias, integrando as pessoas com necessidades educativas especiais, integrando as pessoas marginalizadas. Enfim, a quem não é dada possibilidade de fazer parte da comunidade de uma forma integral. Assim, corresponde a uma aspiração que procura mecanismos interventivos para alterar e melhorar os comportamentos e as situações de exclusão.

Segundo Santos (2007), o ser humano é dotado de grandes capacidades. Mas necessidade de estar em sociedade para aprender e ensinar. É nessa troca de experiência que todos podemos crescer e evoluir.

Para que a inclusão consiga ser aplicável junto dos mais desfavorecidos, assim como também junto daqueles que excluem e marginalizam, ela precisa de mecanismos, de organizações, de metodologias práticas, dinâmicas orientadas para os valores. Relativamente aos que marginalizam, é necessário levá-los a pensar e a repensar que o mundo é de todos e para todos, que também eles não são perfeitos e que, por isso, não têm o direito de julgar e afastar os alunos. Por outro lado, todas as pessoas devem ser integradas, independentemente das suas dificuldades e limitações.

A inclusão social é importante e é necessário que existam mecanismos estruturados e rigorosos para que se consigam resultados positivos e concretos. Deve-se iniciar nas associações, as organizações, as paróquias, os clubes, os grupos de jovens, grupos desportivos, pelas escolas e espaços educativos para, depois, se generalizar na sociedade em geral (Santos, 2007). A inclusão social surge da interligação entre várias entidades com o próprio indivíduo ou o grupo, excluindo a sociedade que o rodeia. Mesmo sendo alvo de atos de exclusão, os indivíduos não deixam de pertencer a um local ou a uma comunidade. Não existe, é de facto, laços ou ligações afetivas e de interação positiva. De acordo com Aguilar (2008), a inclusão deve ser trabalhada a pouco e pouco por todos. Refere que a escola é um contexto privilegiado para se trabalhar a inclusão, isto é, trabalhar-se valores como o respeito, o reconhecimento da diferença, trabalhar a interação, reciprocidade e solidariedade, combatendo o racismo, discriminação e a xenofobia.

As diferenças não são um problema, mas sim uma oportunidade. Nesta perspetiva, a questão da interculturalidade e do respeito pela diferença são de extrema importância! Entender o outro, o *diferente*, é um esforço de toda a sociedade, pois, nos dias de hoje, com toda a mobilidade que se faz sentir, o fenómeno das migrações faz parte do quotidiano de cada um dos países do planeta em que habitamos, muito especialmente, do nosso país. De facto, a educação deve privilegiar o entendimento e respeito mútuos, com vista à paz e à solidariedade (Bamford, 2007).

A integração social é o fruto que reflete a existência de uma coesão social com base institucional e uma cultura de aceitação. As sociedades promovem cada vez mais a integração social através de políticas inclusivas

que possam reduzir a desigualdade económica e a pobreza e, que ao mesmo tempo, promovam o desenvolvimento sustentável e equitativo.

De acordo com Amartya (1999, p. 36), "*o processo de expansão das liberdades humanas*", ou seja, o processo de liberdades que estão associadas às privações, participação política, a fala sem censura, conduzem a uma melhor integração social.

Nos países desenvolvidos, os objetivos de emprego estável, produtivo e decente e a eliminação da pobreza têm sido firmemente fundamentados em contratos sociais e, portanto, influenciaram de forma significativa as políticas de trabalho e de bem-estar. As democracias sociais europeias têm-se empenhado em alcançar objetivos socioeconómicos que proporcionem estabilidade e coesão social, tanto dentro de cada nação como dentro da União Europeia. Em contraste, o mundo em desenvolvimento enfrentou obstáculos persistentes em seus esforços para atingir esses objetivos gêmeos, apesar de sua recente expansão económica. Deste modo, a integração social representa o processo de criação de unidade, de inclusão e participação em todos os níveis da sociedade, dentro da diversidade de atributos pessoais para que cada pessoa seja livre.

A integração social é um resultado altamente desejável que reflete a existência de uma forte base institucional e uma cultura de aceitação. As sociedades promovem a integração social através de políticas inclusivas que reduzam a desigualdade económica e a pobreza, e promovam o desenvolvimento sustentável e equitativo.

Devido à sua natureza qualitativa, a integração social pode ser constituída por variáveis que capturam e medem o quanto existe na integração social numa comunidade em qualquer momento. A identificação destes indicadores pode ser complicada e pode implicar a recolha de dados quantitativos e qualitativos. Muitos profissionais do desenvolvimento e decisores políticos centram a sua atenção na criação de oportunidades económicas como base material para a integração. Desta forma, muitas vezes há uma tendência para enfatizar os objetivos mais críticos.

Nos países desenvolvidos, os objetivos de emprego estável, produtivo e decente e a eliminação da pobreza têm sido firmemente fundamentados em

contratos sociais e influências das políticas trabalhistas e de bem-estar de forma significativa.

As democracias sociais europeias empenhadas na consecução de objetivos socioeconómicos que proporcionem estabilidade e a coesão tanto dentro de cada nação individual como dentro da União Europeia. Em contraste, o mundo em desenvolvimento enfrentou obstáculos persistentes nos seus esforços para atingir estes dois objetivos.

Um grupo de dez investigadores portugueses em 1994, implantou um projeto com programas educativos, de forma a aproximar e envolver as famílias, no processo educativo, tanto em casa como na escola, em quatro escolas do 1º ciclo, a sua coordenação teve à responsabilidade de Pedro Silva e Ricardo Vieira da escola superior de educação de Leiria, Luís Souta da Escola Superior de Educação de Setúbal e Ramiro Marques da Escola Superior de Educação de Santarém.

1.6.1 A educação e animação sociocultural na sociedade portuguesa

Cada sociedade tem um sistema de regras sociais que vai influenciar o modo como os seus indivíduos encaram a sua vida. São os sistemas de regras sociais “que permitem as atitudes e comportamentos dos atores sociais sejam regulares e assumam padrões característicos e reconhecíveis” (Veiga, 2006; p. 131).

A perspetiva social perante o grupo, sofreu alterações que acompanharam a evolução das ideias sociopolíticas e os paradigmas antropológicos dominantes de cada época. O atendimento prestado a população foi distinto em diversos períodos da história da educação.

A educação não deve cingir-se à mera transmissão do saber, mas deve pelo contrário, conduzir o homem à formação do ser. Segundo Santos (1971), a educação pela arte foca-se na educação baseada no desenvolvimento de um espírito autocrítico, uma educação voltada para o desenvolvimento dos sentidos e das expressões ao serviço de uma aprendizagem interativa com o

mundo envolvente. Segundo Lima (1997), a expressão e a comunicação são intrínsecas ao ser humano, e estão intimamente ligados.

É inegável a importância de uma educação baseada na estimulação dos sentidos e, por isso mesmo, no desenvolvimento de atividades que privilegiem as expressões. A educação pode ser definida como o cultivo de modos de expressão: ensinar a produzir sons, imagens, movimentos, ferramentas e utensílios (Herbert, 1943).

Enquanto processo, a Arte promove a reflexão crítica, estimula o pensamento divergente, a originalidade e a contribuição pessoal, numa perspectiva de abordagem do conhecimento. Por outro lado, e como experiência social e individual, esta facilita a interação social, provocando o comportamento expressivo, valorizando a diversidade e preparando para a cidadania. A arte promove o conhecimento universal, facultando a consciencialização sobre o espaço histórico e social. A arte pode constituir-se como um instrumento pedagógico que proporciona o desenvolvimento da atitude prática. Enquanto produto, a arte estimula processos cognitivos complementares, permite o alargamento dos horizontes comunicativos, motiva a aprendizagem profissionalizante das práticas artísticas, desenvolve a validação cultural e qualitativa dos conteúdos. Como valia económica, alarga as vias de profissionalização, expande os mercados culturais e cria novos públicos para esses mercados. Como via cultural, promove a literacia artística e todas as dimensões da personalidade a ela associadas; expande a base de recrutamento para o ensino artístico especializado e promove o desenvolvimento de massa crítica nos domínios artísticos (Conferência Nacional da Educação Artística, 2007).

No ensino das artes na educação, a livre expressão e a valorização da aprendizagem pela experiência devem estar inerentes, passando a criatividade a ser admitida como uma carga cultural importante em que a aceitação dos sentimentos e emoções devem ser uma das finalidades da educação. Com orientações precisas com vista ao desenvolvimento do seu potencial criativo, as artes podem propagar os significados da imaginação e criatividade em prol do desenvolvimento do ser humano num processo dinâmico entre o sentir e o experienciar. E, nesse sentido, a arte deve ser tida em conta quando se abordam questões relacionadas com o desenvolvimento do ser humano.

No que diz respeito à arte ligada ao ensino Read (1958) refere que o objetivo de uma reforma do sistema educacional não é produzir mais obras de artes, mas pessoas e sociedades melhores. A arte é defendida como agente primordial no crescimento e desenvolvimento do ser humano, e são as atividades de expressão artística que apelam para a imaginação e para a criatividade.

Damásio (1995) defende que existem certos aspetos do processo da emoção e do sentimento que são indispensáveis para a racionalidade. Defende ainda que a consciência e a emoção podem não se separar, existindo uma ligação entre o corpo e a consciência e a emoção.

As teorias educacionais defendidas por Gardner (1993) vêm dar suporte importante relativamente à importância das artes na educação. Segundo o autor, não é reconhecida uma inteligência artística em isolado, mas o direcionamento de cada uma das formas de inteligência para fins artísticos. O autor desenvolve um projeto da escola experimental (“Projeto Zero”) através do qual tenta verificar na prática as consequências das suas ideias para a educação. As artes surgem na escola como estratégias didáticas para o ensino de conteúdos mais tradicionais, procurando respeitar os possíveis diferentes modos de aprender. O autor coloca num mesmo grau de importância, as aptidões artísticas, físicas e intelectuais, igualando o raciocínio lógico e competência linguística, com as habilidades artísticas, corporais e musicais. Assim, a arte no ensino contribui para a valorização dos diferentes tipos de inteligência da criança, havendo uma ligação direta das mesmas à sua sensibilidade e à sua ação.

Segundo Morais e Azevedo (2008), quando nos debruçamos sobre o contexto Educativo Português, podemos verificar várias medidas implementadas que têm como objetivo específico a promoção e desenvolvimento da criatividade. Estas medidas propõem para além do desenvolvimento do raciocínio, da memória e dos valores morais, o desenvolvimento da imaginação criativa que deve acontecer desde o Ensino Pré-Escolar até ao Ensino Universitário.

À educação artística estão associados dois pressupostos indiscutíveis: ser um meio de favorecer a formação e desenvolvimento harmonioso da personalidade do indivíduo, contribuindo para a formação mais completa das

crianças e jovens, promovendo a melhoria do Sistema Educativo. Assim, e numa perspetiva educativa, a arte aparece como um meio para atingir um fim, onde se cumprem os objetivos gerais da educação, existindo a adaptação das técnicas e metodologias para fins educativos específicos. Nesta dimensão existe o domínio da educação pela arte e arte na educação.

Na Educação pela Arte, propõe-se o desenvolvimento harmonioso da personalidade, através de atividades de expressão artística. Isto é, a partir das diversas formas de arte, procura-se uma formação que desenvolva a sensibilidade estética, imaginação e espontaneidade. Está prevista na vertente vocacional e profissional do Ensino Artístico, preparando os alunos para o exercício da Arte, quer na sua prática quer na criação de obras de arte.

Na Arte na Educação, a arte é utilizada como objeto artístico e instrumento pedagógico, incidindo sobretudo nos níveis etários mais elevados e entendida numa perspetiva de educação permanente. Isto é, surge na formação do indivíduo, no plano do desenvolvimento cultural e processa-se de diversas atividades de feição artística e de animação cultural.

Existe a preocupação de se fomentar práticas artísticas individuais e de grupo, bem como a ligação a atividades de natureza artística. Outros objetivos estão direcionados para o detetar de aptidões específicas, proporcionar formação artística especializada nos níveis vocacional e profissional, permitindo a obtenção de graus elevados nos níveis técnicos, artístico e cultural, e formar docentes, animadores culturais, críticos, gestores e promotores artísticos.

A 2ª Conferência Mundial sobre Educação Artística realizada a 9 de Março de 2006, teve como intuito a compreensão da educação artística na sociedade portuguesa, os efeitos da educação artística em alguns domínios em Portugal como a coesão social, a não-violência, melhoria das condições de aprendizagem bem como o seu papel nas políticas educativas. Uma das premissas principais desta conferência baseou-se no facto de que seja assegurado a igualdade de oportunidades em qualquer cidadão, à aprendizagem cultural e artística. Em que a arte proporciona a criatividade, levando a um desenvolvimento integral do indivíduo.

A história da aprendizagem da educação artística em Portugal é bastante longa, sendo mais importante e notória a época após o 25 de Abril de

1974, que abriu novas oportunidades e perspectivas à educação artística em Portugal, através da abertura da Escola Superior da Educação pela Arte. Posteriormente, a criação da Lei de Bases do Sistema Educativo de 1986, foi implementado o papel dado à arte na educação.

Já em 2001, na criação das Competências Específicas na Educação Artística, as artes são consideradas “Elementos indispensáveis ao desenvolvimento do aluno, nas vertentes social, pessoal e cultural” (ME – DEB; 2001). E deste modo influenciando o modo de aprendizagem. Maior parte dos estudos que existem em Portugal sobre a educação artística, assentam numa base de reflexos criada por Arquimedes Santos, relevando para primeiro plano, os sentimentos e a experiência sensorial, e em que a educação é vista de forma humanista, virada para o futuro.

A educação artística pode de certa forma, justificar-se no contexto educativo, por sermos capazes de construir de forma estética a nossa existência, na sensibilidade associada ao conhecimento. Por esta razão, e dentro da mesma linha de pensamento, Edgar Morin (1999), relaciona a importância do espírito científico com a cultura das humanidades, com a capacidade de reflectir sobre questões práticas e educativas, e integra-las na vida social, como experiência pessoal. O papel da educação artística no mundo actual é essencialmente na premissa do desenvolvimento da criatividade e identidade do indivíduo ou de um grupo, na preservação dos valores culturais, possibilitando deste modo, a uma capacidade de resposta mais alargada a diversas situações.

Mas o que se passa no nosso país, condiciona de certa forma o ensino artístico, tanto devido à inércia do próprio sistema e a alguns condicionamentos a nível socioeconómico, fazendo com que a Educação Artística se dê de forma informal, fora do âmbito escolar e educativo. Isto porque através da análise dos diversos documentos oficiais sobre o ensino artístico, pode-se observar que apesar deste tipo de ensino ter utilidades muito vantajosas a nível educativo, permanece bastante desligado do ensino tradicional no nosso país, denotando-se apenas como uma mais-valia nos currículos escolares.

No âmbito dos objetivos para o Milénio, a organização das Nações Unidas (ONU), propôs uma estratégia a longo prazo (2008 – 2013), como principais prioridades, no sentido de responder aos desafios da sociedade, o

aumento da qualidade em Educação, bem como a promoção da diversidade cultural, do diálogo intercultural dentro de uma cultura de paz. Prioridades que terão que ser trabalhadas, quer em contexto formal ou informal. Que segundo Wiggins (1993), uma educação onde se fizesse reflectir o Eu e o Outro, sobre o local e o global, onde a prioridade máxima seria a criatividade e inovação no centro.

Dentro de um contexto que apela de forma geral, à educação social, e mesmo aos valores democráticos, o discurso educativo deve ir mais além do discurso académico, com formas de pensar rígidas. (Gomez, Freitas e Callegas; 2007)

No contexto dos desafios actuais, Eisner (1997), refere que a Educação Artística tem o seu papel fundamental já que, seja como educação formal ou informal, integra socialmente factores de grande importância como a exclusão social de alguns membros da sociedade. Segundo Hernandez (1997), a Educação Artística tem justificado de grande forma a sua importância como meio social, permitindo o desenvolvimento do país, porque a arte tem um papel que é reconhecido a nível historial, e mesmo porque as indústrias criativas têm peso económico na apresentação do PIB (Produto Interno Bruto). E igualmente, porque contribui para o desenvolvimento da educação moral das crianças, através da utilização da vida espiritual e emocional, importante para o seu desenvolvimento psicológico.

É importante, segundo Giraldez (2009, p. 91), que a Educação Artística adquira um papel como impulsionadora da diversidade cultural, da consciência ambiental e facilitadora dos aspectos dos valores e cidadania.

Em forma de conclusão e seguindo a mesma filosofia de quase todos os autores evidenciados, escolheu-se a conclusão de um orador representante da OCDE, em Newcastle (2009), que referiu com grande certeza que a Educação Artística serve de modelo pedagógico e que tem sem dúvida uma influência bastante notória na vida das pessoas, modificando-a, e modificando igualmente a suas práticas culturais.

A Educação é um processo de construção de identidades do ser humano, e a Educação na vertente artística representa o meio para a formação de identidades, tendo em conta a mudança de atitudes, mantendo igualmente um processo de transformação social do indivíduo. As artes, seja em que

contexto for, de música, de teatro ou de objetos artísticos, propõe questões como a universalidade e a variedade de experiências humanas. No contexto dos desafios atuais, a Educação Artística tem um papel fundamental e imprescindível, na intersecção do formal e do informal. Para Hernandez (1997), a Educação Artística como processo educativo tem vindo a justificar a sua importância como importante área curricular, através da revelação da época e visão política, mantém a premissa do que a sociedade do futuro poderá ser.

As abordagens científicas e educativas da “*Discipline Based Art Education*”, dos EUA e na Ásia, contribuíram de forma marcante para a importância da Educação Artística como contribuição moral das crianças e jovens, e principalmente como impulsionador da diversidade cultural, consciência ambiental e em projetos de aprendizagem que integrem várias áreas, e a forma como esta consegue desenvolver capacidades e competências cognitivas e metacognitivas, promover educação, tendo em conta as suas linguagens específicas, elaborando projetos de aprendizagem que sejam relevantes para os alunos e comunidade em geral (Giraldez, 2009; p. 91)

Tendo em conta a sociedade atual, do século XXI, rumamos para uma educação cujas finalidades sejam principalmente a formação integral da cidadania, educando indivíduos para a participação criativa e socialmente ativa, numa atitude de proteção dos direitos Humanos. Deste modo, para Perez Serrano (1998, pp. 12-20), nesta perspetiva incide o facto de se identificar na educação Artística do século XXI, “um conjunto de qualidades unificadoras da comunidade facilitadoras da convivência social entre os indivíduos”, para contribuir de forma positiva para o aumento da autoestima individual e coletiva, o bem-estar social e o desenvolvimento de capacidades cognitivas e sociais.

Para Leontiev (2000, p. 143), “a arte enquanto atividade recreativa encontra-se associada às necessidades psicológicas básicas, sendo a recreação necessária a todos os seres humanos”.

Não se deve esquecer que a maior parte das referências de todos nós são adquiridas nas escolas e nos espaços educativos e, que estes desempenham um papel de destaque na conservação de referências no futuro. É por essa razão, importante entender o conceito na educação. A este respeito, Lopes (2008, p. 396) refere que,

(...) o objetivo final é promover um encontro entre diferentes indivíduos de diferentes culturas, grupos étnicos, onde aconteçam intercâmbios de igual para igual, conservando a especificidade de cada um, ao mesmo tempo que procuram o enriquecimento mútuo.

É por este facto que o papel do professor é preponderante tal como todo o processo escolar e as práticas de animação sociocultural.

1.7 Animação Sociocultural e o seu papel nas Escola

Animação Sociocultural no contexto escolar é uma área que tem um enorme potencial, quer por ser uma área em desenvolvimento, quer por abarcar os vários setores da animação sociocultural, tem como “princípio básico” a intervenção: Cultural, Social e Educativa e como objetivo primordial o fundamento do sucesso educativo, através de uma metodologia integradora.

A Animação, tem vindo a constituir-se como fator essencial nos domínios da educação não formal e informal, cultural e social do indivíduo, pressupondo igualmente uma maior integração de cada um na comunidade escolar, através de estratégias pedagógicas transversais às várias sensibilidades individuais e colectiva.

A mesma emerge, a partir da conjugação de vários factores tais como a pluralidade cultural e socioeconómica das famílias e da identificação de várias necessidades no seio da comunidade escolar: a ocupação dos tempos livres e a preocupação com o preenchimento regrado do lazer, orientação dos alunos em interligação com os outros profissionais e órgãos sociais (e.g. Direção, professores, psicólogos e auxiliares).

Considerando a escola um meio social de inter-relações, ambiente no qual as crianças e jovens permanecem durante boa parte do seu dia, equivalendo isso aos mais estruturantes anos de vida. A realização de atividades de animação pode permitir solidificar aprendizagens e desenvolver a capacidade de relacionamento interpessoal. Estas atividades podem ainda

estimular aspectos individuais e sociais do ser humano com vista a uma melhor promoção da cidadania.

Segundo Freire (2013, p.45) “A abertura da escola a animação sociocultural pode e deve se construir um mecanismo de promoção da aprendizagem da cultura e da heterogeneidade cultural”.

O conceito de Animação Sociocultural na escola, pode e deve ser de construção de inclusão e um meio de aprendizagem social, levando os alunos aprender a respeitar o outro. Respeitar regras a cooperação e promovendo a transformação inclusiva e social diminuindo o espaço de exposição as situações de risco.

Segundo Canário (2008, p.136) “a animação é o eixo estruturador de uma intervenção educativa globalizada que apela a diferentes tipos de articulação: a articulação entre modalidades educativas formais e não formais; a articulação entre actividades escolares e não escolares; a articulação entre educação das crianças e dos adultos”.

O exercício de Animação Sociocultural na escola pode e deve ser de construção de mecanismo pedagogia social potencializando a inclusão e um meio de aprendizagem social, levando os alunos aprender os valores sociais do respeito, regras e cooperação. Levando a transformação inclusiva e social diminuindo o espaço de exposição as situações de risco.

Se a Animação é o instrumento adequado para motivar e exercer a participação destas crianças e jovens, o Animador é um elemento fundamental na animação cultural e no desenvolvimento Social, uma vez que é ele o profissional impulsionador que cria e desenvolve actividades, de uma forma lúdica, recreativa e criativa, contribuindo para o desenvolvimento cultural, social e pessoal dos cidadãos e das comunidades alvo da ação.

O animador deve assumir-se ainda como mediador, orientador, educador e promotor do processo social, afetivo e interativo de cada um/a, com vista assim um desenvolvimento mais equilibrado destas crianças e dos jovens.

Com a Animação Lúdica, mais do que as actividades em si, o animador pode promover novas formas de aprendizagem, clima propício às trocas de opinião com o animador e entre os alunos, permitindo repostas divergentes ou alternativas com vista à convergência final, tolerância perante os erros como

forma de aprendizagem e interrelacionamento pessoal, para além de ser um meio de complementaridade de assuntos tratados nas aulas.

Aos profissionais de Animação Sociocultural cabe sensibilizar os alunos para a importância da Escola, não só como um local de aprendizagens formais e não formais, mas também como um lugar onde podem aprender “brincando”.

Através de uma metodologia lúdica, são transmitidos valores sociais, afetivos, comportamentais, culturais, bem como, competências educativas que contribuem para estruturar e aumentar a auto-estima e autonomia das crianças. Através do jogo as crianças desenvolvem o seu espírito de iniciativa, integração, autonomia e poder de decisão em constante interação com o meio sociocultural. O jogo é um elemento essencial para proporcionar inúmeras aprendizagens e uma maior integração social.

A Pedagogia Social, segundo Quintana (1988), “é considerada a pedagogia de uma sociedade educadora do indivíduo, no sentimento e na consciência dos próprios deveres pedagógicos, no que diz respeito à dignidade e aos valores das pessoas. Para o mesmo autor, a Pedagogia Social exige várias formas de Pedagogia, e a ASC surge como uma metodologia imprescindível no âmbito da Pedagogia Social.”

Cada vez mais a sociedade está envolvida na comunidade escolar, o que revela as parcerias estabelecidas entre ambas. Estas dinâmicas são altamente benéficas, mas requerem uma estrutura integrada e uma avaliação permanente face aos resultados que se vão obtendo. Por tal facto, este tipo de atividades devem focar-se na realidade de cada comunidade escolar de forma a que o trabalho seja frutuoso para todos os intervenientes no processo: profissionais, alunos e restante comunidade escolar.

Devido às metodologias intrínsecas à Animação Cultural, a integração de Técnicos Superiores de Animação nas escolas contribui para uma perspetiva distinta da Escola, associando-a a uma componente mais recreativa – a Escola também pode ser divertida – a sociedade terá uma visão mais positiva da escola. Se as suas crianças forem felizes, a comunidade será mais feliz. No fundo, trata-se de, por via do recurso a técnicas de animação cultural, alargar o espectro de intervenção no âmbito escolar, tornando as aprendizagens mais assentes numa lógica de educação em sentido amplo e não meramente de instrução.

A presença de Técnicos de Animação permite melhorar a interação com os encarregados de educação, e com a comunidade em geral, minimizando situações de isolamento geográfico, relacional e cultural das crianças, valorizando socialmente a imagem do Agrupamento.

Ao nível da família e da comunidade aumenta a diversidade de serviços e proporciona mais ofertas educativas: complementa a falta de disponibilidade dos pais; promove a articulação entre o Agrupamento e a família e valoriza as atividades dos seus educandos.

Neste sentido o técnico de Animação Sociocultural tem a responsabilidade e compromisso de potencializar a transformação do contexto específico do qual ele e a comunidade escolar fazem parte.

O trabalho da comunidade escolar mais propriamente dos docentes e técnicos é um trabalho de cooperação para uma escola inclusiva, em que a animação sociocultural deve ajudar a complementar a componente teórica com a componente prática educação não formal.

“a educação não formal pretende detetar e dar resposta a necessidades concretas, que não estão abrangidas por nenhum plano previsto; formar as pessoas que estão nesses espaços de intervenção; explorar inovações e respostas às mudanças sociais e aos problemas que daí advêm. A educação não formal nunca irá desaparecer porque os sistemas de Educação formal nunca vão conseguir dar resposta à diversidade e riqueza dos contextos sociais em constante desenvolvimento” (Lamata Cotanda, 2003, p.54).

A Educação não formal estabelece-se uma relação de interação entre técnicos e alunos, onde se trabalha a relação humana, a confiança, as normas e os valores no processo ensino aprendizagem.

Cuadrado Esclapez (2008), Educação informal é todo o conhecimento livre e espontaneamente adquirido, proveniente de pessoas, instituições, meios de comunicação, media impressa, tradições, costumes, comportamentos sociais e outros comportamentos não-estruturados.

Sendo importante explorar, organizar e potencializar a Animação sociocultural nas escolas devido as suas metodologias as suas teorias serem essenciais no desenvolvimento do ser humano, tendo o princípio de complementar a educação na construção social dos alunos através da educação não formal.

“Dois tempos, dois espaços, mas também duas lógicas distintas: de um lado, as situações de formação normalmente organizadas segundo uma lógica dos conteúdos a transmitir e das disciplinas a ensinar; do outro lado, as situações de trabalho organizadas segundo uma lógica dos problemas a resolver e dos projetos a realizar” (Nóvoa, 1988, p. 110).

Por esse motivo a implementação da Animação Sociocultural nas escolas no 1º ciclo de forma consistente, devia ser prioritária, para se poder promover a socialização, as regras, comportamentais, e minimizar as situações de risco, promovendo uma educação não formal, a sua socialização e a sua aprendizagem pela diversidade. Segundo Cruz Díaz (2004), “é um facilitador de interação social, onde a educação é sentida como fruto de uma construção social, onde se incentiva a comunidade para o espírito de cidadania e participação ativa e para o fortalecimento da confiança e a cooperação social”.

A escola centra-se na transmissão do saber das aprendizagens escolares, existindo um várias potencialidades que podem e devem ser aproveitadas no processo educativo, por esse motivo a Animação Sociocultural no contexto escolar, permite aperfeiçoar as competências dos alunos e a mudança de mentalidades e atitudes podendo assim de base 1º ciclo dar respostas as necessidades dos alunos, das famílias e das escolas na promoção de ofertas educativas alternativas que promovam os contextos sociais e educativos.

Para Azevedo (2011, p.134) “Pelo contrário, devemos privilegiar uma educação que promova a sua integração, em harmonia com os outros, sem valorizar em demasia essa concorrência atroz que nos transforma, todos os dias, em seres um pouco mais virados para a nossa virtude, o nosso centro, o nosso umbigo”.

Promovendo Animação Sociocultural no contexto escolar, permite aperfeiçoar as competências dos alunos e a mudança de mentalidades e atitudes podendo assim de base 1º ciclo dar respostas as necessidades dos alunos, das famílias e das escolas na promoção de ofertas educativas alternativas que promovam os contextos sociais e educativos.

1.8 A Escola e o Papel da Animação Sociocultural

Nos últimos tempos houve alterações de paradigma na relação entre escola e família, as escolas e famílias ficaram mais próximas. Contudo, esta proximidade momentânea criou algumas deficiências na forma como existe a interação entre a escola e família no papel da construção educativa do ser humano.

Para Pérez Serrano e Sarrate Capdevila (2013, p.90) “na sociedade civil é importante promover a participação para o desenvolvimento da cultura democrática, por meio de práticas sociais que promovam os valores subjacentes aos direitos humanos”.

Devido a não se ter repensado nos vários modelos de família e a massificação da educação trouxe para o meio escolar dos alunos com diversas vivências, diferentes expectativas, diferentes valores, conhecimentos e hábitos.

Segundo Marques (1997, pp.10-11), *“é possível constatar diferenças significativas entre as estruturas familiares mais atuais e as existentes há vinte anos atrás: aumento do número de famílias monoparentais; aumento do número de filhos nascidos fora do casamento; a necessidade da mulher trabalhar fora de casa; fragmentação e excecionalidade do núcleo familiar alargado constituído por pais, filhos e avós; diminuição do tempo para os pais estarem com os filhos; tendência para as mulheres terem o primeiro filho cada vez mais tarde; decréscimo da taxa de natalidade;...”*.

Devido a estas problemáticas das estruturas familiares associadas a outros problemas de socialização, o número de conflitos gerados nas escolas tem vindo a aumentar de dia para dia, afetando o sistema educativo e trazendo algumas problemáticas que afeta o processo de ensino e aprendizagem, norma e valores e a respetiva socialização.

Sendo a escola um local onde a educação formal incide sobre um padrão de educação de transmissão do conhecimento, onde não existe um ensino diferenciado aplicando as mesmas regras generalizadas, enquadrando e pretendendo que quase todos os alunos se enquadrem nesse modelo educativo.

“É política enquanto aspira a um determinado modelo de sociedade e apresenta os meios para caminhar em direção à sua transformação

estrutural. É educativa enquanto não procura o passado através da mudança tecno-económica ou a tomada do poder, mas mediante o aperfeiçoamento das pessoas e a mudança das suas mentalidades, valores e atitudes, em função de um determinado modelo de Homem. Na animação o trabalho político e educativo é inseparável" (Ander-Egg, 2000, p. 136).

A escola está preparada e organizada para receber um determinado tipo de alunos, estando a sofrer um processo de adaptação para as diferenças. Apresentando um conjunto de normas e regras estabelecendo as orientações para o respetivo cumprimento, contudo nem todos os alunos cumprem esses padrões de orientação, levando a situações de conflito.

De acordo com Colaço (2007, p.38) "a escola e as famílias têm vindo a sofrer muitas alterações face à "democratização, que trouxe a massificação do ensino e a conseqüente ruptura entre os valores familiares e escolares de uma boa parte dos alunos. A descontinuidade cultural entre a família-escola transformou-se no principal conflito entre estas duas instituições".

Contudo as escolas falam cada vez mais de indisciplina e por esse motivo o enquadramento da área Animação Sociocultural no contexto escolar é fundamental.

As suas metodologias e técnicas, são essencialmente uma metodologia de intervenção social baseando-se na pedagogia participativa para a minimização de comportamento de risco e a respetiva transformação social.

A educação constitui uma base dos domínios/áreas do desenvolvimento de todo o trabalho da animação. Não existe animação sem a sua componente educativa e educacional, já que esta é fundamental para a consciencialização dos indivíduos. A formação integral dos indivíduos é, portanto, o ponto de partida da dimensão educativa da intervenção da animação sociocultural.

Por outro lado, a animação sociocultural no setor da educação desenvolve a sua atuação em distintas áreas que dentro da heterogeneidade que as caracteriza apresenta aspetos em comum: surgem para dar resposta a necessidades educativas especiais, para as quais o sistema escolar não tem capacidade de resposta, o que, geralmente origina que o seu contexto de intervenção decorra no âmbito da educação não formal.

A Animação Sociocultural no ambiente escolar, tem um papel importante, na mediação da relação das famílias e a sua cultura com a escola e o corpo docente, ajudando a interpretar sinais, valores, costumes e características específicas.

Os animadores socioculturais devem ainda ser entendidos como facilitadores no relacionamento entre as crianças e entre estas e a escola, e contribuir para a prevenção do abandono escolar, no incentivo ao estudo e na motivação que é sempre necessária e útil. Também colaboram com os restantes técnicos na animação e gestão dos recreios, na organização de atividades variadas e na relação da escola com a comunidade envolvente.

Segundo Ander-Egg (2000, p. 70), “é uma modalidade de animação orientada para promover e apoiar associações de base com o objectivo de resolver problemas colectivos de grupos ou comunidades”.

Contemporaneamente assiste-se a uma falta de visão no que diz respeito à área de animação sociocultural em particular, as suas potencialidades de intervenção em grupo e individualmente.

Tendo em conta Sarrate, Llamas e Serrano (2013, pp.75-80), “Los desafíos que permean todas las competencias que requiere el animador están vinculados con la capacidad de innovación. Debe ser capaz de sobrepasar los límites y fronteras del conocimiento y destrezas adquiridas. Entre dichos retos se pueden mencionar, el espíritu emprendedor, la responsabilidad, la versatilidad y la creatividad. Estos agentes deben ser capaces de mirar la realidad y perforar sus velos con el fin de adelantarse y contribuir a la prevención de problemas sociales”.

Contudo as escolas deparam-se com várias problemáticas desde as questões comportamentais, as questões tecnológicas e as suas fragilidades na construção da socialização. Por esse motivo, tem que potencializar novas formas de modificar as normas e valores através da promoção da socialização.

No que diz respeito à animação sociocultural para os tempos livres, esta tem como grande objetivo aproveitar o potencial do tempo livre para criar processos de desenvolvimento pessoal e social. Quer isto dizer que a animação sociocultural pode assumir um carácter e uma forma lúdica, criativa e

participativa, ou seja, pode recorrer à brincadeira, ao jogo, às diferentes formas de expressão artística, como a música, o canto, a dança entres outros, mas tendo sempre presente que o objetivo não é simplesmente passar o tempo, mas pelo contrário, fazer com que estas atividades sejam desenvolvidas em condições que permitam contribuir para a educação global e permanente das crianças e jovens.

A animação infantil traduz-se na execução de atividades lúdicas destinada a crianças que podem desenvolver-se independentemente, ou em articulação, com a educação formal, ou seja, existe uma tríade educacional Formal - Não formal - Informal, porque constante e inconscientemente estamos sempre a aprender. Esta é, portanto, essencial no educar através de atividades lúdicas, recorrendo à criatividade, participação, envolvimento e satisfação da criança.

Lopes (2008) defende que qualquer ação a levar a cabo no domínio da animação infantil deve obedecer a princípios que contemplem:

- (a) A criatividade (envolvimento em áreas expressivas, que considerem formas inovadoras e processos de aprendizagem estimulando a improvisação e a espontaneidade);
- (b) A componente lúdica (prazer na ação, alegria na participação num clima de confiança);
- (c) A atividades (geradora de dinâmica, fruto de uma interação resultante da ação);
- (d) A socialização (envolvimento com os outros);
- (e) A liberdade (fruto de ações sem constrangimento e repressões na procura permanente da liberdade);
- (f) A participação (todos são atores protagonistas de papéis principais).

Ao especificarmos uma parte da animação no que diz respeito à educação infantil, podemos falar sobre a educação no pré-escolar. É essencial fazer a pergunta do que é o Jardim de Infância e a resposta surge como sendo: *“Espaço de transição entre a família e a escola, é o local privilegiado para a realização de educação pré-escolar. É um espaço educativo pensado e organizado em função da criança e adequado às atividades que nele se desenvolvem. O jardim de Infância oferece condições que permitam à criança descobrir e relacionar-se com o mundo à sua volta”*. (Dos 3 aos 5 anos no Jardim de Infância) Publicação do ME/DEB.

A educação pré-escolar é o ponto de partida para um percurso de sucesso em educação. A sua frequência tem reflexos positivos na vida futura do cidadão, tendo em conta os objetivos que sustentam a educação no pré-escolar (Lei-quadro da Educação Pré-Escolar. Lei 5/97 — 10/2):

a) Promover o desenvolvimento pessoal e social da criança com base em experiências de vida democrática numa perspetiva de educação para a cidadania;

b) Fomentar a inserção da criança em grupos sociais diversos, no respeito pela pluralidade das culturas, favorecendo uma progressiva consciência do seu papel como membro da sociedade;

c) Contribuir para a igualdade de oportunidades no acesso à escola e para o sucesso da aprendizagem;

d) Estimular o desenvolvimento global de cada criança, no respeito pelas suas características individuais, incutindo comportamentos que favoreçam aprendizagens significativas e diversificadas;

e) Desenvolver a expressão e a comunicação através da utilização de linguagens múltiplas como meios de relação, de informação, de sensibilização estética e de compreensão do mundo;

f) Despertar a curiosidade e o pensamento crítico;

g) Proporcionar a cada criança condições de bem-estar e de segurança, designadamente, no âmbito da saúde individual e coletiva;

- h) Proceder à despistagem de inadaptações, deficiências e precocidades, promovendo a melhor orientação e encaminhamento da criança;
- (i) Incentivar a participação das famílias no processo educativo e estabelecer relações de efetiva colaboração com a comunidade.

Assim, podemos concluir que se estes objetivos forem cumpridos em pleno, permitem à criança desenvolver a segurança e o equilíbrio afetivo, conhecer o seu corpo, desenvolver capacidades motoras, adquirir autonomia progressivamente, relacionar-se com os outros e respeitá-los, comunicar e expressar-se através de diferentes linguagens, desenvolver a imaginação e a criatividade, aprender, fazendo ou experimentando, observar e compreender o meio onde vive, desenvolver a curiosidade e o espírito crítico.

Considerando que as atividades de animação se enquadram no projeto educativo do estabelecimento, têm como grande objetivo o apoio às famílias, organizando-se de modo a interligar o prazer ao bem-estar das crianças e que seja este o sentido da intervenção do animador. O animador, para além de todas as suas competências e aptidões que lhe devem estar inatas, no que diz respeito à animação em ambiente pré-escolar, deverá estar preparado para:

Planificar a sua ação com o Educador de Infância ou Diretor Pedagógico de modo a promover um ambiente de calma, segurança e bem-estar, o mais próximo possível do ambiente familiar;

- (a) Ter em atenção os desejos dos ritmos individuais de cada criança num tempo específico que deverá ser de ócio e de lazer;
- (b) Saber gerir o tempo e organizar o espaço, atendendo ao grupo e sobretudo ao ritmo de cada criança, tendo presente que algumas regras básicas são indispensáveis;
- (c) Promover com as crianças, cuidados de manutenção dos materiais;
- (d) Saber comunicar com as famílias em estreita ligação com as orientações definidas em projeto educativo;

- (e) Fomentar o trabalho de participação e cooperação, integrando a presença e os saberes dos irmãos mais velhos, dos pais, dos avós e outros elementos da comunidade.

2 – CONTEXTOS DE ESTUDO

2.1 Agrupamento de Escolas Nuno Álvares (Portugal)

O Agrupamento de Escolas Nuno Álvares (AENACB) situa-se em Castelo Branco, capital de distrito que tem uma posição central a nível nacional, mais propriamente na zona centro (Beira Baixa).

Esta cidade está limitada a norte com distrito da Guarda, a leste e a sul com Espanha e mais a sul com o Distrito de Portalegre.

O AENACB situando-se na zona central da cidade de Castelo Branco, podendo observar na (figura 1).

Figura 1: mapa do Agrupamento Escolas Nuno Álvares



Fonte: Google Maps

O Agrupamento de Escolas Nuno Álvares “AENACB”, foi criado em 2014 como uma unidade orgânica com sede na Escola Nuno Álvares, constituída com órgão de direção e administração, integrando estabelecimentos públicos de educação ao nível do pré-escolar, 1º ciclo, 2º ciclo e 3º ciclo de ensino.

O AENACB agrupou com os seguintes estabelecimentos de ensino, com o Agrupamento Escolas Cidade Castelo Branco constituída pelas Escolas Cidade Castelo, Escola Básica Boa Esperança, Escola Básica da Mata e Jardins de Infância da Boa Esperança e Cidade Castelo. O Agrupamento Escolas Faria Vasconcelos constituída pelas Escola Prof. Doutor António Sena Faria Vasconcelos, Escola Básica Sr. Piedade, Escola Básica Malpica do Tejo e Escola do Cansado.

Em resultado da nova reorganização dos Agrupamentos de Escolas Cidade de Castelo Branco e o Agrupamento Escolas Faria de Vasconcelos deu lugar a uma unidade orgânica na área da educação em Castelo Branco.

Sendo constituída pelo órgão de direção, administração e gestão que são compostos pelo Conselho Geral, Diretor do Agrupamento, Conselho Pedagógico e pelo Conselho de Administração.

O AENACB tem como objetivo a promoção do sucesso a prevenção do abandono escolar, assim como o desenvolvimento da qualidade da educação, das aprendizagens e dos resultados escolares, estando o AENACB inserido no projeto TEIP "Territórios Educativos de Intervenção Prioritária" (...) integram os territórios educativos de intervenção prioritária, designados TEIP3, os agrupamentos de escolas ou as escolas não agrupadas com elevado número de alunos em risco de exclusão social e escolar"⁵.

O Agrupamento possui um leque de diversificados recursos educativos pedagógicos e técnicos, que possibilitam colmatar dificuldades que enfrenta face à diversidade da sua população estudantil, nomeadamente a presença de diferentes minorias étnicas (alunos de múltiplas nacionalidades, alunos de etnia cigana), alunos com elevado absentismo, alunos oriundos de famílias disfuncionais e alunos com necessidades educativas especiais (NEE).

Devido a integração do Agrupamento no projeto TEIP vem permitir o agrupamento de possuir uma equipa de Técnicos Especializados dando enquadramento ao Gabinete Técnico GAAF Gabinete de Apoio ao Aluno e Família, constituído por Psicóloga, Mediador /Animador Sociocultural e Animadora Sociocultural.

Possibilitando desenvolver um trabalho mais específico em consideração a prevenção de conflitos de risco e a construção de respostas educativas direcionadas para o envolvimento dos alunos e proporcionando condições facilitadoras do processo de ensino-aprendizagem.

⁵ Diário da República, 2ª série- Nº192- 3 de outubro de 2012, Despacho normativo nº20/2012

2.2. Estabelecimentos de Ensino que compõem o Agrupamento

Tendo um melhor conhecimento da realidade do recém-criado AENACB, importa começar por identificar os estabelecimentos que o compõem e quais os níveis de educação e ensino que cada um deles oferece, tal como se pode observar no Quadro 1.

Quadro 1 – Estabelecimento de ensino do agrupamento e níveis de ensino lecionados

Estabelecimentos de educação/ensino	Níveis de educação/ensino
EB Cidade de Castelo Branco	Pré-escolar, 1.º, 2.º e 3.º ciclos
EB da Boa Esperança	1.º ciclo
EB do Cansado	1.º ciclo
EB de Escalos de Baixo	Pré-escolar e 1.º ciclo
EB de Malpica do Tejo	Pré-escolar e 1.º ciclo
EB da Mata	1.º ciclo
EB de Nossa Senhora da Piedade	1.º ciclo
EB Professor Doutor António Sena Faria de Vasconcelos	1.º, 2.º e 3.º ciclo
ES Nuno Álvares	3.º ciclo, secundário e profissional
Jl da Boa Esperança	Pré-escolar

Fonte: projeto educativo do agrupamento

É um Agrupamento com um elevado número de estabelecimentos escolares, no qual se verifica as mesmas linhas de orientação pedagógica e organizacional a todos os níveis de ensino, desde a educação pré-escolar até ao ensino secundário, sem esquecer o ensino profissional e o ensino vocacionado para adultos. Salienta-se ainda, o Cursos de Educação e Formação de Adultos, de dupla certificação, em funcionamento no Estabelecimento Prisional de Castelo Branco.

É de salientar o facto de três destas unidades se situarem em outras tantas localidades que integram freguesias que não a de Castelo Branco: Escalos de Baixo, Mata e Malpica do Tejo.

Os estabelecimentos que compõem o Agrupamento apresentam uma diversidade muito evidente, apresentando cada um deles características

arquitetónicas, funcionalidades e estados de conservação significativamente diferentes.

Quadro 2- N.º de alunos por estabelecimento de ensino e n.º de grupos/turma (Setembro, 2015)

Estabelecimentos de educação/ensino	Pré-escolar		1.º ciclo		2.º ciclo		3.º ciclo		Secundário		TOTAL	
	Nº	G	Nº	T	Nº	T	Nº	T	Nº	T	Nº	G
Escola Básica Cidade Castelo Branco	70	3	251	11	218	10	255	13	-	-	794	37
Escola Básica de Boa Esperança	-	-	91	4	-	-	-	-	-	-	91	4
Escola Básica de Cansado	-	-	15	1	-	-	-	-	-	-	15	1
Escola Básica de Escalos de Baixo	9	1	15	1	-	-	-	-	-	-	24	2
Escola Básica de Malpica do Tejo	8	1	20	2	-	-	-	-	-	-	28	3
Escola Básica de Mata	-	-	7	1	-	-	-	-	-	-	7	1
Escola Básica N.ª Sra. da Piedade	-	-	183	8	-	-	-	-	-	-	183	8
Escola Básica Faria Vasconcelos	-	-	95	5	166	8	164	8	-	-	425	21
Escola Secundária Nuno Álvares	-	-	-	-	-	-	207	8	545	21	752	29
Jardim de Infância Boa Esperança	45	2	-	-	-	-	-	-	-	-	45	2
Ensino Profissional	-	-	-	-	-	-	-	-	39	2	39	2
Estabelecimento Prisional (EFA)	-	-	-	-	-	-	-	-	12	1	12	1
Total	132	7	677	33	384	18	626	29	596	24	2415	111

Fonte: Projeto Educativo do Agrupamento

2.3. Caracterização do Projeto Educativo no Agrupamento

O Projeto Educativo é o documento que orienta a comunidade escolar no processo educativo do Agrupamento de Escolas, elaborado e aprovado pelos seus órgãos de administração e gestão para um horizonte de três anos, no qual se explicitam os princípios, os valores, as metas e as estratégias segundo os quais se propõe cumprir a sua função educativa.

Deve ser um documento esclarecedor, que faça o diagnóstico dos problemas reais e dos seus contextos, prevendo e identificando os recursos necessários, no sentido dos atores envolvidos atingirem os fins desejados. A sua elaboração visa, precisamente, alcançar objetivos, adotando soluções que tenham em linha de conta o contexto interno e externo ao Agrupamento.

Como tal, o Projeto Educativo que a seguir se apresenta é um documento de natureza pedagógica e organizacional que orienta a ação educativa do AENACB, no respeito pelas suas características e recursos, jurídica e administrativamente enquadrado pelo Decreto-Lei nº 13/2012 de 2 de julho, que procede à segunda alteração ao Decreto-Lei nº 75/2008 de 22 de abril, e a república.

2.4. Caraterização do Gabinete de Apoio ao Aluno e à Família

O GAAF- Gabinete de Apoio ao Aluno e Família tem como objetivo criar uma resposta especializada/direcionada para as problemáticas socioeducativas dos alunos e das famílias, constituído por uma equipa multidisciplinar uma psicóloga, mediador / animador sociocultural e animadora sociocultural.

Este gabinete pretende contribuir para o crescimento harmonioso e global das crianças e jovens, promovendo um ambiente mais humanizado e facilitador da integração social, bem como constituir-se como um observatório da vida na escola, detetando as problemáticas que afetam os alunos, as famílias e a comunidade escolar, propondo-se refletir sobre as mesmas de modo a planear a intervenção que melhor se adegue.

É um espaço de exteriorização de conflito/afetos/emoções pessoais, relacionais, emocionais e familiares que garante a total confidencialidade aos alunos e às suas famílias, com vista a um apoio mais abrangente, mas ao mesmo tempo mais individualizado. Pretende promover a sensibilização, diagnóstico, encaminhamento e acompanhamento de crianças, adolescentes, jovens e respetivas famílias, com percursos sociais e psicopedagógicos de risco.

Tem como principal objetivo intervir nos problemas de indisciplina em meio escolar, apoiando a mediação de conflitos e a gestão de comportamentos e emoções. Sustenta a sua ação no acompanhamento individualizado e em grupo, em contexto socioeducativo, e no desenvolvimento de ações de promoção de competências pessoais e interrelacionais.

Tendo como Objetivo:

- Promover condições psico-socio-emocionais que contribuam para a consolidação do sucesso escolar do/a aluno/a.
- Prevenir o absentismo e o abandono escolar.
- Prevenir situações de risco.
- Estabelecer estratégias de intervenção de combate à exclusão social dos alunos e famílias.
- Promover a participação ativa das famílias na vida escolar dos seus educandos.

O GAAF intervém nos estabelecimentos de educação pré-escolar, ensino 1º ciclo, ensino 2º ciclo e secundário sendo constituído por Técnicos Especializados nas áreas de Psicologia, Animação Sociocultural e Mediação Sociocultural e professores interlocutores das escolas do Agrupamento.

2.5. Caraterização do Projeto TEIP no Agrupamento

O AENACB, com a agregação do Agrupamento de Escolas Faria de Vasconcelos, foi englobado no programa TEIP a partir do ano letivo de 2010/2011, devendo apresentar e desenvolver projetos plurianuais, visando, sem prejuízo da autonomia das escolas que o constituem, a consecução dos seguintes objetivos centrais:

- a melhoria da qualidade das aprendizagens traduzida no sucesso educativo dos alunos;
- o combate ao abandono escolar e às saídas precoces do sistema educativo;

- a criação de condições que favoreçam a orientação educativa e a transição qualificada da escola para a vida ativa.

A Legislação enquadradora é o Despacho Normativo n.º 55/2008 que define normas orientadoras para a constituição de territórios educativos de intervenção prioritária de segunda geração, bem como as regras de elaboração dos contratos-programa a outorgar entre os estabelecimentos de educação e o Ministérios da Educação para a promoção e apoio ao desenvolvimento de projetos educativos que, neste contexto, visem a melhoria da qualidade educativa, a promoção do sucesso escolar, da transição para a vida ativa, bem como a integração comunitária (Ministério da Educação- DGIDC, 2008).

O Projeto TEIP (Barbieri, 2003) possibilita maior diversificação das ofertas educativas, de modo a garantir às escolas capacidade de gestão dos percursos escolares de todos os seus alunos. Este tipo de projeto permite aos agrupamentos que se situam em contextos sociais desfavorecidos e permeados por dinâmicas de vulnerabilidade económica, social e afetiva, um aumento dos seus recursos a profissionais do social – educadores sociais, assistentes sociais, animadores culturais, psicólogos, etc. – que desempenham papéis de mediação e intervenção comunitária, com graus diferentes de autonomia, articulados com as direções dos respetivos agrupamentos.

A abertura da escola a estes agentes é suportada por metodologias flexíveis para a resolução de problemas diferenciados com que as escolas se deparam no quotidiano. Ao mesmo tempo, refira-se que uma aplicação multidimensional de perspetivas e de agentes (mediadores e docentes) é tanto mais bem-sucedida quanto mais coerente for o projeto educativo e quanto maior a envolvimento coletiva na e para a resolução dos problemas que cruzam o espaço escolar (com ou sem proveniência deste).

No âmbito do projeto educativo juntar, "A relação escola – família – comunidade" criar uma dinâmica de escola facilitadora da aprendizagem que junte num mesmo objetivo pais, professores e outros técnicos que trabalhem na implementação de um plano estratégico para aumentar o sucesso educativo e evitar o abandono escolar.

Na relação ensino – aprendizagem, criar uma dinâmica facilitadora da aprendizagem na escola e na sala de aula, proporcionando

diferenciação pedagógica, um ensino mais personalizado em que o aluno aprende ao seu próprio ritmo e de uma forma flexível, dando especial atenção à aprendizagem da Língua Portuguesa e da Matemática (Agrupamento Faria Vasconcelos, 2009).

Para alcançar esses objetivos o Agrupamento, através da equipa multidisciplinar onde a equipa de animação esta incluída, desenvolve medidas com carácter social e organizacional para promover o sucesso escolar, combater o insucesso e o abandono escolares; promove a integração de todos os alunos na comunidade escolar, reforçando a capacidade pedagógica dos estabelecimentos e o aproveitamento racional dos recursos existentes, através da uniformização das ações educativas e estabelecendo uma maior dinâmica entre a escola e a comunidade, no sentido de valorizar o desempenho escolar do aluno, de acordo com os princípios de trabalho, respeito, solidariedade e civismo.

O projeto TEIP corporizou, assim, uma extraordinária janela de oportunidade para a introdução e o aprofundamento da área da animação cultural em contexto escolar, permitindo às instituições escolares e, bem assim, aos profissionais da animação, um ambiente de aprendizagem renovado por esse novos saberes e competências.

São objetivos centrais do Programa dos TEIP:

- melhorar a qualidade das aprendizagens traduzida no sucesso educativo dos alunos;
- combater o abandono escolar precoce e o absentismo;
- criar condições para a orientação educativa e a transição qualificada da escola para a vida ativa.

3 - METODOLOGIA DE ESTUDO

3.1 Introdução e finalidades

Tendo sido descrito no capítulo anterior o enquadramento teórico que define o campo de análise a ser estudado, importa agora definir como se vai fazer esse estudo, isto é, qual a metodologia mais adequada à prossecução do mesmo.

Para tal, neste capítulo irão ser descritos os procedimentos desenvolvidos para a realização das diferentes fases da presente investigação.

Numa primeira fase, e após o tema a estudar estar já claramente determinado, foi feita uma revisão aprofundada da literatura que, nos possibilitou definir um quadro de referência teórico apropriado, nos orientou na formulação das questões de investigação, determinando a perspetiva do estudo bem como a definição dos seus objetivos. Para tal, foi feito o levantamento e seleção da bibliografia através de pesquisas em bases de dados, motores de pesquisa e catálogos bibliográficos de bibliotecas de instituições de ensino superior e outras.

Primeiramente foi feita uma breve abordagem ao estudo da aprendizagem e socialização em contexto escolar. O desígnio de estudo a que nos propomos investigar visa a análise da importância da socialização na aprendizagem, no sentido de averiguar as diversas práticas existentes sobre educação sociocultural, como facilitador da aprendizagem.

A investigação permite a criação de novos conhecimentos e é da responsabilidade do investigador escolher o método mais adequado para a investigação e que se ajuste às preocupações do investigador, de modo a que este consiga obter as respostas às questões que ele próprio formulou (Fortin, 1999; Quivy & Campenhoudt, 2005; Menezes & Arlinda, 2009).

Como explica Fortin (1999, p. 372), a metodologia de investigação retrata o “conjunto dos métodos e das técnicas que guiam a elaboração do processo de investigação científica”, sendo “um plano criado pelo investigado

com vista a obter respostas válidas às questões de investigação colocadas ou às hipóteses formuladas”. Nesta ordem de ideias, a metodologia, ou seja, os métodos e as técnicas utilizadas, vão sempre depender do tipo de estudo que se pretende realizar, uma vez que os métodos de investigação são um procedimento ou um conjunto de procedimentos que servem de instrumento para alcançar os fins da investigação (Fidel, 1992).

Assim, neste capítulo, além de se elencarem as perguntas de investigação, bem como os objetivos e as hipóteses de investigação, também se apresenta o design do estudo, o método e o tipo de estudo, assim como a amostra e as técnicas e instrumentos de análise e recolha da informação, os procedimentos e as etapas de todo o processo de investigação.

3.2 Objetivos de estudo

O objetivo desta investigação consiste no compreender a importância da Animação Sociocultural no contexto escolar e perceber a sua importância futura na implementação nas comunidades educativas e na sociedade.

Salientando que existe pouca investigação sobre Animação Sociocultural na vertente escolar em Portugal, sendo essencial considerar outros elementos de auxílio ao estudo, sinalização das necessidades das escolas ao nível da Animação Sociocultural, e procurar responder aos Objetivos do Programa 3 do TEIP - Território de Intervenção Prioritária do Ministério da Educação.

O Programa TEIP é um projeto governamental, implementado em 137 agrupamentos de escolas/escolas não agrupadas que se localizam em territórios económica e socialmente desfavorecidos, marcados pela pobreza e exclusão social, onde a violência, a indisciplina, o abandono e o insucesso escolar mais se manifestam.

Os objetivos do programa são a prevenção e redução do abandono escolar precoce e do absentismo, a redução da indisciplina e a promoção do sucesso educativo de todos os alunos.

Assim sendo, o presente trabalho de investigação pretende responder a algumas questões centrais no âmbito da animação sociocultural na escola, tais como:

- (a) Constatar se a Animação Sociocultural melhora a qualidade da aprendizagem;
- (b) Perceber que de forma a Animação Sociocultural contribui para a promoção do sucesso Educativo;
- (c) Entender que de forma a Animação Sociocultural ajuda a combater a exclusão social, a violência, a indisciplina e abandono escolar;
- (d) Reconhecer que a Animação Sociocultural deveria fazer parte da estrutura curricular como uma oferta educativa.

São estes objetivos que nos permitirão responder às questões seguintes, questões essas que constituem o foco do presente trabalho:

- (a) Qual é a importância da Animação Sociocultural na melhoria das aprendizagens, segundo os professores e os alunos?
- (b) Perceber de que forma Animação Sociocultural contribui para a promoção do sucesso Educativo?
- (c) De que forma a Animação Sociocultural ajuda a combater a exclusão social, a violência, a indisciplina e abandono escolar?

- (d) Animação Sociocultural deveria fazer parte da estrutura curricular como uma oferta educativa?

3.3 Design do estudo

O design do estudo passa por duas fases (Malhotra, 1996, p.86): o da pesquisa exploratória, que tem como objetivo o conhecimento e a compreensão sobre a situação em estudo, e o da pesquisa conclusiva que serve como auxílio ao investigador na determinação, avaliação e seleção em relação a uma dada situação.

A pesquisa exploratória serve para auxiliar o processo inicial de investigação. Os autores Malhotra (1996), Churchill (1998) e Zikmund (1997) indicam quatro métodos de pesquisa exploratória: fontes de dados secundários, estudo piloto, estudo de casos e observação. Para o desenvolvimento deste trabalho, a pesquisa exploratória consistiu na recolha bibliográfica, no levantamento documental e estatístico e na pesquisa de estudos efetuados, relativamente aos vários aspetos abordados, de forma a esclarecer e a clarificar os conceitos abordados ao longo da temática em estudo.

Quanto à pesquisa conclusiva, optou-se pela pesquisa do tipo conclusiva causal, na medida em que apenas a pesquisa causal permite inferências sobre vínculos de causa e efeito, ao contrário de uma pesquisa conclusiva descritiva que apenas os pode sugerir (Malhotra, 1996).

3.4 Métodos quantitativos e qualitativos da investigação

Nas palavras de Fortin (1999, p. 373), a metodologia permite uma “compreensão absoluta e ampla do fenómeno em estudo. Ela observa, descreve, interpreta e aprecia o meio e o fenómeno tal como se apresenta sem se preocupar em controla-los”. E, tendo em conta o fenómeno a estudar, é necessário optar por uma investigação de cariz quantitativo ou qualitativo.

Para Bell (2004, pp. 19-20), os “investigadores quantitativos recolhem os factos e estudam a relação entre eles”, já os investigadores qualitativos “estão mais interessados em compreender as percepções individuais do mundo. Procuram compreensão, em vez de análise estatística. (...) Contudo, há momentos em que os investigadores qualitativos recorrem a técnicas quantitativas, e vice-versa”. Neste trabalho, optou-se essencialmente por uma metodologia quantitativa, tendo em conta a utilização de instrumentos como o inquérito por questionário.

Os métodos de investigação referem-se a um tipo de técnica recolha de informação, por um lado, e de análise de dados por outro. Tendo em conta os objetivos desta investigação e a sua natureza exploratória, optámos por uma abordagem que privilegia a recolha de dados quantitativos com recurso ao inquérito por questionário, por melhor se ajustar aos objetivos do estudo, à população abrangida e às condições de realização da pesquisa.

No entanto, tal como já referiu neste capítulo, no início da investigação foi equacionada a possibilidade de se proceder a uma articulação de técnicas de recolha de dados quantitativos e qualitativos no sentido de obter um quadro mais completo do objeto de estudo e das suas inter-relações, assim como permitir uma interpretação mais integrada e menos especulativa dos resultados.

Portanto, a investigação aqui apresentada retrata uma pesquisa aplicada, pois visa contribuir para fins práticos, com o propósito de ajudar na solução de problemas concretos identificados no espaço definido e específico destacado neste estudo de caso. É uma investigação de cariz quantitativo, consistindo num estudo de caso de natureza exploratória, compreendendo a pesquisa bibliográfica e a pesquisa de campo. A pesquisa de campo é de natureza quantitativa, pois os dados são obtidos através de um questionário dentro de um universo de amostra, caracterizando a natureza exploratória do método. Apesar de se basear em fatores subjetivos de satisfação e motivação no trabalho, que são variáveis comportamentais, o tratamento dos dados obtidos procura contribuir com resultados consistentes para subsidiar a importância da socialização na aprendizagem.

3.5 Participantes

O presente trabalho de investigação foi elaborado a partir de uma amostra populacional de dois grupos distintos: (1) alunos; (2) professores. A amostra foi constituída pela comunidade educativa do 1º Ciclo das turmas do Agrupamento Escolas Nuno Álvares, sendo os alunos do 1º, 2º, 3º, e 4º anos, num universo total de 439 alunos. Os alunos foram agrupados por ano de escolaridade que estavam a frequentar no momento: 1º ano com um total de 80 participantes; 2º ano com um total de 146 participantes; 3º ano com um total de 106 participantes e, por fim, o 4º ano de escolaridade com um total de 107 participantes.

A amostra dos professores é constituída pelos profissionais no mesmo Agrupamento de Escolas, constituindo um universo total de 36 professores. No total das amostras, o presente estudo de investigação contou com um universo populacional total de 473 participantes.

Todos os participantes das duas amostras (alunos e professores) concordaram com a participação individual no presente estudo de investigação, respeitando, portanto, o consentimento informado necessário e inerente a qualquer tipo de estudo de campo. Especificamente nos alunos, foi pedida a autorização aos encarregados de educação.

3.6 Informação e instrumento de recolha de dados dos alunos e professores

A recolha de informação a ser utilizada para análise do objeto de estudo foi realizada através da administração de um questionário - Adaptação da Escala de Avaliação de Implementação de Programas (Jardim & Pereira, 2006). Este questionário (c.f. Anexo) foi aplicado a dois grupos de estudo: alunos do Agrupamento de Escolas Nuno Álvares (do 1º Ciclo) e aos professores deste agrupamento.

O questionário é constituído por 5 blocos de questões, cada bloco com questões inerentes ao tema. Os participantes devem responder de acordo com uma escala tipo Likert, com uma cotação de 1 (Mau) a 5 (Muito bom). Os participantes devem selecionar a resposta que para eles é mais adequada para cada item (questão) de cada um dos 5 blocos.

O primeiro bloco de questões foca-se na apreciação global da animação sociocultural e abrange as seguintes questões: (1) “achas importante as atividades de animação sociocultural na escola?”; (2) “achas que as atividades de animação sociocultural contribuem para a tua aprendizagem?”; (3) “pensas que as atividades de animação contribuem para melhorar o teu comportamento na escola?”; (4) “pensas que as atividades de animação sociocultural na escola ajudam a combater a violência, a indisciplina e o abandono escolar?”; (5) “achas que as atividades de animação sociocultural têm contribuído para gostares mais da tua escola?” e, por fim, (6) “gostarias que a animação sociocultural fizesse parte do currículo escolar?”.

O segundo bloco de questões foca-se nos objetivos que a animação sociocultural detém no meio escolar. Os participantes devem classificar a importância de cada um dos 6 objetivos: (1) promover a educação não formal no sucesso educativo; (2) promover a metodologia lúdico pedagógica na aprendizagem; (3) incluir a animação sociocultural na estrutura curricular; (4) proporcionar mais atividades nos intervalos do período escolar; (5) diminuir o nível de violência nos intervalos escolares; e, por fim, (6) promover a animação sociocultural como oferta educativa.

O terceiro bloco de questões relaciona-se com o desenvolvimento das próprias atividades de animação sociocultural na escola. Os participantes devem atribuir a sua resposta de acordo com a satisfação no desenvolvimento das atividades. São 6 questões que os participantes devem classificar de acordo com: (1) “modo como os conteúdos foram abordados”; (2) “a quantidade de conteúdos abordados foi”; (3) “a compreensão dos conteúdos foi”; (4) “no início das atividades, o grau de desenvolvimento das minhas competências era”; (5) no fim das atividades o grau de desenvolvimento das minhas competências é”; e, por fim, (6) os estímulos dados para continuar a aprofundar as competências desenvolvidas foram”.

O quarto bloco de questões relaciona-se com as atividades socioculturais desenvolvidas. Os participantes tinham de avaliar cada uma das atividades socioculturais oferecidas: (1) expressão físico motora; (2) expressão dramática; (3) expressão musical; (4) espaço lúdico pedagógico (apoio nos trabalhos); (5) ATL – Férias; (6) componente do estudo acompanhado.

Por fim, o último e quinto bloco centra-se na avaliação final dos participantes relativamente ao programa de animação sociocultural implementado no Agrupamento de Escola Nuno Álvares: (1) “as atividades de animação sociocultural corresponderam às tuas expectativas?”; (2) “como classificas o trabalho dos animadores socioculturais?”; (3) “como te sentes quanto realizas atividades de animação sociocultural?”; e, por fim, (4) “como classificarias globalmente a animação sociocultural na escola?”.

As dimensões a avaliar são, portanto, 5: (1) apreciação global da animação sociocultural; (2) objetivos da animação sociocultural; (3) Desenvolvimento de atividades; (4) atividades propriamente ditas; (5) Avaliação. Uma pontuação total alta em cada uma das 5 dimensões indica um alto grau de qualidade. Por sua vez, uma baixa pontuação reflete um baixo grau de satisfação e de qualidade.

3.7 Procedimento de recolha de informação

A elaboração do presente estudo respeitou a seguinte estrutura de trabalho:

- (a) Identificação da problemática: Qualquer reflexão ou discussão sobre a problemática da investigação é um processo complexo e deve ser sujeito a uma análise empírica com vista à identificação objetiva de dados. A problemática de partida será A importância da Animação Sociocultural em Contexto Educativo no caso concreto do Agrupamento de Escolas Nuno Álvares.

(b) Pesquisa bibliográfica: A pesquisa bibliográfica é o passo inicial na construção efetiva de um protocolo de investigação: após a escolha de um assunto é necessário fazer uma revisão bibliográfica do tema apontado, que auxilia na escolha de um método mais apropriado, assim como num conhecimento das variáveis e na qualidade do trabalho final. Ressaltada a importância da pesquisa bibliográfica na edificação de um estudo, fica claro a pertinência de um trabalho voltado para esse primeiro passo.

(c) Metodologia de investigação: Na recolha dos dados, teve-se atenção ao ambiente físico, à restrição de tempo para a tarefa, e à representatividade da população alvo. Procurou-se determinar quais as variáveis que são mais influentes nos resultados. Serão feitas: análises quantitativas; análise de caso concreto; tratamento e recolha de dados para análise estatística.

(d) Amostra: O presente estudo será elaborado a partir de uma amostra constituída pela comunidade educativa do 1º Ciclo das turmas do Agrupamento Escolas Nuno Álvares sendo alunos do 1º, 2º, 3º e 4º anos, num universo total de 634 alunos, sendo selecionados aplicados as turmas e respetiva Direção da Escola; Professores/as e Técnicos/as do Agrupamento.

(e) Recolha de informação e análise dos dados: No que concerne à recolha de informação, a recolha foi administrada pelo investigador de forma presencial a todos os participantes, sempre com consentimento informado e pedidos de autorização no caso da amostra dos alunos. Foram explicados os objetivos do presente trabalho e a necessidade da recolha de informação específica quer dos professores quer dos alunos. A administração do questionário foi feita de forma individual, num ambiente tranquilo e sem fatores distratores. Foram esclarecidas eventuais dúvidas e questões. Foi também referida a confidencialidade de todos os dados recolhidos. Após a recolha da amostra, os dados foram introduzidos numa base de dados para posterior análise.

3.8 Análise estatística

A análise estatística envolveu medidas de estatística descritiva (frequências absolutas e relativas, médias e respetivos desvios-padrão) e estatística inferencial. O nível de significância para aceitar ou rejeitar a hipótese nula foi fixado em .05. Na análise inferencial usou-se a análise de consistência interna, o teste t de Student para mostras independentes, quando se comparou dois grupos em variáveis dependentes de tipo quantitativo, e a Anova-One-Way, quando se comparou mais de dois grupos em variáveis dependentes de tipo quantitativo. Os pressupostos do teste t-Student e da Anova One-way, nomeadamente o pressuposto de normalidade de distribuição e o pressuposto de homogeneidade de variâncias foram analisados com os testes de Kolmogorov-Smirnov e teste de Levene. Aceitou-se a normalidade de distribuição dos valores nas amostras com dimensão superior a 30, de acordo com o teorema do limite central. Quando a homogeneidade de variâncias não se encontrava satisfeita usou-se o teste t de Student ou a Anova One-way com a correcção de Welch.

A análise estatística foi efectuada com o SPSS (*Statistical Package for the Social Sciences*) versão 22.0 para Windows (licencia de campus de la Universidad de Salamanca).

4 - ANÁLISE DE RESULTADOS

De seguida iremos apresentar os resultados obtidos da amostra dos alunos do Agrupamento de Escolas de Nuno Álvares.

4.2 A perceção dos alunos sobre a animação sociocultural

4.2.1 Caracterização da amostra dos alunos

No presente estudo colaboram um total de 439 alunos. Nota-se que a amostra esteve equilibrada relativamente ao género. A maioria era do género feminino (54,0%, $n = 237$), sendo a população masculina 46% da amostra total ($N=202$) (Gráfico 1; Tabela 1).

Gráfico 1 - Género

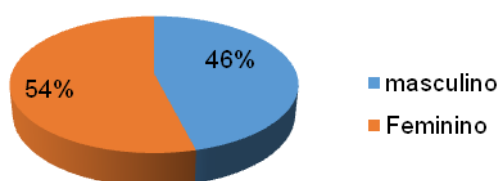


Tabela 1. Frequência e percentagem da amostra dos alunos por género (N=439)

	N	%
Masculino	202	46%
Feminino	237	54%

A distribuição dos alunos por ano de frequência pode ser observada no seguinte gráfico (c.f. Gráfico 2) e na seguinte tabela (tabela 2).

Pode-se observar que a participação maior foram dos alunos do 2º ano de escolaridade, com 33,3% da amostra dos alunos ($N= 146$). Os alunos do 1º ano representam 18,2% da amostra total ($N=80$), os alunos do 3º ano representam 24,1% ($N=106$) e os alunos do 4º ano representam 24,4% da amostra dos alunos ($N=107$).

Gráfico 2 – Distribuição da amostra dos alunos por curso (N=439)

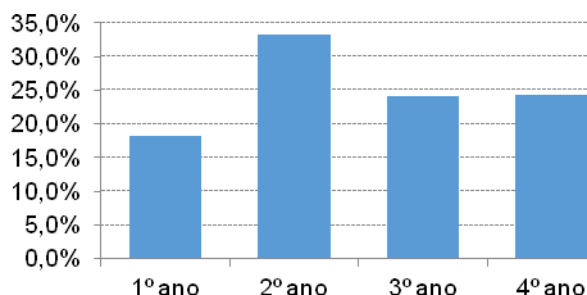


Tabela 2. Frequência e percentagem da amostra dos alunos por ano de escolaridade

	1º Ano	2º Ano	3º Ano	4º Ano
N	80	146	106	107
%	18.2	33.3	24.1	24.4

4.2.2 Resultados das questões

O questionário administrado aos participantes é constituído por 5 blocos de questões. Para apresentação dos resultados das questões iremos proceder à mesma organização do questionário, sendo os resultados apresentados pela ordem de cada bloco de questões.

Bloco 1. Apreciação global da animação sociocultural

O primeiro bloco de questões foca-se na apreciação global da animação sociocultural e abrange as seguintes questões: (1) “achas importante as atividades de animação sociocultural na escola?”; (2) “achas que as atividades de animação sociocultural contribuem para a tua aprendizagem?”; (3) “pensas que as atividades de animação contribuem para melhorar o teu comportamento na escola?”; (4) “pensas que as atividades de animação sociocultural na escola

ajudam a combater a violência, a indisciplina e o abandono escolar?"; (5) "achas que as atividades de animação sociocultural têm contribuído para gostares mais da tua escola?" e, por fim, (6) "gostarias que a animação sociocultural fizesse parte do currículo escolar?".

Podemos observar na seguinte tabela (c.f. Tabela 3) que os alunos revelam ter uma apreciação bastante positiva da animação sociocultural na escola. De todas as questões abrangentes nesta dimensão, a questão "achas importante as atividades de animação sociocultural na escola" a que obteve uma maior frequência na classificação máxima (muito bom) com uma percentagem de 68,3% de todos os alunos (N=300). No entanto podemos observar na tabela (a colorido) que todas as questões abordadas obtiveram boas classificações.

Observando cada uma delas, a questão "achas que as atividades de animação sociocultural contribuem para a tua aprendizagem?" os alunos concordaram com esta afirmação, sendo que 26,4% dos inquiridos classificaram como "bom" (N=116) e 62,2% com "muito bom" (N=273).

À questão "pensas que as atividades de animação sociocultural contribuem para melhorar o teu comportamento na escola?", a maioria dos alunos concordaram, sendo que 26,4% responderam "bom" (N=114) e 61,5% responderam "muito bom" (N=270).

À questão "pensas que as atividades de animação sociocultural ajudam a combater a violência e a indisciplina?", os alunos concordaram, sendo que 20,5% responderam "bom" (N=90) e 58,8% responderam "muito bom" (N=258).

À questão "achas que as atividades de animação sociocultural têm contribuído para gostares mais da escola?", a maioria dos alunos referiu concordar, sendo que 18,9% respondeu (bom) (N= 83) e 66,1% respondeu "muito bom" (N=290).

Por fim, à questão "gostarias que a animação sociocultural fizesse parte do currículo escolar?", a maioria dos alunos concordou, sendo que 18,2% respondeu "bom" (N= 80) e 67,9% respondeu "muito bom" (N=298).

Tabela 3. Frequências e percentagens às questões relativas à apreciação global da animação sociocultural

		Mau	Fraco	Razoável	Bom	Muito bom
1. Achas importantes as atividades de Animação Sociocultural na Escola?	N	5	4	15	115	300
	%	1.1	0.9	3.4	26.2	68.3
2. Achas que as atividades de Animação Sociocultural contribuem para a tua aprendizagem?	N	11	9	30	116	273
	%	2.5	2.1	6.8	26.4	62.2
3. Pensas que as atividades de Animação contribuem para melhorar o teu comportamento na Escola?	N	16	11	28	114	270
	%	3.6	2.5	6.4	26.0	61.5
4. Pensas que as atividades de Animação Sociocultural ajudam a combater a violência e a indisciplina?	N	24	20	47	90	258
	%	5.5	4.6	10.7	20.5	58.8
5. Achas que as atividades de Animação Sociocultural têm contribuído para gostares mais da tua Escola?	N	17	17	32	83	290
	%	3.9	3.9	7.3	18.9	66.1
6. Gostarias que a Animação Sociocultural fizesse parte do Currículo escolar?	N	18	6	37	80	298
	%	4.1	1.4	8.4	18.2	67.9

Bloco 2. Objetivos da animação sociocultural

O segundo bloco de questões foca-se nos objetivos que a animação sociocultural detém no meio escolar. Os participantes devem classificar a importância de cada um dos 6 objetivos⁶: (1) promover a educação não formal no sucesso educativo; (2) promover a metodologia lúdico pedagógica na aprendizagem; (3) incluir a animação sociocultural na estrutura curricular; (4)

⁶ As questões foram adaptadas de acordo com as idades dos participantes para que fosse possível a sua compreensão.

proporcionar mais atividades nos intervalos do período escolar; (5) diminuir o nível de violência nos intervalos escolares; e, por fim, (6) promover a animação sociocultural como oferta educativa.

Podemos observar na seguinte tabela (c.f. Tabela 4) que os alunos referem que os objetivos da animação sociocultural na escola são bastante positivos.

De todas as questões abrangentes nesta dimensão, a questão “diminuir o nível de violência nos intervalos escolares” a que obteve uma maior frequência na classificação máxima (muito bom) com uma percentagem de 72,4% de todos os alunos (N=318). No entanto podemos observar na tabela (a colorido) que todas as questões abordadas obtiveram boas classificações.

Observando cada uma delas, a questão “promover a educação não formal no sucesso educativo” os alunos concordaram com esta afirmação, sendo que 32,6% dos inquiridos classificaram como “bom” (N=143) e 46% com “muito bom” (N=202).

À afirmação “promover a metodologia lúdico pedagógico na aprendizagem”, a maioria dos alunos concordaram, sendo que 28,9% responderam “bom” (N=127) e 59,9% responderam “muito bom” (N=263).

À afirmação “incluir a animação sociocultural na estrutura curricular”, os alunos concordaram, sendo que 31% responderam “bom” (N=136) e 47,6% responderam “muito bom” (N=209).

À afirmação “proporcionar mais atividades nos intervalos do período escolar”, a maioria dos alunos referiu concordar, sendo que 18,2% respondeu (bom) (N= 80) e 69,9% respondeu “muito bom” (N=307).

À afirmação “promover a animação sociocultural como oferta educativa”, a maioria dos alunos concordou, sendo que 20% respondeu “bom” (N= 88) e 66,1% respondeu “muito bom” (N=290).

Tabela 4. Frequências e percentagens das respostas relativas aos objetivos da animação sociocultural.

		Mau	Fraco	Razoável	Bom	Muito bom
7. Promover a educação não formal no sucesso educativo.	N	16	29	49	143	202
	%	3.6	6.6	11.2	32.6	46.0
8. Promover a metodologia lúdico pedagógico na aprendizagem.	N	9	12	28	127	263
	%	2.1	2.7	6.4	28.9	59.9
9. Incluir a Animação Sociocultural na estrutura curricular	N	21	22	51	136	209
	%	4.8	5.0	11.6	31.0	47.6
10. Proporcionar mais atividades nos intervalos do período escolar.	N	14	11	27	80	307
	%	3.2	2.5	6.2	18.2	69.9
11. Diminuir o nível de violência nos intervalos escolares.	N	19	10	18	74	318
	%	4.3	2.3	4.1	16.9	72.4
12. Promover a Animação Sociocultural como oferta educativa	N	12	12	37	88	290
	%	2.7	2.7	8.4	20.0	66.1

Bloco 3. Desenvolvimento das atividades socioculturais

O terceiro bloco de questões relaciona-se com o desenvolvimento das próprias atividades de animação sociocultural na escola. Os participantes devem atribuir a sua resposta de acordo com a satisfação no desenvolvimento das atividades. São 6 questões que os participantes devem classificar de acordo com: (1) “modo como os conteúdos foram abordados”; (2) “a quantidade de conteúdos abordados foi”; (3) “a compreensão dos conteúdos foi”; (4) “no início das atividades, o grau de desenvolvimento das minhas competências era”; (5) no fim das atividades o grau de desenvolvimento das minhas competências é”; e, por fim, (6) os estímulos dados para continuar a aprofundar as competências desenvolvidas foram”.

Podemos observar na seguinte tabela (c.f. Tabela 5) que os alunos referem que o desenvolvimento das atividades de animação sociocultural foi realizado com sucesso, de forma global.

De todas as questões abrangentes nesta dimensão, a questão “No fim das atividades, o grau de desenvolvimento das minhas competências é” a que obteve uma maior frequência na classificação máxima (muito bom) com uma percentagem de 60,8% de todos os alunos (N=267). No entanto podemos observar na tabela (a colorido) que todas as questões abordadas obtiveram boas classificações.

Observando cada uma delas, a questão “o modo como os conteúdos foram abordados foi” os alunos responderam maioritariamente de forma positiva, sendo que 24,8% dos inquiridos classificaram como “bom” (N=109) e 58,1% com “muito bom” (N=255).

À questão “a quantidade de conteúdos abordados foi”, a maioria dos alunos responderam de forma positiva, sendo que 21,9% responderam “bom” (N=96) e 49,7% responderam “muito bom” (N=218).

À afirmação “a compreensão dos conteúdos foi”, a maioria dos alunos referiu concordar, sendo que 29,4% respondeu (bom) (N= 129) e 53,5% respondeu “muito bom” (N=235).

À questão “No início das atividades, o grau de desenvolvimento das minhas competências era”, os alunos responderam de forma positiva, sendo que 41,2% responderam “bom” (N=181) e 31,9% responderam “muito bom” (N=140).

À questão “os estímulos dados para continuar a aprofundar as competências desenvolvidas foram”, a maioria dos alunos concordou, sendo que 21,4% respondeu “bom” (N= 94) e 58,8% respondeu “muito bom” (N=258).

Tabela 5. Frequências e percentagens das respostas relativas ao desenvolvimento das atividades de animação sociocultural na escola

		Mau	Fraco	Razoável	Bom	Muito bom
13. O modo como os conteúdos foram abordados foi	N	20	13	42	109	255
	%	4.6	3.0	9.6	24.8	58.1
14. A quantidade de conteúdos abordados foi	N	15	16	94	96	218
	%	3.4	3.6	21.4	21.9	49.7
15. A compreensão dos conteúdos foi	N	19	19	37	129	235
	%	4.3	4.3	8.4	29.4	53.5
16. No início das atividades, o grau de desenvolvimento das minhas competências era	N	22	25	71	181	140
	%	5.0	5.7	16.2	41.2	31.9
17. No fim das atividades, o grau de desenvolvimento das minhas competências é	N	18	10	38	106	267
	%	4.1	2.3	8.7	24.1	60.8
18. Os estímulos dados para continuar a aprofundar as competências desenvolvidas foram	N	14	9	64	94	258
	%	3.2	2.1	14.6	21.4	58.8

Bloco 4. Realização das atividades de animação socioculturais propriamente ditas

O quarto bloco de questões relaciona-se com as atividades socioculturais desenvolvidas. Os participantes tinham de avaliar cada uma das atividades socioculturais oferecidas: (1) expressão físico motora; (2) expressão dramática; (3) expressão musical; (4) espaço lúdico pedagógico (apoio nos trabalhos); (5) ATL – Férias; (6) componente do estudo acompanhado.

Podemos observar na seguinte tabela (c.f. Tabela 6) que os alunos referem que a realização de atividades de animação socioculturais foi feita com bastante satisfação.

De todas as questões abrangentes nesta dimensão, a atividade de animação sociocultural “expressão físico motora” foi a que obteve uma maior frequência na classificação máxima (muito bom) com uma percentagem de 69,9% de todos os alunos (N=307). No entanto podemos observar na tabela (a colorido) que todas as questões abordadas obtiveram boas classificações.

Observando cada uma delas, na atividade “expressão dramática” os alunos responderam maioritariamente terem gostado de realizar esta atividade de animação sociocultural, sendo que 27,3% dos inquiridos classificaram como “bom” (N=120) e 46% com “muito bom” (N=202).

Na atividade “expressão musical”, a maioria dos alunos responderam que gostaram de realizar esta atividade de animação sociocultural de forma positiva, sendo que 29,8% responderam “bom” (N=131) e 41% responderam “muito bom” (N=180).

Na atividade “Espaço lúdico pedagógico”, a maioria dos alunos referiu ter gostado de realizar esta atividade de animação sociocultural, sendo que 31,4% respondeu (bom) (N= 138) e 40,3% respondeu “muito bom” (N=177).

Na atividade “ATL - Férias”, os alunos responderam ter gostado de realizar esta atividade de animação sociocultural de forma positiva, sendo que 18,5% responderam “bom” (N=81) e 60,4% responderam “muito bom” (N=265).

Na atividade “Componente do estudo acompanhado”, os alunos responderam ter gostado de realizar esta atividade de animação sociocultural de forma satisfatória, sendo que 22,6% respondeu “bom” (N= 99) e 47,2% respondeu “muito bom” (N=207).

Tabela 6. Frequências e percentagens das respostas dos alunos relacionadas com as atividades de animação sociocultural

		Mau	Fraco	Razoável	Bom	Muito bom
19. Expressão Físico Motora (jogos, etc.)	N	10	3	17	102	307
	%	2.3	0.7	3.9	23.2	69.9
20. Expressão Dramática	N	37	34	46	120	202
	%	8.4	7.7	10.5	27.3	46.0
21. Expressão Musical	N	30	32	66	131	180
	%	6.8	7.3	15.0	29.8	41.0
22. Espaço lúdico pedagógico (apoio nos trabalhos)	N	31	44	49	138	177
	%	7.1	10.0	11.2	31.4	40.3
23. ATL – Férias	N	37	23	33	81	265
	%	8.4	5.2	7.5	18.5	60.4
24. Componente do estudo acompanhado	N	30	53	50	99	207
	%	6.8	12.1	11.4	22.6	47.2

Bloco 5. Avaliação das atividades de animação sociocultural

Por fim, o último e quinto bloco centra-se na avaliação final dos participantes relativamente ao programa de animação sociocultural implementado no Agrupamento de Escola Nuno Álvares: (1) “As atividades de animação sociocultural corresponderam às tuas expetativas?”; (2) “Como classificas o trabalho dos animadores socioculturais?”; (3) “Como te sentes quanto realizas atividades de animação sociocultural?”; e, por fim, (4) “Como classificarias globalmente a animação sociocultural na escola?”.

Podemos observar na seguinte tabela (c.f. Tabela 7) que os alunos referem que a realização de atividades de animação socioculturais foi feita com bastante satisfação.

De todas as questões abrangentes nesta dimensão, a questão “Como te sentes quando realizas atividades de animação sociocultural” foi a que obteve uma maior frequência na classificação máxima (muito bom) com uma percentagem de 72,7% de todos os alunos (N=319). No entanto podemos observar na tabela (a colorido) que todas as questões abordadas obtiveram boas classificações.

Observando cada uma delas, na questão “As atividades de animação corresponderam às tuas expectativas” os alunos responderam maioritariamente que sim, sendo que 26% dos inquiridos classificaram como “Bom” (N=114) e 62,2% com “Muito bom” (N=273).

Na questão “Como classificas o trabalho dos animadores socioculturais”, a maioria dos alunos responderam de forma positiva, sendo que 21,6% responderam “Bom” (N=95) e 71,5% responderam “Muito bom” (N=314).

Por fim, na questão “Como classificarias globalmente a animação sociocultural na escola”, a maioria dos alunos referiu ter gostado das atividades de animação sociocultural, sendo que 26,2% respondeu “Bom” (N= 115) e 65,8% respondeu “Muito bom” (N=289).

Tabela 7. Frequências e percentagens dos alunos relativamente à avaliação da animação sociocultural na escola

		Mau	Fraco	Razoável	Bom	Muito bom
	N	11	8	33	114	273
25. As atividades de animação corresponderam às tuas expectativas?	%	2.5	1.8	7.5	26.0	62.2

26. Como classificas o trabalho dos Animadores Socioculturais?	N	5	5	20	95	314
	%	1.1	1.1	4.6	21.6	71.5
27. Como te sentes quando realizas atividades de Animação Sociocultural?	N	7	8	25	80	319
	%	1.6	1.8	5.7	18.2	72.7
28. Como Classificarias globalmente o Animação sociocultural na escola?	N	7	10	18	115	289
	%	1.6	2.3	4.1	26.2	65.8

4.2.2.1. Resultados das questões em função do ano letivo

O questionário administrado aos participantes é constituído por 5 blocos de questões. Para apresentação dos resultados das questões iremos proceder à mesma organização do questionário, sendo os resultados apresentados pela ordem de cada bloco de questões.

Bloco 1. Apreciação global da animação sociocultural

O primeiro bloco de questões foca-se na apreciação global da animação sociocultural e abrange as seguintes questões: (1) “Achas importante as atividades de animação sociocultural na escola?”; (2) “achas que as atividades de animação sociocultural contribuem para a tua aprendizagem?”; (3) “pensas que as atividades de animação contribuem para melhorar o teu comportamento na escola?”; (4) “pensas que as atividades de animação sociocultural na escola ajudam a combater a violência, a indisciplina e o abandono escolar?”; (5) “achas que as atividades de animação sociocultural têm contribuído para

gostares mais da tua escola?” e, por fim, (6) “gostarias que a animação sociocultural fizesse parte do currículo escolar?”.

Na primeira questão “Achas importante as atividades de Animação Sociocultural na Escola?” podemos observar que não existem diferenças de distribuição nas respostas consoante os anos letivos dos alunos, no geral as respostas são bastante positivas.

Tabela 8. Frequências e percentagens por ano letivo na questão “Achas importante as atividades de Animação Sociocultural na Escola?”

Ano		Mau	Fraco	Razoável	Bom	Muito bom
1º	N	-	2	-	17	61
	%	-	2.5	-	21.3	76.3
2º	N	2	1	7	31	105
	%	1.4	0.7	4.8	21.2	71.9
3º	N	1	-	1	19	85
	%	0.9	-	0.9	17.9	80.2
4º	N	2	1	7	48	49
	%	1.9	0.9	6.5	44.9	45.8

Na segunda questão “Achas que as atividades de animação sociocultural contribuem para a tua aprendizagem?” podemos observar que não existem diferenças de distribuição nas respostas consoante os anos letivos dos alunos, no geral as respostas são bastante positivas.

Tabela 9. Frequências e percentagens por ano letivo na questão achas que as atividades de animação sociocultural contribuem para a tua aprendizagem?”

Ano		Mau	Fraco	Razoável	Bom	Muito bom
------------	--	------------	--------------	-----------------	------------	------------------

1º	N	2	2	10	9	57
	%	2.5	2.5	12.5	11.3	71.3
2º	N	-	2	9	29	106
	%	-	1.4	6.2	19.9	72.6
3º	N	3	-	4	26	73
	%	2.8	-	3.8	24.5	68.9
4º	N	6	5	7	52	37
	%	5.6	4.7	6.5	48.6	34.6

Na terceira questão “pensas que as atividades de animação contribuem para melhorar o teu comportamento na escola?” podemos observar que não existem diferenças de distribuição nas respostas consoante os anos letivos dos alunos, no geral as respostas são bastante positivas.

Tabela 10. Frequências e percentagens por ano lectivo na questão “pensas que as atividades de animação contribuem para melhorar o teu comportamento na escola?”

Ano		Mau	Fraco	Razoável	Bom	Muito bom
1º	N	1	1	7	15	56
	%	1.3	1.3	8.8	18.8	70
2º	N	1	2	9	34	100
	%	0.7	1.4	6.2	23.3	68.5
3º	N	3	3	4	30	66
	%	2.8	2.8	3.8	28.3	62.3
4º	N	11	5	8	35	48
	%	10.3	4.7	7.5	32.7	44.9

Na quarta questão “Pensas que as atividades de animação sociocultural na escola ajudam a combater a violência, a indisciplina e o abandono escolar?”; podemos observar que não existem diferenças de distribuição nas respostas consoante os anos letivos dos alunos, no geral as respostas são bastante positivas. Podemos observar que é a partir do 3º ano letivo que os alunos começam a divergir nas opiniões.

Tabela 11. Frequências e percentagens por ano letivo na questão “Pensas que as atividades de animação sociocultural na escola ajudam a combater a violência, a indisciplina e o abandono escolar?”

Ano		Mau	Fraco	Razoável	Bom	Muito bom
1º	N	-	2	8	13	57
	%	-	2.5	10	16.3	71.3
2º	N	5	6	20	22	93
	%	3.4	4.1	13.7	15.1	63.7
3º	N	7	7	7	17	68
	%	6.6	6.6	6.6	16	64.2
4º	N	12	5	12	38	40
	%	11.2	4.7	11.2	35.5	37.4

Na quinta questão “Achas que as atividades de animação sociocultural têm contribuído para gostares mais da tua escola?” podemos observar que não existem diferenças de distribuição nas respostas consoante os anos letivos dos alunos, no geral as respostas são bastante positivas. Podemos observar que é a partir do 3º ano letivo que os alunos começam a divergir nas opiniões.

Tabela 12. Frequências e percentagens por ano letivo na questão “Achas que as atividades de animação sociocultural têm contribuído para gostares mais da tua escola?”

Ano		Mau	Fraco	Razoável	Bom	Muito bom
1º	N	3	6	4	12	55
	%	3.8	7.5	5	15	68.8
2º	N	3	4	9	21	109
	%	2.1	2.7	6.2	14.4	74.7
3º	N	5	4	5	24	68
	%	4.7	3.8	4.7	22.6	64.2
4º	N	6	3	14	26	58
	%	5.6	2.8	13.1	24.3	54.2

Na sexta questão “Gostarias que a animação sociocultural fizesse parte do currículo escolar?” podemos observar que não existem diferenças de distribuição nas respostas consoante os anos letivos dos alunos, no geral as respostas são bastante positivas. Podemos observar que é a partir do 3º ano letivo que os alunos começam a divergir nas opiniões.

Tabela 13. Frequências e percentagens por ano letivo na questão “Gostarias que a animação sociocultural fizesse parte do currículo escolar?”

Ano		Mau	Fraco	Razoável	Bom	Muito bom
1º	N	-	1	7	10	62
	%	-	1.3	8.8	12.5	77.5
2º	N	5	-	15	22	104
	%	3.4	-	10.3	15.1	71.2
3º	N	7	3	8	11	77
	%	6.6	2.8	7.5	10.4	72.6

4º	N	6	2	7	37	55
	%	5.6	1.9	6.5	34.6	51.4

Bloco 2. Objetivos da animação sociocultural

O segundo bloco de questões foca-se nos objetivos que a animação sociocultural detém no meio escolar. Os participantes devem classificar a importância de cada um dos 6 objetivos: (1) promover a educação não formal no sucesso educativo; (2) promover a metodologia lúdico pedagógica na aprendizagem; (3) incluir a animação sociocultural na estrutura curricular; (4) proporcionar mais atividades nos intervalos do período escolar; (5) diminuir o nível de violência nos intervalos escolares; e, por fim, (6) promover a animação sociocultural como oferta educativa.

No primeiro “Promover a educação não formal no sucesso educativo” podemos observar que não existem diferenças de distribuição nas respostas consoante os anos letivos dos alunos, no geral as respostas são bastante positivas.

Tabela 14. Frequências e percentagens por ano letivo no objetivo “Promover a educação não formal no sucesso educativo”

Ano		Mau	Fraco	Razoável	Bom	Muito bom
1º	N	1	22	11	18	28
	%	1.3	27.5	13.8	22.5	35
2º	N	3	4	13	36	90
	%	2.1	2.7	8.9	24.7	61.6
3º	N	5	1	6	41	53
	%	4.7	0.9	5.7	38.7	50
4º	N	7	2	19	48	31

% 6.5 1.9 17.8 44.9 29

No segundo objetivo “Promover a metodologia lúdico pedagógica na aprendizagem” podemos observar que não existem diferenças de distribuição nas respostas consoante os anos letivos dos alunos, no geral as respostas são bastante positivas.

Tabela 15. Frequências e percentagens por ano letivo no objetivo “Promover a metodologia lúdico pedagógica na aprendizagem”

Ano		Mau	Fraco	Razoável	Bom	Muito bom
1º	N	-	3	2	46	29
	%	-	3.8	2.5	57.5	36.3
2º	N	1	3	10	21	111
	%	0.7	2.1	6.8	14.4	76
3º	N	3	2	7	24	70
	%	2.8	1.9	6.6	22.6	66
4º	N	5	4	9	36	53
	%	4.7	3.7	8.4	33.6	49.5

No terceiro objetivo “Incluir a animação sociocultural na estrutura curricular” podemos observar que não existem diferenças de distribuição nas respostas consoante os anos letivos dos alunos, no geral as respostas são bastante positivas.

Tabela 16. Frequências e percentagens por ano letivo no objetivo “Incluir a animação sociocultural na estrutura curricular”

Ano		Mau	Fraco	Razoável	Bom	Muito bom
1º	N	1	17	9	28	25

	%	1.3	21.3	11.3	35	31.3
2º	N	3	-	17	38	88
	%	2.1	-	11.6	26	60.3
3º	N	7	2	12	33	52
	%	6.6	1.9	11.3	31.1	49.1
4º	N	10	3	13	37	44
	%	9.3	2.8	12.1	34.6	41.1

No quarto objetivo “Proporcionar mais atividades nos intervalos do período escolar” podemos observar que não existem diferenças de distribuição nas respostas consoante os anos letivos dos alunos, no geral as respostas são bastante positivas. Podemos observar que é a partir do 3º ano letivo que os alunos começam a divergir nas opiniões.

Tabela 17. Frequências e percentagens por ano letivo no objetivo “Proporcionar mais atividades nos intervalos do período escolar”

Ano		Mau	Fraco	Razoável	Bom	Muito bom
1º	N	1	2	8	10	59
	%	1.3	2.5	10	12.5	73.8
2º	N	2	4	10	23	107
	%	1.4	2.7	6.8	15.8	73.3
3º	N	3	4	4	18	77
	%	2.8	3.8	3.8	17	72.6
4º	N	8	1	5	29	61
	%	7.5	0.9	4.7	27.1	59.8

No quinto objetivo “Diminuir o nível de violência nos intervalos escolares” podemos observar que não existem diferenças de distribuição nas respostas consoante os anos letivos dos alunos, no geral as respostas são bastante positivas. Podemos observar que é a partir do 3º ano letivo que os alunos começam a divergir nas opiniões.

Tabela 18. Frequências e percentagens por ano letivo no objetivo “Diminuir o nível de violência nos intervalos escolares”

Ano		Mau	Fraco	Razoável	Bom	Muito bom
1º	N	1	3	4	15	57
	%	1.3	3.8	5	18.8	71.3
2º	N	4	2	2	20	118
	%	2.7	1.4	1.4	13.7	80.8
3º	N	4	2	10	17	73
	%	3.8	1.9	9.4	16	68.9
4º	N	10	3	2	22	70
	%	9.3	2.8	1.9	20.6	65.4

No sexto objetivo “Promover a animação sociocultural como oferta educativa” podemos observar que não existem diferenças de distribuição nas respostas consoante os anos letivos dos alunos, no geral as respostas são bastante positivas. Podemos observar que é a partir do 3º ano letivo que os alunos começam a divergir nas opiniões.

Tabela 19. Frequências e percentagens por ano letivo no objetivo “Promover a animação sociocultural como oferta educativa”

Ano		Mau	Fraco	Razoável	Bom	Muito bom
1º	N	1	-	4	25	50

	%	1.3	-	5	31.3	62.5
2º	N	-	2	18	21	105
	%	-	1.4	12.3	14.4	71.9
3º	N	3	6	4	17	76
	%	2.8	5.7	3.8	16	71.7
4º	N	8	4	11	25	59
	%	7.5	3.7	10.3	23.4	55.1

Bloco 3. Desenvolvimento das atividades socioculturais

O terceiro bloco de questões relaciona-se com o desenvolvimento das próprias atividades de animação sociocultural na escola. Os participantes devem atribuir a sua resposta de acordo com a satisfação no desenvolvimento das atividades. São 6 questões que os participantes devem classificar de acordo com: (1) “Modo como os conteúdos foram abordados”; (2) “A quantidade de conteúdos abordados foi”; (3) “A compreensão dos conteúdos foi”; (4) “No início das atividades, o grau de desenvolvimento das minhas competências era”; (5) “No fim das atividades, o grau de desenvolvimento das minhas competências é”; e, por fim, (6) “Os estímulos dados para continuar a aprofundar as competências desenvolvidas foram”.

Na primeira questão “Modo como os conteúdos foram abordados” podemos observar que não existem diferenças de distribuição nas respostas consoante os anos letivos dos alunos, no geral as respostas são bastante positivas.

Tabela 20. Frequências e percentagens por ano letivo na questão “Modo como os conteúdos foram abordados”

Ano		Mau	Fraco	Razoável	Bom	Muito bom
1º	N	1	10	16	10	43
	%	1.3	12.5	20	12.5	53.8

2º	N	2	-	12	28	104
	%	1.4	-	8.2	19.2	71.2
3º	N	7	2	2	32	63
	%	6.6	1.9	1.9	30.2	59.4
4º	N	10	1	12	39	45
	%	9.3	0.9	11.2	36.4	42.1

Na segunda questão “A quantidade de conteúdos abordados foi” podemos observar que não existem diferenças de distribuição nas respostas consoante os anos letivos dos alunos, no geral as respostas são bastante positivas.

Tabela 21. Frequências e percentagens por ano letivo na questão “A quantidade de conteúdos abordados foi”

Ano		Mau	Fraco	Razoável	Bom	Muito bom
1º	N	-	1	41	33	69
	%	-	0.7	28.1	22.6	47.3
2º	N	2	1	41	33	69
	%	1.4	0.7	28.1	22.6	47.3
3º	N	4	3	3	18	78
	%	3.8	2.8	2.8	17	73.6
4º	N	9	4	13	34	47
	%	8.4	3.7	12.1	31.8	43.9

Na terceira questão “A compreensão dos conteúdos foi” podemos observar que não existem diferenças de distribuição nas respostas consoante os anos letivos dos alunos, no geral as respostas são bastante positivas.

Tabela 22. Frequências e percentagens por ano letivo na questão “A compreensão dos conteúdos foi”

Ano		Mau	Fraco	Razoável	Bom	Muito bom
1º	N	4	4	13	30	29
	%	5	5	16.3	37.5	36.3
2º	N	-	10	8	31	97
	%	-	6.8	5.5	21.2	66.4
3º	N	8	-	4	32	62
	%	7.5	-	3.8	30.2	58.5
4º	N	7	5	12	36	47
	%	6.5	4.7	11.2	33.6	43.9

Na quarta questão “No início das atividades, o grau de desenvolvimento das minhas competências era” podemos observar que não existem diferenças de distribuição nas respostas consoante os anos letivos dos alunos, no geral as respostas são bastante positivas. Podemos observar que é a partir do 3º ano letivo que os alunos começam a divergir nas opiniões.

Tabela 23. Frequências e percentagens por ano letivo na questão “No início das atividades, o grau de desenvolvimento das minhas competências era”

Ano		Mau	Fraco	Razoável	Bom	Muito bom
1º	N	4	19	7	37	13
	%	5	23.8	8.8	46.3	16.3
2º	N	2	2	32	62	47
	%	32.2	42.5	21.9	42.5	32.2
3º	N	5	3	17	42	39
	%	4.7	2.8	16	39.6	36.8
4º	N	11	-	15	40	41

%	10.3	-	14	37.4	38.3
---	------	---	----	------	------

Na quinta questão “No fim das atividades, o grau de desenvolvimento das minhas competências é” podemos observar que não existem diferenças de distribuição nas respostas consoante os anos letivos dos alunos, no geral as respostas são bastante positivas. Podemos observar que é a partir do 3º ano letivo que os alunos começam a divergir nas opiniões.

Tabela 24. Frequências e percentagens por ano letivo na questão “No fim das atividades, o grau de desenvolvimento das minhas competências é”

Ano		Mau	Fraco	Razoável	Bom	Muito bom
1º	N	3	3	17	18	39
	%	3.8	3.8	21.3	22.5	48.8
2º	N	2	3	6	35	100
	%	1.4	2.1	4.1	24	68.5
3º	N	5	3	4	19	75
	%	4.7	2.8	3.8	17.9	70.8
4º	N	8	1	11	34	53
	%	7.5	0.9	10.3	31.8	49.5

Na sexta questão “Os estímulos dados para continuar a aprofundar as competências desenvolvidas foram” podemos observar que não existem diferenças de distribuição nas respostas consoante os anos letivos dos alunos, no geral as respostas são bastante positivas. Podemos observar que é a partir do 3º ano letivo que os alunos começam a divergir nas opiniões.

Tabela 25. Frequências e percentagens por ano letivo na questão “Os estímulos dados para continuar a aprofundar as competências desenvolvidas foram”

Ano		Mau	Fraco	Razoável	Bom	Muito bom
1º	N	2	4	33	10	31
	%	2.5	5	41.3	12.5	38.8
2º	N	1	5	11	25	104
	%	0.7	3.4	7.5	17.1	71.2
3º	N	3	-	5	29	69
	%	2.8	-	4.7	27.4	65.1
4º	N	8	-	15	30	54
	%	7.5	-	14	28	50.5

Bloco 4. Realização das atividades de animação socioculturais propriamente ditas

O quarto bloco de questões relaciona-se com as atividades socioculturais desenvolvidas. Os participantes tinham de avaliar cada uma das atividades socioculturais oferecidas: (1) Expressão Físico Motora; (2) Expressão Dramática; (3) Expressão Musical; (4) Espaço lúdico pedagógico (apoio nos trabalhos); (5) ATL – Férias; (6) Componente do estudo acompanhado.

Na primeira questão “Expressão Físico Motora” podemos observar que não existem diferenças de distribuição nas respostas consoante os anos letivos dos alunos, no geral as respostas são bastante positivas.

Tabela 26. Frequências e percentagens por ano letivo na questão “Expressão Físico Motora”

Ano		Mau	Fraco	Razoável	Bom	Muito bom
------------	--	------------	--------------	-----------------	------------	------------------

1º	N	3	-	3	14	60
	%	3.8	-	3.8	17.5	75
2º	N	1	2	2	32	109
	%	0.7	1.4	1.4	21.9	74.7
3º	N	2	-	6	21	77
	%	1.9	-	5.7	19.8	72.6
4º	N	4	1	6	35	61
	%	3.7	0.9	5.6	32.7	57

Na segunda questão “Expressão Dramática” podemos observar que não existem diferenças de distribuição nas respostas consoante os anos letivos dos alunos, no geral as respostas são bastante positivas.

Tabela 27. Frequências e percentagens por ano letivo na questão “Expressão Dramática”

Ano		Mau	Fraco	Razoável	Bom	Muito bom
1º	N	-	22	14	20	24
	%	-	27.5	17.5	25	30
2º	N	6	4	12	44	80
	%	4.1	2.7	8.2	30.1	54.8
3º	N	16	4	11	21	54
	%	15.1	3.8	10.4	19.8	50.9
4º	N	15	4	9	35	44
	%	14	3.7	8.4	32.7	41.1

Na terceira questão “Expressão Musical” podemos observar que não existem diferenças de distribuição nas respostas consoante os anos letivos dos alunos, no geral as respostas são bastante positivas.

Tabela 28. Frequências e percentagens por ano letivo na questão “Expressão Musical”

Ano		Mau	Fraco	Razoável	Bom	Muito bom
1º	N	8	21	9	9	33
	%	10	26.3	11.3	11.3	41.3
2º	N	2	2	20	64	58
	%	1.4	1.4	13.7	43.8	39.7
3º	N	6	3	27	29	41
	%	5.7	2.8	25.5	27.4	38.7
4º	N	14	6	10	29	48
	%	13.1	5.6	9.3	27.1	44.9

Na quarta questão “Espaço lúdico pedagógico” podemos observar que não existem diferenças de distribuição nas respostas consoante os anos letivos dos alunos, no geral as respostas são bastante positivas. Podemos observar que é a partir do 3º ano letivo que os alunos começam a divergir nas opiniões.

Tabela 29. Frequências e percentagens por ano letivo na questão “Espaço lúdico pedagógico”

Ano		Mau	Fraco	Razoável	Bom	Muito bom
1º	N	5	25	4	12	34
	%	6.3	31.3	5	15	42.5
2º	N	6	7	20	58	55

	%	4.1	4.8	13.7	39.7	37.7
3º	N	5	2	7	28	64
	%	4.7	1.9	6.6	26.4	60.4
4º	N	15	10	18	40	24
	%	14	9.3	16.8	37.4	22.4

Na quinta questão “ATL – Férias” podemos observar que não existem diferenças de distribuição nas respostas consoante os anos letivos dos alunos, no geral as respostas são bastante positivas. Podemos observar que é a partir do 3º ano letivo que os alunos começam a divergir nas opiniões.

Tabela 30. Frequências e percentagens por ano letivo na questão “ATL – Férias”

Ano		Mau	Fraco	Razoável	Bom	Muito bom
1º	N	9	10	3	14	44
	%	11.3	12.5	3.8	17.5	55
2º	N	8	5	13	18	102
	%	5.5	3.4	8.9	12.3	69.9
3º	N	10	1	4	23	68
	%	9.4	0.9	3.8	21.7	64.2
4º	N	10	7	13	26	51
	%	9.3	6.5	12.1	24.3	47.7

Na sexta questão “Componente do estudo acompanhado” podemos observar que não existem diferenças de distribuição nas respostas consoante os anos letivos dos alunos, no geral as respostas são bastante positivas.

Podemos observar que é a partir do 3º ano letivo que os alunos começam a divergir nas opiniões.

Tabela 31. Frequências e percentagens por ano letivo na questão “Componente do estudo acompanhado”

Ano		Mau	Fraco	Razoável	Bom	Muito bom
1º	N	8	29	6	17	20
	%	10	36	8	21	25
2º	N	2	17	18	27	82
	%	1	12	12	19	56
3º	N	8	2	11	24	61
	%	8	2	10	23	58
4º	N	12	5	15	31	44
	%	11	4	14	29	41

Bloco 5. Avaliação das atividades de animação sociocultural

Por fim, o último e quinto bloco centra-se na avaliação final dos participantes relativamente ao programa de animação sociocultural implementado no Agrupamento de Escola Nuno Álvares: (1) “As atividades de animação sociocultural corresponderam às tuas expetativas?”; (2) “Como classificas o trabalho dos animadores socioculturais?”; (3) “Como te sentes quanto realizas atividades de animação sociocultural?”; e, por fim, (4) “Como classificarias globalmente a animação sociocultural na escola?”.

Na primeira questão “As atividades de animação sociocultural corresponderam às tuas expetativas?” podemos observar que não existem diferenças de distribuição nas respostas consoante os anos letivos dos alunos, no geral as respostas são bastante positivas.

Tabela 32. Frequências e percentagens por ano letivo na questão “As atividades de animação sociocultural corresponderam às tuas expetativas?”

Ano		Mau	Fraco	Razoável	Bom	Muito bom
1º	N	3	4	3	17	53
	%	3.8	5	3.8	21.3	66.3
2º	N	1	-	9	32	104
	%	0.7	-	6.2	21.9	71.2
3º	N	2	2	4	24	74
	%	1.9	1.9	3.8	22.6	69.8
4º	N	6	1	17	41	42
	%	5.6	0.9	15.9	38.3	39.3

Na segunda questão “Como classificas o trabalho dos animadores socioculturais?” podemos observar que não existem diferenças de distribuição nas respostas consoante os anos letivos dos alunos, no geral as respostas são bastante positivas.

Tabela 33. Frequências e percentagens por ano letivo na questão “Como classificas o trabalho dos animadores socioculturais?”

Ano		Mau	Fraco	Razoável	Bom	Muito bom
1º	N	-	3	3	19	55
	%	-	3.8	3.8	23.8	68.8
2º	N	-	-	5	21	120
	%	-	-	3.4	14.4	82.2
3º	N	-	-	7	21	78
	%	-	-	6.6	19.8	73.6
4º	N	5	2	5	34	61
	%	4.7	1.9	4.7	31.8	57

Na terceira questão “Como te sentes quanto realizas atividades de animação sociocultural?” podemos observar que não existem diferenças de distribuição nas respostas consoante os anos letivos dos alunos, no geral as respostas são bastante positivas.

Tabela 34. Frequências e percentagens por ano letivo na questão “Como te sentes quanto realizas atividades de animação sociocultural?”

Ano		Mau	Fraco	Razoável	Bom	Muito bom
1º	N	1	5	6	14	54
	%	1.3	6.3	7.5	17.5	67.5
2º	N	-	1	9	14	122
	%	-	0.7	6.2	9.6	83.6
3º	N	1	-	7	17	81
	%	0.9	-	6.6	16	76.4
4º	N	5	2	3	35	62
	%	4.7	1.9	2.8	32.7	57.9

Na quarta questão “Como classificarias globalmente a animação sociocultural na escola?” podemos observar que não existem diferenças de distribuição nas respostas consoante os anos letivos dos alunos, no geral as respostas são bastante positivas. Podemos observar que é a partir do 3º ano letivo que os alunos começam a divergir nas opiniões.

Tabela 35. Frequências e percentagens por ano letivo na questão “Como classificarias globalmente a animação sociocultural na escola?”

Ano		Mau	Fraco	Razoável	Bom	Muito bom
1º	N	1	6	3	18	52
	%	1.3	7.5	3.8	22.5	65

2º	N	-	1	5	33	107
	%	-	0.7	3.4	22.6	73.3
3º	N	1	-	3	27	75
	%	0.9	-	2.8	25.5	70.8
4º	N	5	3	7	37	55
	%	4.7	2.8	6.5	34.6	51.4

4.2.3 Resultados das dimensões

De seguida, será apresentada as médias e desvios-padrões das cinco dimensões analisadas no questionário, sendo estes resultados referentes ao grupo dos alunos (c.f. Tabela 36).

Tabela 36. Médias e desvios-padrões das 5 dimensões analisadas

	<i>M</i>	<i>DP</i>
Apreciação global	4.41	0.67
Objetivos	4.34	0.74
Desenvolvimento	4.19	0.82
Atividades	4.06	0.85
Avaliação	4.53	0.69

Podemos verificar que todas as dimensões tiveram pontuações altas (de uma escala de 1 a 5). No entanto, a dimensão melhor avaliada foi a dimensão “Avaliação” com uma média de 4.53 pontos (DP=0.69). Numa forma geral,

consegue-se afirmar que os alunos, independentemente do ano de escolaridade em que ingressam, mostram-se satisfeitos com a aplicação de atividades de animação sociocultural na escola onde estudam.

4.2.4 Fiabilidade do questionário: Consistência interna

Os valores de consistência interna, avaliada com o coeficiente Alfa de Cronbach, variaram entre um mínimo de .790 (razoável) na dimensão Global a um máximo de .873 (bom) na dimensão desenvolvimento. A categorização destes valores segue o referenciado em Hill (2205).

Os resultados (c.f. Tabela 37) mostram que todas as dimensões avaliadas apresentam bons índices de consistência interna, o que quer dizer que os itens de cada dimensão avaliada permitem analisar, de facto, o que é pretendido.

Tabela 37. Consistência interna das dimensões

	<i>Alfa</i>
Apreciação global	.790
Objetivos	.843
Desenvolvimento	.873
Atividades	.811
Avaliação	.870

4.2.5 Estudo correlacional das dimensões estudadas

Os coeficientes de correlação entre as dimensões são todos estatisticamente significativos, positivos e moderados ou elevados (c.f. Tabela 38). A correlação mais elevada ocorreu entre a dimensão desenvolvimento e a dimensão Objectivos ($r = .796$). Isto é, parece que quanto maior a definição dos objetivos, maior será o sucesso do desenvolvimento das atividades de animação sociocultural na escola.

Tabela 38. Correlações entre as dimensões estudadas

	Global	Objectivos	Desenvolvimento	Atividades
Objectivos	.776***			
Desenvolvimento	.718***	.796**		
Atividades	.568***	.664***	.722***	
Avaliação	.691***	.697***	.724***	.649***

* $p \leq .05$ ** $p \leq .01$ *** $p \leq .001$

4.3 Comparação por género (alunos)

Quando comparamos as respostas dos alunos em função do género encontramos as seguintes diferenças estatisticamente significativas (c.f. Tabela 39).

Tabela 39. Comparação por género

	Masculino		Feminino		<i>t</i>
	<i>M</i>	<i>Dt</i>	<i>M</i>	<i>Dt</i>	
Global	4.29	0.78	4.51	0.55	-3,312***
Objectivos	4.20	0.87	4.46	0.58	-3,678***

Desenvolvimento	4.06	0.95	4.31	0.66	-3,170***
Atividades	3.88	0.98	4.22	0.69	-4,154***
Avaliação	4.44	0.84	4.62	0.51	-2,645***

* $p \leq .05$ ** $p \leq .01$ *** $p \leq .001$

Analisando cada uma das dimensões, podemos verificar através da tabela as diferenças que existem entre os alunos quanto ao género. Estes dados dão-nos informação relevante se tivermos em conta a hipótese de que as atividades de animação sociocultural podem ter um impacto diferente na qualidade da vivência escolar consoante se os alunos são do sexo masculino ou do sexo feminino. A partir destes dados também podemos observar qual a dimensão que é considerada mais importante nos alunos masculinos e qual a mais importante nos alunos femininos.

Assim sendo, na apreciação global das atividades de animação sociocultural podemos verificar que os alunos do sexo feminino fazem uma avaliação mais elevada do que os alunos do sexo masculino (4.51 vs 4.29), sendo esta diferença estatisticamente significativa [*Global*, $t(437) = -3.312$, $p = .001$], apesar de que ambos os géneros, no geral, avaliam de forma bastante positiva esta dimensão.

Relativamente à dimensão em que são avaliados os objetivos relacionados com as atividades de animação sociocultural, podemos analisar que os alunos do sexo feminino fazem uma avaliação mais elevada do que os alunos do sexo masculino (4.46 vs 4.20), sendo esta diferença estatisticamente significativa [*Objetivos*, $t(437) = -3.678$, $p = .001$].

No que concerne ao desenvolvimento das atividades de animação sociocultural, podemos verificar que os alunos do sexo feminino fazem uma avaliação mais elevada quando comparados com os alunos do sexo masculino (4.31 vs 4.06), sendo esta diferença também estatisticamente significativa [*Desenvolvimento*, $t(437) = -3.170$, $p = .001$].

Na participação das atividades de animação sociocultural, propriamente ditas, podemos analisar que os alunos do sexo feminino fazem uma avaliação mais elevada do que os alunos do sexo masculino (4.22 vs 3.88), sendo esta diferença também estatisticamente significativa [*Atividades*, $t(437) = -4.154$, $p = .001$].

E, por fim, relativamente à avaliação final do programa de atividades de animação sociocultural administrada na escola, os alunos do sexo feminino fazem uma avaliação mais elevada do que os alunos do sexo masculino (4.44 vs 4.62), sendo, também, a diferença estatisticamente significativa [*Avaliação*, $t(437) = -2.645$, $p = .001$].

4.4 Comparação por ano (alunos)

De seguida, será feita a comparação das respostas dos alunos em função dos anos letivos onde se encontram. Podemos analisar que se verificaram, também aqui, diferenças estatisticamente significativas (c.f. Tabela 40).

Tabela 40. Comparação por ano

	1º ano		2º ano		3º ano		4º ano		<i>F</i>
	<i>M</i>	<i>Dp</i>	<i>M</i>	<i>Dp</i>	<i>M</i>	<i>Dp</i>	<i>M</i>	<i>Dp</i>	
Global	4.55	.57	4.54	.55	4.47	.66	4.10	.82	8.699***
Objetivos	4.21	.57	4.55	.59	4.39	.73	4.13	.97	8.704***
Desenvolvimento	3.83	.83	4.39	.55	4.37	.78	4.04	1.03	11.965***
Atividades	3.71	.88	4.29	.56	4.21	.86	3.88	1.04	11.845***
Avaliação	4.46	.80	4.72	.41	4.64	.56	4.25	.91	9.376***

* $p \leq .05$ ** $p \leq .01$ *** $p \leq .001$

Relativamente à primeira dimensão avaliada, a apreciação global da animação sociocultural na escola, o teste de comparação múltipla à posteriori (c.f. Tabela 41) indica-nos que as diferenças significativas se encontram entre os alunos do 4º ano e os dos restantes anos, sendo que os alunos do 1º, 2º e 3º ano avaliam melhor esta dimensão [*Global*, $F(3, 219.019) = 8.699$, $p = .001$].

Tabela 41. Apreciação global

Ano	N	Subset for alpha = 0.05	
		1	2
4º ano	107	4.09	
3º ano	106		4.46
2º ano	146		4.53
1º ano	80		4.55
Sig.		1.000	.760

No que diz respeito à segunda dimensão avaliada, os objetivos das atividades da animação sociocultural na escola, o teste de comparação múltipla à posteriori indica-nos que as diferenças significativas se encontram entre os alunos do 2º ano e os do 1º e 4º ano, sendo que os alunos do 2º avaliam melhor esta dimensão (c.f. Tabela 42). As diferenças entre os alunos do 3º e 4º ano também são estatisticamente significativas [*Objectivos*, $F(3, 204.873) = 11.965$, $p = .001$].

Tabela 42. Objetivos

Ano	N	Subset for alpha = 0.05		
		1	2	3
4º ano	107	4.13		
1º ano	80	4.21	4.21	
3º ano	106		4.39	4.39

2º ano	146			4.54
Sig.		.858	.274	.405

A terceira dimensão avaliada, o desenvolvimento das atividades da animação sociocultural na escola, o teste de comparação múltipla à posteriori indica-nos que as diferenças significativas se encontram entre os alunos do 2º e 3º ano e os alunos do 1º e 4º, sendo que os alunos do 2º e 3º ano avaliam melhor esta dimensão. (c.f. Tabela 43). As diferenças entre os alunos do 3º e 4º ano também são estatisticamente significativas [*Desenvolvimento*, $F(3, 204.873) = 11.965, p = .001$].

Tabela 43. Desenvolvimento

Ano	N	Subset for alpha = 0.05	
		1	2
1º ano	80	3.82	
4º ano	107	4.04	
3º ano	106		4.36
2º ano	146		4.38
Sig.		.205	.997

Na dimensão das atividades de animação sociocultural propriamente ditas (c.f. Tabela 44), o teste de comparação múltipla a posteriori indica-nos que as diferenças significativas se encontram entre os alunos do 2º e 3º ano e os alunos do 1º e 4º, sendo que os alunos do 2º e 3º ano avaliam melhor esta dimensão [*Atividades*, $F(3, 203.277) = 11.845, p = .001$].

Tabela 44. Atividades

Ano	N	Subset for alpha = 0.05	
		1	2
1º ano	80	3.7146	
4º ano	107	3.8832	
3º ano	106		4.2107
2º ano	146		4.2877
Sig.		.455	.908

Por fim, na dimensão da avaliação das atividades de animação sociocultural na escola (c.f. Tabela 45), o teste de comparação múltipla à posteriori indica-nos que as diferenças significativas se encontram entre os alunos do 2º ano e os do 1º e 4º ano, sendo que os alunos do 2º avaliam melhor esta dimensão. As diferenças entre os alunos do 3º e 4º ano também são estatisticamente significativas [*Avaliação*, $F(3, 199.127) = 9.376$, $p = .001$].

Tabela 45. Avaliação

Ano	N	Subset for alpha = 0.05		
		1	2	3
4º ano	107	4.25		
1º ano	80	4.46	4.46	
3º ano	106		4.63	4.63
2º ano	146			4.71
Sig.		.112	.225	.832

4.5 Opinião dos Professores sobre a importância da animação sociocultural

De seguida iremos apresentar os resultados obtidos da amostra dos professores do Agrupamento de Escolas de Nuno Álvares.

4.5.1 Caracterização da amostra de professores

No presente estudo colaboram um total de 36 professores. A maioria era do género feminino (69.4%, $n = 25$), sendo a população masculina 30.6% da amostra total ($N=36$) (Gráfico 3; Tabela 46).

Gráfico 3 - Género

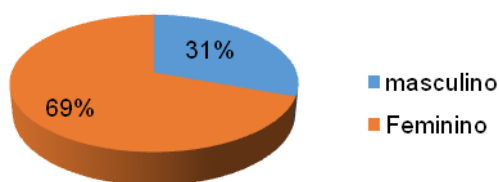


Tabela 46. Frequência e percentagem da amostra dos professores por género

	N	%
Masculino	11	30.6
Feminino	25	69.4

4.5.2 Resultados das questões

O questionário administrado aos participantes é constituído por 5 blocos de questões. Para apresentação dos resultados das questões iremos proceder à mesma organização do questionário, sendo os resultados apresentados pela ordem de cada bloco de questões.

Bloco 1. Apreciação global da animação sociocultural

O primeiro bloco de questões foca-se na apreciação global da animação sociocultural e abrange as seguintes questões: (1) “Achas importante as atividades de Animação Sociocultural na escola?”; (2) “Achas que as atividades de Animação Sociocultural contribuem para a tua aprendizagem?”; (3) “Pensas que as atividades de Animação contribuem para melhorar o teu comportamento na Escola?”; (4) “Pensas que as atividades de Animação Sociocultural na Escola ajudam a combater a violência, a indisciplina e o abandono escolar?”; (5) “Achas que as atividades de Animação Sociocultural têm contribuído para gostares mais da tua Escola?” e, por fim, (6) “Gostarias que a Animação Sociocultural fizesse parte do currículo escolar?”.

Podemos observar na seguinte tabela (c.f. Tabela 47) que os professores revelam ter uma apreciação bastante positiva da animação sociocultural na escola. De todas as questões abrangentes nesta dimensão, a questão “Pensas que as atividades de Animação Sociocultural ajudam a combater a violência e a indisciplina?” a que obteve uma maior frequência na classificação máxima (muito bom) com uma percentagem de 80,6% de todos os professores (N=29). No entanto podemos observar na tabela (a colorido) que todas as questões abordadas obtiveram boas classificações.

Observando cada uma delas, a questão “Achas que as atividades de Animação Sociocultural contribuem para a tua aprendizagem?” os professores concordaram com esta afirmação, sendo que 38,9% dos inquiridos classificaram como “Bom” (N=14) e 58,3% com “Muito bom” (N=21).

À questão “Achas que as atividades de Animação Sociocultural contribuem para a aprendizagem?”, os professores concordaram, sendo que 36,1% responderam “Bom” (N=13) e 61,1% responderam “Muito bom” (N=22).

À questão “Pensas que as atividades de Animação Sociocultural contribuem para melhorar o comportamento na Escola?”, a maioria dos professores concordaram, sendo que 44,4% responderam “Bom” (N=16) e 50% responderam “Muito bom” (N=18).

À questão “Achas que as atividades de Animação Sociocultural têm contribuído para se gostar mais da Escola?”, a maioria dos professores referiu

concordar, sendo que 30,6% respondeu “Bom” (N= 11) e 69,4% respondeu “Muito bom” (N=25).

Por fim, à questão “Gostarias que a Animação Sociocultural fizesse parte do currículo escolar?”, a maioria dos professores concordou, sendo que 16,7% respondeu “Bom” (N= 6) e 75% respondeu “Muito bom” (N=27).

Tabela 47. Frequências e percentagens às questões relativas à apreciação global da animação sociocultural

		Mau	Fraco	Razoável	Bom	Muito bom
1. Achas importante as atividades de Animação Sociocultural na Escola?	N	0	0	1	14	21
	%	0.0	0.0	2.8	38.9	58.3
2. Achas que as atividades de Animação Sociocultural contribuem para a tua aprendizagem?	N	0	0	1	13	22
	%	0.0	0.0	2.8	36.1	61.1
3. Pensas que as atividades de Animação contribuem para melhorar o teu comportamento na Escola?	N	0	0	2	16	18
	%	0.0	0.0	5.6	44.4	50.0
4. Pensas que as atividades de Animação Sociocultural ajudam a combater a violência e a indisciplina..	N	0	0	0	7	29
	%	0.0	0.0	0.0	19.4	80.6
5. Achas que as atividades de Animação Sociocultural têm contribuído para gostares mais da tua Escola?	N	0	0	0	11	25
	%	0.0	0.0	0.0	30.6	69.4
6. Gostarias que a Animação Sociocultural fizesse parte do currículo escolar?	N	0	0	3	6	27
	%	0.0	0.0	8.3	16.7	75.0

Bloco 2. Objetivos da animação sociocultural

O segundo bloco de questões foca-se nos objetivos que a animação sociocultural detém no meio escolar. Os participantes devem classificar a importância de cada um dos 6 objetivos: (1) promover a educação não formal no sucesso educativo; (2) promover a metodologia lúdico pedagógica na aprendizagem; (3) incluir a animação sociocultural na estrutura curricular; (4) proporcionar mais atividades nos intervalos do período escolar; (5) diminuir o nível de violência nos intervalos escolares; e, por fim, (6) promover a animação sociocultural como oferta educativa.

Podemos observar na seguinte tabela (c.f. Tabela 48) que os professores referem que os objetivos da animação sociocultural na escola são bastante positivos.

De todas as questões abrangentes nesta dimensão, a questão “Promover a Animação Sociocultural como oferta educativa” a que obteve uma maior frequência na classificação máxima (muito bom) com uma percentagem de 77,8% de todos os professores (N=28). No entanto podemos observar na tabela (a colorido) que todas as questões abordadas obtiveram boas classificações.

Observando cada uma delas, a questão “Promover a educação não formal no sucesso educativo” os professores concordaram com esta afirmação, sendo que 30,6% dos inquiridos classificaram como “Bom” (N=11) e 61,1% com “Muito bom” (N=22).

À afirmação “Promover a metodologia lúdico pedagógico na aprendizagem”, a maioria dos professores concordaram, sendo que 30,6% responderam “Bom” (N=11) e 63,9% responderam “Muito bom” (N=23).

À afirmação “Incluir a Animação Sociocultural na estrutura curricular”, os professores concordaram, sendo que 22,2% responderam “Bom” (N=8) e 69,4% responderam “Muito bom” (N=25).

À afirmação “Proporcionar mais atividades nos intervalos do período escolar”, a maioria dos professores referiu concordar, sendo que 22,2% respondeu “Bom” (N= 9) e 75% respondeu “Muito bom” (N=27).

À afirmação “Diminuir o nível da violência nos intervalos escolares”, a maioria dos professores concordou, sendo que 25% respondeu “Bom” (N= 9) e 72,2% respondeu “Muito bom” (N=26).

Tabela 48. Frequências e percentagens das respostas relativas aos objetivos da animação sociocultural..

		Mau	Fraco	Razoável	Bom	Muito bom
7. Promover a educação não formal no sucesso educativo.	N	0	1	2	11	22
	%	0.0	2.8	5.6	30.6	61.1
8. Promover a metodologia lúdico pedagógico na aprendizagem.	N	0	1	1	11	23
	%	0.0	2.8	2.8	30.6	63.9
9. Incluir a Animação Sociocultural na estrutura curricular	N	0	1	2	8	25
	%	0.0	2.8	5.6	22.2	69.4
10. Proporcionar mais atividades nos intervalos do período escolar.	N	0	1	0	8	27
	%	0.0	2.8	0.0	22.2	75.0
11. Diminuir o nível de violência nos intervalos escolares.	N	0	0	1	9	26
	%	0.0	0.0	2.8	25.0	72.2
12. Promover a Animação Sociocultural como oferta educativa	N.	0	1	3	4	28
	%	0.0	2.8	8.3	11.1	77.8

Bloco 3. Desenvolvimento das atividades socioculturais

O terceiro bloco de questões relacionam-se com o desenvolvimento das próprias atividades de animação sociocultural na escola. Os participantes devem atribuir a sua resposta de acordo com a satisfação no desenvolvimento das atividades. São 6 questões que os participantes devem classificar de acordo com: (1) “Modo como os conteúdos foram abordados”; (2) “A quantidade de conteúdos abordados foi”; (3) “A compreensão dos conteúdos foi”; (4) “No início das atividades, o grau de desenvolvimento das minhas competências era”; (5) “No fim das atividades, o grau de desenvolvimento das minhas competências é”; e, por fim, (6) “Os estímulos dados para continuar a aprofundar as competências desenvolvidas foram”.

Podemos observar na seguinte tabela (c.f. Tabela 49) que os professores referem que o desenvolvimento das atividades de animação sociocultural foi realizado com sucesso, de forma global.

De todas as questões abrangentes nesta dimensão, a questão “Os estímulos dados para aprofundar as competências desenvolvidas foram” a que obteve uma maior frequência na classificação máxima (muito bom) com uma percentagem de 77,8% de todos os professores (N=28). No entanto podemos observar na tabela (a colorido) que todas as questões abordadas obtiveram boas classificações.

Observando cada uma delas, a questão “O modo como os conteúdos foram abordados foi” os professores responderam maioritariamente de forma positiva, sendo que 22,2% dos inquiridos classificaram como “Bom” (N=8) e 72,2% com “Muito bom” (N=26).

À questão “A quantidade de conteúdos abordados foi”, a maioria dos professores responderam de forma positiva, sendo que 44,4% responderam “Bom” (N=16) e 50% responderam “Muito bom” (N=18).

À afirmação “A compreensão dos conteúdos foi”, a maioria dos professores referiu concordar, sendo que 44,4% respondeu “Bom” (N= 16) e 50% respondeu “Muito bom” (N=18).

À questão “No início das atividades, o grau de desenvolvimento das minhas competências era”, os professores responderam de forma positiva, sendo que 38,9% responderam “Bom” (N=14) e 55,6% responderam “Muito bom” (N=20).

À questão “No fim das atividades, o grau de desenvolvimento das minhas competências é”, a maioria dos professores concordou, sendo que 27,8% respondeu “Bom” (N= 10) e 69.4% respondeu “Muito bom” (N=25).

Tabela 49. Frequências e percentagens das respostas relativas ao desenvolvimento das atividades de animação sociocultural na escola

		Mau	Fraco	Razoável	Bom	Muito bom
13. Modo como os conteúdos foram abordados foi	N	0	2	0	8	26
	%	0.0	5.6	0.0	22.2	72.2
14. A quantidade de conteúdos abordados foi	N	0	2	0	16	18
	%	0.0	5.6	0.0	44.4	50.0
15. A compreensão dos conteúdos foi	N	0	1	1	16	18
	%	0.0	2.8	2.8	44.4	50.0
16. No início das atividades, o grau de desenvolvimento das minhas competências era	N	0	0	2	14	20
	%	0.0	0.0	5.6	38.9	55.6
17. No fim das atividades, o grau de desenvolvimento das minhas competências é	N	0	0	1	10	25
	%	0.0	0.0	2.8	27.8	69.4
18. Os estímulos dados para continuar a	N	0	1	2	5	28

aprofundar as competências desenvolvidas foram	%	0.0	2.8	5.6	13.9	77.8
--	---	-----	-----	-----	------	------

Bloco 4. Realização das atividades de animação socioculturais propriamente ditas

O quarto bloco de questões relaciona-se com as atividades socioculturais desenvolvidas. Os participantes tinham de avaliar cada uma das atividades socioculturais oferecidas: (1) Expressão Físico Motora; (2) Expressão Dramática; (3) Expressão Musical; (4) Espaço lúdico pedagógico (apoio nos trabalhos); (5) ATL – Férias; (6) Componente do estudo acompanhado.

Podemos observar na seguinte tabela (c.f. Tabela 50) que os professores referem que a realização de atividades de animação socioculturais foi feita com bastante satisfação.

De todas as questões abrangentes nesta dimensão, a atividade de animação sociocultural “ATL - Férias” foi a que obteve uma maior frequência na classificação máxima (muito bom) com uma percentagem de 77,8% de todos os professores (N=28). No entanto podemos observar na tabela (a colorido) que todas as questões abordadas obtiveram boas classificações.

Observando cada uma delas, na atividade “Expressão Físico Motora” os professores responderam maioritariamente terem gostado de realizar esta atividade de animação sociocultural, sendo que 27,8% dos inquiridos classificaram como “Bom” (N=10) e 69,4% com “Muito bom” (N=25).

Na atividade “Expressão Dramática”, a maioria dos professores responderam que gostaram de realizar esta atividade de animação sociocultural de forma positiva, sendo que 50% responderam “Bom” (N=18) e 41,7% responderam “Muito bom” (N=15).

Na atividade “Expressão Musical” os professores responderam ter gostado de realizar esta atividade de animação sociocultural de forma positiva,

sendo que 44,4% responderam “Bom” (N=16) e 50% responderam “Muito bom” (N=18).

Na atividade “Espaço lúdico pedagógico”, a maioria dos professores referiu ter gostado de realizar esta atividade de animação sociocultural, sendo que 41,7% respondeu “Bom” (N= 15) e 55,6% respondeu “Muito bom” (N=20).

Na atividade “Componente do estudo acompanhado”, os professores responderam ter gostado de realizar esta atividade de animação sociocultural de forma satisfatória, sendo que 19,4% respondeu “Bom” (N= 7) e 24% respondeu “Muito bom” (N=24).

Tabela 50. Frequências e percentagens das respostas dos professores relacionadas com as atividades de animação sociocultural

		Mau	Fraco	Razoável	Bom	Muito bom
19. Expressão Físico Motora (jogos, etc.)	N	0	0	1	10	25
	%	0.0	0.0	2.8	27.8	69.4
20. Expressão Dramática	N	0	1	2	18	15
	%	0.0	2.8	5.6	50.0	41.7
21. Expressão Musical	N	0	2	0	16	18
	%	0.0	5.6	0.0	44.4	50.0
22. Espaço lúdico pedagógico (apoio nos trabalhos)	N	0	0	1	15	20
	%	0.0	0.0	2.8	41.7	55.6
23. ATL – Férias	N	0	0	0	8	28
	%	0.0	0.0	0.0	22.2	77.8
24. Componente do estudo acompanhado	N	0	1	4	7	24
	%	0.0	2.8	11.1	19.4	66.7

Bloco 5. Avaliação das atividades de animação sociocultural

Por fim, o último e quinto bloco centra-se na avaliação final dos participantes relativamente ao programa de animação sociocultural implementado no Agrupamento de Escola Nuno Álvares: (1) “As atividades de Animação Sociocultural corresponderam às tuas expetativas?”; (2) “Como classificas o trabalho dos Animadores Socioculturais?”; (3) “Como te sentes quando realizas atividades de Animação Sociocultural?”; e, por fim, (4) “Como classificarias globalmente a Animação Sociocultural na Escola?”.

Podemos observar na seguinte tabela (c.f. Tabela 51) que os professores referem que a realização de atividades de animação socioculturais foi feita com bastante satisfação.

De todas as questões abrangentes nesta dimensão, a questão “Como classificarias globalmente a Animação Sociocultural na Escola?” foi a que obteve uma maior frequência na classificação máxima (muito bom) com uma percentagem de 77,8% de todos os professores (N=28). No entanto podemos observar na tabela (a colorido) que todas as questões abordadas obtiveram boas classificações.

Observando cada uma delas, na questão “As atividades de Animação corresponderam às tuas expetativas?” os alunos responderam maioritariamente que sim, sendo que 33,3% dos inquiridos classificaram como “Bom” (N=12) e 61,1% com “Muito bom” (N=22).

Na questão “Como classificas o trabalho dos Animadores Socioculturais?”, a maioria dos professores responderam de forma positiva, sendo que 25% responderam “Bom” (N=9) e 72,2% responderam “Muito bom” (N=26).

Por fim, na questão “Como te sentes quando realizas atividades de Animação Sociocultural?”, a maioria dos professores referiu ter gostado das atividades de animação sociocultural, sendo que 30,6% respondeu “Bom” (N= 11) e 66,7% respondeu “Muito bom” (N=24).

Tabela 51. Frequências e percentagens das questões relacionadas com a avaliação da animação sociocultural na escola

		Mau	Fraco	Razoável	Bom	Muito bom
25. As atividades de Animação Sociocultural corresponderam às tuas expectativas?	N	0	1	1	12	22
	%	0.0	2.8	2.8	33.3	61.1
26. Como classificas o trabalho dos Animadores Socioculturais?	N	0	0	1	9	26
	%	0.0	0.0	2.8	25.0	72.2
27. Como te sentes quando realizas atividades de Animação Sociocultural?	N	0	1	0	11	24
	%	0.0	2.8	0.0	30.6	66.7
28. Como classificarias globalmente o Animação Sociocultural na escola?	N	0	0	1	7	28
	%	0.0	0.0	2.8	19.4	77.8

4.5.3 Estudo das dimensões

De seguida, será apresentada as médias e desvios-padrões das cinco dimensões analisadas no questionário, sendo estes resultados referentes ao grupo dos professores (c.f. Tabela 52).

Tabela 52. Médias e desvios-padrões das 5 dimensões analisadas

	<i>M</i>	<i>DP</i>
Apreciação global	4.62	0.39
Objetivos	4.61	0.54

Desenvolvimento	4.54	0.55
Atividades	4.52	0.47
Avaliação	4.64	0.49

Podemos verificar que todas as dimensões tiveram pontuações altas (de uma escala de 1 a 5). No entanto, a dimensão melhor avaliada foi a dimensão “Avaliação” com uma média de 4.64 pontos (DT=0.39). Numa forma geral, consegue-se afirmar que os professores mostram-se satisfeitos com a aplicação de atividades de animação sociocultural na escola onde trabalham.

4.5.4. Consistência interna do questionário aos professores

Os valores de consistência interna, avaliada com o coeficiente Alfa de Cronbach, são todos superiores a .80 (bom).

Os resultados (c.f. Tabela 53) mostram que todas as dimensões avaliadas apresentam bons índices de consistência interna, o que quer dizer que os itens de cada dimensão avaliada permitem analisar, de facto, o que é pretendido.

Tabela 53 Consistência interna das dimensões

	Alfa
<i>Apreciação global</i>	.815
<i>Objetivos</i>	.890
<i>Desenvolvimento</i>	.896
<i>Atividades</i>	.830

Avaliação	.847
------------------	------

4.5.5. Estudo correlacional das dimensões estudadas

Os coeficientes de correlação entre as dimensões de avaliação são todos estatisticamente significativos, positivos e moderados ou elevados (c.f. Tabela 54). A correlação mais elevada ocorreu entre a dimensão desenvolvimento e a dimensão Objectivos ($r = .766$). Assim, pode-se analisar que quando melhor forem definidos os objetivos, maior será a eficácia do desenvolvimento das atividades de animação sociocultural.

Tabela 54. Correlação entre as dimensões

	Global	Objectivos	Desenvolvimento	Atividades
Objectivos	.743**			
Desenvolvimento	.620**	.651**		
Atividades	.538**	.584**	.766**	
Avaliação	.636**	.535**	.561**	.714**

* $p \leq .05$ ** $p \leq .01$ *** $p \leq .001$

4.5.6 Comparação por género (professores)

Analisando cada uma das dimensões, podemos verificar através da tabela as diferenças que existem entre os professores quanto ao género. Estes dados dão-nos informação relevante se tivermos em conta a hipótese de que as atividades de animação sociocultural podem ter um impacto diferente na qualidade da vivência escolar consoante se os professores são do sexo

masculino ou do sexo feminino. A partir destes dados também podemos observar qual a dimensão que é considerada mais importante nos professores do sexo masculino e qual a mais importante nos professores do sexo feminino.

As diferenças de avaliação do programa por parte dos professores em função do género não são estatisticamente significativas (c.f. Tabela 55).

Tabela 55. Comparação por género

	Masculino		Feminino		t
	M	Dp	M	Dp	
Global	4.57	.27	4.64	.43	-1.290
Objetivos	4.74	.32	4.55	.61	-.739
Desenvolvimento	4.66	.26	4.48	.64	-.367
Atividades	4.65	.24	4.47	.54	-.350
Avaliação	4.72	.34	4.61	.55	-.474

Assim sendo, na apreciação global das atividades de animação sociocultural podemos verificar que os professores do sexo feminino fazem uma avaliação mais elevada do que os professores do sexo masculino (4.64 vs 4.57), sendo esta diferença estatisticamente não significativa [*Global*, $t(36) = -1.290$, $p = .001$], apesar de que ambos os géneros, no geral, avaliam de forma bastante positiva esta dimensão.

Relativamente à dimensão em que são avaliados os objetivos relacionados com as atividades de animação sociocultural, podemos analisar que os professores do sexo masculino fazem uma avaliação mais elevada do que os professores do sexo feminino (4.74 vs 4.55), sendo esta diferença estatisticamente não significativa [*Objetivos*, $t(36) = -0.739$, $p = .001$].

No que concerne ao desenvolvimento das atividades de animação sociocultural, podemos verificar que os professores do sexo masculino fazem uma avaliação mais elevada quando comparados com os professores do sexo feminino (4.66 vs 4.48), sendo esta diferença também estatisticamente não significativa [*Desenvolvimento*, $t(36) = -0.367$, $p = .001$].

Na participação das atividades de animação sociocultural, propriamente ditas, podemos analisar que os professores do sexo masculino fazem uma avaliação mais elevada do que os professores do sexo feminino (4.65 vs 4.47), sendo esta diferença também estatisticamente não significativa [*Atividades*, $t(36) = -0.350$, $p = .001$].

E, por fim, relativamente à avaliação final do programa de atividades de animação sociocultural administrada na escola, os professores do sexo masculino fazem uma avaliação mais elevada do que os professores do sexo feminino (4.72 vs 4.61), sendo, também, a diferença estatisticamente significativa [*Avaliação*, $t(36) = -0.474$, $p = .001$].

4.5.7 Comparação: alunos vs professores

De seguida iremos abordar os resultados comparando os dados obtidos pelos alunos e os dados obtidos pelos professores, de forma a termos noção se existem diferenças entre as perceções destes dois grupos.

Assim, quando comparamos as respostas dos alunos e as dos professores encontramos as seguintes diferenças estatisticamente significativas (c.f. Tabela 56).

Tabela 56. Alunos vs professores

	Alunos		Professores		<i>t</i>
	M	Dp	M	Dp	
Global	4.41	.67	4.62	.39	-2,886**

Objetivos	4.34	.74	4.61	.54	-2,689**
Desenvolvimento	4.19	.82	4.54	.55	-3,421***
Atividades	4.06	.85	4.52	.47	-5,161***
Avaliação	4.53	.69	4.64	.49	-,905

* $p \leq .05$ ** $p \leq .01$ *** $p \leq .001$

De uma forma geral podemos observar que em todas as dimensões avaliadas os professores apresentam valores mais elevados comparativamente aos alunos. Isto sugere-nos que os professores detêm uma perceção superior do impacto da animação sociocultural na educação como tendo uma grande impacto.

Assim sendo, na apreciação global das atividades de animação sociocultural podemos verificar que os professores fazem uma avaliação mais elevada do que os alunos (4.62 vs 4.41), sendo esta diferença estatisticamente significativa [*Global*, $t(473) = -2.886$, $p = .001$], apesar de que ambos os grupos, no geral, avaliam de forma bastante positiva esta dimensão.

Relativamente à dimensão em que são avaliados os objetivos relacionados com as atividades de animação sociocultural, podemos analisar que os professores fazem uma avaliação mais elevada do que os alunos (4.61 vs 4.34), sendo esta diferença estatisticamente significativa [*Objetivos*, $t(473) = -2.689$, $p = .001$].

No que concerne ao desenvolvimento das atividades de animação sociocultural, podemos verificar que os professores fazem uma avaliação mais elevada quando comparados com os alunos (4.54 vs 4.19), sendo esta diferença também estatisticamente significativa [*Desenvolvimento*, $t(473) = -3.421$, $p = .001$].

Na participação das atividades de animação sociocultural, propriamente ditas, podemos analisar que os professores fazem uma avaliação mais elevada

do que os alunos (4.52 vs 4.06), sendo esta diferença também estatisticamente significativa [*Atividades*, $t(473) = -5.161$, $p = .001$].

E, por fim, relativamente à avaliação final do programa de atividades de animação sociocultural administrada na escola, os professores fazem uma avaliação mais elevada do que os alunos (4.64 vs 4.53), sendo, também, a diferença estatisticamente significativa [*Avaliação*, $t(473) = -0.905$, $p = .001$].

6. DISCUSSÃO DE RESULTADOS

Hoje em dia, numa sociedade moderna, as famílias enfrentam as mais diversas dificuldades, as quais acabam sempre por se refletir nas crianças. Um obstáculo crescente é a falta de tempo que os pais têm para dedicar aos seus filhos, o que dificulta a transmissão e assimilação de regras fundamentais para as crianças, pois é no seio da família que são adquiridas as bases para um futuro estável. Quando falha a aquisição de regras básicas, os valores essenciais para uma convivência social saudável também não são adquiridos. As crianças têm dificuldade em estabelecer relações sociais, isolando-se. Para este isolamento contribui também as apelativas ofertas tecnológicas que as crianças têm acesso. A escola tradicional, assente numa educação formal, não consegue competir com as ofertas tecnológicas da sociedade moderna. Estes problemas e outros, direta ou indiretamente relacionados, contribuem para as atitudes incorretas que as crianças evidenciam em relação à escola, desde a desmotivação até comportamentos agressivos.

Torna-se premente prevenir comportamentos de risco nas nossas crianças, uma vez que, mais tarde ou mais cedo, têm consequências na nossa sociedade. Assim, é fundamental intervir nas escolas, política e socialmente, para mudar a mentalidade da comunidade escolar em relação à escola. A escola tem de acompanhar a mudança de uma sociedade em constante transformação.

Esta temática para projeto de investigação pareceu-nos pertinente, uma vez que tem como tema central a área da Animação Sociocultural em Contexto Escolar no 1º ciclo, primeiro nível de ensino no Agrupamento Nuno Alvares, onde é realizado o nosso estudo de caso.

O problema de partida para investigação prende-se com Animação Sociocultural e a sua importância no contexto escolar e perceber a sua relevância futura através dos seus conceitos e suas metodologias para sua futura implementação nas comunidades educativas e na sociedade.

Sendo um contributo para se poderem implementar estratégias contínuas que permitam criar, adquirir e desenvolver competências, dando resposta às necessidades educativas, sociais e culturais das comunidades educativas com a área da Animação Sociocultural.

O objetivo desta investigação: é compreender a importância da Animação Sociocultural no contexto escolar e perceber a sua importância futura na implementação nas comunidades educativas e na sociedade. Promovendo a Animação Sociocultural como elemento essencial no meio escolar complementado com a educação não formal, a aprendizagem, conseguindo-se consolidar as temáticas e gerar motivação e interesse contínuo pelo processo de aprendizagem.

O presente trabalho de investigação foi elaborado a partir de uma amostra populacional de dois grupos distintos: (1) alunos; (2) professores. A amostra foi constituída pela comunidade educativa do 1º Ciclo das turmas do Agrupamento Escolas Nuno Álvares, sendo os alunos do 1º, 2º, 3º, e 4º anos, num universo total de 439 alunos. Os alunos foram agrupados por ano de escolaridade que estavam a frequentar no momento: 1º ano com um total de 80 participantes; 2º ano com um total de 146 participantes; 3º ano com um total de 106 participantes e, por fim, o 4º ano de escolaridade com um total de 107 participantes. A amostra dos professores é constituída pelos profissionais no mesmo Agrupamento de Escolas, constituindo um universo total de 36 professores. No total das amostras, o presente estudo de investigação contou com um universo populacional total de 473 participantes.

Amostra Alunos

Podemos observar na seguinte tabela que os alunos revelam ter uma apreciação bastante positiva da animação sociocultural na escola. De todas as questões abrangentes nesta dimensão, a questão “achas importante as atividades de animação sociocultural na escola” a que obteve uma maior frequência na classificação máxima (muito bom) com uma percentagem de 68,3% de todos os alunos (N=300). No entanto podemos observar na tabela (a

colorido) que todas as questões abordadas obtiveram boas classificações. Costa e Campos (2014) verificaram, no seu estudo sobre animação sociocultural nos recreios escolares, a promoção da integração escolar, motivação e conseqüente melhoria dos resultados escolares, bem como a redução do abandono escolar. Silva (2014), realizou um estudo sobre o envolvimento dos alunos numa escola onde se verifica a parceria entre o professor e o animador sociocultural. Silva (2014) verificou, neste estudo, a importância da presença de um animador sociocultural no contexto escolar, sendo que os alunos com retenções escolares anteriores apresentaram uma maior motivação escolar. Os professores que reconhecem as funções do animador sociocultural e que trabalham com este técnico na escola percebem o envolvimento dos alunos e valorizam a parceria professor-animador sociocultural. A estatística indica que existe uma tendência para quando há um reconhecimento das funções do animador sociocultural na escola, por parte dos professores, haver um maior reconhecimento da importância desta parceria ao nível do empoderamento que esta relação acarreta para um melhor e mais eficaz envolvimento dos alunos na escola. A dinamização de atividades extracurriculares é reconhecida e valorizada por professores e alunos como uma das funções do animador sociocultural na escola. A maioria dos professores referiu que a principal finalidade destas atividades é a de promover a motivação para o envolvimento dos alunos na escola, seguida da promoção do desenvolvimento de competências pessoais e sociais. Com base nestes dados podemos concluir que as atividades extracurriculares dinamizadas pelo animador sociocultural podem contribuir para o envolvimento/identificação dos alunos na escola, respondendo assim à principal questão de investigação (Silva, 2014).

Podemos observar que os alunos referem que na dimensão “objetivos” da animação sociocultural na escola são bastante positivos. De todas as questões abrangentes nesta dimensão, a questão “diminuir o nível de violência nos intervalos escolares” a que obteve uma maior frequência na classificação máxima (muito bom) com uma percentagem de 72,4% de todos os alunos (N=318). No entanto podemos observar na tabela (a colorido) que todas as questões abordadas obtiveram boas classificações. Silva (2014) realizou uma

investigação para compreender de que forma o animador sociocultural contribui para o envolvimento e a identificação dos alunos na escola. Os resultados evidenciaram que alunos e professores pertencentes a escola onde trabalha um animador sociocultural têm uma percepção mais próxima das práticas de trabalho destes profissionais. Os resultados sugerem ainda que os alunos da escola com animador sociocultural são mais motivados e proactivos, mesmo quando têm retenções no seu percurso escolar. Também Monteiro (2012) analisou a redução da violência e abandono escolar em escolas com animadores socioculturais, verificando a importância que as atividades da animação sociocultural tem nos alunos, permitindo a redução dos comportamentos negativos. Para estudar o impacto da relação entre o animador sociocultural e o educador, especificamente em crianças que frequentam o jardim de infância, Cavaleiro (2012) realizou um estudo no concelho de Viana do Castelo, onde pretendeu responder às questões Será possível, no exercício da Supervisão Pedagógica, promover práticas de colaboração com o Animador, com vista à dinamização de novas estratégias de Animação Socioeducativa? (2) Qual o efeito das práticas colaborativas entre supervisor e Animador, na promoção de um “espaço relacional” positivo na Animação Socioeducativa? (3) Há evidências da influência, das novas estratégias de Animação, na alteração das relações interpessoais das crianças? Procurou-se assim encontrar estratégias integradoras para a participação das crianças num período de educação não formal, valorizando aspectos favoráveis à sua socialização, interacção com os seus pares e adultos envolvidos e motivação para a realização das actividades. A autora verificou que as interações entre educador e as crianças foram mais facilitadoras e a interacção entre pares mais positiva. A autora concluiu que o trabalho colaborativo entre animador e supervisor é determinante para a qualidade das estratégias em animação socioeducativa, definindo-se as prioridades da criança e atingindo-se graus elevados de motivação e participação enquanto brinca e se envolve em novas experiências.

Concluiu-se que as crianças que participaram no estudo revelaram gosto em participar nas atividades desenvolvidas pelo animador sociocultural. Neste estudo, verificou-se que as crianças adquiriram competência social através da

relação com os outros, mostrando-se autónomas na procura dos seus pares e na organização das suas brincadeiras. Dessa competência depende, também, a relação positiva, a resolução dos seus problemas, nomeadamente quando confrontadas com situações de conflito, negociando a sua participação no grupo.

Podemos observar que os alunos referem que o desenvolvimento das atividades de animação sociocultural foi realizado com sucesso, de forma global. De todas as questões abrangentes nesta dimensão, a questão “No fim das atividades, o grau de desenvolvimento das minhas competências é” a que obteve uma maior frequência na classificação máxima (muito bom) com uma percentagem de 60,8% de todos os alunos (N=267). No entanto podemos observar na tabela (a colorido) que todas as questões abordadas obtiveram boas classificações.

Podemos observar que os alunos referem que a realização de atividades de animação socioculturais foi feita com bastante satisfação. De todas as questões abrangentes nesta dimensão, a atividade de animação sociocultural “expressão físico motora” foi a que obteve uma maior frequência na classificação máxima (muito bom) com uma percentagem de 69,9% de todos os alunos (N=307). No entanto podemos observar na tabela (a colorido) que todas as questões abordadas obtiveram boas classificações.

Podemos observar que os alunos referem que a realização de atividades de animação socioculturais foi feita com bastante satisfação. De todas as questões abrangentes nesta dimensão, a questão “como te sentes quando realizas atividades de animação sociocultural” foi a que obteve uma maior frequência na classificação máxima (muito bom) com uma percentagem de 72,7% de todos os alunos (N=319). No entanto podemos observar na tabela (a colorido) que todas as questões abordadas obtiveram boas classificações. Galapito (2017) realizou um estudo para analisar a importância atribuída ao papel do animador sociocultural na inclusão das crianças com necessidades educativas especiais no 1º e no 2º ciclo do Ensino Básico, verificou que a presença do animador sociocultural nas atividades escolares teve um impacto importante e positivo na inclusão das crianças no contexto escolar. A autora verificou que a intervenção do Animador Sociocultural pode evitar algumas

situações de conflitos, promovendo a interação positiva e saudável entre crianças, promoção da aceitação e do bem-estar. Silva (2013), analisou o comportamento dos adolescentes em atividades realizadas em ATL com presença diária de um animador sociocultural. Verificou que os jovens gostam de frequentar as atividades desenvolvidas, participando por iniciativa própria. A autora analisou também que os adolescentes dão grande importância às suas vivências nos grupos de pares em que estão inseridas, sendo este também um dos motivos para uma frequência assídua dos adolescentes no ATL. Conclui-se também que nesta fase da sua vida os adolescentes dão muito valor aos relacionamentos com os pares, no seio de grupos. Eles procuram definir a sua identidade pessoal e social inserindo-se num grupo onde podem partilhar as suas preocupações e alegrias, a mesma forma de vestir, os mesmos gostos musicais, entre outros. Os adolescentes referem que apesar de serem todos diferentes, e cada qual com as suas dificuldades, ninguém é discriminado. Segundo os mesmos, os membros do CATL são como irmãos, só que de pais diferentes, verificando-se que os adolescentes confiam uns nos outros, partilhando experiências, ambições e receios. O afeto entre todos verifica-se também num “cuidar preocupado” dos mais velhos para com os mais novos, por exemplo, quando algum se sente adoentado existe uma preocupação em saber se é preciso alguma coisa e se podem ajudar.

A autora verificou, ainda, que ao atribuir-lhes um papel ativo, eles começam a encarar o adulto como mais um membro de um grupo e não somente como um adulto que lá está para os vigiar e impor limites. Começam a ver o adulto mais como um amigo, pertencente ao grupo em que estão inseridos. Relativamente às representações que os adolescentes têm sobre os tempos livres, verificou-se que apesar de os intervenientes do estudo referirem que os tempos livres são aqueles que passam fora da escola, também os mesmos referem que preferem os seus tempos livres ocupados com atividades juntos dos amigos, do que em casa sem fazerem nada.

Os valores de consistência interna, avaliada com o coeficiente Alfa de Cronbach, variaram entre um mínimo de .790 (razoável) na dimensão Global a um máximo de .873 (bom) na dimensão desenvolvimento. Os resultados mostram que todas as dimensões avaliadas apresentam bons índices de

consistência interna, o que quer dizer que os itens de cada dimensão avaliada permitem analisar, de facto, o que é pretendido.

Os coeficientes de correlação entre as dimensões são todos estatisticamente significativos, positivos e moderados ou elevados. A correlação mais elevada ocorreu entre a dimensão desenvolvimento e a dimensão Objectivos ($r = .796$). Isto é, parece que quanto maior a definição dos objetivos, maior será o sucesso do desenvolvimento das atividades de animação sociocultural na escola. O estudo realizado por Vilardouro (2013) revela a opinião dos docentes do 1º ciclo do ensino básico, comprovando que todos os participantes concordaram que o contributo do animador sociocultural é essencial, alguns já trabalham em conjunto com estes técnicos reconhecendo o seu trabalho, tendo estes uma influência na motivação dos alunos, promovendo o sucesso na escola e na vida social. Com um papel fundamental na dinamização das atividades da escola, o estímulo sobre os alunos é notório, promovendo o sucesso educativo.

Quando comparamos as respostas dos alunos em função do género encontramos as seguintes diferenças estatisticamente significativas. Analisando cada uma das dimensões, podemos verificar através da tabela as diferenças que existem entre os alunos quanto ao género. Estes dados dão-nos informação relevante se tivermos em conta a hipótese de que as atividades de animação sociocultural podem ter um impacto diferente na qualidade da vivência escolar consoante se os alunos são do sexo masculino ou do sexo feminino. A partir destes dados também podemos observar qual a dimensão que é considerada mais importante nos alunos masculinos e qual a mais importante nos alunos femininos.

Amostra Professores

Podemos observar que os professores revelam ter uma apreciação bastante positiva da animação sociocultural na escola. De todas as questões abrangentes nesta dimensão, a questão “pensas que as atividades de

animação sociocultural ajudam a combater a violência e a indisciplina” a que obteve uma maior frequência na classificação máxima (muito bom) com uma percentagem de 80,6% de todos os professores (N=29). No entanto podemos observar na tabela (a colorido) que todas as questões abordadas obtiveram boas classificações. Segundo Vilardoiro (2013), no seu estudo com docentes, verificou-se também a percepção positiva sobre o impacto positivo da animação sociocultural no sistema educativo.

Observando cada uma delas, a questão “achas que as atividades de animação sociocultural contribuem para a tua aprendizagem?” os professores concordaram com esta afirmação, sendo que 38,9% dos inquiridos classificaram como “bom” (N=14) e 58,3% com “muito bom” (N=21).

Podemos observar que os professores referem que os objetivos da animação sociocultural na escola são bastante positivos. De todas as questões abrangentes nesta dimensão, a questão “promover a animação sociocultural como oferta educativa” a que obteve uma maior frequência na classificação máxima (muito bom) com uma percentagem de 77,8% de todos os professores (N=28). No entanto podemos observar na tabela (a colorido) que todas as questões abordadas obtiveram boas classificações.

Podemos observar que os professores referem que o desenvolvimento das atividades de animação sociocultural foi realizado com sucesso, de forma global. De todas as questões abrangentes nesta dimensão, a questão “os estímulos dados para aprofundar as competências desenvolvidas foram” a que obteve uma maior frequência na classificação máxima (muito bom) com uma percentagem de 77,8% de todos os professores (N=28). No entanto podemos observar na tabela (a colorido) que todas as questões abordadas obtiveram boas classificações.

Podemos observar que os professores referem que a realização de atividades de animação socioculturais foi feita com bastante satisfação. De todas as questões abrangentes nesta dimensão, a atividade de animação sociocultural “ATL - Férias” foi a que obteve uma maior frequência na classificação máxima (muito bom) com uma percentagem de 77,8% de todos os professores (N=28). No entanto podemos observar na tabela (a colorido) que todas as questões abordadas obtiveram boas classificações.

Podemos observar que os professores referem que a realização de atividades de animação socioculturais foi feita com bastante satisfação. De todas as questões abrangentes nesta dimensão, a questão “como classificarias globalmente a animação sociocultural na escola?” foi a que obteve uma maior frequência na classificação máxima (muito bom) com uma percentagem de 77,8% de todos os professores (N=28). No entanto podemos observar na tabela (a colorido) que todas as questões abordadas obtiveram boas classificações.

Podemos verificar que todas as dimensões tiveram pontuações altas (de uma escala de 1 a 5). No entanto, a dimensão mais bem avaliada foi a dimensão “avaliação” com uma média de 4.64 pontos (DP=0.39). Numa forma geral, consegue-se afirmar que os professores mostram-se satisfeitos com a aplicação de atividades de animação sociocultural na escola onde trabalham.

Os valores de consistência interna, avaliada com o coeficiente Alfa de Cronbach, são todos superiores a .80 (bom). Os resultados mostram que todas as dimensões avaliadas apresentam bons índices de consistência interna, o que quer dizer que os itens de cada dimensão avaliada permitem analisar, de facto, o que é pretendido.

Os coeficientes de correlação entre as dimensões de avaliação são todos estatisticamente significativos, positivos e moderados ou elevados. A correlação mais elevada ocorreu entre a dimensão desenvolvimento e a dimensão Objetivos ($r = .766$). Assim, pode-se analisar que quando melhor forem definidos os objetivos, maior será a eficácia do desenvolvimento das atividades de animação sociocultural.

Analisando cada uma das dimensões, podemos verificar através da tabela as diferenças que existem entre os professores quanto ao género. Estes dados dão-nos informação relevante se tivermos em conta a hipótese de que as atividades de animação sociocultural podem ter um impacto diferente na qualidade da vivência escolar consoante se os professores são do sexo masculino ou do sexo feminino. A partir destes dados também podemos

observar qual a dimensão que é considerada mais importante nos professores do sexo masculino e qual a mais importante nos professores do sexo feminino.

As diferenças de avaliação do programa por parte dos professores em função do género não são estatisticamente significativas. Assim sendo, na apreciação global das atividades de animação sociocultural podemos verificar que os professores do sexo feminino fazem uma avaliação mais elevada do que os professores do sexo masculino (4.64 vs 4.57), sendo esta diferença estatisticamente não significativa [*Global*, $t(36) = -1.290$, $p = .001$], apesar de que ambos os géneros, no geral, avaliam de forma bastante positiva esta dimensão.

De uma forma geral podemos observar que em todas as dimensões avaliadas os professores apresentam valores mais elevados comparativamente aos alunos. Isto sugere-nos que os professores detêm uma perceção superior do impacto da animação sociocultural na educação como tendo um grande impacto.

7. CONCLUSÃO

A globalização tem promovido uma grande diversidade de mudanças na nossa sociedade, aumenta a importância dos valores economicistas, fazendo esquecer os valores sociais e culturais.

Criou-se uma fragilidade ao nível da estabilidade emocional e ao nível dos relacionamentos sociais que ficaram mais frágeis e causaram riscos nas estruturas familiares, ao nível dos comportamentos e da exclusão social.

Sendo a Animação Sociocultural uma área de vertente social e educativa constitui um recurso importante no trabalho de desenvolvimento das relações sociais e comportamentais. Utilizando uma metodologia de educação não formal, tem um papel fundamental na valorização do processo de socialização na vertente comportamental e de prevenção ao nível dos conflitos no contexto educativo.

Como refere Lopes (2014, p.109) “a educação constitui algo mais do que proporcionar conhecimentos. Educar é ter em atenção os ritmos, a diversidade, a ligação do indivíduo à comunidade e, por isso, o ato de educar não deve estar confinado à oferta das instituições educativas formais. A educação deve estar vinculada à vida e comprometida com o desenvolvimento global do ser humano e com os seus diferentes ciclos de crescimento”.

É prioritário a inclusão da Animação Sociocultural no contexto escolar para se poder implementar de forma sustentada planos de ação para a promoção da socialização, regras comportamentais e minimizar as situações de risco e de abandono escolar.

O espaço que a Animação Sociocultural tem na escola corresponde apenas a uma frequência em tempo parcial, no período antes e pós-escolar, não tendo um período próprio como oferta educativa das escolas.

Consideram-na “o conjunto de processos, meios e instituições específicos e desenhados de acordo com objetivos explícitos de formação ou instrução, que

não são diretamente destinados à prestação do sistema educativo com regulação própria” (Trilla *et al.*, 2003, p. 30).

Contudo, existem bastantes exemplos em que a educação não-formal é vista pelos seus atores como uma boa metodologia de ensino-aprendizagem, ultrapassando mesmo a educação formal.

Assim sendo, as escolas têm que se adaptar e reconhecer a importância da Animação Sociocultural e o seu papel na promoção de um ser humano mais capaz em termos das competências sociais e educativas. Tem assim fundamento a alteração do modelo de horário escolar de colocar a Animação Sociocultural como oferta educativa no final da tarde, tanto no 1º ciclo como no pré-escolar. Esta oferta deveria fazer parte integrante do currículo educativo, alargado a todos os níveis de ensino, uma vez que tem a capacidade de trabalhar a diversidade de vários contextos educativos e permite uma maior fundamentação educativa da educação não formal no contexto educativo.

A Animação Sociocultural é um elemento importante no desenvolvimento de competências que visam o aperfeiçoamento das capacidades do aluno e a sua mudança de valores e atitudes, proporcionando na escola novas forma de reeducar normas e valores através da socialização.

O Animador Sociocultural é, sem dúvida, um contributo valiosíssimo em qualquer escola, na medida em que intervém em todas as áreas de formação: pedagógica, artística, cultural e social, e na medida em que a Escola está inserida numa comunidade e sofre influências dessa comunidade. Assim, e pelas dimensões que abrange, a Animação constitui-se, de igual modo, como um instrumento privilegiado de promoção da articulação entre a escola, família e a comunidade local.

Segundo Trilla (1998), “a animação considera-se como um instrumento importante para a convivência e a participação. Nela estão presentes quer a dimensão sociológica quer a pedagógica, a comunitária e a terapêutica” (p.262).

O Agrupamento de Escolas Nuno Álvares, onde se realizou este estudo, através da sua direção, desde cedo teve consciência desta realidade, apoiando a equipa de Animação e complementando a sua oferta educativa com o Apoio Educativo e as Atividades de Tempos Livres, possibilitando aos seus alunos uma maior diversidade de serviços.

Mas será que só as escolas TEIP têm de promover o seu vínculo com a sociedade e combater o insucesso e o abandono escolar?

Se esta é uma realidade abrangente a todo o país e se as pessoas têm, cada vez mais, consciência da importância da educação para o futuro da nossa sociedade, por que não munir as escolas com equipas de Animação? Pode argumentar-se que o Estado não tem verbas para isso e não coloca mais pessoal especializado do que aquele que é estritamente necessário. A realidade mostra que é assim. Mas, se a lei prevê a colocação nas escolas de um Animador Cultural com formação própria, por que não exigir o cumprimento da lei? Até quando vamos remediar a situação?

Sugerimos que seja reconhecida a importância que a Animação Sociocultural tem na educação dos futuros cidadãos, com a integração de um técnico profissional dessa área nas equipas multidisciplinares dos agrupamentos e das escolas não agrupadas, alargando as atividades de animação a todos os níveis de ensino (desde o pré-escolar, até ao ensino secundário).

Esta aquisição contribuirá para ajudar na tarefa de formar cidadãos responsáveis, conscientes e com uma educação alargada, proporcionando aos alunos novos horizontes e conhecimentos.

Os resultados obtidos no nosso estudo confirmam o papel fundamental que a Animação Sociocultural tem no contexto escolar. Todos os intervenientes neste estudo foram de opinião que a área da animação é uma mais-valia no contexto escolar, os docentes, revelaram que reconhecem o mérito dos técnicos de animação e não se sentem ameaçados pela sua presença nas escolas; os alunos que, mesmo sujeitos a um currículo extenso, aprovam a entrada de mais esta área no seu currículo escolar, por oferecer atividades diferenciadas

que as outras áreas/disciplinas existentes nesse mesmo currículo não possibilitam.

De acordo com Babo (2010, p.14) “a educação associada à animação sociocultural contribui para maiores valores relativos à socialização, liberdade, partilha de saberes e o aprender fazendo”, o que vai ao encontro do estudo de campo que realizámos.

Com este estudo demonstrámos que a Animação Sociocultural contribui para um desenvolvimento mais harmonioso das crianças, o que as torna mais autónoma e felizes, influenciando o bem-estar das comunidades educativas em que estão inseridas. Assim, fazendo parte da estrutura curricular como uma oferta educativa, a Animação Sociocultural estaria a contribuir para o progresso da sociedade futura de um modo geral.

Perante tal cenário seria interessante, no meu ponto de vista, a criação de um sistema de informação para todos, de forma cooperada. Ou seja, a ideia seria criar um grupo com diversos atores não somente nas escolas, mas em estudo, com outras entidades. Desta forma os participantes teriam oportunidade de realizar uma autoformação cooperada, através da realização de relatos de práticas, análise e discussão de temas pertinentes para o grupo, etc., indo de encontro aos seus interesses e necessidades.

Além das sugestões para futuros estudos, anteriormente mencionados ao longo do presente texto, considero interessante desenvolver-se um estudo comparativo entre diversos diplomas já existentes e efetuar uma análise comparativa, de modo a conhecer os tipos de organização, as práticas e as dificuldades sentidas por parte dos atores face ao público-alvo.

Considero importante o aprofundamento do estudo desta temática visando contribuir para uma melhor formação dos educadores, contribuindo para uma melhor qualidade de vida e uma intervenção mais adequada através do desenvolvimento de aprendizagens significativas, da valorização das experiências de cada indivíduo e criação de situações inclusivas na comunidade, onde seja dada oportunidade da pessoa interagir com os outros.

CONCLUSIÓN

La globalización ha promovido una gran diversidad de cambios en nuestra sociedad desde los valores economicistas y haciendo olvidar los valores sociales y culturales.

Creando así una fragilidad a nivel de la inestabilidad emocional y al nivel social, resultaron más frágiles y causaron riesgos en las estructuras familiares, en los comportamientos y la exclusión social.

Así, las escuelas tienen que adaptarse y reconocer la importancia de la animación sociocultural en el papel de la educación no formal, en la valorización del proceso socialización en la vertiente conductual, ayudando así a la promoción del ser humano más capaz en términos de las competencias sociales y educativas.

Según Lopes (2014, p. 109), "La educación constituye algo más que proporcionar conocimientos. Educar es tener en cuenta los ritmos, la diversidad, el vínculo del individuo a la comunidad y, por eso, el acto de educar no debe estar confinado a la oferta de las instituciones educativas formales. La educación debe estar vinculada a la vida y comprometida con el desarrollo global del ser humano y con sus diferentes ciclos de crecimiento".

Siendo la Animación Sociocultural un área de vertiente social y educativa constituye un recurso importante en el trabajo de desarrollo de las relaciones sociales y comportamentales, utilizando sus métodos de terapia específica y de prevención a nivel de los conflictos en el contexto educativo.

La animación sociocultural en la escuela tiene que ser prioritaria su implementación en el contexto escolar para poder promover de forma sostenida planes de acción para la promoción de la socialización, reglas comportamentales y minimizar las situaciones de riesgo y abandono escolar.

El espacio de la animación sociocultural en la escuela tiene como espacio una frecuencia a tiempo parcial, en el período anterior y post-escolar,

no teniendo un período propio como oferta educativa de las escuelas. Hay bastantes ejemplos en que la Educación no formal es vista por sus actores como una buena metodología de enseñanza-aprendizaje, sobrepasando la Educación formal.

Considera-se "el conjunto de procesos, medios e instituciones específicos y diseñados de acuerdo con objetivos explícitos de formación o instrucción, que no están directamente destinados a la prestación del sistema educativo con regulación propia" (Trilla *et al.*, 2013, p. 30).

En el caso de la animación sociocultural un elemento importante en la potenciación de competencias que apuntan al perfeccionamiento de las capacidades del alumno y su cambio de valores y actitudes, potenciando en la escuela nuevas formas de reeducar las normas y valores a través de la socialización.

Con base en la modificación del modelo de horario educativo de colocar la animación sociocultural como oferta educativa en el contexto escolar al final de la tarde, tanto en el primer ciclo como en el preescolar. Permitiendo una mayor oferta educativa en el contexto de competencias sociales y educativas a través del componente lúdico educativo educación no formal.

Puede, pues, trabajar la diversidad de varios contextos educativos y permitiendo una nueva fundamentación educativa de la educación no formal en el contexto educativo.

Los objetivos de estudio, saber si la animación sociocultural mejora la calidad del aprendizaje; percibir de qué forma la Animación Sociocultural contribuye a la promoción del éxito Educativo; entender de qué forma la Animación Sociocultural ayuda a combatir la exclusión social, la violencia, la indisciplina y el abandono escolar; reconocer que la Animación Sociocultural debería formar parte de la estructura curricular como una oferta educativa.

En el primer objetivo, se constató a través del estudio empírico que la animación sociocultural mejora la calidad de aprendizaje. En el caso del segundo objetivo, "de qué forma la animación sociocultural contribuye a la

promoción del éxito" incluye las variables de control de la indisciplina, combate de la violencia y confianza en los demás.

En el caso concreto tercer objetivo, "entender que de forma la Animación Sociocultural ayuda a combatir la exclusión social, la violencia, la indisciplina y el abandono escolar", se observó que es a través del desarrollo de competencias específicas. Y como consecuencia, la animación sociocultural debe formar parte de la estructura curricular como una oferta educativa.

Ante tal escenario sería interesante desde nuestro punto de vista la creación de un sistema de información para todos, de forma cooperativa. Es decir, la idea sería crear un grupo con diversos actores no sólo en las escuelas, sino en estudio, con otras entidades. De esta forma los participantes tendrían la oportunidad de realizar una autoformación cooperada, a través de la realización de relatos de prácticas, análisis y discusión de temas pertinentes para el grupo, etc., alineados con sus intereses y necesidades.

Además de las sugerencias para futuros estudios, anteriormente mencionados a lo largo del presente texto, considero interesante desarrollar un estudio comparativo entre diversos diplomas ya existentes y efectuar un análisis comparativo, para conocer los tipos de organización, las prácticas y las dificultades sentidas por parte de los actores frente al público objetivo.

Es importante profundizar el estudio de esta temática para contribuir a una mejor formación de los educadores / docentes, contribuyendo a una mejor calidad de vida y una intervención más adecuada a través del desarrollo de aprendizajes significativos, de la valorización de las experiencias de cada individuo y la creación de situaciones inclusivas en la comunidad, donde sea dada la oportunidad de la persona, interactuar con los demás.

8. BIBLIOGRAFIA

Abramovay, M. (2005). *Cotidiano das escolas: entre violências*. Brasília; UNESCO.

Aguilar, M. J. (2008). Animação Sociocultural, Educação Intercultural e Minorias Étnicas In. Pereira, José, Vieites, Manuel e Lopes, Marcelino. (coord.): *Animação Sociocultural e os Desafios do século XXI*. Chaves, Intervenção – Associação para a Promoção e Divulgação Cultural, pp. 267-273.

Almeida, L. R. (2000). Wallon e a educação. In A. A. Mahoney, & L. R. Almeida (Orgs.), *Henri Wallon: Psicologia e Educação* (pp.71-87). São Paulo: Loyola.

Amazonas, M. C. L. A., Damasceno, P. R., Terto, L. M. S., & Silva, R. R. (2003). Arranjos familiares de crianças de camadas populares. *Psicologia em Estudo*, 8 (especial), 11-20.

Ander-Egg, E. (1991). *Metodologia y practica de la animación sociocultural*. Buenos Aires: Grupo Editorial Lumen Hvmánitas.

Ander-Egg, E. (ed.) (1997). *Metodología y práctica de la animación socio-cultural [Methodology and practice of socio-cultural animation]*. Argentina; Editora Lumen/Humanitas.

Ander-Egg, E. (2000). *Metodología y Práctica de la Animación Sociocultural*. Madrid: Editorial CCS.

Ander-Egg, E. (2003). *Acción Municipal, desarrollo comunitario y trabajo social [Municipal action, community development and social work]*. Ayuntamiento de Guia de Isora; Colección série de estúdios sociales.

Ander-Egg, E. (2006). *El Léxico del animador*. Buenos Aires: Grupo Editorial Lumen Hvmánitas.

Ander, E. (2008). *Metodología y Práctica de la Animación Sociocultural*. Madrid, Editorial CCS.

Artiaga, J. F. (2004). A animação sociocultural na juventude. In J. B. Bernet (Coord.), *Animação sociocultural: teorias, programas e âmbitos* (pp.219-233). Lisboa: Horizontes Pedagógicos, Editorial Ariel/Instituto Piaget.

Babo, A. (2010). A actividade lúdica: um instrumento de inclusão da criança com necessidades educativas especiais. In M. S. Lopes, & M. S. Peres (Coord.). *Animação sociocultural e necessidades educativas especiais* (pp.14-22). Chaves: Intervenção Associação para a Promoção e Divulgação Cultural.

Bannon, F. & Sanderson, P. (2000). Experience every moment: aesthetically significant dance education. *Research in Dance Education*, 1: 1, 9-26.

Barbieri, H. (2003). Os TEIP, o Projecto Educativo e a Emergência de Perfis de Território. Educação, Sociedade & Culturas.

Barbosa, J. (2001). *Modelagem na Educação Matemática: contribuições para o debate teórico*. Reunião anual da ANOPED.

Bento, A. (2006). A animação serve as ideologias: ou ela própria é já uma ideologia. In A. N. Peres & M. S. Lopes (Coord.), *Animação, cidadania e participação* (pp.22-31). Chaves: Edição da APAP.

Berger, P. & Luckmann, T. (1985). A construção social da realidade. Tratado e Sociologia do conhecimento. 25ªed. Rio de Janeiro: Editora Vozes.

Bernet, J. T. (2004). Conceito, discurso e universo da animação sociocultural. In J. T Bernet (Coord.), *Animação sociocultural: teorias, programas e âmbitos* (pp.19-63). Lisboa: Horizontes pedagógicos, Editorial Ariel/ Instituto Piaget.

Bronfenbrenner, U. (1979). *The ecology of human development*. Cambridge, Mass.: Harvard University Press.

Bronfenbrenner, U. & Morris, P. (1998). The ecology of developmental processes. In W. Da-mon & R. Lerner (Eds.). *Handbook of child psychology:*

Theoretical models of human development (5th ed.) (pp. 993-1029). New York: John Wiley

Campos, J. & Costa, S. (2014). Animação de recreios: projeto de intervenção em contexto escolar. *Interações*, 29, 95-119.

Canário, R. (2007). Aprender sem ser ensinado. A importância estratégica da educação não formal, CNE (org.) A Educação em Portugal (1986-2006). Alguns contributos de investigação, Lisboa, CNE, pp 207-267.

Caribe, J. A-. (2009). *Los derechos Humanos en la Educación y la Cultura*, Homo Sapi-ens Ediciones.

Caribe, J. A. (2007). *La animación sociocultural y el desarrollo comunitário como Edu-cation social*. Revista de Educación.

Caride, J. (2018). Lo que el tiempo esconde, o cuando lo social necessita de la pedagogia. *Pedagogia Social, Revista Interuniversitaria*, 32, pp. 17-29.

Caride, J., Gradaílle, R., & Caballo, M. (2015). De la pedagogia social como educación, a la educación social como pedagogia. *Perfiles Educativos*, 37(148), pp.4-11.

Capul, M.& Lemay, M. (2003). *Da Educação à Intervenção Social*, 1º e 2º Volume, Porto Editora.

Carvalho, E., Barros, C. & Pereira, O. (2009). O Lúdico como uma possibilidade de intervenção no Bullying e formação da criança na escola. IX Congresso Nacional de Educação EDECERE, III Encontro Sul Brasileiro de Psicopedagogia.

Cavaleiro, M. (2012). Supervisão pedagógica na animação sociocultural no jardim de infância: promoção do “espaço relacional”. Mestrado em Educação Especialidade em Supervisão Pedagógica Trabalho

Craft, A. (2004). A Universalização da Criatividade. In Pinto, A. M., Conde, J., Conde, M. (2004). *Criatividade e Educação: Cadernos de Criatividade* 5.

- Creche, F. (2004). *Projecto Político Pedagógico*. Rio de Janeiro, Fiocruz.
- Coll, C. S. (1999). *Psicologia da Educação*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Costa, J. & Paiva, N. (2015). A influência da tecnologia na infância: desenvolvimento ou ameaça? Acedido em 17 de Outubro de 2018 em www.psicologia.pt
- Cunha, M. J. S. (2009). *Animação sociocultural na terceira idade*. Chaves: Ousadias.
- Cunha, M. & José, S. (2000). Animação educativa e teatro: práticas construtoras de saberes. In *Comunicações. II Jornadas Internacionais de Animação Sociocultural*. Chaves: UTAD.
- Damásio, A. (1995). *O Erro de Descartes*. Portugal: Publicações Europa América.
- Damásio, A. (1999). *O Sentimento de Si*. Portugal: Publicações Europa América.
- Davies, D., Marques, R., & Silva, P. (1997). *Os professores e as famílias: A colaboração possível* (2a ed.). Lisboa: Livros Horizontes.
- Del Prette, A., & Del Prette, Z. A. P. (2001). *Psicologia das relações interpessoais: Vivência para o trabalho em grupo*. Petrópolis: Vozes.
- Díaz, J. M. H. (2004). Antecedentes e desenvolvimento histórico da animação sociocultural em Espanha. In J. T. Bernet (Coord.), *Animação sociocultural: teorias, programas e âmbitos* (p.65-100). Lisboa: Editorial Ariel/Instituto Piaget.
- Fachada, A. (2008). Contributos da Animação Socioeducativa para uma pedagogia de lazer. In *Revista Iberoamericana*, 3, (1).
- Ferrari (2000). *Família brasileira, a base de tudo* (4.ª ed). Brasília, DF: UNICEF.

Ferreiro, X. (2016). Animación Sociocultural en la infancia: iniciativas y programas en los tempos de ocio en Galicia. *Pedagogía Social, Revista Interuniversitaria*, 28, pp. 263-266.

Fitzpatrick, K. M., & Yoles, W. C. (1992). Policy, school structure, and sociodemographic effects on statewide high school dropout rates. *Sociology of Education*, 65, 76-93.

Fortin, M. (1999). *O processo de investigação – Da concepção à realização*, Editora Lusociência, Loures.

Freitas, P. & Ribeiro D. (2019). Neuroplasticidade na Educação e Reabilitação Cognitiva da Deficiência Intelectual. *Revista Educação Especial*, 32.

Galapito, A. (2017). *Contributo da Animação Sociocultural para a Inclusão das Crianças com Necessidades Educativas Especiais no 1.º e 2.º ciclo do Ensino Básico*. Tese de Mestrado apresentada no Instituto Politécnico de Portalegre Escola Superior de Educação e Ciências Sociais.

Gardner, H. (1993). *Multiple intelligences: The theory in practice*. New York: Basic Books.

Gardner, H., Kornhaber, M., & Wake, W. (1996). *Intelligence: Multiple perspectives*. Fort Worth, TX: Harcourt Brace.

Gaspar, O. (1976). *Animação Cultural*. Alijó: Edições do Autor.

Giráldez, A. (2009). *Fundamentos metodológicos de la educación artística*. Madrid: Fundación Santillana.

Gomez, J. A. (2005). La Animación Sociocultural y el desarrollo comunitário como educación social. *Revista de Educación*, 336, pp. 73-88.

Gunturiz, Ma.D. (1992). Bases para un Proyecto de Intervención Socioeducativa a Nivel Local [Bases for intervention in a socio-educative project at local level]. In Quintana, JM^a (org.). *Fundamentos de Animación Sociocultural*

[Foundations of Sociocultural Ani-mation]. Madrid, Spain; 3rd edición; SA de Ediciones, Narcea; 115–179.

Hedegard, M. (2002). A zona de desenvolvimento proximal como base para o ensino. In H. Daniels (Org.), *Uma introdução a Vygotsky* (pp. 199- 228). São Paulo: Loyola

Jardim, J. (2002). *O Método da Animação – Manual para o Formador*, Editora Ave, Porto.

Jardim, J. & Pereira, A. (2006). *Competências Pessoais e Sociais. Guia prático para a mudança positiva*. Porto: Edições ASA.

Jares, X. (2002). *Educação e Conflito: guia de educação para a convivência*. Porto: Edições Asa.

Keller-Laine, K. (1998). Parents as partners in schooling: The current state of affairs. *Childhood Education*, 74, 342-345.

Kreppner, K. (1992). Developing in a developing context: Rethinking the family's role for children development. In L. T. Winegar & J. Valsiner (Orgs.), *Children's development within social context* (pp. 161-179). Hillsdale: Lawrence Erlbaum Associates.

Kreppner, K. (2000). *The child and the family: Interdependence in developmental pathways*

Larrazábal, Ma.S. (1997). La figura y la formación del animador sociocultural [The image and training of the social cultural animator]. In Trilla, J. (Coord.) *Animación Sociocultural: teorías, programas y ámbitos* [Socio-cultural animation: theory and contexts]. Barcelo-na, España; Editorial Ariel; 121–133

Leocádio, C. (2013). *As relações de amizade nas crianças em idade pré-escolar. Relatório de Prática de Ensino Supervisionada em Educação Pré-Escolar para a obtenção do grau de Mestre em Educação Pré-Escolar na Universidade do Algarve*.

Leontiev, A. (2000). O desenvolvimento do psiquismo humano. São Paulo: Moraes.

Lima, M. (1997). *Folha de Papel Branco e écran de computador onde se pintam fantasias*. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional.

Lipovetsky, G. (1983). *A Era do Vazio*. Lisboa: Relógio d' Água.

Lopes, M. S. (2006). *Animação sociocultural em Portugal*. Chaves: Editora Intervenção Associação para a Promoção e Divulgação Cultural.

Lopes, M. (2007). Animação sociocultural em Portugal. *Revista Iberoamericana*, 1(1), pp. 1-16

Lopes, M. (2008). *Animação Sociocultural em Portugal. (2ª ed.)*, Chaves: Intervenção, Associação para a Promoção e Divulgação Cultural.

Lopes, M. (2019). A animação sociocultural, a educação social e os desafios da contemporaneidade. *LaPlage em Revista*, 5(2), pp.61-74.

Lopes, M., Galinha, A. & Loureiro, M. (2010). *Animação e bem-estar psicológico. Metodologias de intervenção sociocultural e educativa*, Intervenção, Chaves.

Lopes, M. S. (2014). Teatro, educação e intervenção comunitária. In P.J. Dantas, V. M. Francisco & L.M. Sousa (coord.), *As artes na educação*, Chaves: Intervenção, 107-115.

Lopes, M. S., & Peres, M. S. (2010). *Animação sociocultural e necessidades educativas especiais*. Chaves: Editora Intervenção Associação para a Promoção e Divulgação Cultural.

Lubart, T. (2007). O ambiente e sua influência sobre a criatividade. *Psicologia da Criatividade*. Tradução Marcia Conceição Machado Morais. Porto Alegre: Artmed, 78-91.

Marques, R. (2001). *Professores, família e projecto educativo*. Porto, PT: Asa Editores.

Marques, R. (2002). *O envolvimento das famílias no processo educativo: Resultados de um estudo em cinco países*

Martins, E. (2010). *Luzes e sombras em tempo de rupturas*. Coimbra: Palimage.

Mahoney, A. A. (2002). Contribuições de H. Wallon para a reflexão sobre as questões educacionais. In V.S. Placco (Org.). *Psicologia & Educação: Revendo contribuições* (pp. 9-32). São Paulo: Educ.

Melo, V. A. (2006). *A Animação Cultural: conceitos e propostas*. SP: Papyrus, Campinas.

Menezes, M. & Arlinda, A. (2009). Do Método do Caso ao Case: a trajetória de uma ferramenta pedagógica, *Educação e Pesquisa*, 35(1), 129-143

Merino, J. V. (1997). Programas de animación sociocultural – Tres instrumentos para su di-seño y evaluación [Socio-cultural animation programs – Three instruments for its de-sign and evaluation]. Madrid España; S.A. Ediciones; Narcea

Monteiro, A. (2012). A violência em contexto escolar, Bullying: a importancia da animação sociocultural a mediação de conflitos e apoio ao aluno. Relatório de Estágio apresentado na Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Coimbra.

Morais, M. & Azevedo, I. (2008). Criatividade em contexto escolar: representações de professores dos Ensino Básico e Secundário. In Moraes, M. & Bahia, S. *Criatividade: Conceito, Necessidade e Intervenção*. (157- 196). Braga: Psiquilíbrios.

Nóvoa, A. (1991). Os professores: quem são? Onde vêm? Para onde vão? In Stoer, S. (Org.), *Educação, ciências sociais e realidade portuguesa. Uma abordagem pluridisciplinar* (pp. 59-130). Porto, Ed. Afrontamento.

Oliveira, Z. M. R. (2000). Interações sociais e desenvolvimento: A perspectiva sociohistórica. *Caderno do CEDES*, 20, 62-77.

Oliveira, L. (2015). A Escola como Lugar de Educação para a Saúde: Estudo de Caso. Tese de Doutoramento em Ciências da Educação apresentada à Universidade Católica Portuguesa.

Oliveira, E. A., Marin, A. H., Pires, F. B., Frizzo, G. B., Ravello, C., & Rossato, C. (2002). Estilos parentais autoritário e democrático-recíproco intergeracionais, conflito conjugal e comportamento de externalização e internalização. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 15(1), 1-11.

Olmos, M. L. M. (1992). La animación sociocultural como un nuevo tipo de educación. In J. M. Quintana (Coord.). *Fundamentos de animación sociocultural* (3ª ed., pp.33-48). Madrid: Narcea.

Osório, A. (2004). Animação sociocultural na terceira idade. In Trilla, J. (Coord.), *Animação sociocultural – teorias, programas e âmbitos* (pp. 251-263). Lisboa: Instituto Piaget.

Palacios, R. (2018). Intervención socioeducativa con adolescentes en conflicto. Educar desde el encuentro. *Pedagogía Social, Revista Interuniversitaria*, 32, pp.169-174.

Palacios, J. & Coll., M. A. (1995). *Desenvolvimento psicológico e educação: psicologia evolutiva*. Porto Alegre: Artes Médicas.

Pérez, V. J. V. (2004). Perspectiva comparada da animação sociocultural. In J. T. Bernet (Coord.), *Animação sociocultural: teorias, programas e âmbitos* (pp.85-100). Lisboa: Editorial Ariel/Instituto Piaget.

Pérez, V., (2006). Educação, Animação, Ócio e Tempo Livre (ou a escura noite onde todos os são pardos). In A. Peres e M. Lopes (eds.). *Animação, Cidadania e Participação*. APAP

Pérez, V. J. V. (2007). A animação sociocultural na Europa – Conferencia inaugural da licenciatura em Animação Sociocultural da UTAD – Chaves. In A.

N. Peres & M. S. Lopes (Coord.), *Animação sociocultural e os novos desafios XXI* (pp.35-42). Chaves: Edição APAP.

Pérez Serrano, G. & Sarrate Capdevila, M. L. (2013). Diversidad Cultural y ciudadanía. *Educación Superior Inclusiva. Educación XX1*,16,1, pp. 85-104. Doi 105944/educis.16.1.718.

Piaget, J. (1994). *O juízo moral na criança*. 2ªed. São Paulo: Summus.

Pilleti, N. (1985). *Sociologia da educação*. São Paulo: Ática.

Polônia, A. C., & Dessen, M. A. (2005). Em busca de uma compreensão das relações entre família e escola. *Psicologia Escolar e Educacional*, 9(2), 303-312.

Pose, H. M. (2007). A sociocultura e a sua vigência perante os desafios da cidade actual. In A. N. Peres & M. S Lopes (Coord.), *Animação sociocultural e os novos desafios do século XXI* (pp. 27-45). Chaves: Edição APAP.

Quintana, J. M. (1993). *Los ámbitos profesionales de la animación*, Narcea Ediciones, Madrid.

Quivy, R. & Campenhoudt, V. L. (2005). *Manual de investigação em ciências sociais* (4ª ed.). Lisboa: Gradiva.

Rego, T. C. (2003). *Memórias de escola: Cultura escolar e constituição de singularidades*. Petrópolis, RJ: Vozes.

Rocha, D. G., Marcelo, V. C., & Pereira, I. M. T. B. (2002). Escola promotora de saúde: Uma construção interdisciplinar e intersetorial. *Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano*, 12, 57-63.

Salgado, L. (1990). O outro lado da educação – para além do instituído, *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 29, Fevereiro, 105-119

Santos, A. (1989). *Mediações Artístico- Pedagógicas*. Lisboa. Biblioteca do Educador. Livros Horizonte.

- Santos, A. (1999). *Estudos de Psicopedagogia e Arte*. Lisboa: Horizonte.
- Santos, A. (2007). *Comunidade Escolar e Inclusão*. Lisboa, Instituto Piaget, Horizontes Pedagógicos.
- Santos, F. (2015). *Interações sociais entre crianças no ato de brincar*. Relatório do projeto de investigação apresentado no Mestrado em Educação Pré-Escolar na Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Setúbal.
- Sarrate, M.; Llamas, J. & Serrano, G. (2013). *Exigencias Profesionales del Animador/a: Competencias Clave*. Pedagogía Social. Revista Interuniversitaria.22, pp. 75-89
- Sastre, A. M. C. (2004). Animação sociocultural na infância a educação nos tempos livres. In J. T. Bernet (Coord.), *Animação sociocultural: teorias, programas e âmbitos* (pp.207-217). Lisboa: Editorial Ariel/ Instituto Piaget.
- Serrano, G. (2007). *El Animador – Buenas Prácticas de Acción Sociocultural*. Madrid: Narcea.
- Silva, T. (1981). *Sistema do Ensino em Portugal*. Lisboa. Fundação Calouste Gulbenkian.
- Silva, A. M. (2010). Psicologia e inclusão escolar: novas possibilidades de intervir preventivamente sobre problemas comportamentais. Tese de doutoramento em Educação Especial apresentada à Universidade Federal de São Carlos.
- Silva, C. (2013). Animação de tempos livres: representações de adolescentes de 2º e 3º ciclo sobre os Centros de Atividades de Tempos Livres. Dissertação de Mestrado Mestrado em Estudos da Criança Área de Especialização em Associativismo e Animação Sociocultural, apresentada na Universidade do Minho.
- Silva, F. (2014). Envolvimento dos alunos na Escola: Contributos da parceria professor- animador sociocultural. Dissertação de Mestrado no Mestrado de Educação, apresentada na Universidade de Lisboa

Souza, M. C. & Gomes, C. (2015). Neurociência e o déficit intelectual: aportes para a ação pedagógica. *Revista Psicopedagogia*, 32(91), pp. 104-114.

Sprinthall, N. A. & Sprinthall, R. C. (1993). *Psicologia educacional*. Lisboa: Mcgraw- Hill Lda.

Sternberg, R. J. & Lubart, T. I. (1999). "The concept of creativity: Prospects and paradigms" em R. J. Sternberg, *Creativity handbook*, (pp. 3-15). Nova York: Cambridge University Press.

Terrón-Caro, T., Cárdenas-Rodríguez, R., & Casado, R. (2017). Educación Intercultural Inclusive, Funciones de los/las Educadores/as Sociales en Instituciones Educativas. *Pedagogía Social, Revista Interuniversitaria*, 29, pp.25-40.

Trilla, J. (1998). *Animação Sociocultural: teorias, programas e âmbitos*. Lisboa: Instituto Piaget.

Trilla, J., Gros, B., López, F. & Martín, M. J. (2003). La educación fuera de la escuela: ámbitos no formales y educación social. Barcelona: Ariel Educación.

Tracana, M. E. (2006). A importância do Animador na Sociedade Atual. *Anim'arte: Revista de Animação Sociocultural*, XIV, 61.

Trilla, J. (1988). Animación sociocultural, educación y educación no formal, Educar.

Trilla, J. (1998). *Animação Sociocultural Teoria, programas e Âmbitos*, Instituto Piaget, Lisboa, pp. 14-20.

UNESCO (1994). *Declaração de Salamanca e enquadramento da acção na área das necessidades educativas especiais*. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional.

Van, E.G. (1980). El estatuto de los animadores. Madrid: Ministério de Cultura, pp. 253-299.

Ventosa, V. (1993). *Fuentes de la Animación Sociocultural en Europa*. Madrid: Editorial Popular.

Ventosa, V. (2002). *Fuentes de la animación sociocultural en Europa*, Editorial CCS, Madrid.

Viche, M (2010). *La Educación Sociocultural. Un indicador de desarrollo democrático*. Zaragoza: Certeza.

Vilhena, G & Silva, M. (2002). *Organização da Componente de Apoio à Família*. Lisboa: Ministério da Educação.

Voronina, A. (2012). *Animation, animated activity: concepts of the essence. Scientific notes*. Tauris national university "V. Vernadski" Series Geography, 25 (3): pp. 49-55.

Wagner, A., Ribeiro, L. S., Arteche, A. X., & Bornholdt, E. A. (1999). *Configuração familiar e o bem-estar psicológico dos adolescentes. Psicologia: Reflexão e Crítica*, 12(1), 147-156.

Ytarte, R. M. (2007). *Cidadania e educação social cidadania e participação a partir da animação sociocultural*. In A. N. Peres & M. S. Lopes (Coord.), *Animação sociocultural e os novos desafios* (pp.167-179). Chaves: Edição APAP.

ANEXOS

ANEXO I

Difusão e publicação de resultados

Artigos com Fator de Impacto

Prezados Autores, a organização do XV SIEFLAS vem, por este meio, enviar a Carta de Aceitação dos vossos artigos, que foram aceites para publicação no JOURNAL OF HUMAN SPORT & EXERCISE, intitulados:

(1) The (In)discipline: Playtherapy as prevention

Bruno Trindade^{1,3}, Ricardo Pocinho², João Serrano^{3,4}, Rui Paulo^{3,4} & Maria José Conde⁵

1Câmara Municipal de Castelo Branco

2Escola Superior de Educação e Ciências Sociais. Instituto Politécnico de Leiria, Portugal

3Escola Superior de Educação, Instituto Politécnico de Castelo Branco, Portugal

4Sport, Health and Exercise Research Unit (SHERU)

5 Universidade de Salamanca

(2) Sociocultural Animation in 1st Cycle for educational Sucess.

Bruno Trindade^{1,3}, Maria José Conde², Ricardo Pocinho³, João Serrano^{4,5} & Rui Paulo^{4,5}

1Câmara Municipal de Castelo Branco

2Universidade de Salamanca

3Escola Superior de Educação e Ciências Sociais. Instituto Politécnico de Leiria, Portugal

4Escola Superior de Educação, Instituto Politécnico de Castelo Branco, Portugal

5Sport, Health and Exercise Research Unit (SHERU)

Serão publicados no JOURNAL OF HUMAN SPORT & EXERCISE,

Supplementary Issue: International Seminar of Physical Education, Leisure and Health, 17, 18, 19 June 2019. Castelo Branco, Portugal. Poderão ser consultados no site <https://www.jhse.ua.es/index> com subject Area and Category: Physical Therapy, Sports Therapy and Rehabilitation Sports Science, com Q3 SJR 2018 0.28.

Agradecemos o envio dos mesmos e esperamos poder contar com futuras colaborações.

Cumprimentos

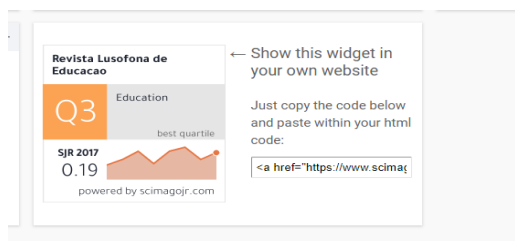
A Comissão Científica do XV SIEFLAS

Revista Lusófona Educação

Trindade, B., Conde, M.J. & Pocinho, R., O artigo **A Animação Sociocultural como estratégia preventiva de conflitos escolares**: uma perceção dos alunos do 1º Ciclo do Ensino Básico, em processo de análise.

Susana Figueiredo, S. Trindade, B., & Conde, M.J. O artigo **Animação Sociocultural no 1º Ciclo com o Promotora da Integração e Sucesso Escolar**. Revista Lusófona Educação, em processo de análise.

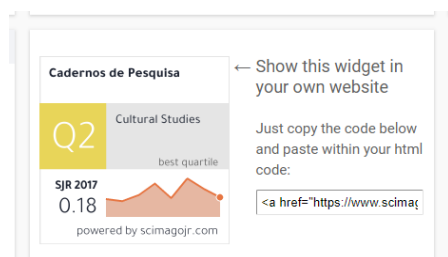
Com factor de impacto SJR 0.19 Q3 em Education



Revista Cadernos de Pesquisa

Trindade, B. Conde, M.J., Pocinho, R. & Tôrres, L. o artigo **A Animação Sociocultural no Futuro Educativo**. Revista de Thomson Reuters no 1º St Brazilian Luso Meeting of Social education, em processo de análise.

Com factor de impacto SJR 0.18 Q2 em Cultural Studies



Artigos Publicados

Pocinho, R., & Trindade, B. (2018). *Diferentes perspetivas da Animação e do Envelhecimento*. 1º Ed. Coimbra: Ricardo Filipe da Silva Pocinho.

Trindade, B., Pocinho, R. & Conde, M. J. (2018). Animação Sociocultural na Escola – Brincar para Educar. *Revista Polêmica*, 18(3), pp. 1-14. <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/polemica/article/view/39428> e-ISSN: 1676-0727 | Año de creación: 2002 | Área del conocimiento: Interdisciplinario | Qualis B2 (interdisciplinario) / B1 (Educación).

Trindade, B., Conde, M. J. & Pocinho, R. (2018). A influência da animação sociocultural no processo educativo no 1º ciclo. *Revista Egitanea Scientia*, 22(12), pp. 19-33.

Com factor de impacto This is to certify that Egitania Scientia is indexed in International Scientific Indexing (ISI). The Journal has Impact Factor Value of 0.729 based on International Citation Report (ICR) for the year 2016-17. The URL for journal on our server is <http://isindexing.com/isi/journaldetails.php?id=7132>.

Trindade, B., & Pocinho, R. (2018). Brincar com brinquedos educativos tem perdido importância. *Jornal Ensino Magazine*. Acesso em

<http://www.ensino.eu/ensinomagazine/fevereiro2019/opiniao/brincarcombrinquedos.aspx?fbclid=IwAR0asmNbe-2L-3OOX8eYpDuiz2ayky6CA5ALhA9CwJ1i2LEoHmJ6dWj7tHk>.

Trindade, B., & Pocinho, R. (2018). Animação Terapêutica uma área para o futuro. *Jornal Ensino Magazine* <https://issuu.com/ensinomagazine/docs/ensino-marco-2019>.

Trindade, B., Conde, M. J., & Pocinho, R. (2017). Estudo da Importância da Animação Sociocultural em Contexto Educativo. *Revista Quaderns d'animació i Educació Social*, 7(1), pp. 1-19.

Trindade, B. Conde, M. J., & Pocinho, R (2017). A preponderância da Animação Sociocultural no processo Educativo. *Revista Conversas de Psicologia e do Envelhecimento Ativo*, p. 211-220. ISBN: 978-989-99868-1-7.

Trindade, B., Pocinho, R & Santos, D. (2017). Animação Sociocultural na 3ª Idade. *Revista Práticas de Animação*, 10, pp. 118-127, ISSN 1646-801.

Trindade, B. (2018). Educar, uma tarefa de todos. *Jornal do Fundão* nº3768, 1 de Novembro.

Trindade, B. & Pocinho, R. (2018). Animação sociocultural na promoção da saúde. *Jornal A Reconquista*, Edição n. 3379 de 16 de agosto, página 24.

Trindade, B. & Pocinho, R. (2018). Os Cuidados e Serviços ao Domicílio no Futuro *jornal A Reconquista*, Edição n. 3796 de 13 dezembro, página 35.

Trindade, B. & Pocinho, R. (2018). Educar, uma tarefa de todos, *Jornal do Fundão* n. 3768, 1de novembro de 2018, p. 36 #

Comunicações Orais

Conferência organizada pela ANGES- Associação Nacional de Gerontologia Social, em colaboração com INTERTECH, unidade de I&D das Universidades

de Valência e Politécnica de Valência “*a Importância da Animação Sociocultural no Contexto Educativo*”, I Encontro Luso Brasileiro de Educação Social, II Congresso Internacional Sobre Envelhecimento 25 a 28 de MAIO de 2019 – ISEC – COIMBRA.

Conferência sobre Animação Sénior no IV Congresso das Universidades Seniores em Castelo Branco organizado pela RUTIS, no dia 21 de fevereiro irá ser o IV Congresso Nacional de Universidades Seniores em Castelo Branco no auditório da Escola Superior de Tecnologia EST.

Conferência organizado pela ASPSI, com a temática “Envelhecer com Boa Memória e Animação: a Componente Lúdica na 3 idade” em Castelo Branco dia 18 de setembro pela ASPSI- ASSOCIAÇÃO DE APOIO E ESTUDO ÀS PSICOGNOSIS NA RAIA CENTRAL

Conferência sobre a temática “*a Importância da Animação Sociocultural no Contexto Educativo*” na *Jornadas Socioeducativas sobre a Importância do Brincar ao Longo da Vida*, organização do Agrupamento de Escolas Nuno Álvares, da Câmara Municipal de Castelo Branco e do Instituto Politécnico de Castelo Branco através da sua Escola Superior de Educação, Jornadas Socioeducativas, as quais terão lugar nos próximos dias 19 e 20 de janeiro de 2018;

Conferência sobre no Fórum: *O Papel das Escolas atualmente*, organizado pela Comissão de Proteção de Crianças e Jovens;

Conferência sobre a “*Animação Sociocultural no Contexto Educativo*” / *Jornadas de Animação Cultural e Comunitária*, na UTAD. Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, em Vila Real, direcionadas para os estudantes da Licenciatura de Animação Cultural e Comunitária;

Organização em Jornadas, Congressos e Seminários

Participação nas Jornadas de Voluntariado “Promover e Potenciar o Voluntariado”, organizado pelo Programa CLDS, em Castelo Branco a 17 de março de 2018.

Participação no seminário *Ageing Congress 2018*, organizado pela AGNES, em Coimbra a 29 de maio de 2018.

Participação no seminário *Encontros Educativos da Beira Baixa 2108*, organizado pelo AGNES, em Castelo Branco a 18 de julho de 2018, com a duração de 6 horas.

Participação no seminário *Viagens à Educação do Século XXI*, organizado pela CIMRC, em Coimbra a 24 de outubro de 2018.

Participação no seminário *A Escola de todos e para todos – gestão de conflitos*, organizado pela Escola Afonso Paiva, Castelo Branco.

Participação no seminário *A Gestão da Indisciplina e da Violência na Escola*, organizado IPCB. Escola Superior da Educação;

Participação no *5º Congresso Regional sobre Envelhecimento Ativo e Saudável*, organizado pelo Consórcio Ageing@Coimbra.

Organização das *Jornadas Socioeducativas sobre a Importância do Brincar ao Longo da Vida*, organização do Agrupamento de Escolas Nuno Álvares, da Câmara Municipal de Castelo Branco e do Instituto Politécnico de Castelo Branco através da sua Escola Superior de Educação, de umas Jornadas Socioeducativas, as quais terão lugar nos próximos dias 19 e 20 de Janeiro de 2018, no auditório da Escola Superior de Educação de Castelo Branco; <http://www.aenacb.pt/escolas/848-jornadas-socioeducativas-%E2%80%99Ca-import%C3%A2ncia-do-brincar-ao-longo-da-vida%E2%80%9D.html>.

Partilha da Comissão Científica com o Prof. Doutor Ricardo Pocinho nas *Jornadas Socioeducativas sobre a Importância do Brincar ao Longo da Vida*, 19 e 20 de Janeiro de 2018, no auditório da Escola Superior de Educação de Castelo Branco.

Comissão Científica do Congresso *4º Congresso Nacional de Conversas de Psicologia & 3º Conferencia Internacional do Envelhecimento Ativo; nos dias 6 e 7 de Novembro* na Universidade de Coimbra, Organização da APCDP Associação Portuguesa de Conversas de Psicologia.

Formações, cursos e workshops realizados

Participação na conferência “Territórios educadores e (In) sucesso escolar: no âmbito da CIMBB – Comunidade Intermunicipal da beira Baixa, em Castelo Branco, no dia 21 de março de 2019.

Participação no IV Congresso das Universidades e Academias Seniores em Castelo Branco, no dia 21 de fevereiro de 2019.

Participação no Seminário “Viagem à Educação do Século XXI” no dia 24 de outubro de 2018, em Coimbra.

Participação no WorkShop “A Doença de Alzheimer: binómio Pessoa com demência e Cuidador” no dia 23 de junho de 2018, com duração de 3 horas, em Castelo Branco.

Participação nos Encontros Educativos da Beira Baixa 2018 – Flexibilidade, Inovação e Currículo, duração de 6 horas no dia 18 de julho 2018.

Participação no Ageing Congress 2018 no ISCAC – Coimbra Business School, Castelo Branco no dia 29 de maio de 2018.

Participação na I jornadas de Voluntariado da região de Castelo Branco “Promover e Potenciar o Voluntariado”, no âmbito do Projeto “CEI” – Capacitar, Empreender e Incluir do Programa de Contratos Locais de Desenvolvimento Social (CLDS) 3G de Castelo Branco no dia 17 de março de 2018

Workshop de Pinturas Faciais com 7 horas curriculares organizado pelas mbp@active em 2017.

Formação Ténis na escola – Metodologias e Estratégias de Ensino, organizado pelo centro de formação de associações de escolas em 2016.

Curso “*Envelhecer a Trabalhar Ativamente*” com 7 horas curriculares organizado pelas Associações AGNES e APCDP em 2016

Atividades Profissionais

Docente assistente convidado e Investigador no Instituto Politécnico Castelo Branco, ESE. Escola Superior da Educação;

Técnico Animação Sociocultural no Câmara Municipal de Castelo Branco;

Técnico de Animação Sociocultural no Centro Social Comunitário do Peso;

Técnico de Mediação/Animação Sociocultural no Agrupamento de Escolas Nuno Álvares, Castelo Branco;

Planeamento, organização e logística das Atividades de Tempos Livres de Natal, Páscoa e Verão na Câmara Municipal de Castelo Branco;

Planeamento, organização e logística das Atividades de Tempos Livres de Natal, Páscoa e Verão do Agrupamento de Escolas Nuno Álvares;

Desenvolvimento do Projeto Plano Integrado e Inovador de combate ao Insucesso escolar da Câmara Municipal de Castelo Branco;

Desenvolvimento de um Estudo, a nível nacional, para estudar o impacto que a Animação Sociocultural tem na qualidade do Envelhecimento em Portugal. *Este projeto é uma iniciativa da Escola Superior de Educação de Castelo Branco (IPCB), em parceria com a Associação Nacional de Gerontologia Social (ANGES);*

Participação na criação, planeamento, organização e logística e consultoria numa empresa de animação, aventura, desporto, turismo e lazer: MBP@ctive.

ANEXO II

INQUÉRITO ALUNOS

Questionário – Adaptação da Escala de Avaliação da Implementação de Programas de Jardim e Pereira (2006)

Doutoramento

“A importância da Animação Sociocultural em Contexto Escolar - o Caso do Agrupamento Escolas Nuno Álvares”

Este inquérito enquadra-se no projeto de investigação: “A Animação em Contexto Escolar o Caso do Agrupamento Escolas Nuno Álvares”, no âmbito do Doutoramento organizado pela Universidade de Salamanca.

O inquérito é anónimo e as tuas respostas são confidenciais, os dados serão utilizados para fins estatísticos. Peço-lhe que sejas o mais sincero, objetivo e claro nas tuas respostas.

Obrigado pela tua colaboração!

Instruções: A cada um dos itens deve responder em função da classificação que atribui numa escala de 1 a 5, em que:

1	2	3	4	5
Mau	Fraco	Razoável	Bom	Muito Bom

SEXO: Masculino Feminino
ANO DE ESCOLARIDADE: 1º 2º 3º 4º

1. Apreciação global da Animação Sociocultural

1. Achas importante as atividades de Animação Sociocultural na Escola?	1	2	3	4	5
2. Achas que as atividades de Animação Sociocultural contribuem para a tua aprendizagem?	1	2	3	4	5
3. Pensas que as atividades de Animação contribuem para melhorar o teu comportamento na Escola?	1	2	3	4	5
4. Pensas que as atividades de Animação Sociocultural na Escola ajudam a combater a violência, a indisciplina e o abandono escolar?	1	2	3	4	5
5. Achas que as atividades de Animação Sociocultural têm contribuído para gostares mais da tua Escola?	1	2	3	4	5
6. Gostarias que a Animação Sociocultural fizesse parte do Currículo escolar ?	1	2	3	4	5

2. Objetivos

7. Promover a educação não formal no sucesso educativo.	1	2	3	4	5
8. Promover a metodologia lúdico pedagógico na aprendizagem.	1	2	3	4	5
9. Incluir a Animação Sociocultural na estrutura curricular	1	2	3	4	5
10. Proporcionar mais atividades nos intervalos do período escolar.	1	2	3	4	5
11. Diminuir o nível de violência nos intervalos escolares.	1	2	3	4	5
12. Promover a Animação Sociocultural como oferta educativa.	1	2	3	4	5

3. Desenvolvimento

13. Modo como os conteúdos foram abordados foi	1	2	3	4	5
14. A quantidade de conteúdos abordados foi	1	2	3	4	5
15. A compreensão dos conteúdos foi	1	2	3	4	5
16. No início das atividades, o grau de desenvolvimento das minhas competências era	1	2	3	4	5
17. No fim das atividades, o grau de desenvolvimento das minhas competências é	1	2	3	4	5
18. Os estímulos dados para continuar a aprofundar as competências desenvolvidas foram	1	2	3	4	5

4. Atividades

19. Expressão Físico Motora (jogos, etc..)	1	2	3	4	5
20. Expressão Dramática	1	2	3	4	5
21. Expressão Musical	1	2	3	4	5
22. Espaço lúdico pedagógico (apoio nos trabalhos)	1	2	3	4	5
23. ATL – Férias	1	2	3	4	5
24. Componente do estudo acompanhado	1	2	3	4	5

5.

6. Avaliação

25. As atividades de animação corresponderam às tuas expectativas	1	2	3	4	5
26. Como classificas o trabalho dos Animadores Socioculturais	1	2	3	4	5
27. Como te sentes quando realizas atividades de Animação Sociocultural	1	2	3	4	5
28. Como Classificarias globalmente o Animação sociocultural na escola	1	2	3	4	5

<i>Dimensões</i>	<i>Total / Dimensões</i>
1. Apreciação Global Animação Sociocultural	
2. Objetivos	
3. Desenvolvimento	
4. Atividades	
5. Avaliação	
<i>Total Global</i>	

Interpretação:

Ao Registrar na tabela o somatório relativo a cada item do questionário. Partindo do resultado do somatório de todas as respostas, concluir o grau de qualidade de cada item do questionário /qualidade global. Uma pontuação alta reflete um alto grau de qualidade e vice-versa.

ANEXO III

INQUÉRITO PROFESSORES

Questionário – Adaptação da Escala de Avaliação da Implementação de Programas de Jardim e Pereira (2006)

Doutoramento

“A importância da Animação Sociocultural em Contexto Escolar - o Caso do Agrupamento Escolas Nuno Álvares”

Este inquérito enquadra-se no projeto de investigação: “A Animação em Contexto Escolar o Caso do Agrupamento Escolas Nuno Álvares”, no âmbito do Doutoramento organizado pela Universidade de Salamanca.

O inquérito é anónimo e as tuas respostas são confidenciais, os dados serão utilizados para fins estatísticos. Peço-lhe que sejas o mais sincero, objetivo e claro nas tuas respostas.

Obrigado pela tua colaboração!

Instruções: A cada um dos itens deve responder em função da classificação que atribui numa escala de 1 a 5, em que:

1	2	3	4	5
Mau	Fraco	Razoável	Bom	Muito Bom

SEXO: Masculino Feminino

1. *Apreciação global da Animação Sociocultural*

1. qual o papel da Animação Sociocultural na escola?	1	2	3	4	5
2. qual a importância das atividades Animação Sociocultural tem na melhoria das aprendizagens na escola?	1	2	3	4	5
3. que importância a Animação Sociocultural tem na promoção do sucesso educativos dos alunos?	1	2	3	4	5
4. a Animação Sociocultural desenvolvida é uma mais-valia para o Projeto Educativo da Escola?	1	2	3	4	5
5. as atividades desenvolvidas pela equipa de Animação Sociocultural ajudam a combater a violência, a indisciplina e o abandono escolar ?	1	2	3	4	5
6. as atividades de Animação contribuíram para dar uma maior componente educativa na Escola?	1	2	3	4	5

2. *Objetivos*

7. Promover a educação não formal no sucesso educativo.	1	2	3	4	5
8. Promover a metodologia lúdico pedagógico na aprendizagem.	1	2	3	4	5

9. Incluir a Animação Sociocultural na estrutura curricular	1	2	3	4	5
10. Proporcionar mais atividades nos intervalos do período escolar.	1	2	3	4	5
11. Diminuir o nível de violência nos intervalos escolares.	1	2	3	4	5
12. Promover a Animação Sociocultural como oferta educativa.	1	2	3	4	5

3. Desenvolvimento

13. Modo como os conteúdos foram abordados foi	1	2	3	4	5
14. A quantidade de conteúdos abordados foi	1	2	3	4	5
15. A compreensão dos conteúdos foi	1	2	3	4	5
16. No início das atividades, o grau de desenvolvimento das minhas competências era	1	2	3	4	5
17. No fim das atividades, o grau de desenvolvimento das minhas competências é	1	2	3	4	5
18. Os estímulos dados para continuar a aprofundar as competências desenvolvidas foram	1	2	3	4	5

4. Atividades

19. Expressão Físico Motora (jogos, etc..)	1	2	3	4	5
20. Expressão Dramática	1	2	3	4	5
21. Expressão Musical	1	2	3	4	5
22. Espaço lúdico pedagógico (apoio nos trabalhos)	1	2	3	4	5
23. ATL – Férias	1	2	3	4	5
24. Componente do estudo acompanhado	1	2	3	4	5

5. Avaliação

25. As atividades de animação corresponderam às tuas expectativas	1	2	3	4	5
26. Como classificas o trabalho dos Animadores Socioculturais	1	2	3	4	5
27. Como te sentes quando realizas atividades de Animação Sociocultural	1	2	3	4	5
28. Como Classificarias globalmente o Animação sociocultural na escola	1	2	3	4	5

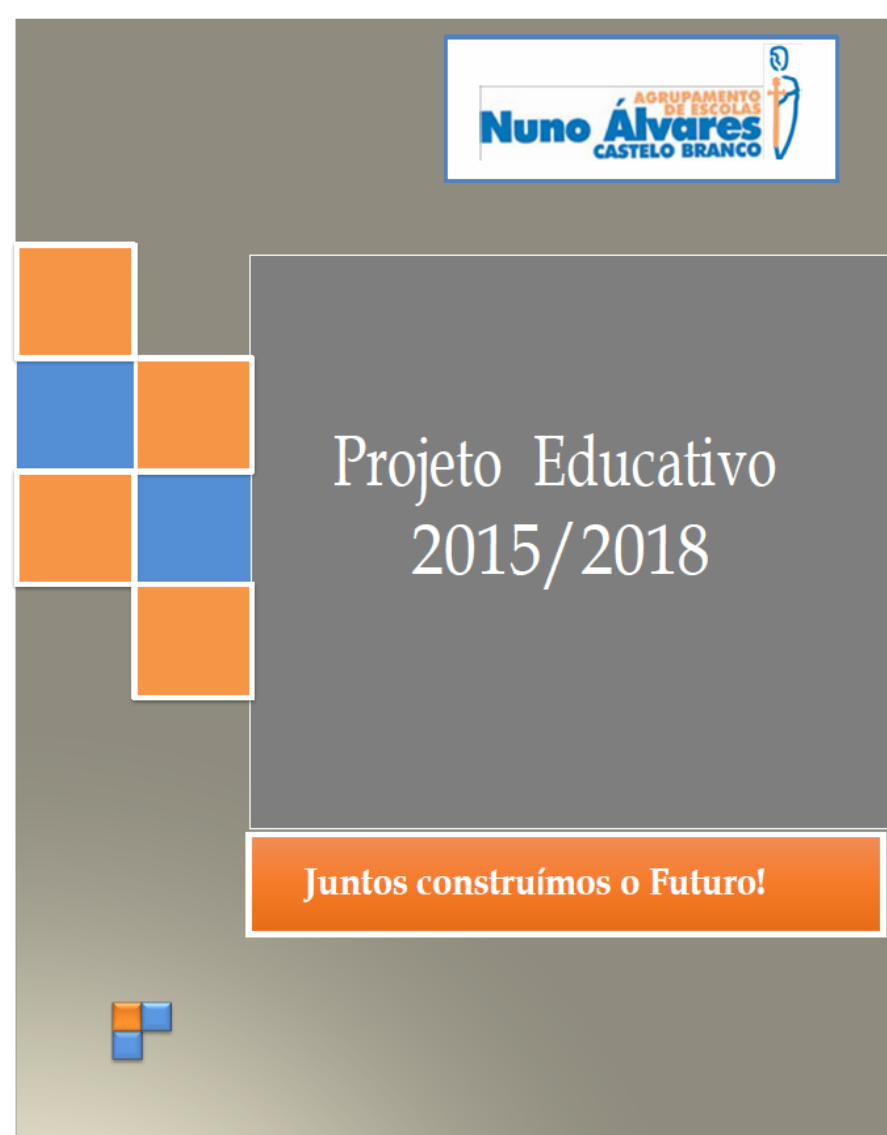
<i>Dimensões</i>	<i>Total / Dimensões</i>
1. Apreciação Global Animação Sociocultural	
2. Objetivos	
3. Desenvolvimento	
4. Atividades	
5. Avaliação	
<i>Total Global</i>	

Interpretação:

Ao Registrar na tabela o somatório relativo a cada item do questionário. Partindo do resultado do somatório de todas as respostas, concluir o grau de qualidade de cada item do questionário /qualidade global. Uma pontuação alta reflete um alto grau de qualidade e vice-versa.

ANEXO IV

PROJETO EDUCATIVO DO AGRUPAMENTO ESCOLAS NUNO ÁLVARES



Índice

INTRODUÇÃO.....	5
1. BREVE CARACTERIZAÇÃO DO AGRUPAMENTO DE ESCOLAS NUNO ÁLVARES.....	7
1.1. ESTABELECIMENTOS DE EDUCAÇÃO E ENSINO DO AENACB	7
1.2. ALUNOS.....	10
1.3. RECURSOS HUMANOS.....	13
2.1. PRINCÍPIOS ORIENTADORES	15
3. DIAGNÓSTICO.....	16
3.1 ANÁLISE DO AMBIENTE INTERNO DO AGRUPAMENTO	16
3.2 ANÁLISE DO AMBIENTE EXTERNO AO AGRUPAMENTO	18
4. ÁREAS DE INTERVENÇÃO PRIORIZADAS	19
5. ÁREAS DE INTERVENÇÃO PRIORIZADAS – OBJETIVOS OPERACIONAIS/METAS/INDICADORES/AÇÕES CONCRETAS/ATORES RESPONSÁVEIS.....	20
6. ACOMPANHAMENTO E AVALIAÇÃO DO PROJETO EDUCATIVO.....	34
7. DIVULGAÇÃO.....	35
8. BIBLIOGRAFIA.....	36
ANEXO.....	37
1. DEFINIÇÃO DE CRITÉRIOS PARA A CONSTITUIÇÃO DE TURMAS	38
1.1 PRINCÍPIO GERAL	38
1.2 CONSTITUIÇÃO DE GRUPOS NA EDUCAÇÃO PRÉ-ESCOLAR	38
1.3 CONSTITUIÇÃO DE TURMAS NO ENSINO BÁSICO E SECUNDÁRIO	39
1.4 CONSTITUIÇÃO DE TURMAS NO ENSINO PROFISSIONAL, VOCACIONAL, RECORRENTE E NOOUTRAS OFERTAS FORMATIVAS ESPECÍFICAS.....	40

Índice de quadros e tabelas

QUADRO I - ESTABELECIMENTOS DE EDUCAÇÃO/ENSINO E NÍVEIS DE ENSINO LECIONADOS.....	7
QUADRO II - N.º DE ALUNOS POR ESTABELECIMENTO DE ENSINO E N.º DE GRUPOS/TURMA (2015/16)	10
QUADRO III - N.º DE ALUNOS COM NEE (NECESSIDADE EDUCATIVAS ESPECIAIS (2015/16).....	11
QUADRO IV - N.º DE PROFISSIONAIS POR CATEGORIA (2015/16).....	13
FIGURA 2 -ÁREAS DE INTERVENÇÃO	19
TABELA 1 - ÁREA DE INTERVENÇÃO I - RESULTADOS (DIMENSÃO 1 - RESULTADOS ACADÉMICOS).....	20
TABELA 2 - ÁREA DE INTERVENÇÃO I - RESULTADOS (DIMENSÃO 2 - RESULTADOS SOCIAIS)	23
TABELA 3 - ÁREA DE INTERVENÇÃO I - RESULTADOS (DIMENSÃO 3 - RECONHECIMENTO DA COMUNIDADE)	25
TABELA 4 - ÁREA DE INTERVENÇÃO II - PRESTAÇÃO DO SERVIÇO EDUCATIVO (DIMENSÃO 1 - PLANEAMENTO E ARTICULAÇÃO).....	28
TABELA 5 - ÁREA DE INTERVENÇÃO II - PRESTAÇÃO DO SERVIÇO EDUCATIVO (DIMENSÃO 2 - PRÁTICAS DE ENSINO)	29
TABELA 6 - ÁREA DE INTERVENÇÃO II - PRESTAÇÃO DO SERVIÇO EDUCATIVO (DIMENSÃO 3- MONITORIZAÇÃO E AVALIAÇÃO DO ENSINO E DAS APRENDIZAGENS).....	30
TABELA 7 - ÁREA DE INTERVENÇÃO III - LIDERANÇA E GESTÃO (DIMENSÃO 1 - LIDERANÇA).....	30
TABELA 8 - ÁREA DE INTERVENÇÃO III - LIDERANÇA E GESTÃO (DIMENSÃO 2 E 3 - GESTÃO E AUTOAVALIAÇÃO E MELHORIA)	31
TABELA 9 - ÁREA DE INTERVENÇÃO III - LIDERANÇA E GESTÃO (DIMENSÃO 3 -AUTOAVALIAÇÃO E MELHORIA)	33

Este clima de partilha e abertura, de confiança e de autenticidade, de liberdade e responsabilidade, de resiliência e perseverança é fundamental para a construção de um futuro que se pretende de sucesso para a organização, mas, e acima de tudo, de sucesso para a sua comunidade educativa.

O Projeto Educativo é o documento que consagra a orientação educativa do Agrupamento de Escolas, elaborado e aprovado pelos seus órgãos de administração e gestão para um horizonte de três anos, no qual se explicitam os princípios, os valores, as metas e as estratégias segundo os quais se propõe cumprir a sua função educativa. Deve ser um documento esclarecedor, que faça o diagnóstico dos problemas reais e dos seus contextos, prevendo e identificando os recursos necessários, no sentido dos atores envolvidos atingirem os fins desejados. A sua elaboração visa, precisamente, alcançar objetivos, adotando soluções que tenham em linha de conta o contexto interno e externo ao Agrupamento.

Como tal, o Projeto Educativo que a seguir se apresenta é um documento de natureza pedagógica e organizacional que orienta a ação educativa do AENACB, no respeito pelas suas características e recursos, jurídica e administrativamente enquadrado pelo Decreto-Lei nº 13/2012 de 2 de julho, que procede à segunda alteração ao Decreto-Lei nº 75/2008 de 22 de abril, e o republica.

1. Breve caracterização do Agrupamento de Escolas Nuno Álvares

1.1. Estabelecimentos de educação e ensino do AENACB

Tendo em vista um melhor conhecimento da realidade do recém-criado AENACB, importa começar por identificar os estabelecimentos que o compõem e quais os níveis de educação e ensino que cada um deles oferece.

Estabelecimentos de educação/ensino	Níveis de educação/ensino
EB Cidade de Castelo Branco	Pré-escolar, 1.º, 2.º e 3.º ciclos
EB da Boa Esperança	1.º ciclo
EB do Cansado	1.º ciclo
EB de Escalos de Baixo	Pré-escolar e 1.º ciclo
EB de Malpica do Tejo	Pré-escolar e 1.º ciclo
EB da Mata	1.º ciclo
EB de Nossa Senhora da Piedade	1.º ciclo
EB Professor Doutor António Sena Faria de Vasconcelos	1.º, 2.º e 3.º ciclo
ES Nuno Álvares	3.º ciclo, secundário e profissional
Jl da Boa Esperança	Pré-escolar

Quadro 1 - Estabelecimentos de educação/ensino e níveis de ensino lecionados

Trata-se, portanto, de um Agrupamento com um número significativo de estabelecimentos, no qual se verifica a verticalização pedagógica e organizacional de todos os níveis de ensino, desde a educação pré-escolar até ao ensino secundário, sem esquecer o ensino profissional e o ensino vocacionado para adultos. Neste último caso, reportamo-nos aos Cursos de Educação e Formação de Adultos, de dupla certificação, em funcionamento no Estabelecimento Prisional de Castelo Branco. É de salientar o facto de três destas unidades se situarem em outras tantas localidades que integram freguesias que não a de Castelo Branco: Escalos de Baixo, Mata e Malpica do Tejo. Os estabelecimentos que compõem o AENACB apresentam uma diversidade muito evidente, apresentando cada um deles características arquitetónicas, funcionalidades e estados de conservação significativamente diferentes.

A Escola Secundária Nuno Álvares aguarda há alguns anos a possibilidade de uma intervenção de maior envergadura, nomeadamente através da concretização de um

urgente e tão necessário projeto de requalificação. A prática desportiva no âmbito da disciplina de educação física e do desporto escolar é marcadamente afetada pelas deficientes condições físicas que são oferecidas; os laboratórios necessitam de um significativo reforço de qualidade das suas instalações e equipamentos e as zonas de serviços (serviços administrativos, bufetes, cozinha, refeitório e sanitários) não permitem que a sua prestação seja efetuada com a qualidade desejada. Igualmente preponderante para que seja possível o desenvolvimento de atividades pedagogicamente adequadas à concretização das respetivas planificações e a introdução de sumários eletrónicos é o acesso à internet, em todos os espaços da escola, o que só será possível através da instalação de uma rede de cabos que permita o referido acesso em boas condições técnicas. Por último, é de referir o estado em que se encontram as áreas circundantes ao edifício, as quais merecem uma atenção particular não apenas para usufruto da comunidade escolar, mas também porque se encontram numa zona central e privilegiada da nossa cidade.

Apesar da enorme atenção colocada no passado relativamente à manutenção das suas instalações, a Escola Básica Professor Doutor António Sena Faria de Vasconcelos revela igualmente fragilidades muito sensíveis, fruto da qualidade inicial da sua construção e da idade que o edifício já apresenta. Como tal, será necessário equacionar uma intervenção mais profunda, nomeadamente ao nível das infraestruturas de abastecimento de água e saneamento e a substituição das coberturas dos diferentes blocos que compõem a escola.

Por seu turno, a Escola Básica Cidade de Castelo Branco apresenta boas condições físicas e dispõe ainda de um novo bloco, construído pela iniciativa da Câmara Municipal, que serve a educação pré-escolar e algumas turmas do 1.º ciclo do ensino básico. O cuidado colocado ao longo dos anos na sua manutenção tem contribuído decisivamente para a qualidade que as instalações apresentam.

Pelos anos volvidos desde a sua construção e resultante da sua utilização ao longo desse tempo, em vários estabelecimentos do 1.º ciclo do ensino básico do AENACB, as intervenções de reparação e manutenção têm de ser sistemáticas, o que exige um esforço constante por parte da Câmara Municipal e das Juntas de Freguesia, no sentido de manter as instalações nas condições desejáveis para a atividade educativa.

Relativamente ao apetrechamento dos diferentes estabelecimentos de educação e ensino, identificamos como aspeto crítico e transversal a quantidade e qualidade dos equipamentos informáticos existentes, pois não satisfazem as necessidades atuais nem apresentam os requisitos indispensáveis. Muitos deles encontram-se desatualizados, o que, para além de provocar avarias constantes, não permite tirar partido de todos os conteúdos e suportes hoje existentes. No que diz respeito à gestão do parque escolar, para além de todos os estabelecimentos de educação pré-escolar e do 1.º ciclo do ensino básico, por força do contrato de execução assinado em 2009 entre o Ministério da Educação e a Câmara Municipal de Castelo Branco, também as Escolas Básicas Professor Doutor António Sena Faria de Vasconcelos e Cidade de Castelo Branco se encontram até ao momento sob a alçada da Autarquia Local, competindo a esta entidade a sua manutenção e apetrechamento.

1.2. Alunos

Estabelecimentos de educação/ensino	Pré-escolar		1.º ciclo		2.º ciclo		3.º ciclo		Secundário		TOTAL	
	Nº	G	Nº	T	Nº	T	Nº	T	Nº	T	Nº	G
Escola Básica Cidade Castelo Branco	70	3	251	11	218	10	255	13	-	-	794	37
Escola Básica de Boa Esperança	-	-	91	4	-	-	-	-	-	-	91	4
Escola Básica de Cansado	-	-	15	1	-	-	-	-	-	-	15	1
Escola Básica de Escalos de Baixo	9	1	15	1	-	-	-	-	-	-	24	2
Escola Básica de Malpica do Tejo	8	1	20	2	-	-	-	-	-	-	28	3
Escola Básica de Mata	-	-	7	1	-	-	-	-	-	-	7	1
Escola Básica N.ª Sra. da Piedade	-	-	183	8	-	-	-	-	-	-	183	8
Escola Básica Faria Vasconcelos	-	-	95	5	166	8	164	8	-	-	425	21
Escola Secundária Nuno Álvares	-	-	-	-	-	-	207	8	545	21	752	29
Jardim de Infância Boa Esperança	45	2	-	-	-	-	-	-	-	-	45	2
Ensino Profissional	-	-	-	-	-	-	-	-	39	2	39	2
Estabelecimento Prisional (EFA)	-	-	-	-	-	-	-	-	12	1	12	1
Total	132	7	677	33	384	18	626	29	596	24	2415	111

Quadro II - N.º de alunos por estabelecimento de ensino e n.º de grupos/turma (Setembro, 2015)

Contribuindo para um melhor conhecimento dos alunos do AENACB importa referir que:

- 825 alunos, ou seja, cerca de 34% beneficiam das medidas de Ação Social Escolar, encontrando-se distribuídos da seguinte forma: no escalão A 468 e no B 357, o que corresponde aos 1.º e 2.º escalões do IRS.
- Mais de uma centena de alunos encontram-se referenciados pelo Gabinete de Apoio ao Aluno e à Família.
- Um número muito significativo de jovens encontram-se com processo ativo na Comissão de Proteção de Crianças e Jovens.
- 95 alunos apresentam necessidades educativas especiais (NEE), sendo que o AENACB é um Agrupamento de referência para alunos com multideficiência e, por isso mesmo, dispõe de uma Unidade de Apoio Especializado para estes alunos, a qual funciona atualmente na escola Básica Professor Doutor António Sena Faria de Vasconcelos:

NÍVEL DE ENSINO	PEI	REDUTORES DE TURMA	CEI	PIT
Pré-escolar	0	-	-	-
1.º Ciclo	27	24	3	-
2.º Ciclo	29	28	9	-
3.º Ciclo	29	27	7	-
Secundário	10	-	5	5
Total	95	79	24	5

Quadro III - N.º de alunos com NEE (Necessidade Educativas Especiais (2015/16)

1.3. Caracterização dos agregados familiares

Os pais e encarregados de educação distribuem-se por sectores de atividade bastante diversificados, destacando-se, como categorias profissionais mais representativas, as de pessoal dos serviços diretos e particulares, de proteção e segurança, operários, artífices e trabalhadores similares das indústrias extrativas e da construção civil e outros operários, artífices e trabalhadores similares.

De acordo com o estudo socioeconómico realizado pelo CICS.NOVA (Centro Interdisciplinar de Ciências Sociais), cujos dados se reportam ao ano letivo 2012-2013, mas que revelam a tendência do Agrupamento, é possível extrair as seguintes conclusões:

- O agregado familiar dos alunos era constituído, na maioria dos casos, por famílias que integram até 4 elementos, sendo este último agregado o mais frequente.
- Quanto ao tipo de família, verifica-se que a maioria dos alunos integrava uma família nuclear, composta pelo casal de pais e o(s) filho(s); os outros tipos de família (monoparentais, recompostas e alargadas) obtêm valores mais baixos.
- A maioria dos alunos do ensino regular tinha um irmão, seguindo-se os filhos únicos e uma pequena percentagem com dois irmãos.
- A mãe assume, na maioria dos casos, o papel de encarregada de educação.
- A média de idades dos pais é de 44 anos e de 42 anos para as mães.
- A maioria dos pais/mães completou um curso médio/técnico, seguindo-se o ensino secundário, 3.º ciclo e o ensino superior, em último lugar. Verifica-se, no entanto, que as mães apresentam um nível de escolaridade um pouco mais elevado do que os pais.
- Quanto à situação profissional, a grande maioria dos alunos tinha progenitores empregados por conta de outrem. Apenas 8,9% dos alunos tinham pais desempregados e 21,1% tinham mães nessa situação. Todos estes alunos usufruíam de apoio social escolar.
- Os pais dos alunos de ensino regular distribuíam-se de forma mais evidente pelos grupos profissionais especialistas das atividades intelectuais e científicas e trabalhadores qualificados da indústria, construção e artífices. Já as mães distribuíam-se principalmente pelos grupos profissionais especialistas das atividades intelectuais e científicas e trabalhadoras dos serviços pessoais, de proteção e segurança e vendedoras. Os rapazes tendem a reprovar mais do que as raparigas, e quanto mais elevada a escolaridade do pai mais os alunos parecem estar protegidos do atraso escolar.

Há uma associação entre os resultados escolares a Português e o sexo dos alunos, tendendo as raparigas a obter melhores classificações (de nível 4 e 5) do que os rapazes. Verificamos ainda existir uma associação entre a desvantagem socioeconómica, medida pelo Apoio Social Escolar, e os resultados escolares, no sentido de as classificações serem

tanto melhores quanto menos os alunos necessitam de apoio social escolar. Estas relações estatisticamente significativas entre as variáveis socioeconómicas e os indicadores de sucesso escolar apontam para alguma influência destes fatores nos desempenhos escolares, neste agrupamento.

1.3. Recursos humanos

O Agrupamento apresenta, em relação aos recursos humanos, uma elevada estabilidade, no que diz respeito ao corpo docente, administrativo ou pessoal não docente. Atendendo às suas características, o Agrupamento tem contratado outro pessoal técnico para dar resposta aos problemas pedagógicos e de integração.

N.º de profissionais		QA	QZP	Contratados
Pessoal docente	219	193	21	5
Técnicos em atividades de enriquecimento curricular	22			
Outros técnicos	3	Psicólogo 1	Mediador 1	Animador 1
Pessoal não docente	108	Assistentes técnicos 23		Assistentes operacionais 85
Total	352			

Quadro IV - N.º de profissionais por categoria (2015/16)

2. Visão, missão, valores e princípios

Cabe ao AENACB prestar um serviço público que permita a formação integral e o sucesso de **TODOS** os seus alunos.

Na construção de um projeto é fundamental ser capaz de perspetivar o futuro - **VISÃO** - consubstanciar a razão da sua existência - **MISSÃO** - e clarificar os princípios éticos que regem a vivência em comum - **VALORES**.



2.1. Princípios orientadores

Para concretizar esta missão de serviço público, é fundamental que sejam definidos princípios orientadores que norteiam o desenvolvimento do respetivo Plano de Ação Estratégica. Assim sendo, foram selecionados seis princípios que passamos a apresentar:

1. Princípio da qualidade educativa
2. Princípio da cidadania e da participação
3. Princípio do saber e do saber-fazer
4. Princípio da equidade social
5. Princípio da inclusão e do respeito pela diferença
6. Princípio da cooperação e da abertura ao meio

Para que tal se concretize, o AENACB deve proporcionar aprendizagens que ocorram em contextos educativos amplos e diversificados, com uma forte ligação à realidade social, cultural e económica em que está inserido.

Em suma, o AENACB deverá promover uma imagem forte e de prestígio, que se torne um exemplo de boas práticas com reconhecimento externo em termos locais e nacionais.

Na sequência da apresentação da visão, missão, valores e princípios preconizados para o AENACB, o nosso lema é:

Juntos construímos o Futuro!

3. Diagnóstico

A análise SWOT [Strengths (Forças), Weaknesses (Fraquezas), Opportunities (Oportunidades) e Threats (Ameaças)] é uma ferramenta que integra metodologias de planeamento estratégico e organizacional.

Para a implementação da análise SWOT que esteve na base da elaboração do presente Projeto Educativo, foram utilizados variados métodos e instrumentos de recolha de dados, de entre os quais se destacam os inquéritos e a auscultação das estruturas representativas dos diferentes elementos da comunidade educativa.

3.1 Análise do ambiente interno do Agrupamento

PONTOS FORTES	PONTOS FRACOS
<p>S1. Escolas com identidades muito vincadas e diferenciadoras;</p> <p>S2. Corpo docente estável e empenhado;</p> <p>S3. Pessoal não docente, em regra, eficiente, cumpridor e prestável;</p> <p>S4. Rede de Bibliotecas Escolares/Centros de Recursos com instalações satisfatórias e com planos de atividades atrativos, articulados e de proximidade com as escolas, com os alunos e com os docentes;</p> <p>S5. Respostas pedagógicas diferenciadas;</p> <p>S6. Integração no Programa TEIP, com a elaboração de um Plano de Melhoria, que permite a obtenção de recursos acrescidos para melhoria nas respostas aos problemas pedagógicos e de integração;</p> <p>S7. Forte preocupação por parte de todas as estruturas de gestão pedagógica com os resultados académicos e sociais dos alunos;</p>	<p>W1. Imagem associada ao Agrupamento ainda não totalmente estabilizada junto da comunidade;</p> <p>W2. Falta de estratégias de valorização e de <i>marketing</i> concertadas para elevar o reconhecimento do Agrupamento, das suas atividades e prémios alcançados;</p> <p>W3. Instalações escolares em termos de conservação e apetrechamento em situação bastante dispar, encontrando-se algumas com necessidade urgente de requalificação e apetrechamento;</p> <p>W4. Graves carências ao nível de equipamentos informáticos;</p> <p>W5. Escolas dependendo de estruturas diferenciadas no que diz respeito à competência em matéria de manutenção, requalificação, apetrechamento e gestão de pessoal não docente;</p> <p>W6. Pessoal não docente em número insuficiente face às necessidades;</p>

Página 16 de 40

Projeto Educativo 2015/2018

PONTOS FORTES

S8. Agrupamento de referência para alunos com NEE, nomeadamente com multideficiência;

S9. Oferta de percursos alternativos de formação suficientemente diversificada;

S10. Oferta de respostas diversificadas a alunos com NEE/CEI/PIT.

S11. Existência do Gabinete de Apoio ao Aluno e à Família (GAAF), aberto ao acompanhamento sistemático ou esporádico de alunos e suas famílias;

S12. Razoável participação dos pais e encarregados de educação na vida das escolas;

S13. Plano Anual de Atividades (PAA) com um grande conjunto de atividades diversificadas e enriquecedoras;

S14. Oferta de um leque muito diversificado de clubes, projetos e ateliês para todos os alunos, incluindo alunos com Necessidades Educativas Especiais;

S15. Participação ativa e empenhada da comunidade educativa em inúmeros projetos, concursos e iniciativas propostas por entidades externas ao Agrupamento;

S16. Protocolos eficientes, com entidades externas.

PONTOS FRACOS

W7. Dispersão de estabelecimentos escolares pela cidade e fora dela, com implicações ao nível da gestão de proximidade e de acompanhamento sistemático por parte da direção;

W8. Dispersão de docentes por vários estabelecimentos, com consequências ao nível do trabalho colaborativo e ao nível da articulação vertical e horizontal;

W9. Falta de articulação entre pais/EE das diferentes escolas;

W10. Oferta formativa pouco diversificada no âmbito dos cursos profissionais;

W11. Taxas de sucesso e de qualidade do sucesso bastante díspares entre ciclos e alunos de escolas diferentes do Agrupamento;

W12. Modelo de monitorização e avaliação interna ainda não totalmente implementado;

W13. Falta de hábitos de trabalho sistemático e deficientes métodos de estudo por parte de um número crescente de alunos;

W14. Falta de valores cívicos e desvalorização da escola e do que ela representa para um número crescente de alunos;

W15. N.º significativo de alunos com necessidade de apoios socioeducativos;

W16. N.º insuficiente de docentes de Educação Especial face às necessidades educativas especiais dos alunos do Agrupamento.

3.2 Análise do ambiente externo ao Agrupamento

OPORTUNIDADES	AMEAÇAS/CONSTRANGIMENTOS
<p>O1. Elaboração de protocolos de colaboração com entidades externas, com vista à melhoria da qualidade do serviço prestado;</p> <p>O2. Diálogo e articulação com parceiros institucionais, nomeadamente:</p> <ul style="list-style-type: none"> . Câmara Municipal de Castelo Branco . Juntas de Freguesia . Instituto Politécnico de Castelo Branco . Comunidade Intermunicipal da Beira Baixa . Comissão de Proteção de Crianças e Jovens de Castelo Branco (CPCJ) . Unidade Local de Saúde de Castelo Branco . Estabelecimento Prisional da Comarca de Castelo Branco . Instituto de Emprego e Formação Profissional . Associações empresariais . Associações de carácter cultural e desportivo; <p>O3. Candidatura a projetos nacionais e/ou internacionais, que ajudam a promover o sucesso educativo dos alunos do Agrupamento;</p> <p>O4. Candidatura a concursos e projetos internacionais de índole cultural e/ou científico-pedagógica.</p>	<p>T1. Redução do número de crianças em idade escolar no concelho de Castelo Branco;</p> <p>T2. Problemas de natureza económica, social e familiar que se refletem no comportamento, por vezes desajustado, dos alunos.</p>

4. Áreas de Intervenção Priorizadas

A análise SWOT efetuada permitiu responder à questão “Onde estamos agora?”. Só a partir das respostas a esta questão, e definindo as metas e os objetivos que pretendemos alcançar, é possível definir um plano de ação estratégica que nos permita responder à questão “Como podemos chegar à visão projetada do Agrupamento?”. Enunciam-se três áreas de intervenção prioritária para as quais o Agrupamento pretende delinear objetivos estratégicos, preventivos e sustentados, em estreita articulação com os eixos prioritários de intervenção do Plano Plurianual de Melhoria:

RESULTADOS	ACADÉMICOS	EIXO 1 : Apoio/Melhoria das aprendizagens
	SOCIAIS	EIXO 2 : Prevenção do Abandono Absentismo / Indisciplina/Orientação vocacional
	RECONHECIMENTO DA COMUNIDADE	EIXO 4 : Relação Escola-Famílias-Comunidade-Parcerias
PRESTAÇÃO DE SERVIÇO EDUCATIVO	PLANEAMENTO E ARTICULAÇÃO	EIXO 3 : Gestão e Organização
	PRÁTICAS DE ENSINO	EIXO 3 : Gestão e Organização
	MONITORIZAÇÃO E AVALIAÇÃO DO ENSINO E DAS APRENDIZAGENS	EIXO 3 : Gestão e Organização
LIDERANÇA E GESTÃO	LIDERANÇA	EIXO 3 : Gestão e Organização
	GESTÃO	EIXO 3 : Gestão e Organização
	AUTOAVALIAÇÃO E MELHORIA	EIXO 3 : Gestão e Organização

Figura 1 - Áreas de Intervenção

5. Áreas de Intervenção Priorizadas – Objetivos Operacionais/Metas/Indicadores/Ações concretas/Atores responsáveis

Tabela 1 – Área de Intervenção I – Resultados (Dimensão 1 – Resultados Académicos)

ÁREA DE INTERVENÇÃO I: RESULTADOS				
DIMENSÃO 1 – RESULTADOS ACADÉMICOS				
Objetivos Operacionais	Metas	Indicadores	Ações concretas	Atores Responsáveis
- Aumentar o Sucesso Escolar na Avaliação Interna. (Eixo 1)	- Garantir, anualmente, que a taxa de insucesso escolar, no 1.º ciclo, seja inferior a 7,5%.	- Taxas de insucesso no 1.º ciclo, por turma e ano	- Generalizar a avaliação diagnóstica. - Monitorizar os resultados dos alunos no final de cada período. - Realizar reuniões sobre planeamento e avaliação (uma reunião por período).	- Coordenação de DT - Conselho Pedagógico - Conselho de Docentes/DT - Departamento - Grupos disciplinares
	- Reduzir, anualmente, em 2% a taxa de insucesso escolar no 2.º e 3.º ciclos.	- Taxas de insucesso no 2.º e 3.º ciclos, por turma e ano		
	- Reduzir, anualmente, em 5% a taxa de insucesso escolar no ensino secundário.	- Taxas de insucesso no secundário, por turma e ano		
	- Melhorar, anualmente, em 2% a percentagem de alunos com classificação positiva a todas as disciplinas e em todos os níveis de ensino.	- Percentagem de alunos com classificação positiva a todas as disciplinas	- Generalizar a Av. diagnóstica. - Analisar do Sucesso. - Realizar reuniões, por áreas disciplinares, sobre planeamento e avaliação (uma reunião por período). - Valorizar os Apoios.	

ÁREA DE INTERVENÇÃO I: RESULTADOS				
DIMENSÃO 1 – RESULTADOS ACADÉMICOS				
Objetivos Operacionais	Metas	Indicadores	Ações concretas	Atores Responsáveis
	- Diminuir a diferença entre os níveis/parâmetros das atitudes e valores da autoavaliação do aluno, nas diferentes disciplinas e os níveis/parâmetros das atitudes e valores atribuídos.	- Fichas de autoavaliação do aluno	- Confrontar os resultados dos alunos no final de cada período com a sua autoavaliação.	- Alunos - Conselho de docentes - Conselhos de Turma
- Aumentar o Sucesso Escolar na Avaliação Externa. (Eixo 1)	- Manter acima de - 5% a taxa de sucesso do Agrupamento (% de alunos com nível >= 3) para os valores nacionais de Português e Matemática do 9.º ano.	- Médias Nacionais das Provas Finais - Média das classificações obtidas pelos alunos internos nas Provas Nacionais de Português e Matemática	- Valorizar os Apoios Educativos de Português e Matemática. - Envolver os EE na decisão da frequência dos apoios, pelos seus educandos.	- Coordenação de DT - Conselho Pedagógico - Conselho de Docentes/DT - Departamento - Grupos disciplinares - Coordenadores dos Apoios - Enc. de Educação
	- Manter acima de - 0,05% a classificação média (0 a 100%) para os valores nacionais de Português e Matemática do 9.º ano.			
	- Manter acima de - 5% a taxa de sucesso do Agrupamento (% de alunos com nível >= 10) para os valores nacionais de Português e Matemática do Ensino Secundário.			
	- Manter acima de - 0,05% a classificação média (0 a 200 pontos) para os valores nacionais de Português e Matemática do Ensino Secundário.			

ÁREA DE INTERVENÇÃO I: RESULTADOS				
DIMENSÃO 1 – RESULTADOS ACADÉMICOS				
Objetivos Operacionais	Metas	Indicadores	Ações concretas	Atores Responsáveis
- Desenvolver as competências de literacia de informação, digital e da leitura, e trabalho autónomo dos alunos. (Eixo 1)	- Realizar, no mínimo, duas atividades que visem a promoção das literacias.	- Relatório da BE - Fichas de registo das visitas à BE - Relatórios dos Clubes.	- Dinamizar duas atividades anuais de promoção de leitura (parceria entre a BE e atores responsáveis).	- Coordenadores da BE/CR - DT /Conselhos de Turma - Departamentos e Grupos Disciplinares - Clubes
	- Planificar, em colaboração com a BE, pelo menos, uma atividades por turma para trabalho de pesquisa, seguindo as etapas e utilizando as técnicas corretas.	- Relatório da BE - Fichas de registo das visitas à BE - Relatórios dos Clubes	- Proceder à articulação entre a BE e as várias disciplinas, áreas curriculares e serviços.	
- Valorizar e publicitar os alunos propostos para a entrega de Prémios de Mérito Nuno Álvares. (Eixos 1 e 4)	- Organizar anualmente a Cerimónia pública de distinção e valorização dos resultados académicos denominada "Entrega de Prémios de Mérito Nuno Álvares".	- Realização da atividades - N.º de alunos distinguidos	- Realização da Cerimónia "Prémios de Mérito Nuno Álvares".	- Docentes - Alunos - Pais/EE - Patrocinadores
- Diminuir a taxa de Interrupção precoce do percurso escolar (TIPPE). (Eixo 2)	- Manter abaixo de 0,8%, no 2.º e 3.º ciclos, a taxa de interrupção precoce do percurso escolar (TIPPE). - Melhorar em 25%, no Ensino Secundário, a taxa de interrupção precoce.	- Taxa de Interrupção precoce do percurso escolar, por ano e ciclos de ensino (TIPPE)	- Encaminhar para o GAAF, os alunos em risco.	- Docentes - Alunos - DT - Pais/EE - Direção - GAAF - Interlocutor CPCJ

Página 22 de 40
Projeto Educativo 2015/2018



Tabela 2 - Área de Intervenção I – Resultados (Dimensão 2 – Resultados Sociais)

ÁREA DE INTERVENÇÃO II: RESULTADOS				
DIMENSÃO 2 – RESULTADOS SOCIAIS				
Objetivos Operacionais	Metas	Indicadores	Ações concretas	Atores Responsáveis
- Reduzir as situações de indisciplina em contexto escolar. (Eixo 2)	- Diminuir, tendencialmente, o n.º de medidas disciplinares, em relação ao ano transato. - Diminuir, tendencialmente, o n.º de procedimentos disciplinares em cada ano letivo. - Promover, pelo menos, uma ação de sensibilização/prevenção dirigida, principalmente, às turmas referenciadas. - Implementar, anualmente, o Prémio da Melhor turma, por escola e Ciclo de ensino.	- N.º de medidas disciplinares corretivas aplicadas. - N.º de medidas sancionatórias aplicadas - N.º de alunos encaminhados para o GAR aos quais foi aplicada a medida de "ordem de saída da sala de aula" - N.º de processos disciplinares - N.º de sessões Dinamizadas. - N.º de Docente e PND presentes. - N.º de turmas propostas	- Implementar ações de sensibilização no âmbito da indisciplina e da gestão de conflitos para o PD e PND. - Aferir, em Conselho de Turma, estratégias comuns de atuação de âmbito disciplinar. - Definir regras de comportamento a exigir. - Integrar os alunos em risco de abandono escolar, em Atividades Extracurriculares. - Organizar o Regulamento do concurso "A melhor Turma", com base no n.º de medidas disciplinares aplicadas e no n.º de faltas injustificadas/turma.	- Docentes - Alunos - Professores Titulares/DT - Conselhos de Turma - Pais/EE - Direção - GAAF - Patrocinadores



Página 23 de 40
Projeto Educativo 2015/2018

Tabela 2 - Área de Intervenção I – Resultados (Dimensão 2 – Resultados Sociais)

ÁREA DE INTERVENÇÃO II : RESULTADOS				
DIMENSÃO 2 – RESULTADOS SOCIAIS				
Objetivos Operacionais	Metas	Indicadores	Ações concretas	Atores Responsáveis
- Reduzir as situações de indisciplina em contexto escolar. (Eixo 2)	- Diminuir, tendencialmente, o n.º de medidas disciplinares, em relação ao ano transato. - Diminuir, tendencialmente, o n.º de procedimentos disciplinares em cada ano letivo. - Promover, pelo menos, uma ação de sensibilização/prevenção dirigida, principalmente, às turmas referenciadas. - Implementar, anualmente, o Prémio da Melhor turma, por escola e Ciclo de ensino.	- N.º de medidas disciplinares corretivas aplicadas. - N.º de medidas sancionatórias aplicadas - N.º de alunos encaminhados para o GAR aos quais foi aplicada a medida de "ordem de saída da sala de aula" - N.º de processos disciplinares - N.º de sessões Dinamizadas. - N.º de Docente e PND presentes. - N.º de turmas propostas	- Implementar ações de sensibilização no âmbito da indisciplina e da gestão de conflitos para o PD e PND. - Aferir, em Conselho de Turma, estratégias comuns de atuação de âmbito disciplinar. - Definir regras de comportamento a exigir. - Integrar os alunos em risco de abandono escolar, em Atividades Extracurriculares. - Organizar o Regulamento do concurso "A melhor Turma", com base no n.º de medidas disciplinares aplicadas e no n.º de faltas injustificadas/turma.	- Docentes - Alunos - Professores Titulares/DT - Conselhos de Turma - Pais/EE - Direção - GAAF - Patrocinadores

ÁREA DE INTERVENÇÃO II : RESULTADOS				
DIMENSÃO 2 – RESULTADOS SOCIAIS				
Objetivos Operacionais	Metas	Indicadores	Ações concretas	Atores Responsáveis
- Promover a orientação escolar e profissional. (Eixo 1)	- Realizar pelo GAAF pelo menos 2 atividades dirigidas aos alunos do 9.º e do 12.º anos que facilitem a construção do seu percurso escolar e profissional, por ano letivo.	- N.º de atividades abrangidos - N.º de alunos abrangidos - N.º de atividades realizadas com os alunos	- Realizar sessões de orientação escolar e profissional. - Convidar ex-alunos para darem o seu testemunho.	- Alunos - DT - Pais/EE - GAAF - Direção - Ex-alunos
- Proporcionar aos alunos o conhecimento sobre o mundo laboral. (Eixo 1)	- Realizar, pelo menos, uma atividade que promova o contacto com o meio laboral.	- N.º de atividades abrangidos - N.º de alunos abrangidos - Número de atividades realizadas com os alunos	- Realizar palestras/visitas de estudo a unidades empresariais. - Convidar ex-alunos para darem o seu testemunho.	- Alunos - DT - Pais/EE - GAAF - Direção - Empresas - Ex-alunos - Conselho Geral

Tabela 3 - Área de Intervenção I – Resultados (Dimensão 3 – Reconhecimento da Comunidade)

Área de Intervenção I: RESULTADOS				
DIMENSÃO 3 – RECONHECIMENTO DA COMUNIDADE				
Objetivos Operacionais	Metas	Indicadores	Ações concretas	Atores Responsáveis
- Aumentar a participação dos alunos nas atividades do PAA, principalmente as que reforcem a Identidade do Agrupamento. (Eixo 4)	- Aumentar, anualmente, a participação dos alunos nos projetos/atividades da escola em 1%.	- N.º de alunos que participam nos vários Projetos / atividades	- Dinamizar projetos, segundo os interesses dos alunos e a disponibilidade dos professores. - Divulgar as atividades na Página web do Agrupamento, ecrãs LCD, moodle. - Enviar por email, à Comunidade Educativa, mensalmente, uma newsletter com a divulgação das atividades do PAA. - Publicar periodicamente o Jornal do Agrupamento "Olhares". - Divulgar notícias das atividades nos media locais.	- Professores/ Equipas Responsáveis pelos projetos - CT/DT - Clubes
- Dinamizar atividades de voluntariado. (Eixo 4)	- Concretizar, anualmente, pelo menos, uma atividade de voluntariado.	- N.º de atividades de voluntariado realizadas.	- Recolha, por turma, de alimentos para o Canil de São Lázaro. - Realizar a campanha "Uma turma, um Cabaz". - Dinamizar outras ações de voluntariado propostas ao Agrupamento. - Sensibilizar a AE para a dinamização e participação em atividades de voluntariado.	- CDT/DT - Docentes de EDC - Comunidade educativa

Área de Intervenção I: RESULTADOS				
DIMENSÃO 3 – RECONHECIMENTO DA COMUNIDADE				
Objetivos Operacionais	Metas	Indicadores	Ações concretas	Atores Responsáveis
- Divulgar os projetos do Agrupamento "Inclusivamente" e "Impressora de Sorrisos". (Eixo 4)	- Difundir nas reuniões de Pais/EE de setembro estes dois projetos do Agrupamento. - Promover visitas de Pais/EE/ alunos/turmas à Loja Solidária "Impressora de Sorrisos".	- N.º de Pais/EE presentes na reunião - N.º de visitas de Pais/EE/alunos/turmas à Loja Solidária "Impressora de Sorrisos"	- Inserir no Guião das reuniões com os Pais/EE/alunos, a divulgação dos projetos. - Dinamizar visitas guiadas à Loja Solidária "Impressora de Sorrisos".	- CDT - Professores Titulares/DT - Pais/EE Alunos/turmas - Professoras responsáveis pela Loja Solidária "Impressora de Sorrisos"
- Incrementar práticas ambientais e de preservação de recursos naturais: Programa Eco-escolas. (Eixo 4)	- Receber a Bandeira Verde. - Receber o Certificado de Qualidade Ambiental.	- N.º de separadores colocados/escola - Peso do papel e do plástico recolhidos - Peso de tampas recolhidas - Peso do papel para o Banco Alimentar	- Providenciar a colocação de separadores de resíduos (pelo menos papel e plástico). - Implementar a separação seletiva de resíduos em todas as escolas do Agrupamento. - Recolher tampas para campanhas de solidariedade. - Recolher pacotes de açúcar/papel para o Banco Alimentar.	- Responsáveis pelo Programa Eco-Escolas e restante Comunidade Educativa

Área de Intervenção I: RESULTADOS				
DIMENSÃO 3 – RECONHECIMENTO DA COMUNIDADE				
Objetivos Operacionais	Metas	Indicadores	Ações concretas	Atores Responsáveis
- Manter os Clubes existentes no Agrupamento. (Eixo 4)	- Cumprir, pelo menos 95%, das atividades propostas no PAA, pelos Clubes. - Envolver a Comunidade Educativa, pelo menos, numa das atividades dos Clubes: "Dia Aberto dos Clubes à Comunidade".	- Relatórios dos Clubes - N.º de atividades desenvolvidas e de participantes	- Concretizar as atividades propostas no PAA. - Dinamizar a atividade "Dia Aberto dos Clubes à Comunidade".	- Coordenadores dos Clubes - Alunos inscritos - Comunidade Educativa
- Diminuir o n.º de Pais/EE que nunca contactaram o Professor Titular/DT. (Eixo 4)	- Diminuir, em 1%, o n.º de Pais/EE que nunca contactaram o Professor Titular/DT.	- Presenças em reuniões de DT/EE - Presença dos Representantes dos EE em reuniões de Conselho de Turma - Lista de presenças em reuniões convocadas pela Direção - Registo de presença em horário de atendimento do DT - Registos dos contactos estabelecidos (correio eletrónico, telefone, carta) - Participação concreta em atividades	- Promover reuniões periódicas com os Pais/EE. - Estabelecer os contactos necessários. - Realizar atividades abertas aos Pais/EE e à comunidade em geral.	- Direção - Diretores de Turma - Professores - Pais/EE - Associação de Pais - Associação de Estudantes - Educandos

Área de Intervenção I: RESULTADOS				
DIMENSÃO 3 – RECONHECIMENTO DA COMUNIDADE				
Objetivos Operacionais	Metas	Indicadores	Ações concretas	Atores Responsáveis
- Promover a dinamização de atividades por parte dos Pais/EE. (Eixo 4)	- Realizar, no mínimo, uma atividade em cada ciclo de ensino dinamizada pelos Pais/EE.	- N.º de atividades realizadas.	- Convidar os Pais/EE a dinamizar atividades de temáticas variadas.	- Pais/EE - Professores Titulares/DT - Alunos - Direção

Tabela 4 - Área de Intervenção II – Prestação do Serviço Educativo (Dimensão 1 – Planeamento e Articulação)

Área de Intervenção II: PRESTAÇÃO DO SERVIÇO EDUCATIVO/PLANEAMENTO E ARTICULAÇÃO				
DIMENSÃO 1 – PLANEAMENTO E ARTICULAÇÃO				
Objetivos Operacionais	Metas	Indicadores	Ações concretas	Atores Responsáveis
- Promover a articulação vertical (entre ciclos) e horizontal (entre disciplinas). (Eixos 1 e 3)	- Realizar pelo menos uma reunião anual entre os diferentes níveis de ensino e entre as disciplinas afins.	- N.º de reuniões transversais - N.º de documentos Educativos transversais elaborados - N.º de atividades/projetos transversais no PAA - N.º de recursos pedagógicos partilhados (drive do aenacb, Moodle, página web do AENACB)	- Promover reuniões interdisciplinares /departamento/ grupos disciplinares/CT	- Departamentos - Grupos disciplinares - CT - Coordenadores de Clubes /projetos - Alunos
- Promover a equidade e o sucesso educativo dos alunos com necessidades educativas especiais. (Eixos 1 e 3)	- Melhorar os resultados escolares. - Melhorar o perfil funcional do aluno.	- PEI - Registo periódico de avaliação e monitorização das medidas aplicadas - Relatório circunstanciado	- Implementar as medidas educativas preconizadas no PEI.	- Equipa da Educação Especial - Conselhos de Turma

- Promover atividades /áreas curriculares específicas destinadas a alunos com PEI ou PIT. (Eixos 1 e 3)	- Realizar pelo menos 3 atividades dirigidas aos alunos com CEI ou PEI.	- Número de atividades - Número de alunos envolvidos	- Promover atividades específicas para os alunos NEE, com CEI e PIT.	- Empresas - Parceiros - APPCDM - Alunos NEE
- Promover a inclusão e a participação ativa dos alunos com NEE, de caráter permanente, em atividades do PAA, de acordo com o seu perfil de funcionalidade. (Eixos 1 e 3)	- Implementar, pelo menos, 2 atividades anuais com a participação ativa dos alunos com NEE, de caráter permanente. - Encaminhar os alunos para um percurso educativo mais adequado ao seu perfil funcional.	- Envolvência - Resultados dos inquéritos de satisfação a realizar aos alunos/pais /professores de Educação Especial. - N.º de encaminhamentos efetuados		

Tabela 5 - Área de Intervenção II – Prestação do Serviço Educativo (Dimensão 2 – Práticas de Ensino)

Área de Intervenção I: PRESTAÇÃO DO SERVIÇO EDUCATIVO				
DIMENSÃO 2 - PRÁTICAS DE ENSINO				
Objetivos Operacionais	Metas	Indicadores	Ações concretas	Atores Responsáveis
- Diversificar metodologias de ensino. (Eixo 3)	- Dinamizar, pelo menos, 1 prática educativa inovadora/metodologia ativa e experimental por grupo disciplinar.	- Resultados dos inquéritos de satisfação	- Dinamizar experiências educativas com o recurso às TIC. - Diversificar metodologias de trabalho na sala de aula. - Realizar trabalho cooperativo entre professores. - Partilhar recursos e práticas educativas.	- Professores de cada grupo disciplinar/nível de ensino - Departamentos

Tabela 6 - Área de Intervenção II – Prestação do Serviço Educativo (Dimensão 3- Monitorização e Avaliação do Ensino e das Aprendizagens)

Área de Intervenção I: PRESTAÇÃO DO SERVIÇO EDUCATIVO				
DIMENSÃO 3 - MONITORIZAÇÃO E AVALIAÇÃO DO ENSINO E DAS APRENDIZAGENS				
Objetivos Operacionais	Metas	Indicadores	Ações concretas	Atores Responsáveis
- Promover a aferição dos instrumentos de avaliação. (Eixos 1 e 3)	- Realizar reuniões periódicas de grupo disciplinar/nível para elaboração dos instrumentos de avaliação.	- N.º de reuniões realizadas - N.º de instrumentos de avaliação elaborados em grupo disciplinar	- Promover reuniões de Órgãos/ Estruturas.	- Conselho Pedagógico - Departamentos - Grupos disciplinares
- Fomentar a análise dos resultados académicos. (Eixos 1 e 3)	- Garantir que se faça uma reflexão periódica sobre os resultados.	- N.º de reuniões realizadas onde o tema constou da ordem de trabalhos		

Tabela 7 - Área de Intervenção III – Liderança e Gestão (Dimensão 1 – Liderança)

Área de Intervenção: LIDERANÇA E GESTÃO				
DIMENSÃO 1 - LIDERANÇA				
Objetivos Operacionais	Metas	Indicadores	Ações concretas	Atores Responsáveis
- Implementar ações que promovam a construção de lideranças intermédias fortes e eficazes. (Eixo 3)	- Envolver anualmente 10% do Pessoal Docente.	- N.º de ações realizadas - N.º de professores envolvidos	- Promover Ações de Formação. - Promover sessões de trabalho colaborativo.	- CFAE "AltoTejo" - Conselho Pedagógico - Departamentos - Grupos Disciplinares - Outras entidades
	- Melhorar a articulação entre a Direção e as lideranças intermédias.	- N.º de reuniões realizadas - Atas da reunião	- Reunir mensalmente com as lideranças intermédias.	

- Realizar Jornadas do Pessoal Não Docente, no âmbito das Relações Interpessoais e da comunicação. (Eixo 3)	- Envolver anualmente 90% do Pessoal Não Docente.	- N.º de ações realizadas - N.º de AO/AT envolvidos	- Promover Ações de Formação. - Promover sessões de trabalho colaborativo.	- CFAE "AltoTejo" - Direção - Outras Instituições
---	---	--	---	---

Tabela 8 - Área de Intervenção III – Liderança e Gestão (Dimensão 2 e 3 – Gestão e Autoavaliação e Melhoria)

Área de Intervenção: LIDERANÇA E GESTÃO				
DIMENSÕES 2 E 3 – GESTÃO E AUTOAVALIAÇÃO E MELHORIA				
Objetivos Operacionais	Metas	Indicadores	Ações concretas	Atores Responsáveis
- Aumentar os níveis obtidos no processo de avaliação de todos os serviços prestados na AENACB. (Eixo 3)	- Aumentar qualitativamente os resultados obtidos na avaliação dos serviços prestados na AENACB.	- Resultados dos inquéritos de satisfação	- Proceder à monitorização sistemática dos serviços.	- AO/AT - Docentes - Alunos - Pais/EE
- Otimizar os canais de comunicação e atualização de informação. (Eixo 3)	- Melhorar os canais de comunicação e atualização de informação.		- Elaborar um guia de circuitos de informação e comunicação interna e um manual de procedimentos.	
- Melhorar os espaços e equipamentos do AENACB face às verbas disponíveis e às ajudas externas conseguidas. (Eixo 3)	- Realizar ações de reparação/manutenção, à medida que sejam comunicadas as ocorrências. - Adquirir o material/equipamento solicitado, tendo em atenção as verbas disponíveis.	- Resultados dos inquéritos de satisfação - N.º de obras realizadas - N.º de requisições de material/	- Proceder à monitorização sistemática dos serviços. - Fazer a análise diária das fichas de ocorrência para realização das reparações necessárias, em tempo útil. - Lançar procedimentos aquisitivos para a compra	

		equipamento adquirido	de equipamento/material de laboratório, tendo em atenção os pedidos dos coordenadores de disciplina.	
- Reforçar as medidas de segurança. (Eixo 3)	- Promover 2 ações de prevenção e segurança nas 3 escolas do Agrupamento.	- N.º de ações promovidas	- Promover ações de prevenção e segurança nas várias escolas do AENACB.	- AO/AT - Professores - Alunos - Proteção Civil - Outras entidades ou Instituições parceiras
	- Melhorar a vigilância das instalações e dos alunos nos espaços escolares.	- N.º de ocorrências - Verificação dos espaços	- Dinamizar e implementar junto dos assistentes operacionais ações de atuação e intervenção contínua, quer a nível da limpeza, quer da vigilância de recreios e espaços.	
	- Realizar, anualmente, 1 exercício de evacuação e simulacro nas escolas do AENACB.	- Número de exercícios nos vários estabelecimentos	- Plano de Emergência - Realização de exercícios de evacuação e de simulacro.	
	- Sensibilizar para a segurança.	- Número de ações de sensibilização	- Implementar, pelo menos, uma ação de sensibilização anual na área da segurança.	



Tabela 9 - Área de Intervenção III – Liderança e Gestão (Dimensão 3 – Autoavaliação e Melhoria)

Área de Intervenção: LIDERANÇA E GESTÃO				
Dimensão 3: AUTOAVALIAÇÃO E MELHORIA				
Objetivos Operacionais	Metas	Indicadores	Ações concretas	Atores Responsáveis
- Promover a avaliação e monitorização sistemática do agrupamento.	<ul style="list-style-type: none"> - Realizar e divulgar vários Documentos: · Relatório trimestral – Resultados Escolares · Relatório Semestral TEIP em parceria – Equipa TEIP · Relatório Anual TEIP em parceria – Equipa TEIP · Relatório de Autoavaliação do Agrupamento. 	- N.º de documentos divulgados	<ul style="list-style-type: none"> - Apurar dados para a elaboração dos relatórios. - Realizar o acompanhamento, monitorização e avaliação do PEA e do Plano Plurianual de Melhoria TEIP, concretizando a Autoavaliação Anual do Agrupamento. - Monitorizar e acompanhar o percurso dos alunos no ensino superior. 	<ul style="list-style-type: none"> - Direção - Coordenadores dos Diretores de Turma - Coordenadores de Departamento - Grupos Disciplinares - Docentes - Professores Titulares/ DT - Alunos - Pais /EE - Equipa TEIP, Equipa de Autoavaliação e consultor externo
	- Aprofundar o debate interno sobre os documentos referidos.	- N.º de reuniões realizadas	- Realizar reuniões de análise (Pais/EE, CDT, CT, CP, etc.).	

6. Acompanhamento e avaliação do Projeto Educativo

Um projeto educativo não deve ser entendido como um documento estático e inalterável, pois se se pretende com a sua elaboração enquadrar e conduzir a *vida* do Agrupamento, então é fundamental que o mesmo seja alvo de uma avaliação sistemática e esteja sujeito a eventuais reformulações, tendo em conta a análise do impacto das medidas implementadas e o sucesso dos resultados obtidos.

A monitorização e avaliação do Projeto Educativo será feita em articulação com o Conselho Pedagógico e o Conselho Geral. Procurar-se-á, em permanência, assegurar a recolha, tratamento e análise de dados para reformular as atividades, se necessário, a fim de garantir o sucesso do Projeto e assegurar o envolvimento dos intervenientes nos processos de reflexão e nas estratégias de melhoria a implementar, de acordo com os descritores definidos. Esta avaliação contínua basear-se-á no constante desenrolar do ciclo plano-ação-avaliação-adequação, com vista à consecução dos objetivos e metas delineados. No final de cada ano letivo, sem prejuízo de ocorrência em outros momentos, será realizada uma avaliação de forma a permitir um feedback que possibilite validar e reorientar as suas linhas de atuação. Esta avaliação será da competência da Equipa da Avaliação Interna que, através da consulta dos relatórios de avaliação das ações de melhoria, da aplicação de questionários - e/ou outros instrumentos metodológicos - e da análise dos resultados escolares, deverá:

- Aferir o grau de consecução dos objetivos estratégicos estabelecidos;
- Avaliar o desenvolvimento e impacto das diferentes ações, bem como a forma como estas se articulam para promover o sucesso dos alunos;
- Avaliar se os diversos problemas do agrupamento foram resolvidos e/ou minorados;
- Verificar a articulação entre o Plano Anual de Atividades e os objetivos do Projeto Educativo;
- Aferir o cumprimento das Metas estabelecidas;
- Assegurar o envolvimento dos intervenientes nos processos de reflexão e nas estratégias de melhoria a implementar.



7. Divulgação

Este Projeto Educativo será divulgado a alunos, professores, pessoal docente e não docente através das estruturas de administração e gestão existentes. Será divulgado a Pais e Encarregados de Educação através de reuniões com os seus Representantes e também em reuniões de Pais e Encarregados de Educação dos diversos níveis de ensino. Estará igualmente disponível para consulta por toda a comunidade escolar na página Internet do Agrupamento e será enviado por correio eletrónico a todo o pessoal docente e não docente e parceiros.

8. Bibliografia

AZEVEDO, R. et al (2011). *Projetos Educativos: Elaboração, Monitorização e Avaliação - Guião de Apoio*. Lisboa: Agência Nacional para a Qualificação, I.P. Amado, J.S. &.

BATISTA, Susana; GONÇALVES, Eva; ROSA, Rita; TRIGO, Marco (2012). "Projetos Educativos - para um modelo da sua elaboração. Lisboa Projeto ESCXEL - Rede de Escolas de Excelência

Projeto de Intervenção do Diretor - António de Carvalho

Projeto Educativo do Agrupamento de Escolas Cidade de Castelo Branco (2013)

Projeto Educativo da Escola Secundária Nuno Álvares (2013)

Projeto Educativo do Agrupamento de Escolas Faria de Vasconcelos (2013)

ANEXO

1. Definição de Critérios para a Constituição de turmas

1.1 Princípio geral

Na constituição das turmas devem prevalecer critérios de natureza pedagógica definidos no projeto educativo do AENACB, competindo ao diretor aplicá-los no quadro de uma eficaz gestão e rentabilização de recursos humanos e materiais existentes.

Na constituição de turmas deve ser respeitada a heterogeneidade das crianças e jovens, podendo, no entanto, o diretor, perante situações pertinentes e após ouvir o conselho pedagógico, atender a outros critérios que sejam determinantes para a promoção do sucesso e o combate ao abandono escolares.

1.2 Constituição de grupos na educação pré-escolar

A constituição dos grupos deve obedecer aos parâmetros previstos na legislação em vigor.

Os grupos são constituídos por um número mínimo de 20 e um máximo de 25 crianças.

Num grupo homogêneo de crianças de 3 anos de idade, o número de crianças não pode ser superior a 15.

Quando o grupo integra crianças com NEE de caráter permanente, cujo PEI assim o preveja e o grau de funcionalidade o justifique, será constituído por um máximo de 20 crianças, não podendo incluir mais de 2 crianças nestas condições.

Nos jardins de infância de Escalos de Baixo e Malpica do Tejo os grupos poderão funcionar com um número inferior ao mínimo estabelecido.

Os grupos poderão ser formados com uma composição etária diversificada.

1.3 Constituição de turmas no ensino básico e secundário

De acordo com a legislação em vigor, as turmas são constituídas por 26 alunos.

Nas escolas de lugar único, as turmas que incluam alunos de mais de dois anos de escolaridade são constituídas por 18 alunos.

Nas escolas com mais de um lugar, as turmas que incluam alunos de mais de dois anos de escolaridade são constituídas por 22 alunos.

As turmas que integram crianças e jovens com NEE de caráter permanente, cujo PEI assim o preveja e o grau de funcionalidade o justifique, são constituídas por um máximo de 20 alunos, não podendo incluir mais de 2 alunos nestas condições.

Na constituição de turmas observar-se-á:

- a) O número de alunos por turma, embora respeitando a legislação em vigor, deverá adequar-se às necessidades educativas diagnosticadas nos alunos e às propostas apresentadas pelos professores titulares de turma e pelos conselhos de turma do ano letivo anterior, depois de devidamente aprovadas pelo conselho pedagógico;
- b) As turmas devem ser constituídas, sempre que possível, mantendo os mesmos alunos do ano letivo anterior, salvo indicações contrárias devidamente justificadas pelos professores titulares de turma ou pelos conselhos de turma, depois de devidamente aprovadas pelo conselho pedagógico;
- c) Os alunos retidos devem ser distribuídos de forma equitativa pelas turmas existentes no respetivo nível de escolaridade;
- d) Os alunos no 1º ciclo do ensino básico devem integrar até final de ciclo a turma a que pertencem, salvo se o departamento e o conselho pedagógico aprovarem a integração do aluno retido numa turma do ano que efetivamente vai frequentar.
- e) A constituição, a título excepcional, de turmas com número inferior ou superior ao estabelecido carece de autorização dos serviços do Ministério da Educação e Ciência, mediante proposta fundamentada do Diretor, ouvido o conselho pedagógico.
- f) O desdobramento das turmas e/ou o funcionamento de forma alternada de disciplina dos ensinos básico e secundário e dos cursos profissionais é autorizado nos termos

definidos em legislação e/ou regulamentação próprias.

1.4 Constituição de turmas no ensino profissional, vocacional, recorrente e noutras ofertas formativas específicas

No âmbito do ensino profissional, vocacional, recorrente e noutras ofertas formativas específicas, as turmas são constituídas de acordo com a legislação específica.